

**Lirian Daniela Martini**

**MORFOLOGIA PROSÓDICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

**Belo Horizonte/2010**

**Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**  
**Pós-Graduação em Estudos Linguísticos**  
**Nível: Doutorado**  
**Orientador: Prof. Dr. Seung Hwa Lee**

**MORFOLOGIA PROSÓDICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

(Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais para a obtenção do título de Doutor em Linguística)

## SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo 1 .....	2
1.1 O Conceito de Morfologia Não-Concatenativa.....	2
1.2 Pressupostos Teóricos da Morfologia Prosódica.....	4
1.2.1 A Sílabas.....	6
1.2.2 O Pé.....	8
1.2.3 A Palavra Fonológica.....	9
1.3 A Noção de Palavra-Mínima.....	9
1.4 Objetivos do Trabalho.....	18
1.4.1 Objetivo Geral.....	19
1.4.2 Objetivos Específicos.....	19
Capítulo 2.....	25
2.1 Aspecto Funcional dos Processos Não-Concatenativos.....	26
2.1.1 A Reduplicação.....	26
2.1.2 A Hipocorização.....	30
2.1.3 O Truncamento.....	32
2.1.4 O Blend Lexical.....	35
2.2 O Formato Prosódico dos Processos Não-Concatenativos.....	38
Capítulo 3.....	45
3.1 A Relação Morfológica dos Blends com os Compostos.....	45
3.2 Os Blends do Hebraico.....	52
3.2.1 O Comportamento dos Blends do hebraico sob a perspectiva de Bat-El (1993).....	52
3.2.2 A categoria Lexical dos Elementos de Base no Hebraico.....	55
3.3 Análise.....	63
3.3.1 Considerações Formais sobre Blends e Compostos.....	63
3.3.2 Correspondência Output-Output na Morfologia dos Blends.....	75
3.3.3 A Preservação da Identidade nos Blends.....	80
3.3.4 Considerações sobre o Capítulo.....	90
Capítulo 4.....	92
4.1 Introdução.....	92
4.2 Os Princípios da Morfologia Prosódica.....	93
4.3 O Conceito de Hipocorísticos.....	94
4.4 Os Limites para a Manifestação dos Hipocorísticos.....	95
4.5 Características dos Hipocorísticos do Português Brasileiro.....	98
4.6 Análise.....	115
4.6.1 Hipocorísticos Sensíveis ao Acento Principal do Prenome.....	115
4.6.2 Hipocorísticos Ancorados à Esquerda.....	131
Capítulo 5.....	140
Introdução.....	140
5.1 Não-Marcação Prosódica na Morfologia do Hipocorístico.....	141
5.2 A Análise de Pineros (1998) e suas Problemáticas.....	143
5.3 Hipocorísticos do Tipo-A.....	148

5.4 Hipocorísticos do Tipo-B.....	154
5.5 Otimização do Onset.....	162
5.6 Hipocorísticos Advindos de Bases Oxítonas.....	166
5.7 Hipocorísticos Formados a partir de Bases Proparoxítonas.....	168
Capítulo 6: O Truncamento no Português Brasileiro.....	172
6.1 Introdução.....	172
6.2 Abordagens sobre o Truncamento em Português.....	173
6.2.1 Abordagens Estritamente Morfológicas.....	173
6.2.2 Abordagens Inovadoras: a interação morfologia e fonologia na compreensão do Truncamento.....	175
6.2.2.1 Gonçalves (2004).....	175
6.2.2.2 Gonçalves (2005).....	177
6.2.2.3 Araújo (2002).....	178
6.2.2.3 Vilela, Godoy e Silva (2006).....	180
6.3 Considerações sobre as abordagens de Gonçalves e Araújo.....	182
6.4 Novas Perspectivas para a análise do Truncamento.....	188
6.5 Diferenças entre os processos de derivação e Truncamento: o limite entre fenômenos morfológicos e morfofonológicos.....	199
6.5.1 Redução vocabular e Truncamento.....	199
6.5.2 O Truncamento e outros fenômenos de formação de palavras: semelhanças e diferenças.....	204
6.5.2.1 Truncamento e processos concatenativos.....	204
6.5.2.2 O Truncamento e outros fenômenos não-concatenativos.....	207
6.6. Análise dos Truncamentos no Português do Brasil.....	210
6.7. O Truncamento em Língua Espanhola.....	248
6.8. Comparação entre as formas truncadas do português brasileiro com as formas truncadas em língua espanhola.....	250
6.9. Considerações gerais sobre a análise.....	253
Conclusão.....	257
Referências Bibliográficas.....	259

## **RESUMO**

O presente trabalho faz uma análise dos processos morfológicos não-concatenativos do português brasileiro, especificamente dos Blends, Hipocorísticos e Truncamentos, estabelecendo uma comparação deles com os mesmos processos não-concatenativos em língua espanhola.

Em princípio é feita uma definição geral da morfologia não-concatenativa e, em seguida, serão mostrados os três principais pressupostos da Morfologia Prosódica, teoria esta que está presente na descrição dos fatos descritos nesta pesquisa, que envolvem a falta de encadeamento entre os segmentos que os compõem.

Após descrição de alguns fatos não-concatenativos do Lardil, Ilokano e Diyri, resenhados a partir da pesquisa de McCarthy e Prince (1986), apresentar-se-ão os objetivos do presente trabalho, estabelecendo uma relação desses objetivos com os fatos já mencionados e descritos pela literatura lingüística.

Nos capítulos sucessivos, serão feitas análises de cada um desses fenômenos, especificamente nesta ordem: Blends, Hipocorísticos e Truncamentos. Nessas análises são estabelecidas hierarquias de restrições que expliquem a formação de cada um deles.

Por fim, é feita uma conclusão do trabalho. Nesta parte, as semelhanças e diferenças entre os fenômenos lingüísticos abordados na pesquisa são feitas em termos de restrições.



## **Introdução**

Este trabalho tem como meta realizar uma análise dos processos morfológicos não-concatenativos do Português do Brasil, especificamente dos Blends, Hipocorísticos e Truncamentos, e estabelecer uma comparação deles com os processos não-concatenativos em língua espanhola.

No capítulo 1 é feita primeiramente uma definição geral da Morfologia Não-Concatenativa e, em seguida, serão mostrados os três principais pressupostos da Morfologia Prosódica, teoria esta que está presente na descrição de fatos aqui descritos, que envolvem a ausência de encadeamento entre os segmentos que os compõem. Ainda nesse capítulo, após a descrição de alguns fatos não-concatenativos do Lardil, Ilokano e Diyri, resenhados a partir da pesquisa de McCarthy e Prince (1986), serão apresentados os principais objetivos do presente trabalho, procurando estabelecer uma relação desses objetivos com os fatos já descritos pela literatura.

Em seguida, nos capítulos sucessivos, serão feitas as análises de cada um desses fenômenos nesta ordem: Blends, Hipocorísticos e Truncamentos, procurando estabelecer hierarquias de restrições que expliquem a formação de cada um deles.

## **Capítulo 1**

### **MORFOLOGIA PROSÓDICA NOS FENÔMENOS NÃO-CONCATENATIVOS**

No presente capítulo, é feita primeiramente uma definição geral da Morfologia Não-Concatenativa e, em seguida, são mostrados os três principais pressupostos da Morfologia Prosódica, teoria esta que está presente na descrição de fatos aqui descritos, cuja formação envolve a ausência de encadeamento entre os segmentos que os compõem.

Após a descrição de alguns fenômenos Não-Concatenativos, resenhados a partir do trabalho de McCarthy e Prince (1986), serão apresentados os principais objetivos do presente trabalho, procurando estabelecer uma relação desses objetivos com os fatos já descritos pela literatura.

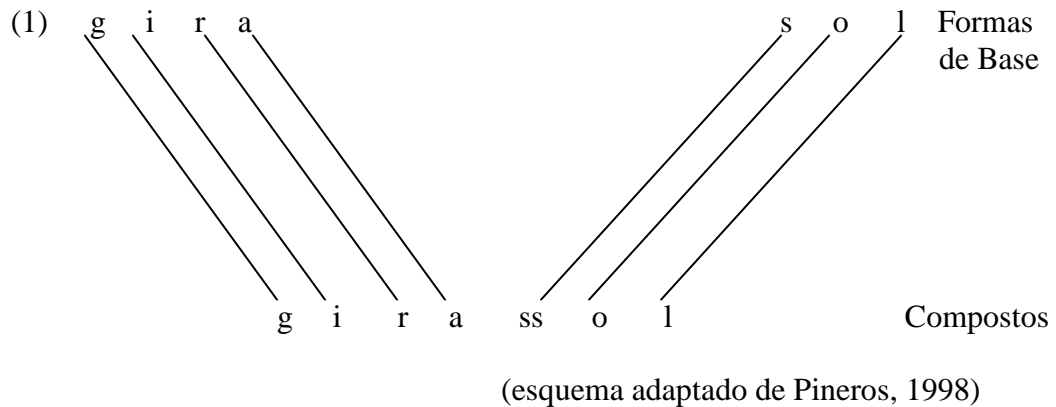
#### **1. 1 O Conceito de Morfologia Não-Concatenativa**

O Português do Brasil, apesar de ser uma língua majoritariamente constituída por palavras que envolvem fenômenos lineares de formação, também faz uso de palavras que envolvem padrões não-lineares de formação. Tais palavras são denominadas processos não-concatenativos. Entende-se por “não-concatenativos” a ausência de encadeamento.

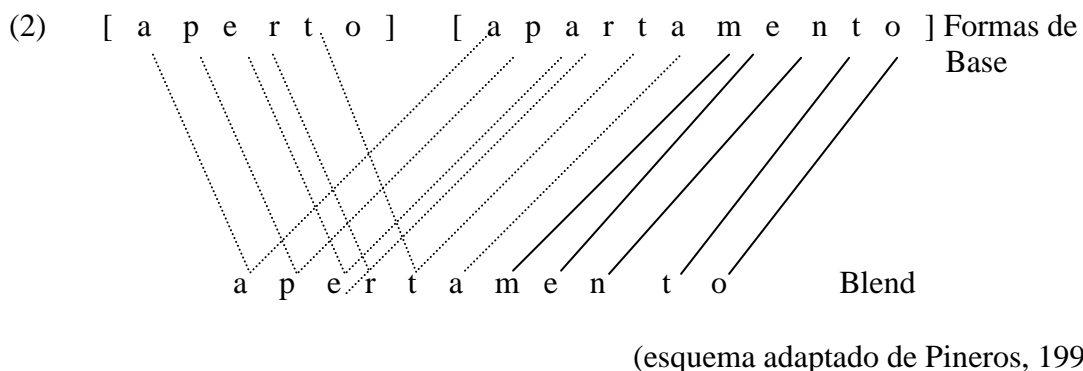
Os compostos regulares, por exemplo, são processos morfológicos que envolvem dois morfemas livres para criar uma nova palavra. Nesses compostos, os



dois elementos formativos aparecem em ordem estritamente linear, no qual o segundo morfema começa exatamente onde o primeiro termina (cf.1):



No entanto, essa ordem linear pode ser interrompida por uma espécie de *overlapping*. Um exemplo típico de fenômeno não-concatenativo denomina-se Blend, no qual há uma relação de correspondência de um-para-dois, ou seja, dois segmentos das formas de base têm um único correspondente nos Blend. Em (2), os segmentos a, p, r, t na forma de base “aperto” e a, p, r, t na forma de “apartamento” compartilham um único elemento correspondente no Blend “apartamento”.



Esse tipo de correspondência resulta na sobreposição de um morfema dado que as formas de base compartilham um único correspondente no Blend. Com isso, um

único correspondente no Blend pertence a diferentes morfemas. Ocorre nos Blends, então, uma espécie de fusão entre os elementos.

Com o desenvolvimento das Fonologias Não-Lineares, operações não processadas pela adjunção sintagmática de morfemas foram ganhando destaque nos estudos morfológicos. Desde a abordagem pioneira de McCarthy (1981) sobre a infixação em árabe a partir do padrão CCC de raízes, vem aumentando o interesse dos estudiosos pelos processos morfológicos não-concatenativos de formação de palavras. As análises de McCarthy sobre fenômenos que envolvem Reduplicação, Infixação e *Ablaut* favoreceram o desenvolvimento da Morfologia Prosódica, cuja base teórica procura mostrar como formas lingüísticas morfológicas e fonológicas interagem umas com as outras num sistema gramatical. Mais precisamente, busca estudar como a estrutura prosódica interfere nos moldes ou esquemas (“*templates*”) morfológicos, na sua delimitação, assim como na Reduplicação e na Infixação.

## 1.2 Pressupostos Teóricos da Morfologia Prosódica

São três os princípios básicos da Morfologia Prosódica:

1º) A Hipótese da Morfologia Prosódica;

Os esquemas estruturais são definidos em termos de unidades prosódicas: mora ( $\mu$ ), sílaba ( $\sigma$ ), pé ( $\Sigma$ ) e palavra fonológica (PWd).

2º) Condição de Satisfação dos Moldes (“*templates*”);

A satisfação dos integrantes dos esquemas é obrigatória, sendo determinada por princípios prosódicos tanto universais quanto da língua em questão.

### 3º) Delimitação Prosódica

O domínio em que as operações morfológicas são aplicadas pode ser delimitado tanto por critérios prosódicos quanto por morfológicos.

Resumidamente, a teoria da Morfologia Prosódica afirma que esquemas e delimitações precisam ser formulados em termos prosódicos, respeitando a boa-formação requerida pela prosódia.

Fenômenos morfológicos reduplicativos são casos típicos, nos quais os princípios da Morfologia Prosódica emergem com todo vigor. Neles, as distinções gramaticais são expressas por imposição de modelos prosódicos fixos sobre material segmental variável. Para exemplificação, eis alguns casos:

#### (3) Reduplicação do plural no Ilokano:

Púsa “gato”    pus-púsa “gatos”  
Kláse “classe”    klas-kláse “classes”  
Jyánitor “porteiro”    jyan-jyánitor “porteiros”  
Trák “caminhão”    tra-trák “caminhões” (McCarthy e Prince, 1986)

Em Ilokano, a categoria “plural” é expressa por modelos invariantes (formas canônicas).

Os morfemas que produzem tais modelos fixos são denominados *templates* (moldes, esquemas) e são regulamentados pela Hipótese da Morfologia Prosódica, que afirma que os esquemas impõem condições prosódicas, mas não fonológicas. Por exemplo, eles podem exigir que o afixo de plural seja constituído por uma sílaba pesada, mas não podem exigir que possua a forma VCV, já que esta não é uma unidade prosodicamente definível. As Condições de Satisfação do Molde exigem que os esquemas iniciem-se exatamente no *output*, dentro dos limites constituídos pela sílaba, pé ou outro constituinte prosódico. O Domínio da Circunscrição Prosódica exige que

fenômenos não-concatenativos sejam caracterizados em termos de constituintes prosódicos.

De acordo com a teoria prosódica, a representação mental da fala é dividida hierarquicamente em troncos organizados e cada constituinte prosódico serve como domínio de aplicação de regras fonológicas específicas, além de obter diferentes tipos de informação fonológica e não-fonológica, não necessariamente isomórficas, na definição de seus domínios.

De acordo com Nespor e Vogel (1986), são sete os constituintes da hierarquia prosódica: Sentença Fonológica, Frase Entoacional, Frase Fonológica, Grupo Clítico, Palavra Fonológica ( $\omega$ ), Pé ( $\Sigma$ ), Sílabas ( $\sigma$ ).

Dentre os tipos de regras fonológicas, há um paralelismo entre as que operam abaixo da palavra e as que atuam acima da palavra: nas regras do primeiro tipo, os processos são sustentados por regras puramente fonológicas enquanto que, nas outras, os processos são sustentados pelos outros componentes da gramática. Como o presente trabalho visa à proposta de uma Morfologia Prosódica para o Português Brasileiro, será feita apenas uma descrição dos três primeiros constituintes da hierarquia: a sílaba ( $\sigma$ ), o pé ( $\Sigma$ ) e a Palavra Fonológica ( $\omega$ ).

### **1.2.1 A Sílaba**

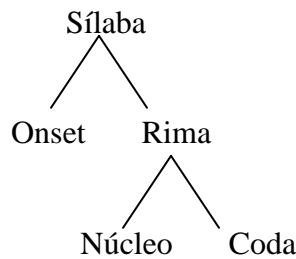
A sílaba é o menor constituinte da hierarquia prosódica e é o domínio de três tipos de regras prosódicas: domínio do limite, domínio de juntura e domínio de regras de expansão.

O domínio de boa-formação das sílabas é a palavra fonológica. São dois os tipos de silabificação. O primeiro deles é aplicado dentro do domínio da palavra fonológica,

enquanto que o outro é aplicado dentro do domínio maior que a palavra fonológica (ressilabificação).

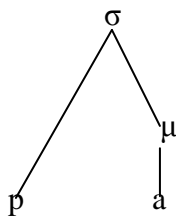
Também, tem-se a sílaba como domínio de aplicação de regras fonológicas segmentais (unidades menores). A motivação dessa estrutura pode vir do relacionamento entre estrutura silábica (rima, lugar de acento e tom), além de restrições de combinação de segmentos.

(4) Organização Interna da Sílaba

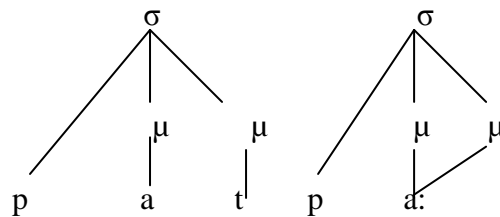


Na teoria moraica, as sílabas podem ser classificadas como leves ou pesadas (cf. 5).

(5) Leve



Pesada



A mora é uma unidade de peso silábico. A equivalência entre sílabas pesadas ou sílabas bimoraicas pode ser constatada nos fenômenos morfológicos do Ilokano mostrados em (2).

### 1.2.2 O Pé

O pé é um constituinte da hierarquia prosódica que consiste de uma ou mais sílabas. Neste modelo de Fonologia Prosódica, sílabas não estão agrupadas diretamente em palavras, mas em pés.

No trabalho de Nespor e Vogel (1986), é assumido que os constituintes prosódicos são “*n-ary brachings*” (ou seja, possuem vários nós). Há apenas uma sílaba forte por pé e as outras são fracas (Princípio Geral do Sistema).

O pé métrico é constituído tanto moraicamente como silabicamente. Em (6), é trazida uma proposta de disposição dos pés nas diversas línguas, nas quais o “L” indica sílaba leve e o “H”, sílaba pesada.

#### (6) Tipos de Pés

Iâmbico	Trocaico	Silábico
LH	H, LL	$\sigma\sigma$
LL,H		

Nessa classificação, não há pés degenerados, constituídos por uma única sílaba leve, embora as mesmas possam vir a ter um papel marcado na organização acentual. Isso devido à seguinte condição geral, postulada em (7), responsável pela não existência (ou marcação) de pés degenerados.

#### (7) Binariedade do Pé: Os pés são binários na perspectiva silábica ou moraicamente.

Sílabas sem pés são imediatamente dominadas pela Palavra-Prosódica (PWd). A hierarquia prosódica e a binariedade dos pés, em conjunto, formam a noção de “Palavra Mínima”.

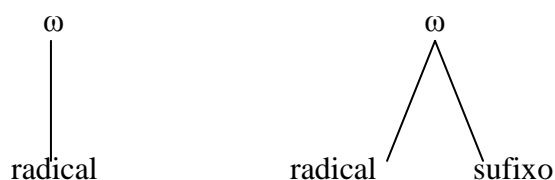
Em línguas sensíveis à quantidade, com peso silábico distintivo, a palavra-mínima é bimoraica. Em línguas não sensíveis à quantidade, todas as sílabas são presumivelmente monomoraicas e a palavra-mínima é dissilábica.

### 1.2.3 A Palavra Fonológica

A palavra fonológica é o menor constituinte da hierarquia prosódica que faz uso de noções não-fonológicas e representa uma interação entre componentes fonológicos e morfológicos, além de ser a categoria que domina imediatamente o pé. Cada palavra fonológica possui um acento primário.

Em nenhuma língua, a palavra fonológica é mais extensa que o elemento terminal da árvore sintática, isto é, a palavra fonológica é igual ou menor que tal elemento terminal. Sua definição prediz que nunca haverá mais que uma palavra fonológica em um radical.

(8)



### 1.3 A Noção de Palavra-Mínima

De acordo com Austin (1981), uma particular ilustração da interação entre o fenômeno da Reduplicação com constituintes prosódicos pode ser atestada numa língua australiana, o Diyari.

Austin (1981) afirma que, no padrão silábico do Diyari, são permitidas sílabas com estrutura CV e CVC, não sendo permitida a manifestação de vogais longas.

Consoantes, segundo ele, são proibidas no final da palavra fonológica. O acento sempre cai em sílabas não finais, contando da esquerda para a direita, obedecendo, portanto, um padrão típico das línguas australianas. Então, deduz-se que no Diyari o pé é trocaico e não sensível à quantidade. Todas as palavras fonológicas dessa língua contêm pelo menos duas sílabas. Todo esse comportamento prosódico do Diyari evidencia que a palavra fonológica mínima é constituída somente de um pé trocaico, que pode ou não ser dissilábico.

Fenômenos de Reduplicação no Diyari são processos que mostram a cópia de uma estrutura fixa, CV(C)CV, responsável pela formação de prefixos nesta língua.

(9) Reduplicação no Diyari (MacCarthy e Prince, 1986: 263)

wila	wila-wila	‘mulher’
kanku	kanku-kanku	‘garoto’
kulkuṅa	kulku-kulkuṅa	‘pular’
tilparku	tilpa-tilparku	‘pássaro’
ṅankanti	ṅanka-ṅankanti	‘peixe’

Observa-se que a seqüência reduplicada é exatamente de duas sílabas, na qual a primeira pode ser CV ou CVC, enquanto que a segunda é sempre CV. Diante dessa observação, conclui-se que o afixo reduplicativo nesta língua é justamente uma palavra fonológica mínima. Reduplicam-se, então, duas sílabas, porque a palavra fonológica mínima é um pé trocaico.

McCarthy e Prince (1994) argumentam que a palavra prosódica (PrWd) constitui uma realização da categoria morfológica de raiz (“stem”). A Reduplicação em Diyari é, portanto, uma composição de raiz, e o comportamento da Reduplicação identifica o status lexical como uma raiz. Nenhum *template* prosódico é exigido.



Esse comportamento, portanto, é assunto para a Hipótese da Morfologia Prosódica: as condições de *template* são reflexos das restrições prosódicas canônicas na categoria morfológica, na qual um item pertence (no caso, o morfema reduplicativo). A reduplicação em Diyari é imposta por restrições na estrutura prosódica e alinhamento morfo-prosódico, as quais dominam as restrições de fidelidade responsáveis pela realização desses itens.

Um exemplo similar, que também atesta a formação de uma palavra fonológica mínima, mas que representa um caso particular de prolongamento da palavra, é a forma nominal não flexionada do Lardil, língua australiana.

As sílabas no Lardil são do tipo CV (V) (C), mas há restrições rígidas para se determinar as consoantes finais. Somente apicais e palatoalveolares são licenciadas para ocuparem a posição final de uma sílaba. De acordo com as características das línguas australianas, apenas vogais são contadas como moras, e o acento é determinado pelo pé trocaico.

No Lardil a palavra-mínima requer sempre duas moras, formando, portanto, um único pé. Na forma ainda não flexionada, as palavras contêm somente uma mora, mas são prolongadas pela sufixação.

(10) Prolongamento em Lardil (McCarthy e Prince, 1986:265)

Forma Subjacente	Forma não-flexionada	Forma Flexionada ‘Acusativo’	
a) / peer/ /maan/	peer maan	peerin maanin	‘árvore’ ‘lança’
b) /parŋa/ /kela/	parŋa kela	parŋan kelan	‘pedra’ ‘praia’
c) /wik/ /wun/	wika wunta	wikin wunin	‘sombra’ ‘chuva’

Os nomes em (10a) são monossilábicos, mas bimoraicos, enquanto que em (10b) são dissilábicos e bimoraicos, não ocorrendo aumento nas formas não flexionadas. Os nomes em (10c) são subjacentemente monomoraicos, pois eles contêm apenas uma única vogal curta. Eles precisam, então, de um sufixo para formarem uma palavra-mínima, a qual requer a presença no constituinte prosódico de duas moras. Essa exigência também pode fazer com que as palavras que tenham três ou mais moras (palavras subjacentemente longas) sofram um truncamento, conforme os exemplos seguintes:

(11) Truncamento no Lardil (McCarthy e Prince, 1986: 265)

/yiliyili/	yiliyil	yiliyilin	‘ostra’
/yukarpa/	yukar	yukarpan	‘esposa’

Outro processo no Lardil, que também segue um padrão canônico de estrutura prosódica, é a Reduplicação.

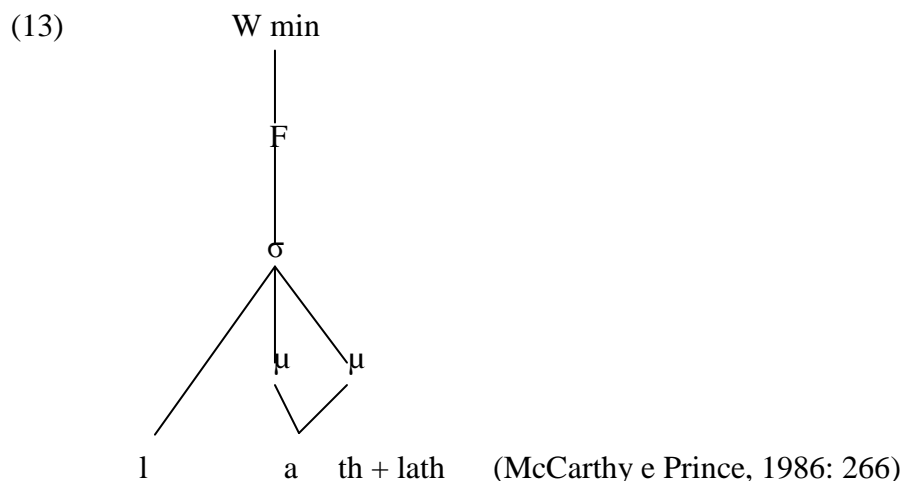
(12) Reduplicação de Formas Verbais no Lardil (McCarthy e Prince, 1986: 265)

/keleth/	kele	kelekele	‘cortar’
/kelith/	keli	kelikeli	‘pular’
/parelith/	pareli	parel	‘reunir’
/lath/	latha	laala	‘brotar’
/neth/	netha	neene	‘bater’
/ŋaalith/	naali	ŋaalŋaali	‘ter sede’

As formas subjacentes de todas as raízes verbais terminam com a marca *-th*. Essa marca protege a vogal final do truncamento e manifesta-se nas formas simples de verbos curtos precedendo *-a*.

No Lardil, a forma verbal reduplicada é exatamente um pé ou uma palavra mínima. Em casos como “kelekele”, a reduplicação exata do pé é bem nítida. Menos aparente, mas igualmente fiel à minimalidade da palavra fonológica, é o fato da vogal longa, embora sozinha na sílaba, conter duas moras, satisfazendo, portanto, a palavra-mínima, como em “ŋaalŋaali”. Além disso, a cópia de uma consoante final, neste caso e em “parelpareli”, é explicada por condições de boa formação silábica, ou seja, somente apicais e palatoalveolares são copiadas como consoantes finais, já que apenas essas consoantes ocupam posição silábica final.

No caso de “laala”, uma vogal curta é copiada como longa, satisfazendo a exigência de que o afixo reduplicativo contenha duas moras. Não existe apagamento de posições esqueléticas desassociadas; todas devem ser caracterizadas prosodicamente no afixo, mas devem ser preenchidas de acordo com as exigências da língua. Como há somente uma mora na forma simples, a solução permitida no Lardil é o espraiamento da vogal já existente, conforme demonstrado em (11).



O segmento final *th* não é associado porque não é licenciado na sílaba para ocupar a posição de consoante final.

No Diyari, nenhuma consoante final é licenciada no final da palavra fonológica. No Lardil, somente as apicais e as palatoalveolares são permitidas no final da sílaba, então, apenas elas se associam com a margem direita da cópia. No entanto, o Yidiñ exhibe um comportamento diferente.

(14) Reduplicação no Yidiñ (McCarthy e Prince, 1986: 266)

mulari	mulamulari	‘homem iniciado’
kintalpa	kintalkintalpa	‘lagarto’
kalamparaaa	kalakalamparaa	‘vão’

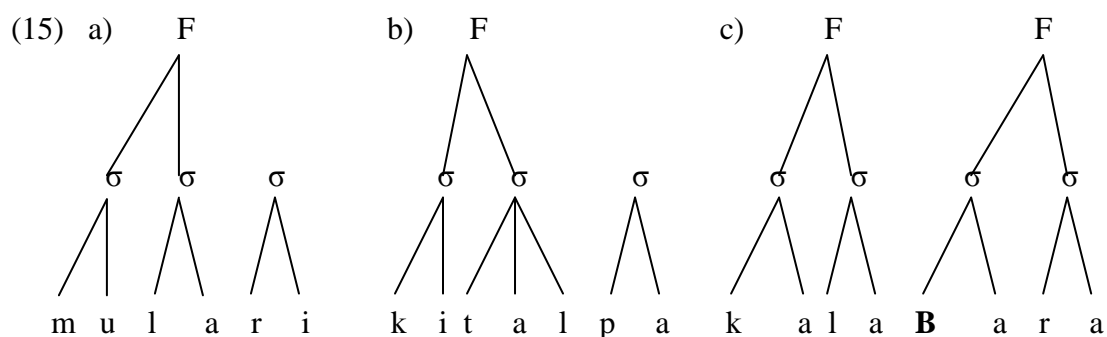
Nash (1979) propõe que somente os elementos melódicos do primeiro pé da base associam-se com a forma reduplicada. Esse diferencia o *r* de “mulari”, que não faz parte do pé, do *l* de “kintalpa”, que integra o pé. A reduplicação do Yidiñ está submetida ao princípio da teoria prosódica. Tal princípio argumenta que o constituinte prosódico é a melhor base para a afixação reduplicativa do que propriamente o constituinte morfológico. Mas é o status da consoante final que revela a natureza do processo.

De acordo com McCarthy e Prince, o constituinte prosódico tem essencialmente as mesmas propriedades formais que a afixação morfológica e somente os elementos morfológicos associados com o constituinte prosódico são copiados e avaliados para a associação.

Nash (1979) argumenta que consoantes *clusters* como *lp* e *mp* são sistematicamente distintas na fonologia do Yidiñ. Enquanto *mp* é penalizada por ser tautossilábica, *lp* é heterossilábica e, por isso, é preservada. Vários fatores, de acordo com Nash, sustentam esse ponto de vista. Primeiro, o único tipo de *cluster* triconsonantal no Yidiñ é aquele cujo padrão silábico consiste de CNC. Segundo Nash

(1979), várias alternâncias fonológicas suportam essa interpretação. Terceiro, pronúncias mais lentas de fala mostram uma perda da nasalização, a qual não ocorre no início da palavra.

O exemplo (15) mostra a estrutura prosódica das bases no Yidiş que servem como reduplicante. O elemento pré-nasalizado é representado pela letra **B** e ocupa um único segmento melódico.



(McCarthy e Prince, 1986: 267)

Vê-se, portanto, que na reduplicação do Yidiş, apenas os elementos melódicos associados com o primeiro pé (da esquerda para a direita) são copiados, enquanto que consoantes nasalizadas em final de sílaba são descartadas.

O japonês também é exemplo de língua cujo truncamento obedece a padrões prosódicos de boa formação.

(16) Hipocorísticos em Japonês (Benua, 1995)

Nome	Hipocorístico
Midori	Mii + tyan Mit + tyan Mido + tyan

Sinzaburoo                      Sin + tyan

Wasaburoo                      Waa + tyan  
   Wasa + tyan  
   Sabu + tyan

Apesar da influência pessoal na escolha do Hipocorístico, ele é obtido através da inserção do sufixo *-tyan*. O radical consiste em certo número de moras, sempre duas, obedecendo à silabação canônica do japonês. Embora não haja acento proeminente no japonês, há consideráveis evidências de que esta língua possua pé trocaico, com palavra mínima bimoraica.

Dados semelhantes ao japonês ocorrem também no espanhol. Prieto (1992) reúne as formas truncadas de acordo com os tipos de sílabas que as compõem. Sílabas pesadas (H) são do tipo (C)VC, (C)VG, (C)GV, (C)GVC, (C)VGC. Sílabas leves são do tipo (C)V (onde C= consoante, V= vogal e G= glide).

(17) Hipocorísticos em Espanhol (Piñeros, 1998)

Forma da Base	Forma Truncada
José	Jóse
Terésa	Tére
María	Mári
Rafael	Ráfa

(18) Truncamento de Nomes em Espanhol (Colina, 1993)

Tipo de Sílabas	Forma da Base	Forma Truncada
LL	bolígrafo	bóli
	motocicléta	móto
	policía	póli
	televisión	téle

A formação dos Hipocorísticos de língua espanhola e dos nomes truncados consiste na cópia das primeiras duas sílabas da base e mudança do acento para a primeira sílaba da forma truncada. Como pode ser constatado em (19) e (20), se as primeiras duas sílabas da base são leves, elas são inteiramente copiadas. O mesmo se dá quando a primeira sílaba é pesada e a segunda é leve, ambas são inteiramente copiadas, conforme o exemplo (19)

(19) Tipo de Sílaba	Forma de Base	Forma Truncada
HL	Margaríta	Márga
	Cristína	Crísti
	Alfrédo	Álfre
	Dionísio	Dióni
	discotéca	dísco
	compañero	cómpa

(Colina, 1993)

Se a segunda sílaba é pesada e a primeira é leve ou pesada, a segunda sílaba pode ou não ser copiada inteiramente, conforme exemplo (20):

(20) Tipo de Sílaba	Forma de Base	Forma Truncada
LH/HH	Rodólfo	Ródo ~ Ródol
	Jésus	Jésu ~ Jesús
	Constánza	Cónsta ~ Cónstan
	Ricárdo	Ríca ~ Rícar
	Constantíno	Cónsta ~ Cónstan
	Manuscrito	mánu ~ mánus

(Colina, 1993)

Finalmente, formas com um ditongo na segunda sílaba copiam o primeiro seguimento do ditongo (a primeira vogal), e não copiam o segundo seguimento do ditongo (a segunda vogal). Neste caso, formas alternativas como as atestadas em (20) não são possíveis.

(21) Tipo de Sílabas	Forma de Base	Forma Truncada
LH (CGVC)	Daniél Javiér	Dáni *Dánie Jávi *Jávie

(Colina, 1993)

Os exemplos do espanhol mostram que, nesta língua, palavras truncadas requerem a circunscrição das primeiras duas sílabas da base. A base circunscritiva é mapeada da esquerda para a direita com um padrão silábico trocaico: das duas sílabas circunscritas, uma delas deve ser obrigatoriamente forte. A segunda sílaba deve ser opcionalmente leve, ou seja, pode ou não ter coda.

A descrição dos fatos até agora mencionados é de grande valia para as análises realizadas neste trabalho, porque os fenômenos não-concatenativos do Ilokano, Diyari, Lardil e Yidiñ, assim como propuseram McCarthy e Prince (1994), constituem assunto para a palavra-mínima, reduzindo dessa forma a palavra-base a um tamanho prosódico definido. Como um dos principais objetivos do presente trabalho é verificar justamente em quais línguas os Hipocorísticos e formas truncadas assumem o tamanho prosódico de palavra-mínima, justifica-se, portanto, a descrição dos fatos do Ilokano, Diyari, Lardil e Yidinñ até agora apresentados.

#### **1.4 Objetivos do Trabalho**

Em seguida, é feita uma relação dos fatos do Lardil, Ilokano, Diyari e Yidin com os objetivos do presente estudo.



#### 1.4.1 Objetivo Geral

Realizar um estudo comparativo entre as formas truncadas, os Blends e os Hipocorísticos do português brasileiro com relação ao comportamento desses mesmos processos de formação de palavras em língua espanhola.

#### 1.4.2 Objetivos Específicos

Atestou-se que, nos exemplos do Ilokano, Diyari, Lardil e Yidiñ, as formas truncadas, reduplicadas ou alongadas ocupam um lugar “peculiar” na gramática da língua, já que, nesses casos, padrões fonológicos regulares são sacrificados em detrimento de condições de identidade estabelecidas entre a forma de base e sua respectiva forma resultante. Desse modo, procurar-se-á investigar se, no português brasileiro e no espanhol, a identidade entre forma de base e forma resultante é mais importante do que o conformismo regular com os padrões fonológicos.

No fenômeno de prolongamento do Lardil, o elemento resultante requer sempre duas moras, formando um único pé. Um padrão semelhante foi atestado no fenômeno reduplicativo do Diyari, em que a seqüência reduplicada é de duas sílabas, na qual a primeira é CV ou CVC, enquanto que a segunda é sempre CV. Diante dessa observação, conclui-se que o afixo reduplicativo no Diyari é sempre um pé trocaico. Pretende-se, então, investigar se nos fenômenos não-concatenativos do português brasileiro e espanhol existem, assim como no Lardil e no Diyari, a atuação de restrições prosódicas canônicas na categoria morfológica que reduzem a palavra-mínima a um tamanho prosódico definido.

Atestou-se ainda que, em McCarthy e Prince (1994), os fenômenos não-concatenativos do Diyari são impostos por restrições de estrutura prosódica e também por restrições de ancoramento morfo-prosódico, as quais dominam restrições de fidelidade. Pretende-se, portanto, investigar nos Blends, nos Hipocorísticos e nos Truncamentos do português e espanhol qual o papel desempenhado pelo ancoramento na formação desses fenômenos, bem como discorrer sobre os tipos de ancoramento envolvidos em suas constituições.

Ainda nas resenhas anteriormente apresentadas, constatou-se que a bimoracidade é fator determinante para que emirjam fenômenos não-concatenativos. Em virtude disso, procurar-se-á analisar se a noção de mora é mais viável do que a noção de sílaba para a formação dos processos não lineares de formação de palavras. Busca-se ainda atestar se, no português do Brasil e no espanhol, a noção de bimoracidade é categórica no que diz respeito aos Hipocorísticos e às formas truncadas.

Como o objetivo geral deste trabalho é fazer um estudo comparativo entre fenômenos não-concatenativos do português brasileiro com relação ao comportamento desses mesmos processos de formação de palavras em outra língua, no caso o espanhol, buscou-se estabelecer alguns outros objetivos específicos que dêem conta das relações de semelhanças e diferenças formais entre esses processos, verificando assim, se as restrições atuantes podem ser estabelecidas de modo mais geral ou específico para cada uma das línguas. Esses objetivos consistem em:

- Responder, após análise dos dados, se as línguas focalizadas podem ser distribuídas em grupos de afinidade, levando em conta o comportamento das formas resultantes com relação aos seus comportamentos formais. Se sim, postular quais são esses grupos.

- Gonçalves (2004) estabeleceu semelhanças de ordem funcional para caracterizar e encontrar grupos de afinidades entre os processos não-concatenativos do próprio português brasileiro. Para completar essa idéia, objetiva-se que as análises por restrições possam responder se há também semelhanças de ordem formal que possam elencar esses processos em grupos de afinidades. Ou melhor, será que do ponto de vista formal tais processos obedecem aos mesmos grupos de afinidade funcionais?

- Hipocorização e Truncamento constituem o mesmo processo em português, a exemplo do que acontece em espanhol (cf. Prieto 1992, Colina 1996 e Piñeros 1998) e japonês (cf. Benua, 1995), ou devem ser considerados processos formalmente distintos?

- Bat-El (1996) estabelece o seguinte ranqueamento de restrições para explicar os dados do hebraico: DISC >>  $\sigma$  DEP >> FT-Contrib E1 >>  $\sigma$  CONT, FT-Contrib E2 >> SEG MAX >>  $\sigma$  CONT SLOPE. Será que este mesmo ranqueamento pode ser aplicado para os casos de Blends do espanhol e português? Especificamente, será que a restrição DEP- $\sigma$  é essencial para definir e explicar a gramática dos Blends do português e espanhol assim como o é para os casos do hebraico ou será que no caso dessas línguas somente a atuação de MAX já é suficiente?

- Verificar se a hierarquia de restrições proposta por Bat-El é viável para se explicar a formação dos Blends em outras línguas que não sejam o hebraico, tais como o português e o espanhol.

- Bat-El afirma ainda que, no hebraico, cada uma das formas de base precisa contribuir com um pé na formação dos Blends. Portanto, pretende-se investigar, a partir das análises, se no português brasileiro esse fato é obrigatório.
- Será que em uma mesma língua restrições de Identidade-BT estão ranqueadas acima de restrições estruturais enquanto que, outras vezes, restrições de Identidade-BT são dominadas por restrições estruturais?
- Em Martini (2004), foi visto que os Hipocorísticos podem ser ancorados tanto à direita quanto à esquerda. Explicitar, no novo trabalho, o porquê que certos Hipocorísticos “optam” por um tipo de ancoragem enquanto que outros “optam” por outro tipo de ancoragem. Por que certas bases do espanhol e do português podem ter formas de Hipocorísticos ancoradas tanto à esquerda quanto à direita (cf. Benedito → Benê, Dito, Fernanda → Fer, Nanda).
- Verificar se os fenômenos de epêntese e apagamento atestados em muitas formas truncadas, sejam do português brasileiro ou não, são motivados por restrições de estrutura silábica que governam o contorno de sonoridade das sílabas complexas, assim como já atestaram Kiparsky (1986) e Ito (1986) para os casos do islandês.
- Será que, no português do Brasil e no espanhol, ancoragem sofre violação? Se sim, em quais condições essas restrições podem ser violadas?
- Quais ranqueamentos de restrições podem ser postulados para cada uma das línguas estudadas?

- Estabelecer a importância da comparação dos diferentes ranqueamentos de restrições entre as línguas estudadas e discorrer sobre a importância desta comparação em relação ao modelo teórico adotado.

### **1.5 Procedimento Empregado na Coleta dos Itens Lexicais desta Pesquisa**

A metodologia adotada neste trabalho será partir dos dados para se chegar às idéias (indução). De acordo com Borba (1979), o método indutivo substitui a percepção por um enunciado de idéias, isto é, passa do conhecimento dos fatos para o das leis que o regem.

O método indutivo exige da pesquisa, segundo Borba (1979), três aspectos essenciais:

- 1) dados para observação e seleção;
- 2) formulação de idéias, que se submetem à discussão (hipóteses);
- 3) discussão experimental, que é o confronto das idéias com os dados.

Em outras palavras, ao longo do presente trabalho, cuja natureza permite utilizar dados de introspecção, refletir-se-á sobre fenômenos relacionados à formação de palavras do português brasileiro e do espanhol, tendo como base dados extraídos de *corpus* das pesquisas de Colina (1993) e Píneros (1998)\_\_\_no caso do espanhol\_\_\_ Silveira (2002), Santos (2002), Gonçalves (2004 a, 2004 b, 2005 a, 2005 b), Belchor (2005), Vilela, Godoy e Silva (2006)\_\_\_ no caso do português brasileiro. É importante esclarecer aqui que esses pesquisadores realizaram testes de competência lexical com questões, cuja finalidade prévia era detectar padrões de uso gerais e variáveis para cada forma e, assim, verificar se uma das formas produzidas se sobrepõe em relação às

outras, sendo, por conta disso, a forma ótima. Geralmente, tais testes tinham o propósito de que os entrevistados escrevessem o significado dos Blends, Hipocorísticos e Truncamentos. Em uma etapa posterior, apresentam-se palavras plenas, ou seja, sem nenhum tipo de corte e os entrevistados têm a tarefa de reduzi-los, de modo que cada palavra não perdesse seu sentido original. O objetivo dos autores, com o acréscimo dessa etapa, é observar quais estratégias os entrevistados usaram para reduzir as palavras. Além dos dados provenientes do *corpus* dos pesquisadores anteriormente mencionados, serão utilizados dados de conhecimento de mundo da autora deste trabalho.

### **Resumo do Capítulo**

Os dados sobre processos reduplicados e truncamentos do Ilokano, Diyari, Lardil, Japonês e Espanhol serviram para mostrar que nessas línguas existem operações morfofonológicas consideradas circunscritivas (cf. De Lacy, 1999), ou seja, são inteiramente desprovidas de conteúdo subjacente, têm materialização segmental resultante da delimitação de um domínio sobre as bases e tamanho determinado por restrições sobre a forma prosódica. Tais processos devem ser analisados a partir da integração de primitivos morfológicos (radical, afixo) com primitivos prosódicos (mora, pé).

Assim como essas línguas, o léxico do Português do Brasil também não se organiza apenas pelo encadeamento linear de formativos, mas mapeia estratégias morfoprosódicas não lineares utilizadas com função meramente lexical ou expressiva.

O comportamento morfoprosódico dos processos não-concatenativos em Português será descrito detalhadamente no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 2

### FENÔMENOS NÃO-CONCATENATIVOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O Português do Brasil também faz uso de palavras cuja formação não se dá de maneira linear, porque esses processos de formação de palavras não envolvem a simples adjunção ou apagamento de seqüências fônicas das bases, mas caracterizam-se, segundo De Lacy (1999) pelo mapeamento de segmentos melódicos da forma de base para um molde prosodicamente definido. Este mapeamento da base para com a forma resultante seja esta um hipocorístico, um truncamento, redobro ou blend é estabelecida por uma relação de correspondência cujo nome é “Circunscrição Prosódica”, que segundo McCarthy e Prince (1995) caracteriza-se por ser um mapeamento desprovido de conteúdo subjacente, que tem materialização segmental proveniente da delimitação de um domínio sobre as bases, com tamanho determinado por restrições de forma prosódica.<sup>1</sup>

Constituem assunto para a morfologia não-concatenativa em Português os fenômenos Portmanteaus, Hipocorísticos, Reduplicação e Truncamento. De acordo com Archangeli e Pulleyblank (1994), esses processos de formação de palavras não envolvem a supressão de material fônico do *input*, mas sim a cópia para um molde definido pelo aspecto prosódico. Dentro desse molde, a estrutura subjacente é compreendida como subespecificada, já que informações nas representações subjacentes são omitidas, sendo, pois, preenchidas mais tarde, a fim de se obter a representação de superfície.

---

<sup>1</sup> De acordo com exemplo de De Lacy (1999), a restrição MAX exige que cada elemento da Base tenha um correspondente na forma resultante, no entanto, outras restrições determinam o tamanho dessa forma resultante. Dessa forma, restrições de tamanho prosódico dominam MAX, reduzindo o espriamento de domínio da Base.

Neste capítulo, será feita primeiramente uma definição funcional dos fenômenos não-concatenativos do Português Brasileiro a fim de mencionar que nesta língua, assim como no Lardil, Ilokano e Diyari, também se fazem presentes fenômenos não-lineares de formação de palavras. Essas características funcionais já foram comentadas, em outras palavras, por outros pesquisadores, cujos trabalhos se centraram neste tema. Em razão disso, serão citados os trabalhos desses estudiosos para possíveis consultas por parte do leitor. Em seguida, os processos não-concatenativos serão abordados do ponto de vista morfo-prosódico. Tal ponto de vista terá respaldo na proposta de McCarthy e Prince (1990), que é bastante pertinente para o presente estudo porque permite fazer uma diferenciação formal dos processos não-lineares de formação de palavras em detrimento dos processos lineares. Além disso, com a abordagem morfo-prosódica é possível diferenciar também os processos não-lineares entre si.

## **2.1 Aspecto Funcional dos Processos Não-Concatenativos**

### **2.1.1 A Reduplicação**

Entende-se por Reduplicação o fenômeno no qual ocorre o aumento na extensão de uma dada palavra através do redobro de uma parte da palavra-base ou cópia integral de uma palavra-base. O primeiro caso é evidenciado pelos respectivos Hipocorísticos de alguns nomes próprios, conforme (22a), enquanto que o segundo caso (22b) pode ser exemplificado por palavras reduplicadas advindas de formas verbais.

(22)

a) André ⇒ Dedé  
Liliane ⇒ Lili  
Juliana ⇒ Juju  
Karina ⇒ Kaká  
Isabel ⇒ Bebél

b) esconde-esconde  
corre-corre  
pega-pega  
empurra-empurra  
quebra-quebra (Couto 1999)



Além dos casos exemplificados acima, cuja ocorrência dá-se a partir de uma forma de base já recorrente no léxico da língua, há casos de palavras reduplicadas que não dependem de uma forma já existente para ocorrer. Nesses casos, há o redobro somente de uma única sílaba, que pode ser constituída pelo padrão CV ou CCV, conforme (23).

- (23) tititi  
blábláblá  
bebê  
baba (Couto 1999)
- bobo  
coco  
caca

De acordo com Gonçalves (2004), há uma notável diferença entre elementos reduplicados em (22a) e elementos reduplicados em (22b). Segundo ele, o procedimento analítico que delimita um domínio prosódico sobre as bases, funciona como um alvo para o qual segmentos melódicos são mapeados, pois, nos exemplos em (22b), o reduplicante é anexado à palavra-matriz. Já nas formas advindas de prenomes, a circunscrição funciona como um restritor que reduz a base ao tamanho de uma sílaba que será posteriormente reduplicada. Contudo, os vocábulos reduplicados em (23), por não copiarem segmentos de base, o reduplicante apresenta conteúdo segmental e, por isso, o morfema reduplicativo não deve ser considerado subespecificado, como acontece nos demais casos. Como os dados exemplificados em (23) são desprovidos de palavra-base, devem ser compreendidos como meras cópias de sílabas e não como morfemas subespecificados. Por isso, formas do tipo (23) não podem ser consideradas reduplicações verdadeiras na língua.

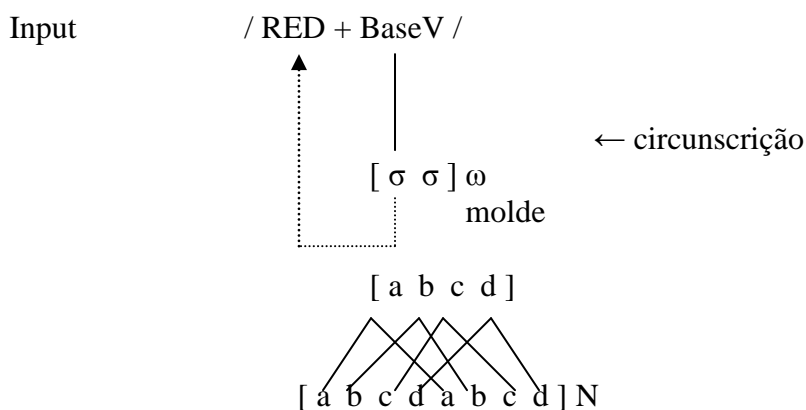
Outra diferença significativa evidenciada por Gonçalves, mas que também já foi observada anteriormente por Couto (1999) entre as reduplicações de (22a) e as

reduplicações de (22b) é que as reduplicações advindas de prenomes não causam mudança de classe gramatical. No entanto, itens reduplicados advindos de bases verbais acarretam mudança de classe gramatical, de verbos passam a substantivos.

Gonçalves faz uma distinção formal com base na morfologia-prosódica entre dois tipos de reduplicação, embora considere ambas como um tipo de afixação. A primeira diz respeito às formas reduplicadas advindas de verbos, enquanto que a segunda abrange as reduplicações presentes nos hipocorísticos.

No caso da reduplicação deverbal, o autor admite que a circunscrição escaneia toda palavra prosódica para formar o substantivo reduplicado. O *input* inclui a base verbal e o morfema reduplicativo. A circunscrição delimita a própria base ( uma palavra prosódica- $\omega$  ), pois todos os segmentos do verbo apresentam correspondente no reduplicante ( cf. figura 24)

(24)



(Gonçalves, 2004)

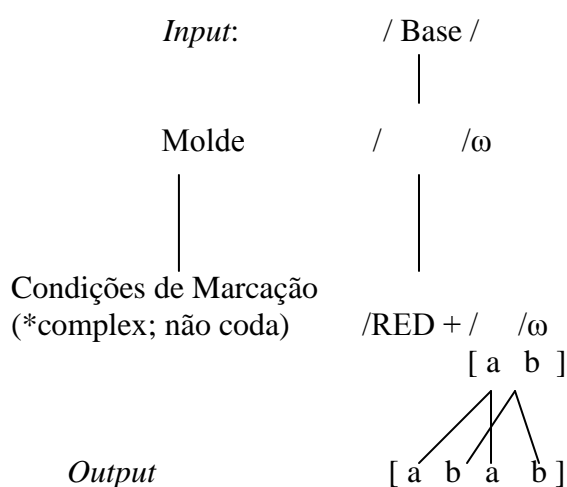
Nota-se, no esquema em (24), que há identidade total entre base e reduplicação, pois os traços nítidos entre molde e *output* revelam total correspondência entre eles.

Ao contrário da reduplicação deverbal, a reduplicação utilizada na formação dos Hipocorísticos é vista como um processo que envolve mecanismo transderivacional ( cf.

McCarthy & Prince, 1995 ). Gonçalves admite que os Hipocorísticos são processados em dois momentos distintos. Primeiro, a circunscrição prosódica reduz a palavra-matriz em uma única sílaba ( cf.figura 25 ). Essa sílaba é posteriormente avaliada por Condições de Marcação ( não complexidade no *onset*, não-coda ) e passa a ser base para a afixação de RED. Admite-se, assim, que a circunscrição funciona como um delimitador prosódico que tem por incumbência impor minimalidade à palavra-matriz.

Nota-se, no esquema em (24), que há identidade total entre base e Reduplicação, pois os traços nítidos entre molde e *output* revelam total correspondência entre eles. Ao contrário da Reduplicação deverbal, a Reduplicação utilizada na formação dos Hipocorísticos é vista como um processo que envolve mecanismo transderivacional ( cf. McCarthy & Prince, 1995 ). Gonçalves admite que os Hipocorísticos são processados em dois momentos distintos. Primeiro, a circunscrição prosódica reduz a palavra-matriz em uma única sílaba ( cf.figura 25 ). Essa sílaba é posteriormente avaliada por Condições de Marcação ( não complexidade no *onset*, não-coda ) e passa a ser base para a afixação de RED. Admite-se, assim, que a circunscrição funciona como um delimitador prosódico que tem por incumbência impor minimalidade à palavra-matriz.

(25)



(Gonçalves, 2004)

Admite-se, portanto, que no esquema anterior existem Condições de Minimalidade atuando no *input* ( prenome ), gerando um *output* ( molde ) que passa a ser o *input* sobre o qual atuarão as Condições de Boa-Formação silábica ( formato CV, sem *onsets* complexos ou codas ). É nessa etapa da derivação que aparece RED, cuja incumbência é reproduzir a base por completo, levando ao *output* final.

### **2.1.2 A Hipocorização**

De acordo com o Dicionário Larousse da Língua Portuguesa, o termo “hipocorístico” refere-se, em sentido estrito, à forma resultante da alteração do prenome com que se designa carinhosamente o indivíduo no meio familiar.

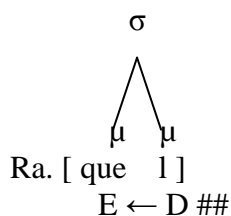
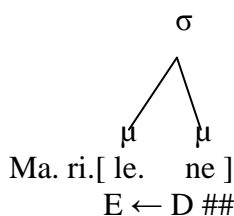
É comum as pessoas cometerem equívocos e confundirem Hipocorísticos com apelidos. Entende-se por apelido um cognome que se dá a alguém em função de alguma particularidade física ou moral. Tal cognome não tem relação alguma com o prenome. Por exemplo, um garoto chamado “Fernando” pode ter o apelido de “Faisca”, por ser muito ágil. Outro, chamado “Francisco” pode ter apelido de “Metal”, por usar aparelho nos dentes. Vê-se, portanto, que não há relação de correspondência alguma com o apelido e o prenome. No Hipocorístico, entretanto, existe uma relação de identidade entre o prenome e o Hipocorístico. Tenta-se preservar o mínimo de correspondência possível entre o Hipocorístico e a respectiva forma de base. Formas como “Fer” e “Chico” mantêm relação de correspondência com os seus respectivos prenomes e configuram, portanto, casos de Hipocorísticos.

Gonçalves foi um dos pesquisadores que já fez bastante referência à Hipocorização do Português do Brasil. Ao contrário de Colina (1996) e Piñeros (1998), Gonçalves (2004) não considera a Hipocorização como um tipo de Truncamento, pois

ele alega que ambos os fenômenos são diferentes tanto em forma quanto em função. A hipocorização forma palavras mínimas, leva em conta o acento lexical da base e não faz uso de qualquer afixo. O truncamento, por sua vez, não forma palavras mínimas e é indiferente ao acento da palavra-matriz.

Gonçalves (2004) argumenta em favor de uma circunscrição positiva para os casos de hipocorização. Segundo ele, há dois parâmetros regendo essa circunscrição, são eles: o do pé ( formação de um troqueu moraicó  $\_ ([\mu\mu])$  ) e o da direcionalidade ( da direita para a esquerda do antropônimo  $\_ E \rightarrow D \#\#$  ). De acordo com esses parâmetros, o material que aparece no hipocorístico é exatamente aquele rastreado pela circunscrição prosódica ( cf. figura 26 ), que atua no sentido de isolar uma palavra-mínima, ou seja, um troqueu moraicó é copiado do domínio-fonte ( palavra-matriz ) para o domínio-alvo ( molde ).

(26)



(Gonçalves, 2004)

Sobre o esquema anterior, Gonçalves (2004:11) afirma:

“Os limites da circunscrição prosódica sempre coincidem com os limites da sílaba, pois (i) onsets nunca desgarram de suas rimas, (ii) núcleos não são apagados ou inseridos, (iii) nem codas são ressilabificadas (...). Tanto em ‘Marilene’ quanto em ‘Raquel’, a margem direita da base coincide com a margem direita da circunscrição prosódica e, conseqüentemente, com a margem direita do molde para a formação dos hipocorísticos. Da direita para a esquerda, forma-se um pé bimoraico, que separa a seqüência da base a ser utilizada na Hipocorização...”

### 2.1.3 O Truncamento

De acordo com Batista (2002), o truncamento é um processo de formação de palavras que tem como característica formal a supressão de segmentos fônicos da palavra derivante, a adjunção de uma vogal à direita dos elementos copiados e a conseqüente formação de um novo objeto morfológico, que, entretanto, não apresenta mudança de sentido.

- (27) cerveja > céerva
- botequim > botéco
- responsabilidade > respónsa
- neurose > nêura

O item lexical truncado deve substituir a forma de base sem qualquer prejuízo do significado. No entanto, o item truncado deve ser marcado por uma função expressiva da linguagem, ou seja, pode veicular carga emocional variada como pejoratividade ou carinho.

A forma truncada não leva à mudança de significado, ou seja, a forma truncada e a forma de base devem compartilhar o mesmo conteúdo semântico. Além da semelhança semântica, os segmentos do item truncado devem apresentar correspondentes na forma de base de modo que haja uma identidade entre eles.

Além do trabalho de Batista (2002), há também o estudo de Araújo (2002) que aborda os Truncamentos do português brasileiro. O artigo de Araújo (2002) constitui uma investigação a respeito dos processos de Truncamento e Reduplicação no Português do Brasil. O objetivo do autor é mostrar que ambos os processos são regulares e previsíveis.

O texto está dividido em três itens: o primeiro deles, onde se definem as morfologias não-lineares, estão também expostas as questões a serem investigadas; o segundo contém uma tentativa de sistematização dos processos de truncamento, e o terceiro diz respeito aos processos de reduplicação.

A definição de truncamento, dada logo de início, já implica em algumas “exigências” feitas pelo fenômeno: a palavra-matriz perde material segmental em seu lado direito, a redução vocabular jamais pode implicar em perda do valor semântico e a palavra-matriz deve possuir no máximo três sílabas.

Araújo estabelece, inicialmente, dois tipos de truncamentos. No grupo (i) estão as palavras truncadas a partir de palavras-matrizes com três sílabas e acento na penúltima sílaba, o que implica que a palavra-matriz não possui acento secundário. No grupo (ii) estão as palavras com três ou mais sílabas e acento secundário:

- |     |                    |      |                      |
|-----|--------------------|------|----------------------|
| (i) | cerveja → céerva   | (ii) | professor → prófi    |
|     | neurose → nêura    |      | bijuteria → biju     |
|     | flagrante → flágra |      | refrigerante → refrí |

Em (i), o acento primário da forma truncada recai na sílaba que era a pré-tônica da palavra-matriz. Em (ii), o acento primário da forma truncada recai sobre a sílaba que portava o acento secundário na palavra-matriz.

O terceiro tipo de truncamento envolve as formas truncadas trissilábicas que possuem, regularmente, acento na penúltima sílaba e tendência para preservar a raiz da palavra-matriz:

- |      |                      |
|------|----------------------|
| (ii) | delegado → deléga    |
|      | sargento → sárja     |
|      | traficante → trafica |

Quanto ao item sobre Reduplicação, Araújo chama a atenção para os casos de reduplicação em Walpiri cuja Reduplicação marca o morfema de plural, funcionando, assim, como um conteúdo morfológico ( cf. kurdu ‘criança’ kurdukurdu ‘crianças’ ).

A respeito das particularidades da Reduplicação no Português do Brasil, o autor argumenta que esse fenômeno funciona como morfema aspectual de iteratividade, ou seja, a palavra reduplicada sinaliza que uma ação é continuamente repetitiva.

Logo em seguida, Araújo estabelece critérios para a ocorrência do fenômeno no Português do Brasil. Segundo ele, todas as palavras-base são formadas como derivadas de verbos. O autor aborda também, ao longo do artigo, somente as formas que possuem conteúdo lexical independente como, por exemplo, *corre-corre*, *pisca-pisca* e *pega-pega*. Excluem-se, então, casos como *reco-reco*, *trim-trim*, pois ele crê que esses casos não são considerados reduplicações.

As conclusões a que o autor chega para os casos de Reduplicação no Português do Brasil são: i) não ocorre nenhuma modificação estrutural ( queda de consoante, metátese, etc ) na palavra reduplicada em relação à base, ii) a forma da base é a terceira pessoa do singular de um radical verbal dissilábico, iii) há uma “preferência” por sílabas abertas ( com acento na penúltima sílaba ), iv) outra “preferência” é o fato da base reduplicada possuir um pé dissilábico com acento na penúltima sílaba. Observa-se, portanto, que as conclusões de Araújo corroboram para a hipótese de que os casos de Reduplicação possuem estrutura silábica menos marcada. Além desse fato, o fenômeno ocorre somente com formas verbais dissilábicas cuja terceira pessoa do singular termine em vogal. Desse modo, a presença de um elemento na coda, no caso uma nasalização, impede o engatilhamento da reduplicação, ou seja, verbo como *reter*, cuja forma da terceira pessoa do singular é *retém*, não se reduplica.



Araújo postula ainda que ocorre mudança de classe ( de verbo para substantivo ) quando a palavra-base é reduplicada. Isso implica na conclusão de que a forma gerada deva ser suscetível às regras que comumente se aplicam à classe dos substantivos.

#### **2.1.4 Blends Lexicais**

Os Blends Lexicais têm recebido diferentes denominações dentro da literatura: Cruzamentos Vocabulares (Sandmann, 1990 e Silveira, 2002), Blends (Gonçalves, no prelo), Truncamentos (Bertolino, Martins e Martins, 2000), Palavra-Valise (Alves, 2001). Blends caracterizam-se pelo amalgamento de duas palavras morfológicas já existentes na língua, formando uma nova palavra morfológica com um novo sentido.

(28) bartucada < bar + batucada  
matel < mato + motel  
cãopanhia < cão + companhia  
apartamento < apartamento + apertado  
Pretobrás < Petrobrás + preto  
advogato < advogado + gato

Blends Lexicais são empregados pelo falante para caracterizar a opinião dele a respeito de uma dada ocasião, personalidade ou lugar. Na maior parte das vezes, os Blends são empregados em sentido pejorativo e evidenciam um posicionamento crítico do falante em relação a algo ou alguém. No entanto, Blends também servem para dar um tom jocoso a certos produtos lançados no mercado ou eventos sociais divulgados pela mídia. Itens lexicais como “bartucada” ou “Pretobrás” são exemplos desse tipo, pois, no primeiro caso, tem-se a idéia de um bar em que tocam músicas alegres, no segundo caso, tem-se o nome dado a um show do artista negro Itamar Assunção,

patrocinado pela empresa Petrobrás. Nesse caso, a empresa tem a intenção de reverenciar a identidade racial de Itamar Assunção, conferindo ao cantor respeitabilidade.

Funcionalmente, os Blends distinguem-se dos Truncamentos e dos Hipocorísticos porque levam à formação de uma nova palavra com um novo significado a partir da fusão de duas palavras já existentes no léxico da língua.

Ao que se tem notícia, os primeiros autores que realizaram uma tentativa de sistematização dos Blends no Português do Brasil foram Bertolino, Martins e Martins (1999) e por isso merecem ser mencionados no presente trabalho.

O artigo de Bertolino, Martins e Martins (1999) tem como objetivo a reflexão sobre os *portmanteaus* no português do Brasil, entretanto, os autores utilizam o termo “truncação” para se referirem a esses processos, pois acreditam ser necessária uma discussão aprofundada para distingui-los do *portmanteau*. Mesmo sem fazer distinção aos processos de formação de palavras, os autores já atentaram para alguns questionamentos pertinentes no que diz respeito à sistematização dos *portmanteaus*.

Os dados utilizados no artigo foram extraídos das colunas de José Simão publicadas no jornal *Folha de São Paulo*, por isso, os autores justificam que os resultados da análise não poderão ser utilizados em todos os *portmanteaus* do português brasileiro, conforme a citação abaixo:

“É importante ressaltar que os resultados da análise do corpus não poderão ser aplicados em todas as palavras truncadas. Primeiro, porque o contexto em que as palavras do corpus aparecem é específico; segundo, porque o sentido que elas criam não é de conhecimento geral, implica uma integração relativamente profunda com o assunto e, terceiro, porque no corpus a presença de substantivos próprios na estrutura da truncação é constante, o que dificilmente se percebe em palavras truncadas já lexicalizadas” (Bertolino, Martins e Martins 1999:11)

Acredita-se, entretanto, na presente pesquisa, que mesmo partindo do ambiente específico do *corpus*, os questionamentos e considerações propostos no artigo podem ser estendidos a outras palavras que não se encontram no *corpus* utilizado pelos autores.

A análise dos dados, no artigo, é feita em formato de pergunta/resposta. A primeira delas é se existe alguma regularidade na formação dessas palavras. Os autores afirmam que separando-se as bases ou as ‘partes’ das palavras-base em palavras truncadas, pelo menos um de seus termos, necessariamente, não terá significação própria e independente. Outra observação é que deve haver coincidência fonêmica, mínima que seja, entre as palavras-base para que ocorra sobreposição. Neste caso, um dos exemplos utilizados é a palavra *Malanta*, que segundo os autores, surge da truncção do substantivo próprio *Malan* ( sobrenome do ex-ministro da Fazenda do governo de Fernando Henrique Cardoso ) com o substantivo *anta*. O que permite a sobreposição é a coincidência do fonema /ã/, comum no nome *Malan* ( /malã/ ) e no substantivo *anta* ( /ãta/ ). Outra leitura do fenômeno dada no texto é entender a junção da palavra *Malan* com a parte *ta* da palavra *anta*, o que não caracterizaria um processo de Blend, já que o fonema / ã / pertenceria apenas à palavra ‘Malan’. Há, no *corpus* apresentado pelos autores, casos em que se percebe a presença do hífen, tais como, *Tele-afônica*. Nesses casos, há uma variação em relação às demais palavras, pois considera-se tais construções como sendo morfologicamente uma única palavra e como duas palavras em nível fonológico. Apesar dessa variação, é possível verificar a presença das regularidades observadas nas demais palavras, como também o fato da coincidência fonêmica manifestar-se justamente no local em que o fonema de ligação se encarregaria de unir as palavras.

A segunda questão levantada diz respeito ao sentido produzido ao se criar o *portmanteau*. A ironia e a comicidade, presentes nos Blends do *corpus*, dão ao texto, em

que estão inseridos, um sentido crítico e irreverente, entretanto, dificilmente fazem sentido se analisados isoladamente, salvo os já lexicalizados como *brasiguai* e *portunhol*.

A terceira questão aborda as transformações ocorridas no Blend em relação ao acento fonológico. O fonema de ligação coincide exatamente com o fonema que recebe o acento fonológico. Desse modo, observa-se que o fonema recebe o acento fonológico em cada palavra-base, na qual justamente se dá a união em que a formação de uma única palavra acontece. Nota-se, por exemplo, que quando se localiza em *Malanta* sua origem, verifica-se que o único acento fonológico da palavra *Malan* recai sobre o fonema /ã/ localizado no final da palavra e determina também, a existência de um único vocábulo formal; a mesma observação se dá em *anta* cujo acento fonológico recai sobre o fonema /ã/, no início da palavra.

No quarto questionamento, é buscada uma explicação para a não lexicalização dos Blends advindos de substantivos próprios. A explicação dada, de alguma forma, é até óbvia: quando se usa determinados substantivos próprios na criação de palavras, a tendência natural é que elas não se universalizem, pois tais substantivos próprios só fazem sentido em contexto específico e para um determinado número de pessoas.

Apesar de Bertolino, Martins e Martins admitirem na conclusão que palavras surgidas em artigos de jornais dificilmente se incorporarão à língua, há um consenso, ao longo do texto, de que tais palavras obedecem a padrões de formação.

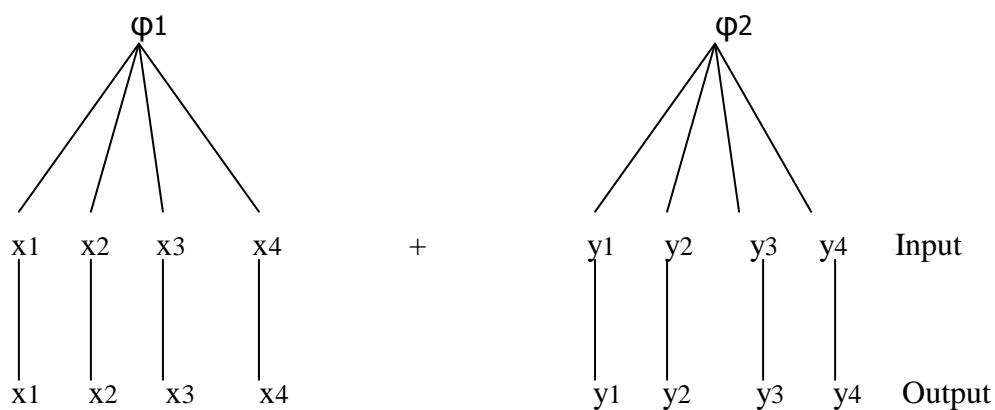
## **2.2 O Formato Prosódico dos Processos Não-Concatenativos**

O presente tópico diz respeito às diferenças formais entre os fenômenos não-concatenativos existentes no Português. Segue-se aqui a proposta de McCarthy e Prince

(1990) para quem a análise de processos não-concatenativos encontra respaldo na interface da Morfologia com a Fonologia, especificamente nos constituintes prosódicos da língua.

Sob a perspectiva morfoprosódica, as línguas podem ser constituídas por morfemas concatenados e não-concatenados. Morfemas concatenados são aqueles em que os segmentos estão dispostos linearmente, impondo uma ordem seqüencial na combinação de morfemas.

(29) Morfemas Concatenados



(esquema extraído de Pineros, 1998)

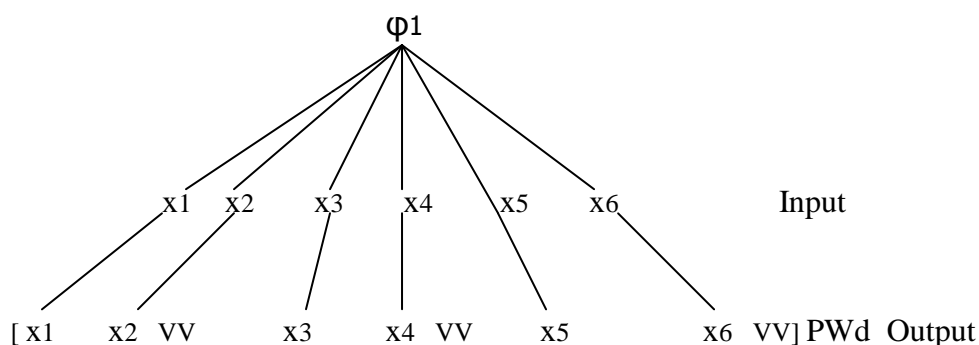
Para Pineros (1998), em (29), todos os segmentos associados com o morfema  $\phi_1$  respeitam uma ordem linear (cf.  $x_1, x_2...$ ). Os segmentos que compõem o morfema  $\phi_1$  precedem todos os segmentos constitutivos do morfema  $\phi_2$ , cujos segmentos também estão seqüenciados de modo linear (cf.  $y_1, y_2...$ ). Crucialmente, essa ordem é preservada pelos correspondentes do *output* nos morfemas concatenados. Segmentos que são contíguos no *input* têm correspondentes contíguos no *output*, de modo que um morfema começa no ponto exato em que o outro termina.

Quando os processos de formação de palavras são condicionados fonologicamente, a ordem linear dos morfemas é rompida de diferentes maneiras. Os

recursos utilizados para se evitar a recursividade da palavra prosódica (PWd) são: descontinuidade, sobreposição, encurtamento e prolongamento de morfemas.

Um exemplo de descontinuidade morfológica pode ser verificado na chamada “Língua do Pê”, uma espécie de jogo interativo com a linguagem, cuja intenção do falante é “disfarçar” a compreensão dos significantes que são pronunciados. Insere-se uma sílaba epentética antes de cada sílaba a ser pronunciada. A representação seguinte ilustra o caso de morfemas contíguos no *input* e realizados descontinuamente no *output*.

(30) Descontinuidade Morfológica

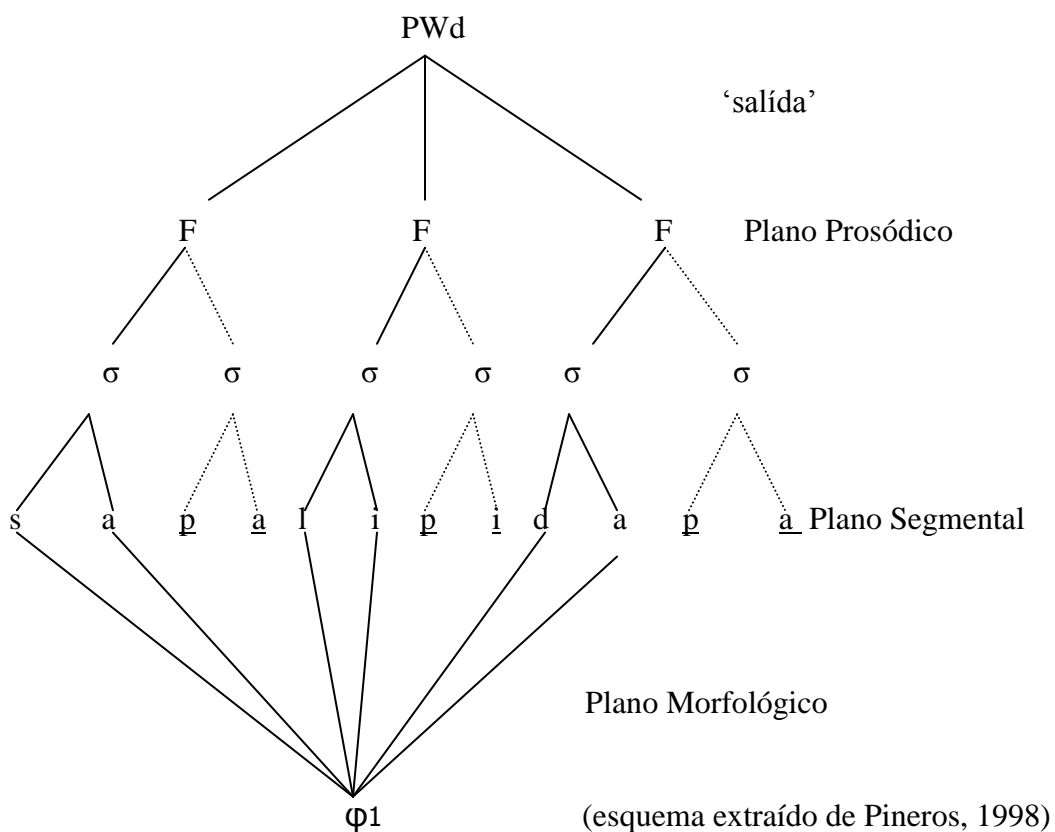


(esquema extraído de Pineros 1998)

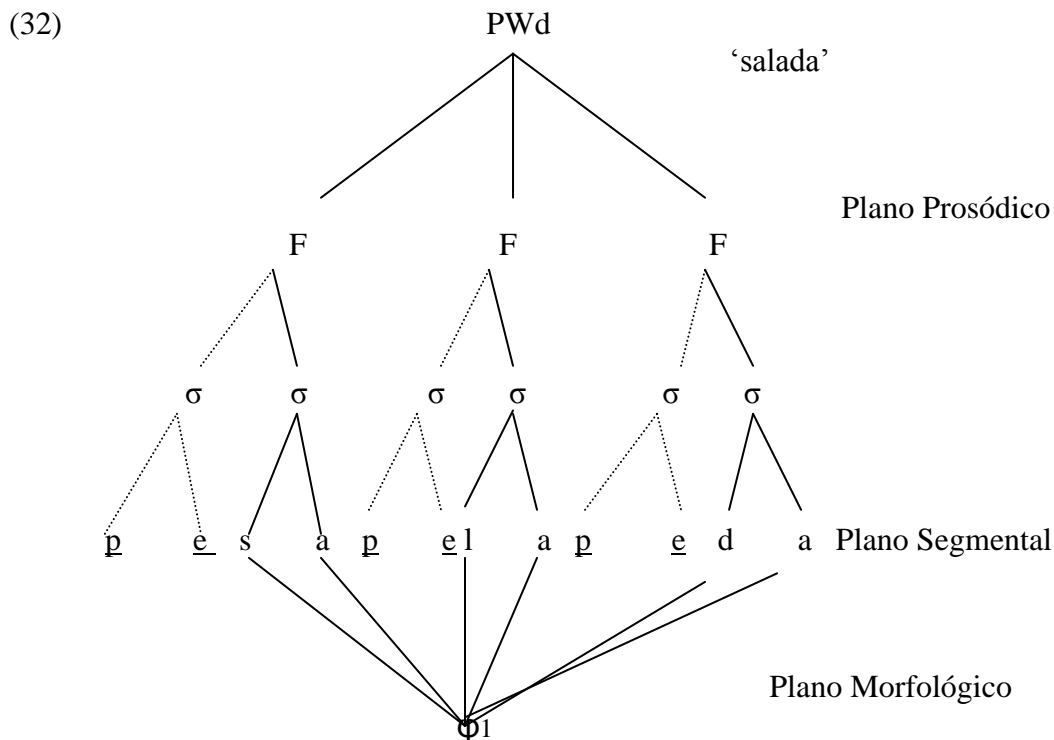
Segundo Pineros (1998), em (30) há elementos “intrusos” que interrompem a correspondência sequencial na forma de *output*. Essa disposição afeta drasticamente a contigüidade do *input* para as formas de *output*. No *output*, x2 não é contíguo a x3 e x4 não é contíguo a x5, assim como ocorre no *input*. Essas interrupções são justificadas pela necessidade de encontrar uma configuração prosódica na qual o correspondente de cada sílaba no *input* seja um pé dissilábico. Os segmentos epentéticos não estão associados aos morfemas.

Conforme descreveu Pineros (1998), a Língua do Pê, denominada “Jerigonza” em espanhol, apresenta na estrutura de *output* a projeção de uma única palavra prosódica (PWd), constituída por pés dissilábicos.

(31) Estrutura de Output do “Jerigonza”

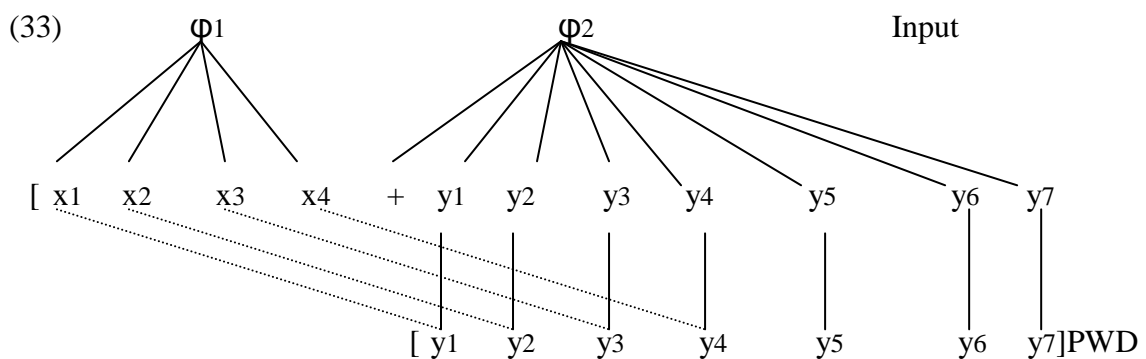


O Português do Brasil também faz uso da Língua do Pê e possui estrutura morfológica bastante semelhante ao espanhol, conforme figura (32)



Vê-se, portanto, que há apenas duas diferenças entre a descontinuidade morfológica do Espanhol e do Português. No primeiro caso, há inserção epentética depois da primeira sílaba e o núcleo copiado é sempre o mesmo da sílaba anterior. No segundo caso, entretanto, há inserção da sílaba epentética apenas antes da primeira sílaba da palavra. Neste caso, a posição do onset é preenchida pela consoante p e a posição de núcleo da sílaba é sempre preenchida pela vogal e.

Outro recurso descrito por Pineros (1998) e utilizado numa língua para evitar recursividade é a sobreposição de morfemas através da ambimorfemicidade (cf. 33).

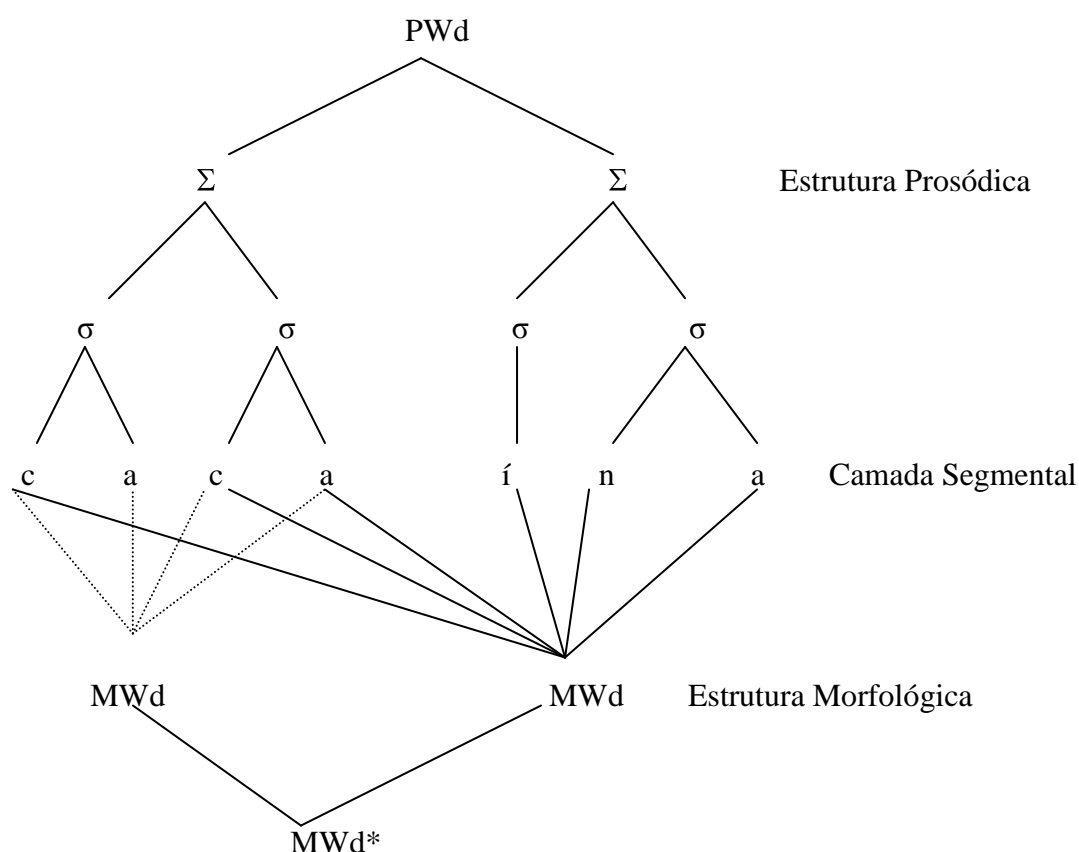




Para o referido autor, segmentos ambimorfêmicos da forma de *output*, como y1, y2, y3 e y4, são responsáveis pela quebra na ordem linear dos morfemas. Neste caso, um morfema não começa exatamente onde o outro termina. Os segmentos x1 e y1 do *input* são realizados simultaneamente por um único segmento no *output*, assim como acontece com os pares do *input* (x2, y2), (x3, y3) e (x4, y4).

De acordo com as palavras de Pineros (1998), o fenômeno de sobreposição de morfemas ocorre na formação dos Blends Lexicais. Neste caso, a sobreposição impede a preservação da integridade das bases, pois os dois formativos projetam uma única palavra prosódica (cf.34)

(34) Estrutura de Output do Blend em Espanhol (Pineros, 1998)



Após realizada a descrição morfo-prosódica de cada um dos fenômenos não-concatenativos, iniciar-se-ão, nos capítulos sucessivos, análises por restrições especificamente dos Blends (capítulo 3), Hipocorísticos (capítulo 4 e 5) e Truncamentos (capítulo 6).

## **CAPÍTULO 3**

### **Os BLENDS LEXICAIS NA MORFOLOGIA NÃO CONCATENATIVA**

Neste capítulo será feita uma análise dos Blends do português do Brasil, estabelecendo relações desse mesmo fenômeno com as análises já propostas por Bat-El (1993) para os casos do hebraico, e Piñeros (1998) para os casos do espanhol. Busca-se, após a análise dos dados, verificar se a proposta de Bat-El (1993) também é passível de aplicação para os dados do espanhol e português, justificando, portanto, a elaboração da resenha de Bat-El (1993) neste capítulo, ou se a proposta de Piñeros (1998) tem caráter mais amplo e pode ser aplicada para as três línguas em questão. Portanto, procede-se a análise dos Blends do português do Brasil, estabelecendo uma comparação desses mesmos fenômenos no espanhol e no hebraico, a fim de verificar se entre essas línguas existem fatores que identificam ou diferenciam este mesmo fenômeno. Ainda, neste capítulo, será feita uma diferenciação entre os compostos regulares e os Blends, atentando que eles só poderão ser diferenciados não do ponto de vista puramente morfológico, mas numa interface morfofonológica. Com isso, faz-se primeiro uma descrição da estrutura morfológica dos Blends e dos compostos regulares para depois ser feita uma descrição com acesso a constituintes prosódicos.

#### **3.1 A Relação Morfológica dos Blends com os Compostos**

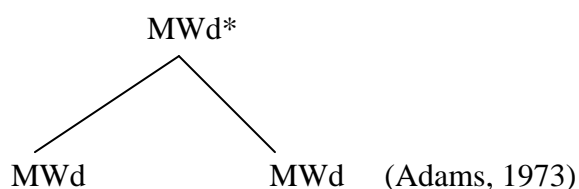
O comportamento do Blend em espanhol é bem semelhante aos Blends que compõem o léxico do português. Em ambas as línguas, os Blends são constituídos pela

projeção de uma única Palavra Prosódica (PWd), refletindo a tendência de evitar recursividade no constituinte PWd.

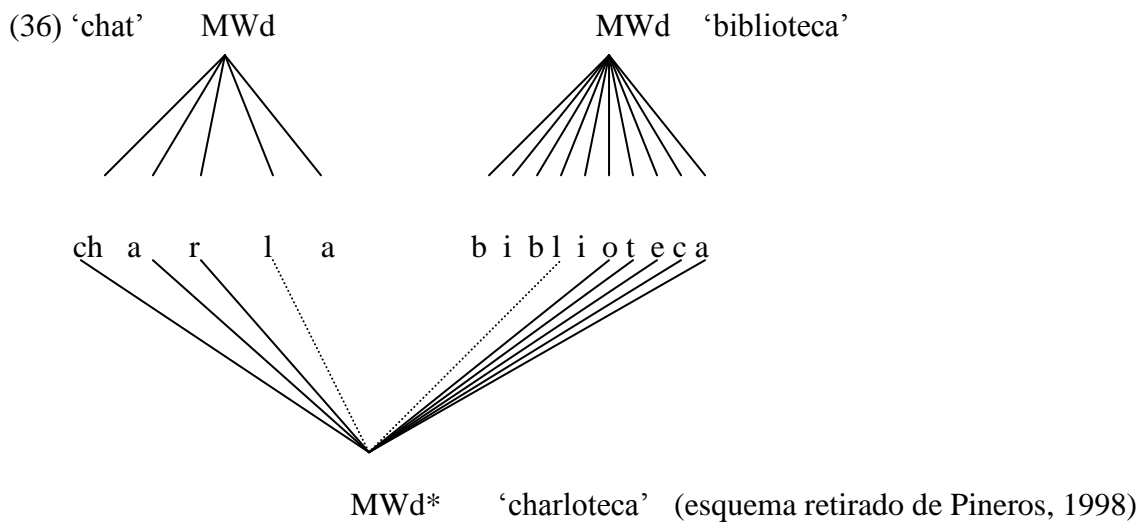
Adams (1973) e Algeo (1977) alegam que os Blends são uma subcategoria dos compostos porque os morfemas que participam de sua formação são os mesmos que participam da constituição dos compostos, ou seja, são morfemas livres ou potencialmente livres. Um morfema livre é equivalente a uma palavra morfológica (MWd). Ambos os processos, Compostos e Blends, combinam MWd's para gerar um novo lexema. Esse novo lexema constitui uma MWd complexa, representada por MWd\*.

Por outro lado, na interface Morfologia-Fonologia, as MWd's desempenham papel importante porque a análise dos Blends envolve a noção de alinhamento das margens das MWd's com as respectivas margens de PWD.

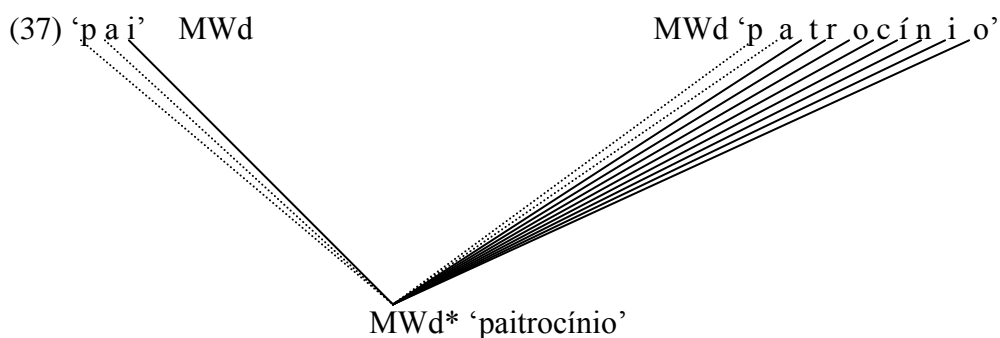
(35) Estrutura Morfológica dos Blends e Compostos



A estrutura morfológica dos Compostos e Blends mostra que, em ambos os fenômenos, dois morfemas livres se combinam para formar um terceiro morfema complexo, conforme figura 36, que demonstra um dado do espanhol:



Pineros (1998) assume que o morfema é uma unidade de significado, fica claro identificar três morfemas em um único Blend: 'Charloteca' não só tem o significado de "biblioteca onde as pessoas conversam mais do que estudam", mas também revela o significado de "conversa" e "biblioteca". Igual fato acontece nos casos de Blends do Português (cf.37).



Em outras palavras, os significados de duas palavras morfológicas se combinam no Blend para formar um novo conceito unificado. "Paitrocínio", além de comportar o

significado de “pai que fornece dinheiro ao filho”, tem também o significado de ‘pai’ e ‘patrocínio’. Embora as margens existentes entre as palavras morfológicas sejam unidas por um *overlapping*, os Blends, assim como os Compostos, não deixam de ter uma estrutura morfológica composicional. Em razão disso, postula-se o esquema MWd\* ⇒ MWd + MWd, que pode ser aplicado tanto aos Blends quanto aos Compostos Regulares.

Embora haja similaridades semânticas e morfológicas, há uma diferença crucial entre Compostos Regulares e Blends, que diz respeito à estrutura prosódica de cada um. Pineros (1998) defendeu que os Blends diferem dos Compostos porque uma das formas de base está contida dentro da estrutura prosódica da outra. Para constatar essa característica dos Blends, vê-se que nos dados de (38) os Blends copiam sempre a estrutura prosódica de uma das formas de base. O autor chegou à conclusão de que a estrutura prosódica que sustenta o Blend é equivalente à palavra prosódica (PWd) mais longa. O Blend tem como tendência a manutenção do mesmo número de sílabas e a mesma estrutura do pé da forma de base mais longa. No Blend, a forma de base mais curta ajusta-se à estrutura da palavra prosódica mais longa. O fato de o Blend ter um único acento primário indica que as duas formas de base compartilham uma única palavra prosódica.

(38) a. [(súcio)]PWd	[socie (dád)] [sucie (dád)]PWd	Formas de Base Blend
b. [(dedo)]PWd	[demo(cracia)]PWd [dedo(cracia)]PWd	Formas de Base Blend
c. [(chá)]PWd	[ca (fé)]PWd [cha (fé)]PWd	Formas de Base Blend
d. [(beber)]PWd	[come(morar)]PWd [bebe(morar)]PWd	Formas de Base Blend

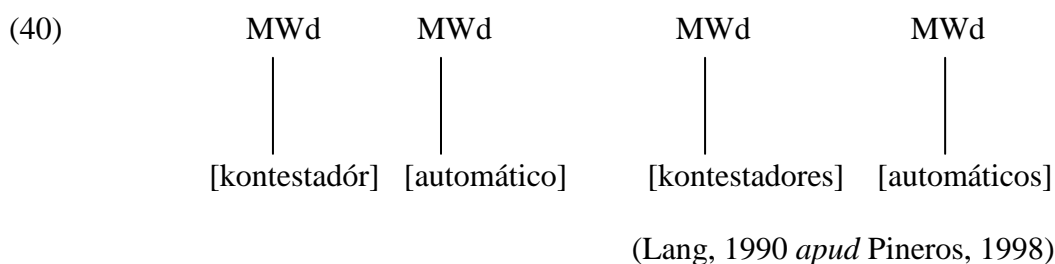
Nos Compostos Regulares, por outro lado, como bem observou Piñeros (1998), cada palavra-base projeta sua própria palavra prosódica (PWd). Como consequência disso, não há necessidade de uma das formas de base ser projetada dentro da palavra prosódica da outra. Com esse comportamento, os Compostos Regulares, ao contrário dos Blends, admitem a recursividade da palavra prosódica.

(39) Compostos do Espanhol: cada formativo está associado com sua própria PWd

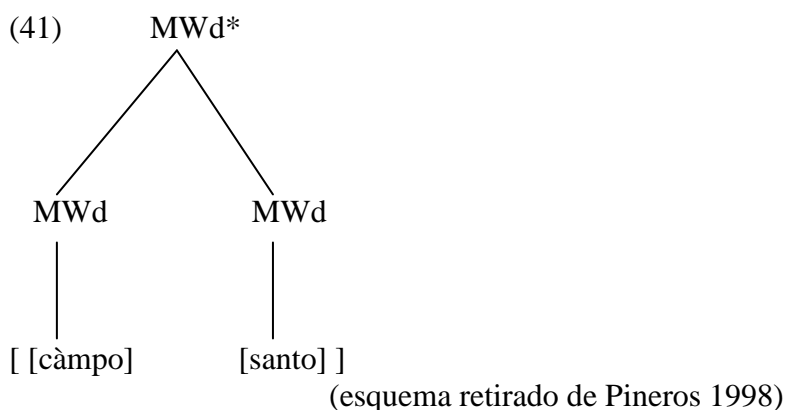
- a. [(kontestadór)]PWd [(automático)]PWd  
 [(cuénta)]PWd [(bancária)]PWd
- b. [[(càmpo)]PWd [(sánto)]PWd] PWd\*  
 [[(púnta)]PWd [(pié)]PWd] PWd\* (Lang, 1990 *apud* Pineros, 1998)

Em espanhol, de acordo com a proposta de Lang (1990) e descrição de Pineros (1998), Compostos como os de (39a) são conhecidos como *Compostos Sintagmáticos* porque eles se originam através de uma relação sintática. Esses compostos são analisados como sintagmas nominais que possuem como cabeça um nome (N) e um complemento (SAdj). Segundo interpretação de Pineros(1998), Lang (1990) argumenta que tais palavras devam ser consideradas compostas porque essas formações constituem uma unidade semântica coesiva. Prosodicamente, no entanto, esses formativos não constituem uma unidade, pois contêm dois acentos primários. Isso evidencia que eles estão associados a duas PWds independentes. Em termos morfológicos, *Compostos Sintagmáticos* não são verdadeiros, pois ambos os formativos são duas MWd's independentes. Esse fato pode ser confirmado devido ao morfema de plural ̄ juntar-se a ambas as formas de base (cf. kontestadóres automáticos). Dessa forma, conforme alega Pineros (1998), se essas palavras juntas formassem uma única MWd, então elas

deveriam conter apenas um morfema de plural (cf. \*contestador automáticos). Com base nessas informações, deduz-se que os compostos sintagmáticos têm coesão de significado, mas suas estruturas morfológicas não incluem uma MWd\*, conforme proposta de Lang (1990).



Conforme garante Pineros (1998), *Compostos Sintagmáticos* como os de (39a) contrastam-se com os compostos ilustrados em (39b), que são conhecidos como *Compostos Perfeitos*, porque esses formam uma unidade prosodicamente verdadeira (as duas palavras-base estão submetidas a uma única palavra prosódica complexa, portando um único acento) e, morfológicamente, formam uma única palavra morfológica complexa (o morfema de plural só é afixado uma única vez, cf. “*puntapiés* ~ \**puntas pies*). Pineros (1998) refere-se aos Compostos Perfeitos como “Compostos Morfológicos”, que se caracterizam pela projeção de uma nova MWd\*, conforme projeção seguinte:





Em resumo, Pineros (1998) afirma que, no espanhol, há dois tipos de compostos. A diferente composição morfológica de cada um deles é determinada por aspectos fonológicos, especificamente por suas estruturas prosódicas. Os Compostos Sintagmáticos são sensíveis à seguinte forma prosódica: [...]PWd [...]PWd. Esses compostos denotam um conceito unificado, mas não formam unidade morfológica ou mesmo prosódica. Entretanto, os Compostos Perfeitos são sensíveis à configuração prosódica: [ [...]PWd [...]PWd ]PWd\*. Nos Compostos Perfeitos, há uma unidade morfológica porque as suas bases formativas estão submetidas a uma mesma palavra morfológica complexa (cf. *camposantos* ~ \**campos santos*). Há também, nesse caso, uma unidade prosódica, pois cada formativo projeta sua própria PWd, que são imediatamente dominadas por uma PWd\*.

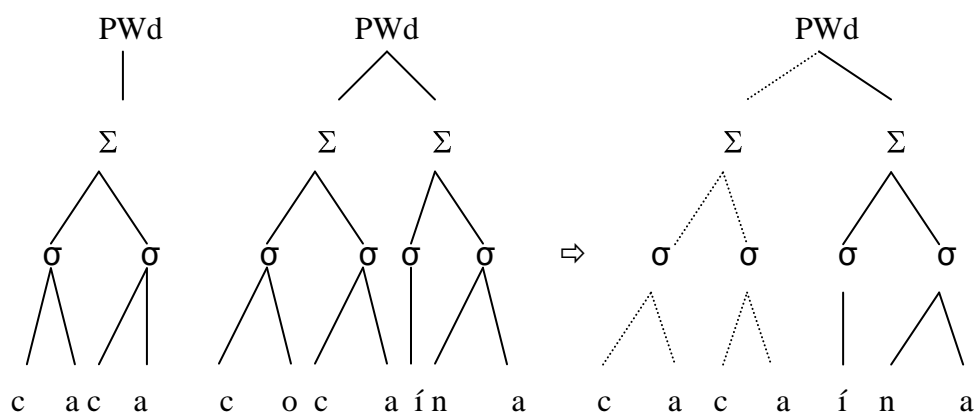
Na análise trazida por Pineros, o pesquisador garante que os Blends têm comportamento similar aos Compostos Perfeitos, já que compõem uma unidade morfológica e prosódica. Contudo, diferem-se dos Compostos Perfeitos pelo fato de uma de suas formas de base estar contida dentro da estrutura prosódica da outra. Desse modo, os Blends devem ser considerados compostos morfológicos porque um novo lexema é criado a partir de uma mistura morfológica, mas o que realmente marca a singularidade dos Blends é a configuração prosódica.

Afirma o autor que os Blends são processos de formação de palavras nos quais dois morfemas lexicais combinam-se para banir a recursividade da palavra prosódica. Dado que a categoria palavra morfológica (MWd) precisa ser licenciada pela categoria Palavra Prosódica (PWd), os dois formativos que compõem o Blend precisam maximizar as margens da palavra prosódica. Isso faz com que alguns segmentos no Blend atuem como correspondentes de mais do que um segmento na forma de base. Nos

Blends, portanto, os morfemas se sobrepõem de modo que se manifestam simultaneamente, e não sequencialmente.

Segmentos ambimorfêmicos servem para manter a identidade entre Blends e suas formas de base.

(42) Blends: Estrutura Prosódica



(esquema extraído de Pineros 1998)

### 3.2 Os Blends do Hebraico

#### 3.2.1 O Comportamento dos Blends do Hebraico sob a Perspectiva de Bat-El (1993)

Neste ponto do trabalho, faz-se importante justificar a presença de uma resenha do texto de Bat-El (1993), cuja análise está centrada nos Blends do hebraico, a fim de verificar na análise, realizada em 2.3, se a hierarquia de restrições proposta por Bat-El para os dados do hebraico pode ser aplicada para os dados do português ou ainda verificar se é possível o estabelecimento de uma mesma hierarquia de restrições que dê conta de explicar o processo nas três línguas aqui descritas: português, espanhol e hebraico.

No trabalho de Bat-El (1996), o pesquisador sugere que os Blends referem-se às restrições estruturais, e não têm nenhuma característica que não seja encontrada nas línguas naturais. Bat-El alega que os Blends do hebraico são governados por restrições de boa-formação, hierarquicamente ordenadas, todas elas de natureza morfofonológica. Desse modo, os Blends devem ser tratados pela Teoria da Morfologia Prosódica (McCarthy e Prince, 1996 e estudos subsequentes), já que são assunto para restrições fonológicas de boa-formação na estrutura da palavra. Além disso, essas mesmas restrições podem ser encontradas em outros aspectos da gramática.

O comportamento dos Blends no hebraico é bastante semelhante ao comportamento desses mesmos processos no português ou no espanhol. Pode-se afirmar que os Blends do hebraico são governados pelos mesmos princípios que regem a formação deles em outras línguas. Assim como no Espanhol e no Português, o Blend ótimo é aquele que freqüentemente viola uma ou mais restrições na hierarquia proposta.

De acordo com Bat-El, os Blends constituem um tipo de composto apenas do ponto de vista morfológico, pois os falantes conseguem reconhecer que existem nos Blends duas formas de base. No entanto, Bat-El consegue mostrar que, diferentemente dos compostos regulares, a noção de “cabeça” não é relevante para se determinar a base do Blend, contrariando, portanto, a proposta de Silveira (2002), que consiste no estabelecimento da paráfrase para se identificar qual base é o determinante e qual desempenha o papel de elemento determinado. Para Bat-El, os elementos da base que compõem os Blends não estão restritos a categorias lexicais particulares.

Nos Compostos Regulares ou Perfeitos, a estrutura morfológica interna é visível à aplicação de processos fonológicos. Sendo assim, o artigo definido localiza-se sempre na margem esquerda do segundo elemento e o sufixo de plural, na margem direita do

primeiro elemento. Nos Blends, ao contrário, o artigo definido se junta à margem esquerda e o sufixo de plural à margem direita.<sup>2</sup> Essa diferença é ilustrada em (43):

(43)

		Art. Definido	Plural
Palavra Simples	kadúr ‘bola’	hà- kádúr	kàdur-ím
Palavra com Afixo	kàdur-ón ‘bola pequena’	há-kadurón	kadùron-ím
Blend	kàdur.sál ‘basquete’	há-kàdursál	kadursàl-ím
Composto	kadùr Šelég ‘bola de neve’	kadúr há-Šéleg	kadur-èy Šéleg

Outra distinção entre Blends e Compostos está no padrão acentual. O acento secundário nos Blends cai na sílaba que imediatamente antecede o acento principal nas palavras simples, enquanto que nos Compostos o acento secundário cai na sílaba que carrega o acento primário na forma simples.

Na fala coloquial, o artigo definido pode juntar-se à margem esquerda do composto e o sufixo de plural à margem direita. Contudo, a distinção entre Blends e Compostos permanece, pois somente os Compostos, mas nunca os Blends, consentem essas duas opções. Por exemplo, o Composto *çorex dín* ‘advogado’ tem as características de um Blend na fala coloquial com respeito às três propriedades mencionadas acima (artigo definido, sufixo de plural e acento):

(44)

		Art. Definido	Plural
Fala Padrão	çorèx dín	çorèx há-dín	çorex- èy dín
Fala Coloquial	çòrex dín	há- òrex dín	çòrex dín-im

---

<sup>2</sup> *-ey* é alomorfe de *-im*

Conclui-se, então, que os Blends não têm estrutura morfológica interna semelhante aos Compostos. Além disso, o fato dos Blends envolverem subtração, no qual o material suprimido não é um constituinte nem fonológico e nem morfológico, sugere que os Blends não têm uma estrutura morfológica interna do tipo encontrada nas palavras afixadas.

### 3.2.2 A Categoria Lexical dos Elementos de Base no Hebraico

Os Compostos Regulares do hebraico podem ter as duas formas: [NN]N (Nome + Nome), como em *kadūr šel* ‘bola de neve’, ou [AN]A (Adjetivo + Nome), como em *kàl ragláim* ‘veloz’. As propriedades relevantes dos compostos são as seguintes: (i) compostos têm cabeça à esquerda; (ii) um composto nominal pode consistir somente de dois nomes e (iii) um composto adjetival pode consistir apenas de um adjetivo e de um nome, mas nunca por dois adjetivos.

Os exemplos seguintes mostram que essas propriedades dos compostos não caracterizam os Blends. Primeiro porque a cabeça semântica do Blend não ocupa posição fixa. Segundo porque um Blend nominal, diferentemente do composto nominal, pode consistir de dois nomes, de um adjetivo e um nome ou de um verbo mais um nome (cf.45)

(45)	Blend	Elementos de Base
a. [NN]N	<i>prígurt</i> ‘iogurte de fruta’	<i>prí</i> + <i>yogurt</i> ‘fruta’ ‘iogurte’
[NN]	<i>kadurégel</i> ‘futebol’	<i>kadúr</i> + <i>regel</i> ‘bola’ ‘pé’
b. [NA]N	<i>maškár</i> ‘bebida gelada’	<i>mašké</i> + <i>kár</i> ‘bebida’ ‘gelada’

[AN]N	kalcéfet 'creme fácil de fazer, instantâneo'	kál + kacéfet 'creme' + instantâneo
c. [NV]	sukrázit 'açúcar que não engorda'	sukár + razít 'açúcar' 'que não engorda'
d. [NN]N	pomelít 'fruta híbrida de laranja e uva'	poméla + eškolít 'laranja' 'uva'
[AA]A	šmanmúx 'indivíduo baixo e gordo'	šmanmán + namúx 'gordo' 'baixo'
[VV]V	mištaxáf 'pessoa insolente e prepotente'	mištaxcén + mitxacéf 'prepotente' 'insolente'

Os dados de (45) mostram duas importantes diferenças entre Blends e Compostos. Primeiro, nos compostos, a cabeça semântica está na posição fixa, enquanto que nos Blends não. De acordo com Bat-El, os compostos impõem severas restrições à categoria lexical dos elementos de *input*, mas os Blends não. Nos compostos, o elemento à esquerda, que constitui a cabeça, é restrito à classe de nomes (substantivos e adjetivos) e o elemento à direita só pode ser um nome. Nos Blends, não há restrições de categoria lexical para nenhum dos elementos. Esses comportamentos deixam claro que a noção de cabeça, proposta por Williams (1981), é irrelevante para a formação dos Blends no Hebraico, já que os Blends do hebraico não têm estrutura morfológica interna. Embora a cabeça semântica possa ser frequentemente identificada nos Blends, ela não tem uma posição fixa e nunca se refere à gramática.

A noção de cabeça é crucial para determinar a ordem dos elementos nos compostos endocêntricos. No entanto, se nos Blends a noção de cabeça deixa de ser relevante, a questão é o que determina a ordem dos elementos na forma de base. Bat-El conclui que a ordem das formas de base é melhor do que a outra não por causa da

categoria lexical, mas sim pela interação de restrições motivadas independentemente. Essas restrições não se referem à ordem dos elementos, mas às relações fonológicas e morfológicas entre as bases (formas *de input*) e o Blend (forma de *output*), descritas posteriormente na próxima seção.

### **Restrições Empregadas na Formação dos Blends do Hebraico**

Bat-El (1996) mostra, em seu trabalho, que os Blends do hebraico são governados por restrições de boa formação, algumas das quais são violáveis. Além disso, os Blends normalmente não preservam todo material segmental proveniente de cada uma das formas de base. Este fato é, segundo o autor, resultado da atuação de restrições dominantes que limitam o tamanho do Blend. Primeiramente, Bat-El apresenta as restrições de correspondência relevantes para o fenômeno em questão e, somente depois, explora a função das restrições que regulam o tamanho dos Blends.

Segundo o autor, todos os Blends do hebraico preservam a ordem linear dos segmentos de cada uma de suas bases. Desse modo, a metátese nunca se manifesta neste processo. A restrição que milita contra metátese na análise do pesquisador é LINEARITY, sendo, portanto, uma restrição não dominada na gramática dos Blends do hebraico.

Bat-El propõe que estão envolvidas na formação dos Blends duas restrições que militam contra o apagamento e duas restrições que militam contra a epêntese. As restrições mais gerais que proíbem o apagamento são: MAXIMALITY (MAX), a qual determina que cada elemento fonológico do *input* tenha um correspondente no *output* e DEPENDENCY (DEP), que determina que cada elemento fonológico do *output* tenha um correspondente no *input*. MAX e DEP podem se referir a elementos particularmente

relevantes, que, no caso da formação dos Blends, referem-se às sílabas e aos segmentos:  $\sigma$  MAX, SEG MAX,  $\sigma$  DEP e SEG DEP.

As restrições mais específicas que penalizam a desobediência à contigüidade no *input* e no *output*, militando contra o apagamento interno, é INPUT CONTIGUITY (I-CONT) e OUTPUT CONTIGUITY (O-CONTIG). A primeira garante que a disposição da seqüência de segmentos que integram o *input* deve estar em perfeita correspondência com a contigüidade do *output*, punindo, portanto, o apagamento de segmentos internos (cf.  $x \underline{y} z \rightarrow x z$ ), mas deixando de punir o apagamento de segmentos às margens (cf.  $x y \underline{z} \rightarrow x y$ ). A segunda restrição, OUTPUT CONTIGUITY (O-CONTIG), garante que os segmentos que integram o *output* devem estar dispostos de maneira contínua em perfeita correspondência com os segmentos que compõem o *input*, pois é proibida a violação de epêntese interna (cf.  $xy \rightarrow x \underline{z} y$ ), mas não a epêntese nas margens (cf.  $xy \rightarrow x y \underline{z}$ ). O fato de nunca haver epêntese nos Blends significa que O-CONTIG, assim como SEG DEP, nunca são violadas. Na abordagem do autor, a inviolabilidade de O-CONTIG é insignificante e a restrição I-CONTIG nunca é violada pela maior parte dos Blends do hebraico, com exceção de um grupo particular que apaga a vogal de uma das formas de base envolvidas na constituição do fenômeno (cf.  $\text{\textit{\text{šmartáf}} < \text{\textit{\text{šamar}} + \text{\textit{\text{táf}}}$ ,  $\text{\textit{\text{rmazor}} < \text{\textit{\text{ramáz}} + \text{\textit{\text{ʔór}}}$ ,  $\text{\textit{\text{xmešir}} < \text{\textit{\text{xamé}} + \text{\textit{\text{šir}}}$ ). Por isso que, na maior parte da análise proposta por Bat-El, I-CONTIG é tratada como restrição inviolável.

Como I-CONTIG (apagamento interno) é inviolável e SEG MAX (apagamento geral) não o é, o apagamento pode ocorrer somente na margem de elementos da base. O material segmental que faz parte do Blend precisa incluir o material segmental das margens externas dos elementos de base, de modo que a margem esquerda do primeiro elemento coincida com a margem esquerda do Blend e a margem direita do segundo elemento coincida com a margem direita do Blend, assim como em

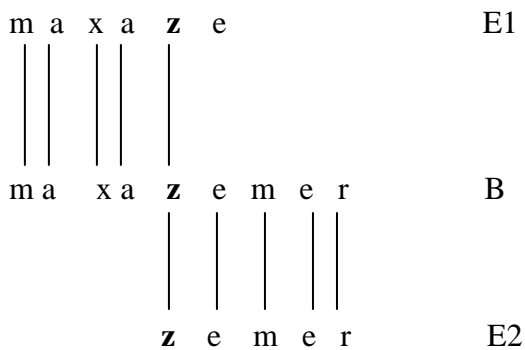


[B[Eiřman<man.na>muxE2]B] (B = Blend e E = Elemento de Base). Bat-El estende essas generalização em termos de Alinhamento, que demanda correspondência entre as margens do Blend e as margens externas dos elementos de base. Para satisfazer o Alinhamento das margens, será preciso preservar o primeiro segmento do primeiro elemento de base e o último segmento do segundo elemento.

O autor assume também que, em muitos Blends, os dois elementos de base compartilham segmentos consonantais em comum. Nesses casos, os segmentos idênticos funcionam como um ponto de fusão onde o primeiro elemento termina e o segundo começa. Em razão desse comportamento, Bat-El postula a restrição DISC (*Designated Identical Segment*), que determina que o Blend precise ter uma consoante em correspondência com ambos os elementos da base. No esquema seguinte, vê-se que a forma “*maxazemer*” respeita DISC porque há uma consoante no Blend que tem correspondente em ambos os elementos de base.

(46)

Maxazemer \_\_ maxa<zé.>zemer



Outra característica relevante na formação dos Blends do hebraico é que cada um dos elementos envolvidos contribui com um pé. Tal comportamento é formalizado pela restrição FOOT CONTRIBUTION (FT CONTRIB). Os candidatos que contribuir

com menos de um pé provocarão a violação de FT-CONTRIB. Em (47) vem ilustrado um tableau em que Bat-El demonstra os efeitos dessa restrição.

(47)

a. /demokrat, diktator/	$\sigma$ DEP	FTCONTRIB
⊙ i. demok<rat.dik>tator      demoktator Ft                                      Ft	*	
ii. demokra<t.dikta>tor      demokrator Ft + $\sigma$ $\sigma$	*	*!
iii. diktato<r.demok>rat      diktatorat Ft + $\sigma$ $\sigma$	*	*!
b. /nešika, šokolada/		
⊙ i. nešika<ka.šo>kolada      nešikolada Ft                                      Ft + $\sigma$	*	
ii. ne<šika.>šokolada      nešokolada $\sigma$ Ft + Ft	*	*!

Quando ambos os elementos da base são monossilábicos, todos os candidatos possíveis são igualmente violados por FTCONTRIB. O problema se manifesta quando um dos elementos é monossilábico. Nesse caso, o elemento monossilábico contribui com menos de um pé para a formação dos Blends, como mostram os exemplos seguintes:

(48)

*Optimal*

kmo<.ma>yonez

bugra<čov.>xof

tač<.tax>tonim

kal<.ka>cefet

*non-optimal*

\*k<mo.>mayonez/\*km<o.m>ayonez

\*bugračo<v.>xof

\*t<ač.t>axtonim

\*k<al.k>acefet

Nesses casos, Bat-El propõe uma restrição que postule a contribuição essencial de pelo menos uma sílaba na formação dos Blends. Tal restrição deve ser crucial e é denominada MINIMAL CONTRIBUTION:

MINIMAL CONTRIBUTION (MIN CONTRIB): Cada elemento precisa contribuir com pelo menos uma sílaba na formação do Blend.

A restrição anterior faz com que o Blend seja minimamente dissilábico.

A função de FT-CONTRIB e MINCONTRIB é facilitar a recuperação dos dois elementos de base e, conseqüentemente, garantir as propriedades semânticas do Blend. Essas duas restrições fazem com que os dois elementos sejam fonologicamente representados no Blend e que haja uma possibilidade de recuperação dos significados originais.

Em seguida é apresentado um tableau, dado por Bat-El, que expressa a formação dos Blends no hebraico:

(49)

a. /šmanman, namux/	DISC	σDEP	FTCONTRIB	SEGMAX
☺ i. šman<man.na>mux			**	***
ii. na<mux.šman>man			**	*****!*
b. /taxtonim, xitulim/				
☺ i. tax<tonim.xi>tulim			*	*****
ii. xi<tulim.tax>tonim			*	*****!
c. /cfarde, xargol/				
☺ i. cfar<de.xar>gol			**	****
ii. xar<gol.cfar>de			**	*****!*

Na formação dos Blends, a violação de SEGMAX é avaliada pelo número de segmentos dos elementos de base que não tem correspondentes no Blend. No entanto, essa restrição é dominada por DISC, que impõe a correspondência simultânea entre segmentos. Pela hierarquia proposta acima, quando FTCONTRIB é satisfeita, a preservação adicional dos segmentos do *input* reduz as possíveis violações de SEGMAX.

Outra questão trazida por Bat-El é o que efetivamente determina a ordem dos elementos no Blend, considerando que a noção de cabeça é irrelevante neste fenômeno em hebraico. Por essa razão, a descrição seguinte é apresentada:

(50)

<i>optimal</i>	<i>non-optimal</i>	<i>base elements</i>	
a. xay <u>d</u> ák	*dakxay	xáy	dák
b. s <u>á</u> lkal	*kalsal	sál	kál
c. r <u>ám</u> kol	*kolram	rám	kól
d. xay <u>b</u> ár	*barxay	xáy	bar
e. xay <u>z</u> ár	*zarxay	xáy	zár

O pesquisador atestou que a disposição entre as duas bases na constituição do Blend é explicada pela escala de sonoridade. A restrição que seleciona os candidatos ótimos acima é SYLLABLE CONTACT, proposta originalmente por Vennemann (1988):

**SYLLABLE CONTACT (SYLL CONT):** O onset da primeira sílaba deve ser menos sonoro do que o último segmento da sílaba imediatamente precedente.

Desse modo, pela escala de sonoridade (*vogais* (5) > *glides* (4) > *líquidas* (3) > *nasais* (2) > *fricativas* (1) > *oclusivas* (0)), tem-se o próximo quadro para explicar a ordem dos elementos:

(51)

	SYLL CONT violation
☉ a. y.d	5 - (4-0) = 1
k.x	5 - (0-1) = 6
☉ b. l.k	5 - (3-0) = 2
l.s	5 - (3-1) = 3

⊙ c. m.k	$5 - (2-0) = 3$
l.r	$5 - (3-3) = 5$
⊙ d. y.b	$5 - (4-0) = 1$
r.x	$5 - (3-1) = 3$
⊙ e. y.z	$5 - (4-1) = 2$
r.x	$5 - (3-1) = 3$

Os efeitos de SYLL CONT podem ser atestados também naqueles Blends que subtraem segmentos para a sua formação. O próximo tableau ilustra os efeitos de SYLL CONT, enquanto que todos os candidatos violam igualmente as restrições postuladas acima de SYLL CONT.

(52)

a./šxora, blondinit/	DISC	σDEP	FTCONTRIB	SEGMAX	SYLLCONT
⊙ šxor<a.blon>dinit	*	*	*	*****	** 5-(3-0)
šxo<ra.blo>ndinit	*	*	*	*****	***! 5-(2-0)
blondin<it.šxo>ra	*	*	*	*****	***!*** 5-(2-3)
b./mošav, kibuc/					
⊙ moš<av.ki>buc	*		**	****	**** 5-(1-0)
ki<buc.mo>šav	*		**	****	*****!* 5-(0-1)

### 3.3 Análise

#### 3.3.1 Considerações Formais sobre Blends e Compostos

Como pode ser constatado nas seções anteriores, de acordo com a proposta de Pineros (1998), os Blends têm a tendência de manterem a estrutura prosódica da forma de base mais longa. No entanto, os Compostos Regulares não possuem tal peculiaridade. Além disso, ambos os processos são assuntos para as mesmas operações morfológicas, mas obedecem a diferentes princípios prosódicos. As formas de base do Blend, ao compartilharem seguimentos em comum, evitam recursividade no domínio da

palavra prosódica. Em razão desse comportamento, é pertinente estabelecer na análise dos Blends a restrição NO-PWd\*, que proíbe a composição das palavras prosódicas. Desse modo, as formas de base que compõem os Blends não devem manifestar-se seguidamente uma após a outra, como ocorre nos Compostos, mas devem estar sobrepostas ou amalgamadas. Desse modo, faz-se necessário a interação da seguinte restrição na formação dos Blends e Compostos:

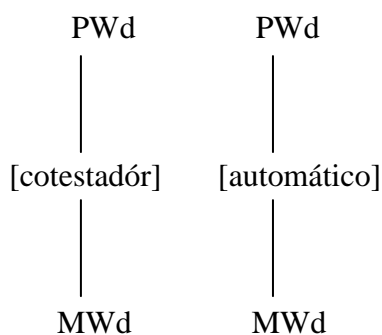
(53) NO-PWd\*: Formas de output não podem apresentar nódulos PWd\*

De acordo com McCarthy e Prince (1993), a recursividade de PWd é necessária na combinação de duas palavras morfológicas, porque todo constituinte morfológico deve ser licenciado por um constituinte prosódico. Cada MWd precisa estar licenciada por uma PWd. Prince e Smolensky (1993) formalizam essa condição com a restrição  $Lx \approx PR$ , na qual uma palavra lexical equivale a uma palavra prosódica.

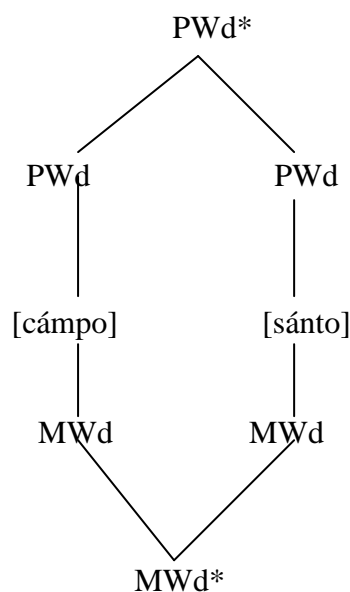
(54)  $LX \approx PR$ : Cada membro da categoria morfológica MWd corresponde a uma PWd.

A restrição  $LX \approx PR$  garante que para cada MWd haja uma PWd que a licencie. Desse modo, violações de  $LX \approx PR$  acontecem quando o *output* contém menos PWd's do que MWd's. Nos compostos regulares, as duas MWd's que os compõem são licenciadas por uma PWd cada uma, conforme mostram as projeções (55 a) e (55b).

(55) a) Compostos Semânticos



b) Compostos Perfeitos



(Piñeros, 1998)

Piñeros justifica que, nos compostos morfológicos verdadeiros, a MWd\* é licenciada por uma nova PWd\*, conforme (55b). Esses esquemas sugerem que a restrição  $LX \approx PR$  deve dominar a restrição anteriormente descrita NO-PWd\*. A dominância de  $LX \approx PR$  sugere que haverá uma PWd para toda MWd. Para evidenciar tal situação, o tableau (56) ilustra a seleção do Composto Sintagmático ótimo, utilizando o exemplo “sala projetada”. Os colchetes [ ] indicam as margens esquerda e direita da palavra prosódica PWD. As chaves { } indicam as margens, esquerda e direita, da palavra morfológica MWd.

(56)  $LX \approx PR \gg NO-PWd^*$

Input: sala projetada	$LX \approx PR$	NO-PWd*
☺ a. [{sala}]PWd[{projetada}]PWd		
b. [{sala}]PWd{projetada}	*!	
c. {sala} [{projetada}]PWd	*!	
d. [{sala} {projetada}]PWd	*!	
e. [sala]PWd [projetada]PWd	*!	

Garante Pineros que o candidato ótima (56a) não incorre em violações de NO-PWd\* porque compostos sintagmáticos como “sala projetada” não projetam MWd\*. Assim como não há MWd\*, não há necessidade de haver uma PWd\* licenciando-a. Compostos Sintagmáticos, portanto, não podem violar NO-PWd\* para satisfazerem a restrição  $LX \approx PR$ . Entretanto, o pesquisador assume que os Compostos Perfeitos têm uma constituição formal diferente, já que para esses casos uma nova MWd\* é formada, fato esse que é assunto para o licenciamento prosódico.

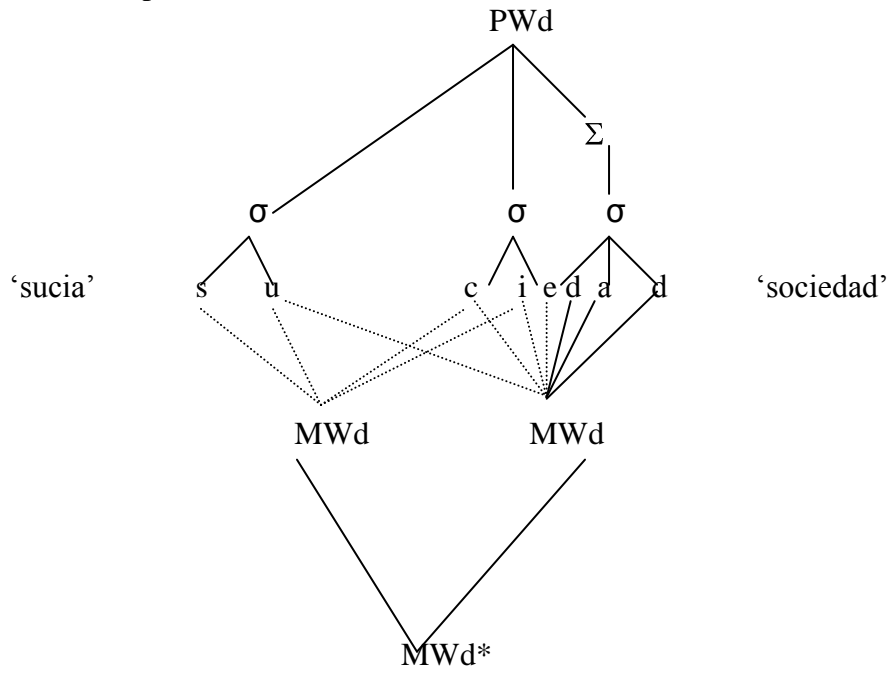
(57)  $LX \approx PR \gg NO-PWd^*$

Input: beija flor	$LX \approx PR$	NO-PWd*
a. {[beija]}PWd [{flor}]PWd}	*!	
b. [{{beija}} [{{flor}}]PWd}]PWd	*!	
☺ c. [{{{beija}}}PWd[{{flor}}]PWd}]PWd*		*

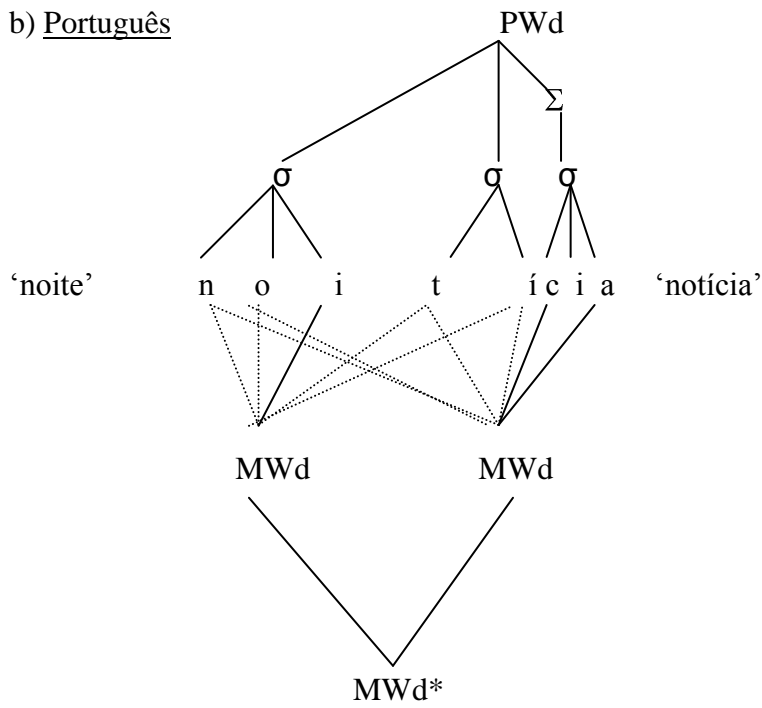
O candidato (57a) é descartado porque infringe a restrição  $LX \approx PR$  e, por isso, deixa de licenciar uma MWd\*. Nesse caso, cada uma das MWd's é escandida dentro de uma PWd, mas MWd\* não é. O candidato (57b) é constituído por duas MWd's, mas uma delas não é licenciada por uma PWd. Nesse caso, ocorre também uma violação de  $LX \approx PR$ , fato que impede a projeção de uma PWd\*. Contudo, o candidato (57c) viola a restrição que está no ranking mais baixo da hierarquia. NO-PWd\* supre, portanto, uma nova PWd\*, a qual licencia uma MWd\*. De acordo com Pineros (1998), o ranking  $LX \approx PR \gg NO-PWd^*$  evidencia o fato de que, nos Compostos Perfeitos, o licenciamento das MWd's é mais importante do que a projeção de uma nova camada na estrutura prosódica. Para o referido autor, pode-se dizer que, no caso dos Compostos Perfeitos, a projeção de PWd\* não é tão ruim quanto o fato da palavra morfológica deixar de ser licenciada. Esse fato faz com que o candidato (57c) seja diferenciado dos candidatos (57a) e (57b). Nos Blends, entretanto, a ordem dos princípios é inversa (cf. 58).



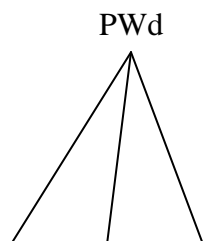
(58) a) Espanhol

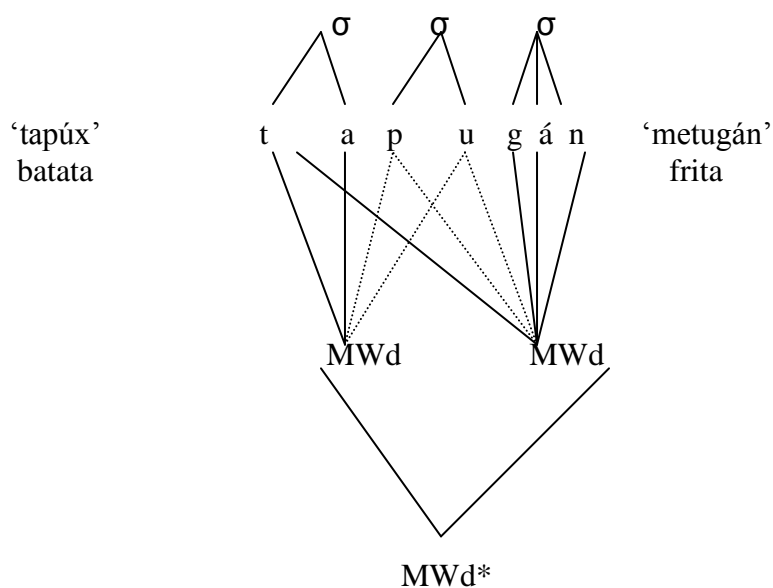


b) Português



c) Hebraico





Os esquemas em (58) mostram que os Blends contêm uma única PWd, desprezando o fato de que há três MWd's. Essa constituição dos Blends serve para mostrar que, nesses fenômenos, a restrição  $LX \approx PR$  é menos importante que NO-PWd\*. Sendo assim, o ranqueamento adotado deverá ser NO-PWd\*  $\gg$   $LX \approx PR$ . Para obedecer a esse ranqueamento, o Blend ótimo precisará encontrar um caminho para licenciar três MWd's sem projetar uma PWd\*. Para evidenciar esse licenciamento, Pineros afirma que se faz necessário estabelecer um padrão formal para os Blends levando-se em consideração o tamanho das formas de base que compõem os Blends e os respectivos alinhamentos de suas margens, bem como o papel desempenhado pela disjuntividade morfológica de ambas as formas de base.

De modo geral, as formas de base que compõem os Blends não são do mesmo tamanho. Forma de base mais curta pode começar no mesmo ponto em que a mais longa começa. Desse modo, a margem esquerda da sílaba inicial coincide com a margem

esquerda da sílaba inicial da forma de base mais longa, de acordo com os dados em (59).

(59)

- |  |   |
|--|---|
| a. burro<br>burrocracia<br><b>burrocracia</b> (Piñeros, 1998)    | e. mitxacéf<br>mištaxcén<br><b>mištaxcéf</b> (Bat-El, 1993) |
| b. bruja<br>mujéres<br>brujéres (Piñeros 1998)                   | f. mešupác<br>mešuxzár<br><b>mešuxpac</b> (Bat-El, 1993)    |
| c. aperto<br>apartamento<br><b>apertamento</b> (Gonçalves, 2005) | g. míc<br>mecuyán<br><b>micuyán</b> (Bat-El, 1993)          |
| d. galo<br>loucura<br><b>galoucura</b>                           |   |

Por outro lado, a forma de base mais curta do Blend pode terminar no mesmo ponto em que a forma de base mais longa termina.

(60)

- |  |  |
|--|--|
| a. mosquetero<br>perro<br><b>mosqueperro</b> (Piñeros, 1998) | e. prostituta<br>puta<br><b>prostiputa</b> (Gonçalves, 2005) |
| b. futbol<br>gol<br><b>futgol</b> (Pineros, 1998)            | f. Rat(inho)<br>teen<br><b>Rateen</b> (Gonçalves, 2005)      |
| c. taxtoním<br>xitulím<br><b>taxtulín</b> (Bat-El, 1993)     |  |
| d. yaçél<br>çél<br><b>ya çéz</b> (Bat-El, 1993)              |  |

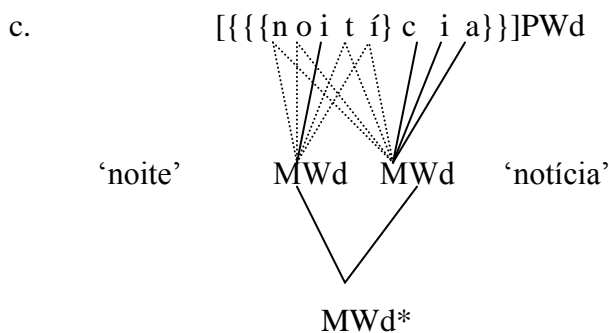
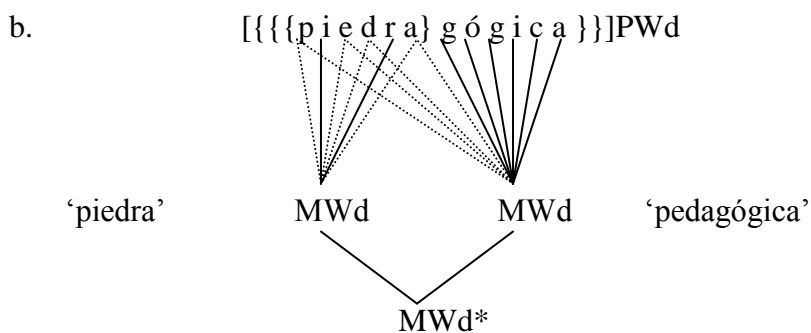
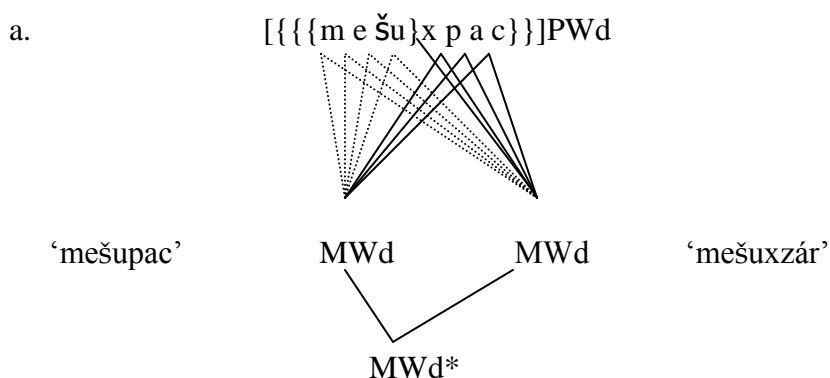
Os exemplos descritos anteriormente servem para mostrar que uma análise formal dos Blends está relacionada com os alinhamentos das margens de cada uma das formas de base. Um alinhamento perfeito seria aquele cujas margens das palavras morfológicas começam e terminam no mesmo ponto que a palavra prosódica. Desse modo, começando ou terminando no mesmo ponto, as formas de base de um Blend garantem que uma quantidade maior de margens de MWd's esteja alinhada com as margens da PWd. Para evidenciar esse comportamento dos Blends, propõe-se a restrição ALINH ( $M \Leftrightarrow P$ ), desenvolvida por McCarthy e Prince (1993) e já utilizada anteriormente por Piñeros (1998), que desempenha o mesmo efeito que  $LX \approx PR$  e tem a vantagem de distinguir os candidatos competidores, porque o licenciamento prosódico é medido de margem a margem e não de categoria a categoria.

(61) ALINH ( $M \Leftrightarrow P$ ) Alinhamento de Margens das MWd's com as margens da PWd

Dadas  $MWd_i$ ,  $MWd_j$  (...) e  $PWd_i$ ,  $PWd_j$  (...), alinhe  $MWd_\alpha$ , E/D,  $PWd_\alpha$ , E/D. A margem esquerda (E) da categoria  $MWd_\alpha$  deve estar alinhada com a margem esquerda (E) da categoria correspondente  $PWd_\alpha$ .

Como os Blends são formados por três MWd's, mas têm somente uma única PWd para licenciá-las, as formas de base que os compõem precisam encontrar um jeito de maximizar as duas margens da PWd. Isso explica o padrão exibido pelos Blends nas demonstrações de (62) e (63) a seguir, numa análise inicialmente proposta por Piñeros (1998), mas que pode ser satisfatoriamente empregada nos casos do hebraico e português.

(62) Alinhamento à Esquerda



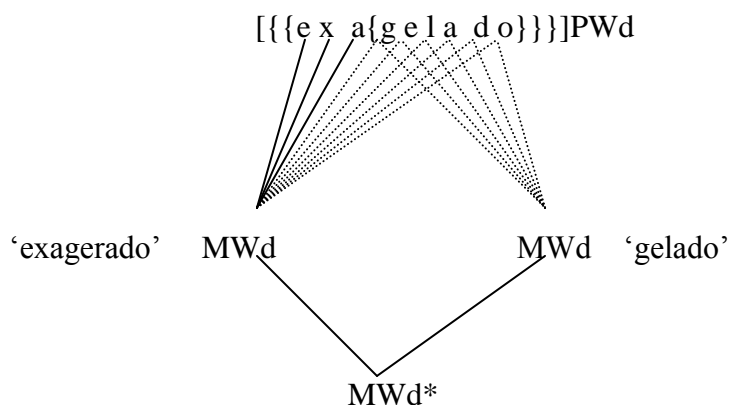
Nos exemplos dados em (62), somente uma das seis margens das MWd’s está desalinhada. As três margens esquerdas das três MWd’s estão alinhadas com a margem esquerda da PWd, já que todas essas margens dominam, respectivamente, o segmentos *m*, *p* e *n*. Do lado direito dos Blends, duas margens das MWd’s estão alinhadas com a margem direita da PWd. Em (62a), somente a margem direita da MWd {mešuxzár} está

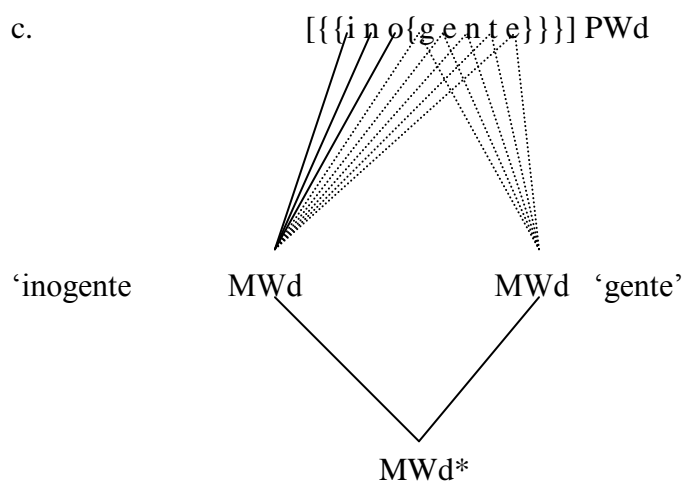
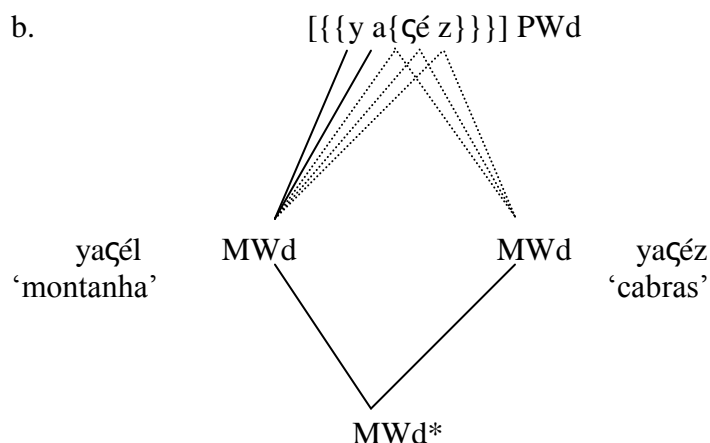
desalinhada. Em (62b), a margem direita da MWd {pedra} está desalinhada, já que essa palavra morfológica termina no meio do Blend e não “alcança” o segmento mais à direita “a”, de ‘pedragógica’. Por fim, o Blend descrito em (62c) também possui apenas uma única margem direita de uma das MWd’s desalinhada, pois a forma de base ‘noite’ estende-se até o meio do Blend, não dominando, portanto, o segmento mais à direita “a”, de ‘noitícia’. As projeções em (62) mostram, portanto, que as formas de base que compõem os Blends deveriam terminar no mesmo ponto para ter um alinhamento perfeito, no entanto, apenas uma das seis margens das MWd’s, em cada um dos exemplos, permanece desalinhada.

A seguir serão mostradas projeções cujo alinhamento da base mais curta ocorre à direita da PWd.

(63) Alinhamento à Direita

a.





Os padrões propostos em (63) sugerem que o local no qual ocorre a sobreposição morfêmica é determinado pelo ALINH ( $M \Leftrightarrow P$ ). Embora essa restrição seja dominada por NO-PWd\*, o Blend ótimo precisa minimizar o maior número possível de violações de ALINH ( $M \Leftrightarrow P$ ). Essa restrição só será otimamente satisfeita se as formas de base começarem e terminarem no mesmo ponto. Desse modo, as seis margens das MWd's estariam alinhadas com as duas margens da PWd.

Para um caso do espanhol, descrito no tableau a seguir, Pineros (1998) argumenta que o candidato (64a) tem um alinhamento perfeito porque projeta uma PWd\*, cujas margens coincidem com as margens da MWd\*. Porém, o fato da restrição

NO-PWd\* estar ranqueada no topo da hierarquia faz com que esses candidato seja excluído da competição. Ainda segundo as palavras do autor, o candidato (64b) não licencia uma PWd\* e, por isso, satisfaz NO-PWd\*, mas comete duas violações de ALINH (M  $\leftrightarrow$  P) porque as margens da categoria MWd\* não estão limitadas pelas margens de uma PWd\*. O candidato (64c) maximiza as margens das MWd's para ter um alinhamento mais adequado, mas ainda possui duas margens de MWd's desalinhadas, já que as duas formas de base não começam e nem terminam no mesmo ponto. O candidato (64d) é o vencedor porque as margens das MWd's estão contidas dentro das margens da PWd. Por ter duas formas de base terminadas no mesmo ponto, esse candidato é o que possui o alinhamento mais adequado. Embora o alinhamento tenha sido violado apenas uma única vez, a restrição NO-PWd\*, mais altamente ranqueada, é respeitada, determinando a seleção do candidato ótimo. A violação mínima do ALINH (M  $\leftrightarrow$  P) é o que faz a diferença entre o candidato vencedor (64d) e seus competidores mais sérios (64b, c).

(64) NO-PWd\* >> ALINH (M  $\leftrightarrow$  P)

Input: futebol gol	NO-PWd*	ALINH (M $\leftrightarrow$ P)
a. [ [ [ [futebol] ] [gol] ] ] PWd*	*!	
b. [ [ [ [futebol] ] [gol] ] ]		*!*
c. [ [ [ [futebol] ] [gol] ] ]		*!*
d. ☺ [ [ [ futgol ] ] ]		*

A proposta de NO-PWd\* >> ALINH (M  $\leftrightarrow$  P) foi inicialmente apresentada por Piñeros (1998) para os casos do espanhol e é utilizada aqui porque funciona perfeitamente para os casos de Blend do hebraico e português.

O ranqueamento NO-PWd\* >> ALINH (M  $\leftrightarrow$  P) força uma das formas de base a sobrepor-se sobre a outra, de modo que o alinhamento também envolve a emergência de segmentos ambimorfêmicos. Isso ocorre porque há seis margens de MWd's para serem alinhadas, mas somente duas margens de PWd disponíveis para licenciá-las. Dessa



maneira, as margens de três MWd's precisam estar alinhadas, ao mesmo tempo, a uma única Pwd, que possui, no entanto, apenas duas margens disponíveis. Esse alinhamento só será possível, então, se houver um compartilhamento de segmentos entre as duas formas de base.

A escolha entre ALINH ( $M \Leftrightarrow P$ ) e  $LX \approx PR$ , segundo Pineros (1998), não se dá de modo casual. ALINH ( $M \Leftrightarrow P$ ), ao contrário de  $LX \approx PR$ , consegue distinguir dois candidatos que não possuam uma Pwd para cada MWd, mas apenas uma dessas MWd's contida no Blend maximiza as duas margens disponíveis da PWD, a outra não. Os tableaux seguintes mostram dois candidatos avaliados por  $LX \approx PR$  e pela restrição de alinhamento ALINH ( $M \Leftrightarrow P$ ). Tal comparação é realizada primeiramente por Piñeros para os casos do espanhol e tem eficácia nos casos do português e hebraico.

(65) Espanhol

Input: piedra pedagogika	$LX \approx PR$
a. [{{piedra} {pedagóxika}}]	**
b. [{{{piedra}góxika}}]	**

Português

Input: copo companheiro	$LX \approx PR$
a. [{{copo} {companheiro}}]	**
b. [{{{copo}anheiro}}]	**

Hebraico

Input: prí yóгурт	$LX \approx PR$
a. [{{prí}{yógurt}}]	**
b. ☺ [{{{prí}gurt}}]	**

Input: piedra pedagogóxika	ALINH ( $M \Leftrightarrow P$ )
a. [{{{piedra}}{pedagóxika}}	**!
b. ☺ [{{{piedra}góxika}}]	*

Input: copo companheiro	ALINH ( $M \Leftrightarrow P$ )
a. [{{{copo}}{companheiro}}]	**!
b. ☺ [{{{copo}anheiro}}]	*

Input: prí yóгурт	ALINH ( $M \Leftrightarrow P$ )
a. [{{prí}{yógurt}}]	**!
b. ☺ [{{{prí}gurt}}]	*

Seguindo a proposta de Pineros (1998), de acordo com  $LX \approx PR$ , os candidatos (65a) e (65b) são igualmente ruins porque ambos têm uma única PWd para três MWd's contidas na forma de *output*. ALINH ( $M \Leftrightarrow P$ ), no entanto, faz com que (65b) seja melhor do que (65a) porque, na sua constituição formal de 65b, há um número maior de margens de MWd's que estão propriamente alinhadas com as margens da PWd. A vantagem do ALINH ( $M \Leftrightarrow P$ ) é que essa restrição avalia formas de output de margem a margem.

A opinião de Pineros é válida para qualquer uma das línguas abordadas neste capítulo: a falha de  $LX \approx PR$  é que as duas margens identificam, ao mesmo tempo, uma PWd para cada MWd. A relação entre palavra lexical e palavra prosódica é medida, neste caso, de categoria a categoria. Dessa forma,  $LX \approx PR$  não tem um alinhamento preciso. Essa justificativa determina, pois, a escolha de ALINH ( $M \Leftrightarrow P$ ) em detrimento de  $LX \approx PR$ .

### **3.3.2 Correspondência *Output-Output* na Morfologia dos Blends**

Uma propriedade distintiva dos Blends é que eles podem “copiar” a estrutura prosódica de uma das formas de base. Bat-EL chamou essa propriedade dos Blends de “propriedade do espelhamento”. No Português, no Hebraico e no Espanhol a forma de base a ser copiada pela forma de *output* tem a tendência de ser equivalente à PWd que envolve a forma de base mais longa.

(66) a. [(cá.ca)]PWd	[co.ca.(í. na)]PWd [ca. ca.(í.na)]PWd
b. [(jóda)]PWd	[pa. ra. (dó.ja)]PWd [pa. ra. (jó.da)]PWd
c. [(kál)]PWd	[(ka).cé. fet]PWd [kal. cé.fet]PWd
d. [(xóf)]PWd	[bu. grá. (xóv)]PWd [bu. grá. (xóf)]PWd
e. [(be.bér)]PWd	[(co. me).mo. rár]PWd [(be. be).mo. rár]PWd
f. [(fei.ra)]PWd	[(Pa.ra).guai]PWd [(Fe.ra).guai]PWd

Autores como Kenstowicz (1994), McCarthy e Prince (1995) e Benua (1995) afirmam que as restrições de fidelidade atuam em outras entidades representacionais além de *input* e *output*. A idéia principal é a de que há uma relação de correspondência entre Base (B) e Reduplicante (R) (Morfologia Reduplicativa), ou entre uma forma de *input* (I) e seu correspondente na forma de *output* (O) (Processos Derivacionais Regulares). No entanto, além dessas correspondências, há também uma relação de correspondência entre duas formas de *output* (O-O).

Na formação dos Blends, existem duas relações de correspondência envolvidas. A primeira delas é a relação de correspondência que governa a derivação das formas de *output* regulares. Essa primeira dimensão representa o domínio dos processos morfológicos mais recorrentes na gramática, ou seja, os processos morfológicos concatenativos (cf. des + leal, in + justo, feliz + mente). Os Compostos Regulares, por exemplo, têm lugar nessa dimensão. O ranqueamento ALINH (M  $\Leftrightarrow$  P)  $\gg$  NO-PWd\*, estabelecido anteriormente, é parte desse domínio.

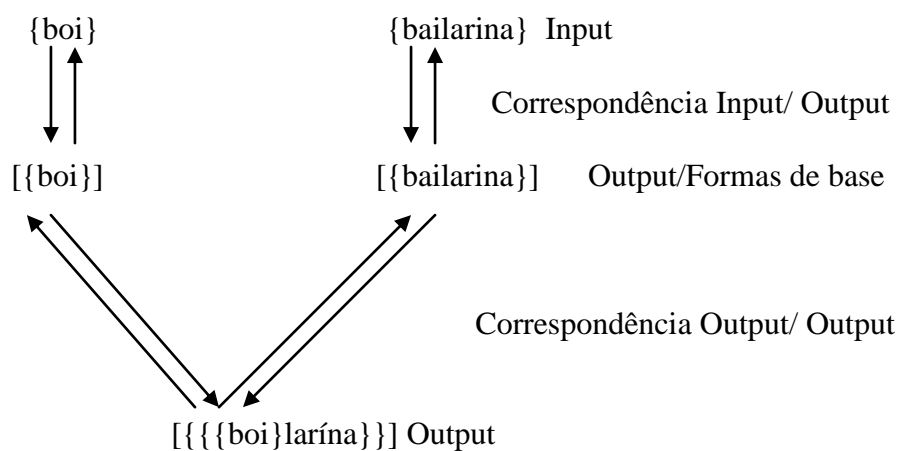
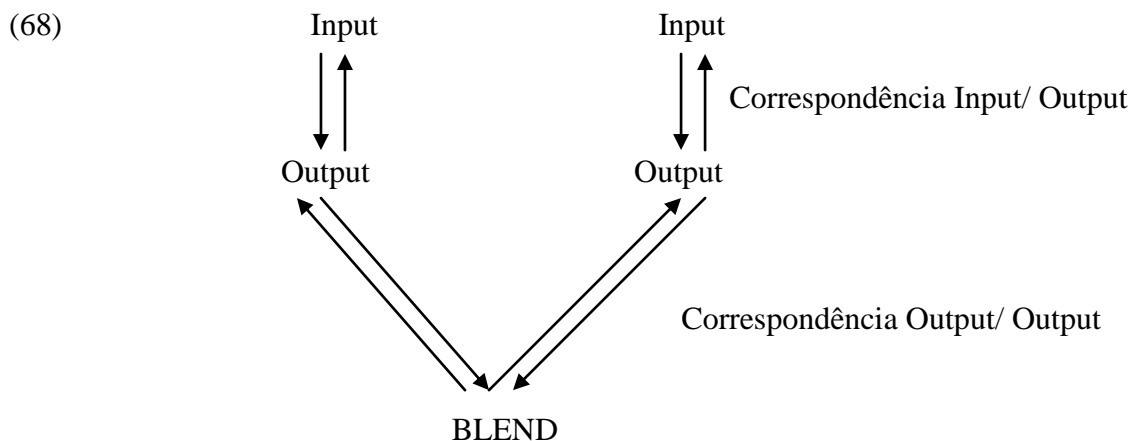
No tableau (67), o candidato (67a) é descartado pelo ALINH ( $M \Leftrightarrow P$ ), porque todas as três MWd's não estão licenciadas pela PWd. ALINH ( $M \Leftrightarrow P$ ) também é responsável pelo descarte dos candidatos (67b) e (67c), porque também há uma falha no licenciamento de MWd's. No ranqueamento ALINH ( $M \Leftrightarrow P$ )  $\gg$  NO-PWd\*, a forma de output ótima é aquela que licencia uma PWd para cada MWd (67d).

(67) ALINH ( $M \Leftrightarrow P$ )  $\gg$  NO-PWd\*

Input: {galo} {loucura}	ALINH ( $M \Leftrightarrow P$ )	NO-PWd*
a. {{galo}{loucura}}	*!*****	
b. {{galo}[[loucura]]PWd}	*!***	
c. {{{galo}}PWd[[loucura]]PWd}	*!*	
d. ☺[[[[galo]]PWd[[loucura]]PWd]]PWd*		*

A segunda relação de correspondência existente na formação dos Blends envolve a dimensão *Output-Output*. É exatamente nessa dimensão que os Blends efetivamente acontecem. Os Blends são exemplos de fenômenos que servem para mostrar que formas de *output* funcionam como formas de base para gerar novas formas de *output*.

Em (68) são mostradas as duas relações de correspondência implicadas na formação dos Blends.



(esquema adaptado de Pineros 1998)

É dentro da correspondência *Output-Output* que o ranqueamento NO-PWd\* >> ALINH (M  $\Leftrightarrow$  P) atua, promovendo a combinação de duas formas de base dominadas por uma única PWd.

A exemplo do que acontece no espanhol, conforme proposta divulgada por Pineros (1998), o modelo proposto acima, através das relações de correspondência, explica por que os Blends espelham propriedades derivadas das formas de base. Conforme Pineros, como Blends e suas respectivas formas de base constituem formas de *output*, suas semelhanças são inevitáveis e não se dão de maneira acidental. Em (68), por exemplo, o Blend [{{{boi}larína}}] “espelha” fielmente a estrutura prosódica da forma de base [{bailarina}], já que as duas formas compartilham o mesmo número de

sílabas e a mesma pauta acentual. Esse fato não é uma mera coincidência, mas uma propriedade consistente dos Blends que evidenciam a capacidade de duas formas de *output* serem diretamente relacionadas. Devido a essa identidade entre Blends e suas formas de base, propõe-se para a análise dos Blends a restrição MAX (FB – B, seg), que promove a identidade entre a forma de base e o Blend em termos de número de segmentos.

(69) MAX (FB – B, seg): Maximização das Formas de Base  
Cada segmento nas formas de base tem um correspondente no Blend.

Desse modo, MAX (FB – B, seg) milita contra a exclusão de segmentos que constituem as formas de base, favorecendo, portanto, a identidade do *output* com suas formas de *input*. Para evitar a distorção de identidade entre o Blend e suas formas de base, e assim obedecer à exigência imposta por MAX (FB – B, seg), as formas de base, ao se cruzarem, realizam um *overlapping*, que faz com que um único segmento do Blend tenha dupla correspondência com as formas de base, assim como mostra o esquema em (70) adaptado de Pineros (1998).

(70)

a. FB1 [t]<sub>seg1</sub>[é]<sub>seg2</sub>[l]<sub>seg3</sub>[e]<sub>seg4</sub>[f]<sub>seg5</sub>[o]<sub>seg6</sub>[n]<sub>seg7</sub>  
FB2 [p]<sub>seg a</sub>[é]<sub>seg b</sub>[l]<sub>seg c</sub>[e]<sub>seg d</sub>

B [p]<sub>seg1/a</sub>[é]<sub>seg2/b</sub>[l]<sub>seg3/c</sub>[e]<sub>seg4/d</sub>[f]<sub>seg5/e</sub>[o]<sub>seg6/f</sub>[n]<sub>seg7/g</sub>

b. FB1 [i]<sub>seg1</sub>[n]<sub>seg2</sub>[o]<sub>seg3</sub>[g]<sub>seg4</sub>[e]<sub>seg5</sub>[n]<sub>seg6</sub>[t]<sub>seg7</sub>[e]<sub>seg8</sub>  
FB2 [g]<sub>seg a</sub>[e]<sub>seg b</sub>[n]<sub>seg c</sub>[t]<sub>seg d</sub>[e]<sub>seg e</sub>

B [i]<sub>seg1/a</sub>[n]<sub>seg2/b</sub>[o]<sub>seg3/c</sub>[g]<sub>seg4/d</sub>[e]<sub>seg5/e</sub>[n]<sub>seg6/f</sub>[t]<sub>seg7/g</sub>[e]<sub>seg8/h</sub>

c. FB1 [e]<sub>seg1</sub>[x]<sub>seg2</sub>[a]<sub>seg3</sub>[g]<sub>seg4</sub>[e]<sub>seg5</sub>[r]<sub>seg6</sub>[a]<sub>seg7</sub>[d]<sub>seg7</sub>[o]<sub>seg8</sub>  
[g]<sub>seg a</sub>[e]<sub>seg b</sub>[l]<sub>seg c</sub>[a]<sub>seg d</sub>[d]<sub>seg e</sub>[o]<sub>seg f</sub>

B [e]<sub>seg1/a</sub>[x]<sub>seg2/b</sub>[a]<sub>seg3/c</sub>[g]<sub>seg4/d</sub>[e]<sub>seg5/e</sub>[l]<sub>seg6/f</sub>[a]<sub>seg7/g</sub>[d]<sub>seg8/h</sub>[o]<sub>seg9/i</sub>

No Blend “pélefon”, os quatro primeiros segmentos atuam como correspondentes não só dos quatro primeiros segmentos da FB1 “télefon”, mas também dos quatro segmentos que compõem a FB2 “péle”. O mesmo ocorre com os Blends (70b) e (70c). Em (70b), os cinco últimos segmentos de “inogente” estão em perfeita correspondência com os cinco segmentos que compõem a FB2 “gente”. Em (70c), os seis últimos segmentos que fazem parte da FB1 ‘exagerado’ fazem *overllaping* com os seis segmentos que compõem a FB2 ‘gelado’

Como as formas de base precisam estar alinhadas de modo que elas possam maximizar o uso das duas margens da PWd, isso força a FB2 (a mais curta) a se sobrepor sobre uma das margens de FB1 (mais longa).

### 3.3.3 A Manutenção da Identidade nos Blends

Apesar de segmentos ambimorfêmicos atenuarem a gravidade de infrações de MAX (FB – B, seg), Pineros afirma que, em espanhol, existem Blends que não possuem exatamente um segmento correspondente para cada segmento na forma de base. Esse comportamento leva a supor, então, que a restrição de correspondência MAX (FB – B, seg) seja dominada por outras restrições que regulam o grau de identidade entre Blend e a forma de base a ser preservada. Esse comportamento também se aplica aos Blends do português brasileiro. Nesta seção, será explorado, portanto, como a restrição MAX (FB – B, seg) interage com outras restrições que estão ativadas na dimensão de correspondência *Output-Output*.

Segundo opinião de Pineros (1998), embora MAX (FB – B, seg) seja uma restrição dominada, a Identidade (FB – B) pode ser até certo ponto garantida, pois certos segmentos no Blend podem estar em correspondência concomitante com dois

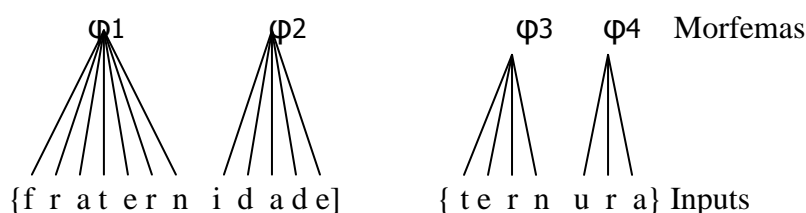
segmentos nas formas de base, um na FB1 e o outro na FB2. Segmentos ambimorfêmicos como esses evitam violações da restrição MAX (FB – B, seg). Entretanto, o compartilhamento de segmentos ambimorfêmicos por ambas as formas de base tem um custo na escolha do candidato ótimo. McCarthy e Prince (1995) formalizam essa proposta através da restrição MORF-DIS.

(71) MORF-DIS: Disjuntividade Morfêmica

$x \subset M_i \Rightarrow x \not\subset M_j$ , para instâncias de morfemas  $M_i \neq M_j$ . Isto é, distintas instâncias de morfemas têm conteúdos distintos.

Em outras palavras, não pode haver sobreposição de morfemas. Cada segmento  $x$  está associado com um morfema  $M$ , denominado “*Morfema Associativo*”, e escrito:  $x \subset M$ . Em seguida, tem-se esquematizado essa associação com um exemplo do Português.

(72)

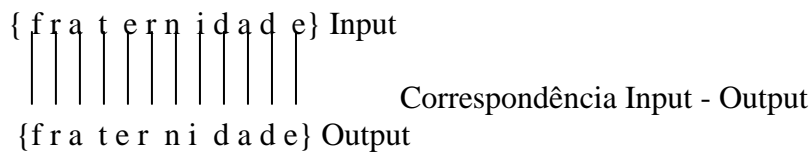


(esquema adaptado de Pineros, 1998)

Assim como sugeriu Pineros (1998) para os Blends do espanhol, no português brasileiro, cada segmento  $x$  também está associado a um morfema. Os segmentos /f, r, a, t, e, r, n, u, r, a/ estão associados ao morfema φ1. Similarmente, os segmentos /i, d, a, d, e/ estão associados com o φ2, os segmentos /t, e, r, n/ estão associados a φ3 e assim sucessivamente. Desse modo,  $\{f, r, a, t, e, r, n\} \subset \phi_1$ ,  $\{u, r, a\} \subset \phi_2$ ,  $\{t, e, r, n\} \subset \phi_3$ , etc... Na dimensão de correspondência *Input – Output*, cada morfema está associado a um correspondente na forma de *output*. Há, portanto, a relação de um para um entre o *input* e os segmentos de *output* e vice-versa.



(73)

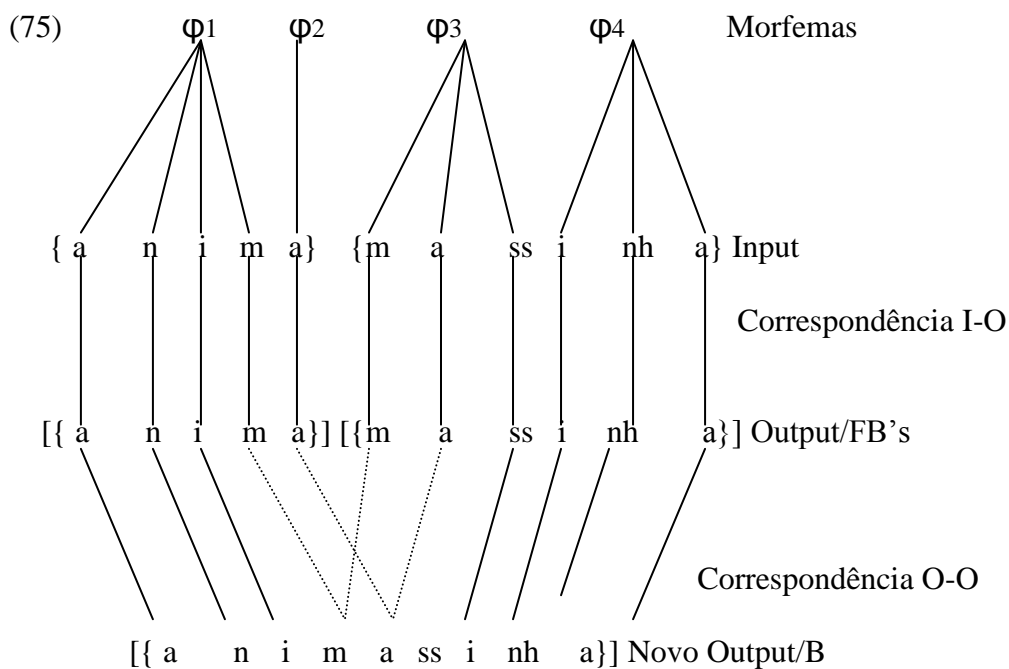


Essa relação de um para um é forçada pelas restrições de correspondência UNIFORMIDADE e INTEGRIDADE (McCarthy e Prince, 1995).

(74)

UNIFORMIDADE: Nenhum elemento em S2 tem correspondências múltiplas em S1.  
INTEGRIDADE: Nenhum elemento em S1 tem correspondências múltiplas em S2.

Contudo, Pineros (1998) defende que essas condições podem ser violadas na formação dos Blends, nos quais dois morfemas podem ser sobrepostos caso os segmentos em questão sejam compatíveis foneticamente. A representação seguinte ilustra essa relação de dois para um.



(esquema adaptado de Pineros 1998)

Segundo o pesquisador, é na dimensão de correspondência *Output-Output* é que acontece a relação de dois para um entre os segmentos das formas de base e um correspondente no Blend. Se x é um segmento de Base 1 e y é um segmento da Base 2, e se x e y tiveram características idênticas, então x e y podem ter uma única correspondência no Blend. A restrição MORF-DIS, definida anteriormente, penaliza esse tipo de correspondência, relação típica de segmentos ambimorfêmicos.

A compatibilidade fonêmica entre as duas formas de base evita violações de MAX (FB-B, seg). Em (76), nenhum segmento da FB1 ou da FB2 precisa ser sacrificado devido à possibilidade de dois segmentos nas formas de base serem representados por um único correspondente no Blend. Esse fato leva à conclusão de que a restrição MORF-DIS deve ser dominada por MAX (FB-B,seg).

(76) MAX (FB-B, seg) >> MORF-DIS

Input: {piédra} [pedagóxika]	MAX (FB-B, seg)	MORF-DIS
a. [{{piedra}{góxika}}	*!***	
b. ☺[{{{piedra}góxika		peda
Input:{criar} [arte}	Max(FB –B, seg)	MORF-DIS
a. [{{criar}{te}}	**	
b. ☺ [{{{criar}te}}		ar
Input: {míc} {mecuyán}	MAX(FB-B, seg)	MORF-DIS
a. [{{mic}{uyán}}	***	
b. ☺[{{{mic}uyán}}		míc

Foneticamente, não há diferença entre os candidatos (76a) e (76b) nos três tableaux. Entretanto, há diferenças formais, já que eles participam de diferentes relações de correspondência. Nos candidatos (76a), nenhum segmento da FB1 está em correspondência com algum segmento da FB2. Isso significa que os segmentos das FB's não têm correspondência no Blend. Os candidatos (76b) são os preferidos porque todos

eles evitam violações da restrição mais altamente ranqueada MAX(FB-B, seg), pois ambas as FB's compartilham segmentos em comum.

Entretanto, quando a compatibilidade entre as duas formas de base não é perfeita, a perda de alguns segmentos não pode ser evitada (p.ex. *copoanheiro* < *copo* + *companheiro*; *srigamíc* < *saríg* + *gamíc*). Diante disso, levando em consideração que os Blends menosprezam a eliminação de material segmental, Pineros propõe que as restrições NO-PWd\* e ALINH (M  $\leftrightarrow$  P) precisam dominar MAX (FB-B, seg). Em razão disso, o ranqueamento de restrições identificado na formação dos Blends é o seguinte:

(77) NO-PWd\* >> ALINH (M  $\leftrightarrow$  P) >> MAX (FB-B, seg)

O referido autor garantiu que a relação MAX (FB-B, seg) >> MORF-DIS serve para minimizar o risco de uma identidade total entre o Blend e as formas de base. O tableau (78) ilustra, com dado do Português, a seleção da forma de *output* ótima, cujas formas de base são extensivamente compatíveis.

(78)

{fraternidade}{ternura}	NOPWd*	ALINH(M $\leftrightarrow$ P)	MAX(FBseg)	MORF-DIS
a. [{fraternidade}][{ternura}]	*!			
b. [{fraternidade}{ternura}]		*!*		
c. [fra]{ternura}]		*!*	ternidade	
d. ☺[fra]ternura}]		*		tern

Pela violação de MORF-DIS, o candidato (78d) estabelece perfeita satisfação da restrição de correspondência MAX(FB-B, seg), que é mais importante do que MORF-DIS. No candidato (78c), entretanto, os segmentos /t, e, r, n/ são correspondentes

exclusivos dos morfemas /t, e, r, n/ pertencentes ao  $\Phi_2$  {t, e, r, n, u, r, a}. Isso significa que os morfemas associativos /t, e, r, n/ de  $\Phi_1$  {f, r, a, t, e, r, n, i, d, a, d, e} não têm correspondência com a forma de output, o que leva a quatro violações fatais de MAX(FB-B, seg). Além disso, o candidato (78c) está desalinhado, pois a margem esquerda da MWd não coincide com a margem esquerda da PWd. Essas duas violações de ALINH(M  $\Leftrightarrow$  P) são suficientes para o descarte do candidato (78c). No topo do ranqueamento, NO-PWd\* exclui, de imediato, o candidato (78a), embora ele respeite ALINH (M  $\Leftrightarrow$  P), MAX (FB-B, seg) e MORF-DIS. O candidato (78b) contém duas margens desalinhadas, o que também o coloca fora da competição.

Diante do funcionamento dos tableaux apresentados até agora, conclui-se que no português, assim como descrito por Pineros (1998) nos casos do espanhol, a compatibilidade fonêmica propicia ao Blend a manutenção de uma identidade ótima em relação às formas de base. O Blend será tanto melhor, quanto mais segmentos em comum ter com as formas de base. Com MAX dominando MORF-DIS, haverá maior compatibilidade fonêmica entre as formas de base e, desse modo, haverá obviamente uma maior similaridade entre elas e os Blends.

Comentou-se anteriormente que o ALINH(M  $\Leftrightarrow$  P) foi identificado como um dos princípios que governam o local exato do *overlapping* morfológico. Mas Pineros garante que o ALINH(M  $\Leftrightarrow$  P) não é suficiente para se determinar o local da sobreposição. Como foi visto, essa restrição pode ser otimamente satisfeita se as duas palavras morfológicas começarem e terminarem no mesmo ponto. Segundo ele, esse fato, no entanto, reduz as possibilidades de combinação entre as formas de base. Conseqüentemente, o ALINH (M  $\Leftrightarrow$  P) é incapaz de decidir por si mesmo qual é o local preciso dos Blends. Contudo, quando Identidade (FB-B) é também levada em consideração, Pineros alega que há somente um caminho ótimo pelo qual as formas de

base podem combinar-se. Por exemplo, no Blend “*cãopanhia*”, a forma de base mais curta ‘*cão*’ encontra-se amalgamada do lado esquerdo do Blend, já que é na margem esquerda que a forma “*companhia*” tem maior compatibilidade fonêmica com a forma “*cão*”. Esse fato é importante, já que explica o porquê da forma de *output* ótima ser “*caõpanhia*” e não um candidato como \**compacão*. Por isso que nos tableaux descritos em (79), logo a seguir, apenas a forma que explora a compatibilidade fonêmica entre as formas de base é o candidato ótimo, já que evita violações de MAX(FB-B, seg). Dessa maneira, verifica-se que o alinhamento e a compatibilidade fonêmica são as duas propriedades, que juntas, determinam o lugar preciso do amálgama.

(79)

Espanhol

FB: {inogénte} {génte}	NOPWd*	ALINH(M↔P)	MAX(FB-B,seg)	MORF-DIS
a. [ [ [ inogénte ] [ génte ] ] ]	*!			
b. [ [ [ inogénte ] { génte } ] ]		*!*		
c. [ [ { inogen } { génte } ] ]		*!*	te	
d. [ [ { ino } { génte } ] ]		*!*	gente	
e. ☺ [ [ { ino } { <u>génte</u> } ] ]		*	c	ente

Português

FB: {criar} {arte}	NOPWd*	ALINH(M↔P)	MAX(FB-B,seg)	MORF-DIS
a. [ [ [ criar ] [ arte ] ] ]	*!			
b. [ [ [ criár ] { árte } ] ]		*!*		
c. [ [ { criár } { te } ] ]		*!*	ar	
d. [ [ { cri } { árte } ] ]		*!*	ar	
e. ☺ [ [ { cri } { <u>árte</u> } ] ]		*		ar

Hebraico

FB: {kankán} {kál}	NO-PWd*	ALINH(M↔P)	MAX(FB-B,seg)	MORF-DIS
a. [ [ [ kankán ] [ kál ] ] ]	*!			
b. [ [ [ kankan ] { kál } ] ]		*!*		
c. [ [ { kan } { kál } ] ]		*!*	kan	
d. ☺ [ [ { kan } { <u>kál</u> } ] ]		*	n	ka

Português

FB: {feira} {Paraguai}	NO-PWd*	ALINH(M $\leftrightarrow$ P)	MAX(FB-B,seg)	MORF-DIS
a. [ [ [ {feira} ] [ {Paraguai} ] ] ]	*!			
b. [ [ {feira} ] {Paraguai} ] ]		*!*		
c. [ [ {feira} ] {guai} ] ]		*!*	para	
d. ☺ [ [ [ {feira} ] guai ] ] ]		*	pa	ra

Espanhol

FB: {dedo} {democracia}	PWd*	ALINH(M $\leftrightarrow$ P)	MAX(FB-B)	MORF-DIS
a. [ [ [ {dedo} ] [ {democracia} ] ] ]	*!			
b. [ [ {dedo} ] {democracia} ] ]		*!*		
c. [ [ {dedo} ] {mocracia} ] ]		*!*	de	
d. ☺ [ [ [ {dedo} ] cracia ] ] ]		*	m	de o

Hebraico

FB: {péle} {telefon}	PWd*	ALINH(M $\leftrightarrow$ P)	MAX(FB-B)	MORF-DIS
a. {péle} {telefon}	*!			
b. [ [ {péle} ] {telefon} ] ]		*!*		
c. [ [ {péle} ] {lefon} ] ]		*!*	te	
d. ☺ [ [ [ {pele} ] fón ] ] ]		*	t	ele

Os tableaux de (79) mostram que existe um ranqueamento padrão para os Blends tanto no português quanto no hebraico, não importando se o local do *overlapping* é na margem esquerda ou na margem direita. É a interação dos princípios que determina a formação do Blend. Logo, uma vantagem dessa análise é que não se tem de estipular uma ordem para as formas de base serem dispostas por GEN.

As formas de base sempre se combinam da melhor maneira possível para satisfazerem a correspondência *Output-Output*.

Devido ao fato da restrição MORPH DIS ser dominada por MAX(SF-BL), é permitido que um ou mais segmentos do Blend possuam múltiplos segmentos correspondentes nas formas de base, de modo que estejam sobrepostos, atenuando,

portanto, infrações cometidas à MAX(SF-BL). É sabido também que um ou mais segmentos do Blend tenham correspondentes não idênticos nas formas de base, porque MAX(SF-BL) além de dominar MORPHDIS, domina também IDENT(SF-BL), cuja função é manter a mesma especificação de segmentos do *output* (Blend) para o *input* (Forma de Base):

(80)

IDENT(SF-BL): Identidade de Traços entre o Blend e a Forma de Base  
Segmentos correspondentes têm o mesmo valor para o traço F. Não deve haver permuta de traços do Blend para a Forma de Base.

Constata-se a interação de MAX(SF-BL) com MORPHDIS e IDENT(SF-BL) em Blends do português brasileiro como *'bebemorar'* e *'pilantropia'*. Considerando a ancoragem, o Blend *'bebemorar'* maximiza otimamente as margens das três palavras morfológicas com a única palavra prosódica. Ancora-se, portanto, três margens de MWD à esquerda e duas à direita, apenas a margem direita de *'beber'* permanece desancorada. Graças à ambimorfemicidade de segmentos, a gramática dos Blends procura manter um ancoramento quase perfeito das margens das respectivas palavras morfológicas com as margens da palavra prosódica, o que ocasiona violações a MORPHDIS, porque segmentos presentes no Blend se associam, concomitantemente, a mais de um segmento das bases que integram a sua formação. Para atestar essa relação, são dados a seguir candidatos com a mesma estrutura fonética, mas com estruturação morfológica distinta em cada um deles. Essa diferença está formalmente representada por um traço sublinhado, conforme o próximo tableau:

(81)

[{beber}][{comemorar}]	MAX(SF-BL)	MORPHDIS	IDENT(SF-BL)
a. [{bebemorar}]	come		
b. [{bebemorar}]	ome	*	
c. [{bebemorar}]	me	**	
d. [{bebemorar}]	c m	**	
e. [{bebemorar}] ☺		****	/ k ≠ b // m ≠ b /

Embora esses candidatos sejam idênticos do ponto de vista fonético, possuem diferentes relações de correspondência entre as formas de *input* e formas de *output*. Em *a* os quatro primeiros segmentos do blend \_\_ / b /, / e /, / b / e / e / \_\_ estão em correspondência com os segmentos que integram a forma de base mais curta ‘beber’. Assim sendo, os segmentos / k /, / o /, / m / e / e /, da forma de base mais comprida ‘comemorar’, não têm correspondentes no Blend, o que provoca quatro violações a MAX(SF-BL). Em *b* e *c*, observa-se que há uma diminuição na quantidade de segmentos sem correspondência em ambas as formas de base. Vê-se que segmentos ambimorfêmicos no Blend atenuam violações a MAX(SF-BL). O candidato *e* é escolhido como ótimo porque evita qualquer infração a MAX(SF-BL), fazendo com que os quatro primeiros segmentos estejam em perfeita correspondência tanto com a forma de base mais curta ‘beber’, quanto com a forma de base mais longa ‘comemorar’. Portanto, a ambimorfemicidade estabelecida entre segmentos é um artifício empregado pela gramática dos Blends para manter a fidelidade em relação às formas de base. O candidato *e* viola quatro vezes MORPHDIS e duas vezes IDENT(SF-BL), ao contrário dos demais candidatos que as violam um menor número de vezes, mas sua escolha como candidato ótimo já foi determinada por MAX(SF-BL), restrição essa que domina MORPHDIS e IDENT(SF-BL) na hierarquia.



### 3.3.4 Considerações sobre o Capítulo

A análise dos dados dos Blends no português, espanhol e hebraico mostra que a preservação da Identidade deve ser sempre garantida por uma restrição que dê conta da disjuntividade morfêmica entre os segmentos da forma de base e seus respectivos segmentos correspondentes nas formas de output. No entanto, a análise de Piñeros (2000) para os casos dos Blends do espanhol, que estabeleceu a hierarquia ALINH (M ↔ P) >> NO-PWd\* >> MAX seg >> MORF DIS e que apresenta igual funcionalidade para os casos dos portmanteaus do português, é mais apropriada em detrimento da análise de Bat-El (1993) para os Blends do hebraico, já que a análise desse autor é restrita aos casos do hebraico, enquanto que a proposta de Piñeros (2000) consegue dar conta dos casos do espanhol, português e hebraico.. Além do mais, a hierarquia de restrições proposta por Bat-El (1993:307), DISC >> σ DEP >> FT-CONTRIB E1 >> σ CONT, FT-CONTRIB E2 >> MAXseg, é problemática devido a dois motivos fundamentais: o primeiro deles consiste no fato de que a análise de Bat-El não faz referência alguma a restrição de ALINH (M ↔ P), sendo portanto incapaz de explicar um fator também crucial para a explicação dos portmanteaus do hebraico: a correspondência entre margens, Esquerda/Direita da categoria ‘Palavra Morfológica’ com a margem correspondente da categoria ‘Palavra Prosódica’. Dessa forma, a hierarquia NO-PWd\* >> ALINH (M ↔ P) >> MAX (FB-P) >> MORF-DIS é mais pertinente do que a proposta por Bat-EL (1993), porque tem a vantagem de permitir distinções mais precisas entre formas de output concorrentes, pois o licenciamento é medido de margem à margem; o segundo fator problemático é que na análise de Bat-EL (1993) não é possível distinguir Blends de compostos, já que ela não faz referência nenhuma à proibição de recursividade da palavra prosódica complexa.

No mais, pela hierarquia de restrições aqui adotada, NO-PWD\* >> ALINH (M ↔ P) >> MAX(FB-P) >> MORF-DIS, é perfeitamente possível garantir, até certo ponto, a identidade entre base e Blend. Aqui, ao contrário da proposta de Bat-EL (1993), mesmo que MAX(FB-P) seja uma restrição dominada por NO-PWD\* e ALINH (M ↔ P), ela domina MORF-DIS e, por isso garante que alguns segmentos do portmanteau estejam em correspondência concomitante com dois segmentos na forma de base.

Conclui-se, então, que a proposta trazida por Piñeros (2000) é mais abrangente porque consegue explicar satisfatoriamente dados do espanhol, hebraico e português. Fato este que não acontece com a proposta de Bat-El (1993), que tem caráter mais específico e que permite explicar em parte apenas os portmanteaus do hebraico.

Nos capítulos próximos dois capítulos sucessivos, outro fenômeno não-concatenativo é descrito, os hipocorísticos, a fim de verificar se hipocorísticos têm as mesmas características e obedecem às mesmas restrições tanto no português do Brasil quanto no espanhol.

## Capítulo 4

### HIPOCORÍSTICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nesta parte do trabalho, é feita uma análise dos Hipocorísticos do português brasileiro sob a perspectiva da Teoria da Otimalidade (McCarthy & Prince, 1993) e Teoria da Correspondência (McCarthy & Prince, 1995). Os Hipocorísticos, por exigirem referência a outras entidades representacionais, além de *input* e *output*, não podem ser explicados apenas com aplicação da Otimalidade Clássica, mas sim com a aplicação da Teoria da Correspondência, pois essa amplia a noção de FIDELIDADE que fora estabelecida inicialmente por McCarthy & Prince (1993). A ampliação desse conceito é importante porque fenômenos morfológicos não-concatenativos, tais como os Hipocorísticos, envolvem um tipo especial de morfologia, já que acessam informações prosódicas e se submetem às pressões fonotáticas da língua, além das mudanças nas formas de base levarem à expressão de um significado e, em razão disso, formas subjacentes não podem ser idênticas às formas de superfície. A identidade entre essas formas deve ser checada não entre uma única forma de *input* e uma de *output*, mas entre *inputs* (palavra-base) e *outputs* ou mesmo entre *outputs* (base e produto de processos morfológicos).

Assim como já observou Mester (1990), a Hipocorização não envolve um simples apagamento de seqüências fônicas da base, mas é caracterizada por um mapeamento de segmentos melódicos da base para um molde prosodicamente definido. Por isso, a Morfologia Prosódica é usada para mostrar que a Hipocorização atua como delimitador que reduz a palavra-base a um tamanho prosódico definido.

Serão descritos, nas seções subseqüentes, os mecanismos ativados pela Hipocorização a fim de que se possa, na análise, explicar a atuação das restrições de FIDELIDADE e MARCAÇÃO e justificar a hierarquia entre elas.

## Os Princípios da Morfologia Prosódica

A Morfologia Prosódica tem como objetivo explicar a interação entre Morfologia e Fonologia e, para que esse objetivo seja alcançado, McCarthy & Prince (1990:98) definem os princípios essenciais de tal modelo teórico:

- (i) Hipótese Básica da Morfologia Prosódica:  
*Templates* são definidos em termos de unidades prosódicas, tais como mora ( $\mu$ ), sílaba ( $\sigma$ ), pé ( $\Sigma$ ) e palavra fonológica ( $\omega$ );
- (ii) Condições de Satisfação do Molde:  
Fenômenos morfológicos satisfazem um molde específico, que pode ser determinado por princípios universais da Prosódia ou por princípios de boa-formação de cada língua específica;
- (iii) Circunscrição Prosódica:  
O domínio sobre o qual certas operações morfológicas atuam pode ser mapeado por primitivos prosódicos.

Para a Morfologia Prosódica, as representações morfológicas são efetuadas numa dimensão multilinear capaz de formalizar o encadeamento descontínuo dos fenômenos não-concatenativos. Seguindo Gonçalves (2005) e Piñeros (1998, 2000), pode-se dizer que a compreensão dos Hipocorísticos dar-se-á, então, em um espaço multidimensional, na qual primitivos morfológicos interagem com primitivos prosódicos.

Para De Lacy (1999), a Hipocorização leva-nos a crer que existe a noção de morfema em fenômenos não concatenativos, mas essa noção pode ser concebida apenas como circunscrição efetuada sobre as bases. Entende-se por circunscrição uma entidade morfológica que não possui conteúdo subjacente, cuja constituição resulta da cópia da base e das restrições aplicadas sobre a forma prosódica.

## 1. O Conceito de Hipocorísticos

Entende-se por Hipocorístico o processo usado na linguagem familiar para traduzir carinho (Borba, 1971: 82) ou qualquer palavra criada por afetividade (Câmara Jr., 1968:193), incluindo-se aí certos diminutivos (*filhinho, benzinho, titia, tetéia, dodói, etc...*).

Vê-se logo que tais conceitos são bastante amplos, tornando-se, pois necessária uma delimitação mais rígida. Em sentido restrito, o Hipocorístico designa uma alteração do prenome ou sobrenome, mas essa alteração mantém a identidade com a forma original.

De acordo com Gonçalves (2004), para que ocorra Hipocorização, é preciso que haja relação de correspondência com o prenome, ou seja, deve haver fidelidade suficiente para que o antropônimo seja rastreado a partir do Hipocorístico. Desse modo, ‘Zé’ é Hipocorístico de ‘José’, mas ‘Cazuza’ é tido somente como apelido de ‘José’. Logo, deduz-se que todo Hipocorístico é apelido, mas nem todo apelido é Hipocorístico.

Pode-se notar que, na maior parte dos Hipocorísticos recolhidos para integrarem os dados, o acento dos prenomes são preservados (cf. 1a). No entanto, em menor quantidade, há Hipocorísticos que não preservam a pauta acentual da palavra-matriz (cf. 1b):

(1) a)

Anacléto → Cléto  
Getúlio → Túlio  
Henrique → Ríque  
Cristina → Tina  
Fernando → Nando  
Augusta → Guta  
Isabel → Bel  
Marissól → Sól  
Nicoláu → Láu  
Raquél → Quél  
Florisvál → Vál  
Albertina → Tina

b)

Cristina → Crís  
Fernando → Fér  
Melissa → Mél  
Rafaél → Ráfa  
Heloísa → Helô  
Maristela → Mári  
Juvanete → Juva

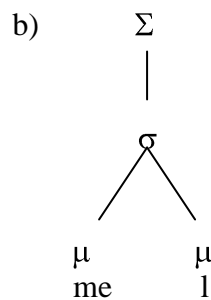
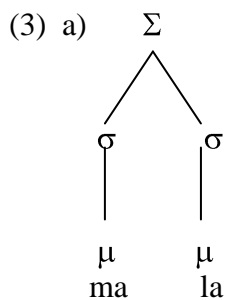
## 2. Os Limites para a Manifestação dos Hipocorísticos

Ainda hoje, não se chegou a um consenso no que diz respeito ao tipo de pé tomado como básico na língua. Abordagens métricas sobre o acento primário não compactuam a mesma opinião. Lee (1995) considera que o troqueu silábico prevalece nos verbos e o iambo nos não-verbos, entretanto, Massini (1995) sugere ser o troqueu moraico o pé básico do português. Sem o intuito de resolver essa questão, Gonçalves (2004) admite que o troqueu moraico desempenha papel importante na formação da palavra-mínima em português.

Nespor & Vogel (1986) propõem que o pé é o constituinte localizado entre a sílaba e a palavra fonológica na hierarquia prosódica. Essa hierarquia é representada da seguinte maneira:  $\omega > \Sigma > \sigma > \mu$ . De acordo com Gonçalves (2004), em português, vocábulos com rima ramificada (cf. 2 a ) e vocábulos com duas sílabas constituídos de sílaba final leve (cf.2 b) são considerados palavras mínimas porque a palavra fonológica ( $\omega$ ) domina um único pé ( $\Sigma$ ).

(2) a)	mel	b) mala
	véu	bola
	cor	selo

Em 2a, as duas moras do troqueu situam-se em uma única sílaba (cf. ilustração de 3b). Em 2b, as duas moras do troqueu situam-se, cada uma delas, em sílabas leves (cf. ilustração 3a).

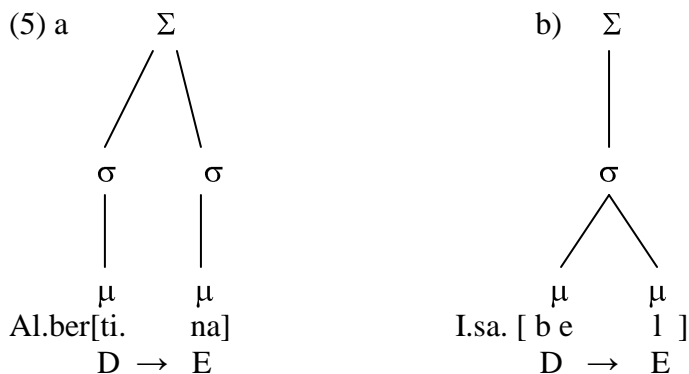


Da mesma forma que essas palavras, Gonçalves (2004) garante que os Hipocorísticos do português brasileiro nunca podem ultrapassar duas sílabas, ou seja, há uma espécie de “limite” para que eles aconteçam no português. Para o pesquisador, “levando-se em conta que o pé básico do português é o troqueu moraico, hipocorísticos podem ser considerados as menores derivações da língua portuguesa” (Gonçalves 2004:6).

- (4) Isabél → Bél  
 Augústa → Gúta  
 Heléna → Léna  
 Quiríno → Nino

Bisol (1989) mostra que a vogal tônica do pé localizado mais à direita constitui a primeira mora do troqueu. Caso haja ditongo pesado ou coda na sílaba final, o troqueu será monossilábico, como ‘Bel’ (de ‘Isabel’) e ‘Quel’ (de ‘Raquel’). Se o núcleo ou rima da sílaba final não contiver ramificação, ter-se-á um troqueu dissilábico, como ‘Tina’ (de ‘Albertina’) e ‘Nando’ (de ‘Fernando’). A seguir tem-se o procedimento de circunscrição prosódica formalizado. Nele vê-se que há atuação de *Weight By Position*, que requer a relevância do peso silábico apenas no final da palavra nos casos de formação do troqueu moraico. Gonçalves (2004) já havia atestado que, nesses casos, a sílaba tônica da base coincide com a sílaba tônica do Hipocorístico. Essa circunscrição mantém as duas últimas

sílabas da base ou a última sílaba da forma de base com a preservação de duas moras em sua estrutura. Portanto, a regularidade nos Hipocorísticos com corte à esquerda não é a recorrência de duas sílabas, mas sim a manifestação de duas moras. Sendo assim, o troqueu moraico é mais pertinente na análise desse tipo de Hipocorístico.



Gonçalves (2004) foi o primeiro pesquisador brasileiro a observar, segundo McCarthy & Prince (1990), que as duas circunscrições descritas acima configuram uma circunscrição positiva, porque o conteúdo segmental não utilizado, na constituição dos Hipocorísticos, é o que fica fora desse domínio.

A circunscrição positiva dada por McCarthy & Prince é definida graças à direcionalidade do processo, no caso dos Hipocorísticos, da direita para a esquerda (D → E) e também devido à formação de um pé troqueu moraico [μ μ].

Conclui-se, portanto, que é a porção rastreada pela circunscrição que promove a constituição dos Hipocorísticos.



### 3. Características dos Hipocorísticos do Português Brasileiro

De acordo com Monteiro (1987), o português, assim como outras línguas, recorre a vários mecanismos para encurtar o nome próprio. A Hipocorização funciona pelo menos de quatro maneiras distintas, conforme as seguintes formulações:

(6)

a) Dado um prenome, produz-se um Hipocorístico pela eliminação dos elementos silábicos anteriores à sílaba tônica.

Heléna → Léna	Raquél → Quél
Anacléto → Cléto	Fabíola → Bíla
Getúlio → Túlio	Alexáandre → Xánde
Henrique → Ríque	Lucimíla → Míla
Albertína → Tína	Benedíto → Díto
Fernándo → Nándo	Conceição → Ceíça

b) Dada uma base, obtém-se um Hipocorístico pela supressão dos elementos silábicos finais, constituídos de formas dissilábicas ou monossilábicas, as quais possuem sempre duas moras em suas estruturas. Formas dissilábicas são caracterizadas ainda por padrões CVCV, CCVCV, VCV, VCCV ou CCVCV, cujo acento recai sobre a última ou penúltima sílaba. Já as formas monossilábicas têm padrão CCVC, CVV ou CVC e a sílaba final é travada por uma líquida *l* (cf. ‘Val’), por um [s] (cf. ‘Cris’) ou apresenta ditongo decrescente (‘Léo’).

Clodoáldo → Clodô  
Eduárdo → Edú  
Patrícia → Páti  
Cristína → Crís  
Rafaél → Ráfa  
Valquíria → Vál  
Juvanete → Júva  
Ludmila → Lúdi

c) Dado um prenome, o Hipocorístico é resultante da seleção de apenas uma única sílaba deste prenome.

Lívia → Li	Juliana → Ju
Luciana → Lu	Flávia → Flá

Leandra → Lê      Driete → Dri  
Teresa → Tê      Lavínea → Lá  
Ciane → Ci      Mara → Má

d) Formação de Hipocorísticos através da repetição de uma única sílaba.

Carlos → Cacá      Julieta → Juju  
Luiz → Lulu      Fátima → Fafá  
Teresa → Tetê      Liliane → Lili

e) Dado dois prenomes, o hipocorístico é formado pela junção das duas primeiras sílabas de cada um dos prenomes.

Carlos Eduardo → Caê  
Maria Lúcia → Malú

De imediato, pode-se observar que apesar de terem características diversas em relação ao padrão de formação, os Hipocorísticos têm a tendência de não ultrapassarem o limite de duas sílabas.

A Hipocorização pode ocorrer sozinha (cf. 6 a, 6 b e 6 c), associada à reduplicação (cf. 6 d) ou ainda formada a partir das primeiras sílabas das formas de base (cf. 6e). Os dados acima mostram que, nos Hipocorísticos, o *parsing* pode ser feito da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita. De acordo com Gonçalves (2004), o processo de formação dos Hipocorísticos contidos em 6a inicia-se com a definição de um domínio sobre a base: a circunscrição prosódica delimita a porção da palavra-base sobre a qual a operação atuará. Ainda de acordo com o pesquisador, dois parâmetros específicos regem a circunscrição: o do pé e o da direcionalidade, definindo o que McCarthy e Prince (1990) denominam de delimitação positiva. Sendo assim, tal pesquisador justifica que todo o material remanescente, que constitui circunscrição negativa, será desassociado pelo fato de não estar licenciado prosodicamente e que a circunscrição positiva, nos casos em 6a, atua no sentido de isolar uma palavra da direita para a esquerda ( $D \rightarrow E$ ), sendo esta

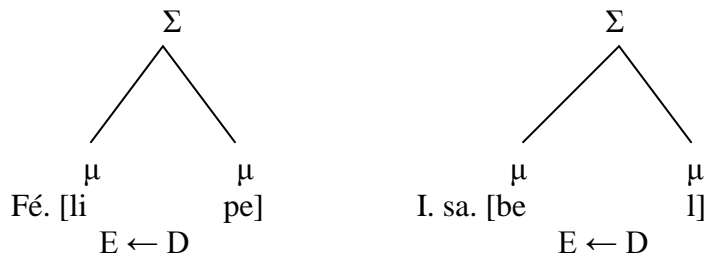
constituída, na sua maioria, de duas moras, seja ela monossilábica ou dissilábica, que será copiada do domínio fonte (forma de base) para o domínio alvo (molde). Porém, esse comportamento de estrutura prosódica não se aplica unanimemente a todos os Hipocorísticos do português brasileiro, pois em 6a são evidentes formas resultantes constituídas de três moras, como em “Naldo” < Reginaldo e “Ceixa” de Conceição, que cumprem a exigência de binariedade de pés (bimoraicos ou dissílabos), ou seja, pés não podem ser monomoraicos ou trissílabos. Collischonn (2002:174) interpreta tal restrição como proibição apenas a pés trissilábicos e não a trimoraicos a fim de dar conta de casos como *pente* e *casca*, por exemplo, que têm acento na antepenúltima mora. O que há para os casos de *pente* e *casca*, assim como para “Nando”, “Naldo” e “Ceixa”, é a atuação de WBP (*Weigh By Positin*), que postula a relevância do peso silábico somente no final da palavra, resolvendo a discussão do troqueu moraico para esses casos e satisfazendo, desse modo, a restrição que dita sobre a binariedade de pés (FT BIN).

Parâmetro do Pé: Troqueu Moraico ([  $\mu\mu$  ])

Direcionalidade: D → E

“Forme um troqueu moraico pela borda direita da palavra-base”

A seguir, aparece formalizado o processo de circunscrição prosódica. Tanto em ‘Felipe’ quanto em ‘Isabel’, a margem direita da base coincide com a margem direita da circunscrição prosódica e, conseqüentemente, com a margem direita do molde para a formação do Hipocorístico. Da direita para a esquerda, forma-se um pé bimoraico que separa a seqüência da base a ser utilizada na Hipocorização, conforme circunscrições seguintes:



Nos Hipocorísticos presentes em *6b*, o *parsing* é feito da esquerda para a direita (E → D). Nesse tipo de direcionalidade, os Hipocorísticos são insensíveis ao acento da base e a circunscrição positiva pode isolar tanto um troqueu moraicó (Léna, Xánde) quanto um pé iambo (Benê, Edú) a partir da margem esquerda da forma de base.

Parâmetro do Pé: Troqueu moraicó ([μ´μ])

Direcionalidade: E → D

“Forma-se um troqueu moraicó pela margem esquerda da forma de base.

Parâmetro do Pé: Iambo ([μμ´])

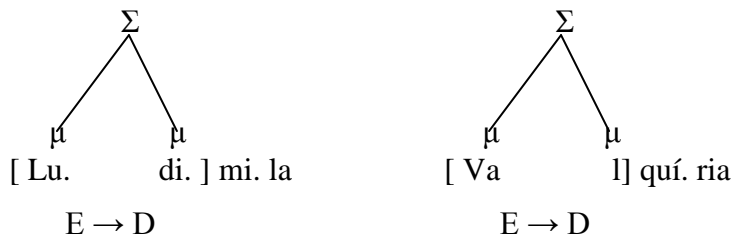
Direcionalidade: E → D

“Forma-se um pé iambo pela margem esquerda da forma de base.”

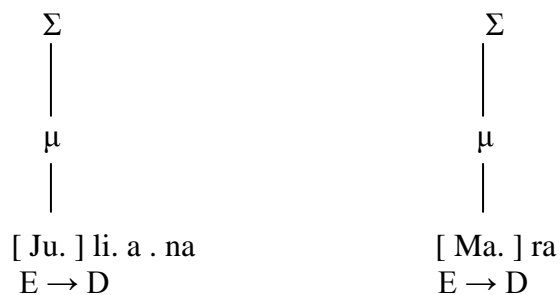
Vê-se, portanto, que no conjunto *6b*, composto por Hipocorísticos insensíveis ao acento da base, constatam-se circunscrições de pés troqueus e iampos. No primeiro caso, há o favorecimento de paroxítonas, como “Ráfa” (< Rafael), que apresenta a proeminência acentual à esquerda. Em contrapartida, no segundo caso, exige-se o posicionamento da cabeça do pé à direita, ou seja, favorece formas oxítonas, como “Fabi” (< Fabiana).

A vogal do pé mais à esquerda constitui a primeira mora do troqueu. Nestes casos, *Weight By Position* também está atuando. Contudo, nos Hipocorísticos com corte à direita, a direcionalidade do *parsing* é feita da esquerda para a direita. Se houver coda na sílaba final, o troqueu será monossilábico, como em ‘Cris’ (Cristiane), ‘Val’ (Valquíria). Caso

não haja modificação na rima da sílaba, o troqueu será dissilábico, como em ‘Ludi’ (Ludmila):



Os dados em 6c assemelham-se, no que diz respeito à direcionalidade, aos Hipocorísticos presentes em 6b, porque a direcionalidade da expansão prosódica ocorre da esquerda para a direita. Entretanto, o *template* dos Hipocorísticos em 6c corresponde a uma única sílaba leve constituída apenas por uma única mora:



Portanto, para os casos em 6c, a estrutura prosódica deixa de ser importante, ao contrário do que ocorre com os grupos 6a e 6b. Inicialmente, nos casos em 6c, a relevância deve ser atribuída à estrutura silábica selecionada no antropônimo para constituir o Hipocorístico. Obrigatoriamente são selecionadas como pertinentes sílabas iniciais da base que possuem *onset*. Sendo assim, aqueles Hipocorísticos cujas sílabas iniciais do antropônimo correspondente estejam sem *onset* não formarão Hipocorísticos monomoraicos, pois se isso ocorresse, esses Hipocorísticos seriam tidos como agramaticais (cf. \*E < Eduardo, \*A < Alessandra, \*A < Adelaide). Por essa razão, Hipocorísticos

ancorados à esquerda, quando iniciados por sílabas sem ataque, “buscam” outro mecanismo para garantirem a sua aceitação na língua. Nesses casos necessitam selecionar também a segunda sílaba da base da esquerda para a direita (cf. Edu < Eduardo, Alê < Alessandra, Adê < Adelaide) ou ainda procuram rastrear unicamente essa sílaba como Hipocorístico, constituindo uma forma monomoraica (cf. Dú < Edu, Lê < Alessandra, Dê < Adelaide).

Um Hipocorístico cuja base também se inicia em vogal, mas que tem comportamento diferente do padrão exposto anteriormente, é a forma *Mano* < *Emanoel*. Era de se esperar que a forma \**Ema* fosse o Hipocorístico ótimo assim como *Alê* < *Alessandra*, *Elô* < *Eloísa*, *Edú* < *Eduardo* e *Adê* < *Adelaide*, mas isso não acontece devido ao *footing* que constitui a palavra-matriz. Um forte exemplo que reforça a influência do *footing* na seleção do Hipocorístico é o contraste presente nas formas (edu).(ardo) *versus* e.(mano).(el). Ambas iniciam por vogal e dispõem da mesma quantidade de sílabas, entretanto, a forma \**Ema* é agramatical e a forma *Edu* é aceita perfeitamente no sistema lingüístico do português brasileiro. Isso ocorre porque a vogal inicial ‘E’ de *Ema* não está integrada ao pé mais à esquerda da base “*Emanoel*”, enquanto que a vogal ‘E’ de “*Edu*” está integrada perfeitamente ao pé mais à esquerda da forma de base “*Eduardo*”.

Observa-se que, nas formas seguintes, a quebra para a manifestação do Hipocorístico ocorre sempre antes da sílaba tônica e nunca depois dela: Edu/árdo, Elo/ísa, Ale/ssandra, Ita/mar, Ade/laide, Adri/ana. Em todos esses dados, o corte imediatamente anterior à sílaba tônica da palavra-matriz seleciona uma porção dissilábica constituída de duas moras. Já na forma “*Emanoel*”, o corte para a circunscrição acontece também anteriormente à sílaba tônica da base (cf. Emano/el), assim, a porção selecionada para constituir o Hipocorístico é trissilábica, excedendo com isso o limite máximo de sílabas

permitido. Desse modo, o fenômeno da Hipocorização deve lançar mão de algum recurso que repare a forma anômala \*Emano. Como o formato CVCV é o padrão silábico não marcado da língua, opta-se por formas dissilábicas que tenham esse padrão, já que o padrão VCV é visto como mais marcado. Com isso, se a língua tiver condições de escolher o formato CVCV ou VCV, ela certamente privilegiará o padrão menos marcado. Se a língua tiver que eliminar uma sílaba para formar um Hipocorístico dissilábico, certamente será eliminada a sílaba desprovida de ataque. Por isso, a forma *Mano* é muito mais bem-vinda para os falantes do português brasileiro do que a forma \*Ema, já que o mecanismo de formação opta pelo padrão que é o mais recorrente na língua.

A Hipocorização pode ocorrer ainda associada à Reduplicação, conforme apresentado em 6d. Nesse caso, embora os Hipocorísticos utilizem o mesmo recurso de expansão para formar *templates* bimoraicos, ou seja, o redobro de uma sílaba, há uma grande diferença entre eles, porque a direcionalidade da expansão pode ocorrer da direita para a esquerda (cf. coluna 6d') ou da esquerda para a direita (cf. coluna 6d'').

6d')

Dedé < André  
Salomé < Memé  
Barnabé < Bebé

6d'')

Sissi < Simone  
Fafá < Fátima  
Lulu < Luiz

(Dados extraídos de Gonçalves 2005)

No caso dos Hipocorísticos redobrados de 6d', ocorre reduplicação da sílaba que contém o acento principal na palavra-base. Nos casos em 6d'', o redobro não se dá necessariamente com a sílaba tônica da forma de base, mas sim com a primeira sílaba localizada na margem esquerda da forma de base. Constata-se que ambos os grupos

envolvem inserção de material fonológico após a sílaba selecionada pela circunscrição. Em 6d' a sílaba selecionada da forma de base para a Hipocorização seria a tônica, mas esta não é ainda suficiente para que sejam formados Hipocorísticos gramaticais na língua, já que formas como \*Dé, \*Mé e \*Bé não são aceitáveis, porque Hipocorísticos ancorados da direita para a esquerda possuem, conforme descrito em 6a, de duas a três moras<sup>5</sup>. Desse modo, é possível formar hipocorísticos reduplicados a partir de bases agramaticais, satisfazendo, portanto a condição de binariedade de pés. Em contrapartida, nos casos exemplificados em 6d'', é perfeitamente possível emergirem candidatos monomoraicos como formas gramaticais (cf. Si < Simone, Fá < Fátima, Lú < Luiz) da esquerda para a direita, conforme fora apresentado em 6c. Desse modo, nos casos de 6d'', a reduplicação manifesta-se a partir de bases gramaticais e permite, portanto, que seja estabelecida uma distinção de cunho formal entre as formas reduplicadas em 6d' das formas reduplicadas em 6d''.

Por fim, manifestam-se em quantidade mais restrita Hipocorísticos formados a partir de nomes compostos, tais como “Caê” < Carlos Eduardo, “Malú” < Maria Lúcia, “Mabe” < Marilda Beijo, que não serão analisados neste trabalho, pois possuem um comportamento bem diferenciado dos descritos anteriormente se levarmos em consideração que eles têm mais características formais de Blends lexicais do que propriamente de Hipocorísticos.

A manifestação de pés troqueus e iâmbicos na formação dos Hipocorísticos, tidos por muitos autores como menores palavras da língua, permite dizer que tomar o pé troqueu moraico como pé básico do português é uma afirmação um tanto quanto arriscada. Os dados descritos indicam que a pauta acentual do pé não é fator determinante na constituição dos Hipocorísticos, o que conta é realmente a estrutura silábica. A própria

---

<sup>5</sup> A única exceção da língua é a forma ‘Zé’ < José e ‘Lú’ < Analú. Contudo, é preciso frisar que em ‘Analú’ há uma espécie de composição (Ana + Lú), caracterizando um caso formal de blend lexical.



reduplicação é um padrão de Hipocorísticos que vem ainda mais reforçar essa hipótese, porque, como foi descrito anteriormente, Hipocorísticos criam estratégias de reparo a fim de suprirem a carência de material circunscrito prosodicamente, seja com a cópia de uma única sílaba, formando-se assim um redobro dissilábico (cf. Dedé) ou a inserção de uma sílaba após a sílaba tônica (cf. Déco).

Alguns Hipocorísticos são mais opacos (cf. 7a) do que outros, pois fica difícil rastrear o nome próprio dos quais se originaram, outros, por sua vez, são mais transparentes (cf. 7 b), pois são mais fiéis às bases, possibilitando rastrear o nome próprio facilmente.

- |                              |                     |
|------------------------------|---------------------|
| (7) a) Cacá → Carlos, Cássio | b) Nándo → Fernándó |
| Lulú → Luciana, Luísa, Lúcia | Ríque → Henríque    |
|                              | Léna → Helena       |

Os Hipocorísticos em (7 a) permitem que mais de um prenome atue como base, não havendo, portanto, fidelidade suficiente entre Hipocorísticos e base.

De acordo com os estudos de Monteiro (1987) e Gonçalves (2004), verifica-se que os Hipocorísticos produzidos pela eliminação dos elementos silábicos anteriores à sílaba tônica são os de maior número, ou seja, a porção copiada para a formação do Hipocorístico contém, na maior parte das vezes, a sílaba tônica da base.

Na seção anterior, pode-se concluir (cf. McCarthy & Prince 1990; Piñeros (2001); Gonçalves, 2004) que os Hipocorísticos não devem ser compreendidos apenas como uma cópia de um constituinte obtido via circunscrição, mas de uma projeção para um molde CV. Para que essa projeção ocorra, é necessário respeitar um princípio fundamental que é o Princípio de Bissilabidade, formalizado a seguir:

#### (8) Princípio da Bissilabidade Máxima

O Hipocorístico deve ser constituído de no máximo duas sílabas.

Gonçalves (2005) afirma que o Princípio da Bissilabidade unido ao Princípio da Palavra-Mínima (projeção para o molde que contém um único troqueu moraic) são os primeiros responsáveis pela agramaticalidade de alguns Hipocorísticos provenientes de bases oxítonos, tais como \*Dé > André, \*Bé > Barnabé, porque tais formas não funcionam como palavras mínimas em português. Entretanto, vale ressaltar que Hipocorísticos monossilábicos cuja direcionalidade só ocorre da esquerda para a direita (E → D) como, por exemplo, “Lú, Lê, Jú<sup>6</sup>” são bastante produtivos no português e evidenciam que os Hipocorísticos do português brasileiro nem sempre são assunto para a Palavra-Mínima. Ressalta-se, então, que quando o *parsing* começa da direita para a esquerda (D → E), a Palavra-Mínima é respeitada porque os Hipocorísticos formados não podem ser maiores ou menores do que um pé binário. Todavia, quando o *parsing* começa da esquerda para a direita (E → D), a Palavra-Mínima nem sempre é respeitada, pois nesse caso é possível atestar Hipocorísticos menores ou maiores do que um pé binário. Talvez a solução para se explicar esses casos seja uma reformulação do conceito de palavra mínima. A palavra mínima poderia ser compreendida como toda palavra que não ultrapassa duas sílabas, incluindo, portanto, os Hipocorísticos monossilábicos. Para suprir a ausência de duas sílabas, existem outras estratégias que garantem a boa formação dos Hipocorísticos, como o acréscimo por sufixação de uma outra sílaba após a cópia da sílaba acentuada (cf. Déco > André) ou a reduplicação de uma única sílaba (cf. Dedé > André). Existem ainda casos de Hipocorísticos redobrados com pé iâmbico advindos de *outputs* gramaticais (cf. Bebél <

---

<sup>6</sup> Do conjunto de hipocorísticos monomoraicos, ‘Zé’ configura-se como uma exceção e tudo indica que seja o mais problemático, pois diverge das demais formas por ter alinhamento da direita para a esquerda, enquanto que nas outras o alinhamento é da esquerda para a direita.

Bel, Quequél < Quel). Formas como essas mesmo tendo padrão dissilábico, assim como *Dedé* (< André), *Memé* (Salomé) e *Bebé* (Barnabé), têm motivação bastante diferente para o redobro. Enquanto que nos casos de *Dedé*, *Memé* e *Bebé* a motivação é estritamente prosódica, nos casos de *Bebél* e *Quequél*, a motivação é de eufonia a fim de se obter um padrão dissilábico menos marcado na língua, discriminando-se a forma do pé.

As condições postuladas sobre bimoracidade podem ser unificadas por FtBin (mora ou sílaba), que é formalizada da seguinte maneira:

(9) FtBin: pés são binários numa análise moraica ou silábica.<sup>6</sup>

Gonçalves (2004) deduz uma hipótese relevante para justificar o surgimento de padrões variáveis na formação de Hipocorísticos a partir de oxítonos:

“Se as sílabas finais de nomes como ‘Salomé’ e ‘Barnabé’ realmente fossem bimoraicas, não haveria bloqueio à formação de monossílabos sem coda. No entanto, formas como ‘Mé’ e ‘Bé’ não parecem bons Hipocorísticos exatamente por violarem a condição de minimalidade. Salientei mais acima que Hipocorísticos são outputs de um molde formado pela delimitação de um troqueu moraico à direita da palavra-matriz. A circunscrição prosódica, que parentetiza sílabas finais pesadas, não parece sensível à presença de uma consoante abstrata<sup>8</sup> ou de uma vogal longa à direita de prenomes oxítonos, provavelmente por não encontrar ali as duas moras necessárias à formação de um troqueu. Como consequência, o modelo de Hipocorísticos do tipo “A” não pode ser acionado e, por isso, favorece o aparecimento de padrões variáveis” (Gonçalves, 2004: verificar página).

---

<sup>6</sup> Esta restrição tem a seguinte interpretação: pés são binários (bimoraicos ou dissílabos), ou seja, pés não podem ser monomoraicos nem trissilábicos. Collischonn (2002:174) interpreta tal restrição como proibição apenas a pés trissilábicos e não a trimoraicos a fim de dar conta de casos como pente e casca, por exemplo, que têm acento na antepenúltima mora. No entanto, acredito que a atuação de WBP (Weight By Position), que postula a relevância do peso silábico somente no final da palavra. A condição WBP pode resolver toda discussão de troqueu moraico no português, ou seja, casos como ‘pente’, ‘casca’, ‘Nando’ e ‘Xande’ satisfizeriam FtBin.

<sup>8</sup> Como propôs Bisol (1994), palavras como ‘café’ e ‘sofá’ teriam, no nível subjacente, uma consoante abstrata que pode vir à superfície com o acréscimo de sufixos, como em ‘cafezeiro’ e ‘sofazinho’. Dessa forma, a sílaba final de ‘café’ seria pesada por apresentar o formato CVC.

Seguindo Bisol (1994), no caso das proparoxítonas, apresentadas em (10) para efeitos de exemplificação, a última sílaba é considerada extramétrica. Para a pesquisadora, a extrametricidade incide em sílaba final, fazendo com que essa não seja computada pelas regras de acento. De acordo com a autora, a sílaba extramétrica extraviada será mais tarde incorporada ao pé métrico final da palavra, como sua parte fraca, pela regra de Adjunção da Sílaba Perdida (ASP). As sílabas sobre as quais recai a extrametricidade não exercem papel nenhum no acento, mas estão inseridas no seu domínio, de modo que a vogal da sílaba extramétrica tem efeito na formação dos Hipocorísticos provenientes de proparoxítonas. Verifica-se, portanto, que a ancoragem à direita do Hipocorístico com a vogal mais à direita da forma de base terá papel importante na formação de Hipocorísticos advindos de bases proparoxítonas, bem como a tendência dessas bases proparoxítonas formarem Hipocorísticos dissilábicos. Nesses casos, a contigüidade dos segmentos é interrompida a fim de garantir a obediência às duas condições mais importantes que são a ancoragem com a margem direita da base e a manutenção da estrutura dissilábica.

(10)

- a) Rosângela → \*Zângela  
Austregésilo → \*Gésilo  
Américo → \*Mérico
- b) Débora → Déba  
Austregésilo → Géso  
Américo → Meço

Os dados em 10 b demonstram que deve haver satisfação de uma condição proposta por McCarthy & Prince (1996) denominada “Condição de Ancoragem à Direita”, que está formalizada a seguir:

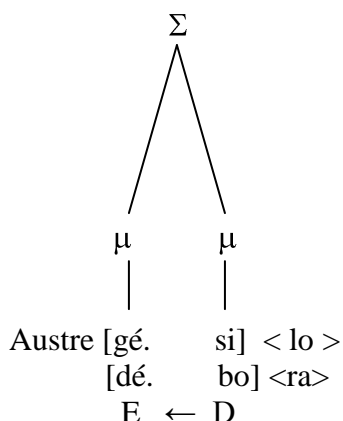
### Condição de Ancoragem à Direita

O elemento do lado direito do prenome corresponde ao elemento do lado direito do Hipocorístico.

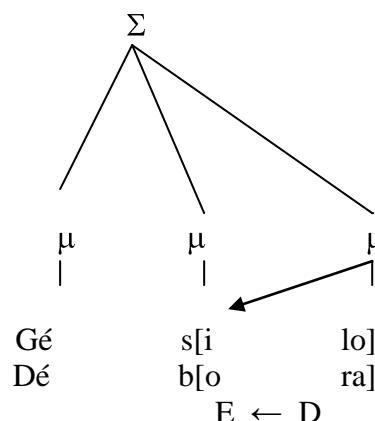
A seguir, tem-se a Condição de Ancoragem à Direita ilustrada para o Hipocorístico “Géso” proveniente da base “Austregésilo”. Nesse caso, a extrametricidade da última sílaba favorece a formação de um troqueu moraico, cumprindo condições de bissilabidade, mas, inicialmente, (11 a) não cumpre a condição de Ancoragem à Direita. Tal condição, só é cumprida posteriormente quando a mora da sílaba extramétrica atua na formação do Hipocorístico (cf. 11 b). O mesmo ocorre com o hipocorístico “Déba”, cuja forma de base é “Débora”. Uma vez processada a silabação e a atribuição do acento à primeira sílaba, em decorrência da extrametricidade da última, forma-se um troqueu moraico com seqüência “Débo”. Embora atue em conformidade com a condição de bissilabidade, esse pé não é considerado hipocorístico gramatical no português porque não satisfaz a condição de ancoragem à direita em virtude de não manter o segmento mais à direita da base, já que em formas advindas de bases proparoxítonas essa condição se faz necessária.

Formas como \*Gésil e \*Débor embora cumpram a condição de bissilabidade e preservem o acento da base, ultrapassam o número permitido de moras devido ao fato do peso silábico ser relevante no final da palavra.

(11) a)



b)



(esquema adaptado de Gonçalves 2004)

Nos casos acima, as sílabas < lo > de Austregésilo e < ra > de Débora são anexadas ao pé métrico final da palavra por ASP (Austre(gesi)lo/ ((Débo).ra). Levando em consideração as condições de bissilabidade e condição de pé binário, deduz-se que Hipocorísticos formados por monossílabos, com padrão 'CVC' (p.ex. Bél → Isabel, Quél → Raquel, Sol → Marissol, Bel → Abel) constituem um troqueu moráico. A condição de ancoragem à direita também é cumprida, já que o segmento da periferia direita do prenome tem um correspondente na periferia direita do Hipocorístico.

Uma característica observada nos Hipocorísticos com corte à esquerda é que eles optam por condições de boa formação silábica as quais privilegiam formas não-marcadas na língua (cf. McCarthy e Prince 1994; Cabré 1994; Colina 1996; Piñeros 2000; Gonçalves 2004).

A primeira dessas tendências diz respeito aos *onsets*. Pode-se verificar (cf. 13) que certas bases possuem sílabas acentuadas sem *onsets*. Entretanto, a tendência de seus respectivos Hipocorísticos é o preenchimento dessa posição. Outra característica observada

é que bases apresentam *onsets* complexos, ao contrário de seus respectivos hipocorísticos, que tendem a excluir sílabas travadas.

(13)

E-du-ár-do → Dádo  
Mo-é-ma → Méma  
Ma-ri-á-na → Nana

Em (13), como a posição de *onset* não pode ser vazia (\*V), os Hipocorísticos preenchem tal posição copiando o *onset* da sílaba imediatamente posterior a fim de não sacrificar a identidade entre base e Hipocorístico. Moldes com tepe à esquerda se comportam da mesma maneira que os não iniciados por *onset*. Em ambos os casos, a consoante da sílaba final é copiada a fim de preencher o ataque da primeira sílaba, o que evidencia, mais uma vez, o que Gonçalves já afirmou anteriormente de que há condições de estrutura silábica governando o conteúdo segmental do Hipocorístico. Segundo esse autor, a substituição do tepe é consequência do Princípio de Preservação de Estrutura (Kiparsky, 1982), segundo o qual regras lexicais não podem operar com traços não distintivos nem criar estruturas em desacordo com os padrões prosódicos da língua. Por ser um processo morfológico (lexical), a Hipocorização se sujeita à preservação da estrutura, reparando moldes com segmentos que não podem aparecer em início de palavras.

De acordo com Gonçalves (2004), na descrição dos Hipocorísticos aqui proposta, há um nível de representação entre o *input* e o *output*, de modo que condições de boa formação atuam no *input* (base), gerando um *output* (molde) que, por sua vez, passa a ser o *input* sobre o qual atuarão condições de boa formação silábica. Para esse autor, uma vez satisfeitas, essas condições levarão ao Hipocorístico, que é o *output* final. Portanto, como

há necessidade de um nível intermediário entre forma de base e forma resultante, o processo deve ser compreendido como transderivacional (cf. McCarthy e Prince, 1990).

Hipocorísticos não podem converter vibrantes simples em múltiplas no pé que se forma pela circunscrição prosódica, em casos com tepe na sílaba inicial, por isso estratégias de reparo, que garantem preservação da estrutura fonológica da língua, substituem o segmento inicial, copiando-se o *onset* da sílaba seguinte. Quando a direcionalidade é  $D \rightarrow E$ , a restrição ONSET não atua no molde, apagando-se a primeira sílaba sem *onset*. Tal comportamento constitui forte evidência de uma correspondência *Output-Output*, de modo que Hipocorísticos tendem a ser mais dependentes do molde que da própria forma de base. Desse modo, duas condições podem ser postuladas:

(14) A posição de *onset* deve ser preenchida pelo onset da sílaba posterior;

(15) Sílabas complexas tendem a ser eliminadas;

Há casos em que um tepe aparece como *onset* na circunscrição prosódica, mas tal fato não é aceito no português. Usa-se, portanto, a estratégia descrita anteriormente de cópia do *onset* da sílaba posterior (cf. 16).

(16)

Nazaréno  $\rightarrow$  reno  $\rightarrow$  Néno

Murílo  $\rightarrow$  rílo  $\rightarrow$  Lílo

Maurílio  $\rightarrow$  rílio  $\rightarrow$  Lílio

Esses exemplos são adequados para a análise dos Hipocorísticos, já que McCarthy & Prince (1990) interpretam o fenômeno como transderivacional, pois há um nível intermediário entre base e elemento resultante. As condições de boa formação não agem no



*input*, mas sim sobre o material copiado via circunscrição (molde). Dessa forma, outra condição pode ser formulada:

- (17) \*[ r ]P<sub>wd</sub>. Não pode existir palavra prosódica iniciada por [ r ]  
Tepes são proibidos no início de palavra prosódica (PWD)

Como bem observaram Piñeros (2000) e Gonçalves (2005), baseados na escala de sonoridade proposta por Clements (1990:294)<sup>9</sup>, o elemento que sobrevive à simplificação é sempre o de sonoridade mais baixa, de modo que uma líquida é sempre cancelada.

Quanto à presença de sílabas com rimas ramificadas, a proibição de codas não é tão categórica como a obrigatoriedade de preenchimento da posição de *onsets* e nem mesmo como a presença obrigatória de tepe na primeira sílaba dos Hipocorísticos, já que ocorrem casos (cf. 18) em que as sílabas possuem formato CV ou CVC.

- |                        |                      |
|------------------------|----------------------|
| (18) a) Ricardo → Cado | b) Alexandre → Xande |
| Augusta → Guta         | Fernando → Nando     |
| Francisco → Chico      | Agildo → Gildo       |
| Roberto → Beto         |                      |

Percebe-se que, nos Hipocorísticos acima, a líquida lateral ( /l/ ), a nasal ( /N/ ) sempre aparecem. Entretanto, a fricativa ( /S/ ) bem como a vibrante ( /R/ ) são sempre eliminadas no caso de Hipocorísticos advindos de bases paroxítonas. É pertinente lembrar aqui que vogais nasais podem ser consideradas vogais simples na forma fonética. Caso parecido ocorre como “l” em final de sílaba que, na maioria dos dialetos do português brasileiro, manifesta-se um processo de vocalização que consiste na articulação de um

---

<sup>9</sup> Escala de Sonoridade: Vogal (3) > Líquida (2) > Nasal (1) > Obstruinte (0)

segmento com qualidade vocálica de *u* na posição correspondente à “suposta” coda final ‘l’. Desse modo, o “l” da coda (cf. Gildo < Agildo) se torna ditongo.

Gonçalves (2004) tenta explicar o fato da ausência ou presença da vibrante (/R/):

*“Nas últimas sílabas do prenome (cf. Marimar > ‘Mar’), a presença de uma consoante é decisiva para a formação de um troqueu moraico. Sendo assim, “erres” finais funcionam como unidades de peso, fazendo com que a circunscrição parentetize a sílaba da qual são coda. Na penúltima sílaba (cf. Roberto > ‘Beto’), entretanto, o peso já não tem qualquer efeito, o que favorece a supressão desse segmento.”* (Gonçalves 2004: ver página)

Os exemplos em (18) evidenciam, portanto, uma tendência universal: segmentos de sonoridade mais alta sempre aparecem, enquanto que segmentos de sonoridade mais baixa são sempre eliminados.

## **4. Análise**

### **4.1 Hipocorísticos Sensíveis ao Acento Principal da Base**

Desde o primeiro modelo otimalista, Otimalidade Clássica, postulou-se que formas de *output* são geradas pelo conflito entre restrições de fidelidade e restrições de marcação (McCarthy e Prince 1993, 1995). As primeiras tendem a evitar qualquer tipo de mudança, como inserções e apagamentos, e, conseqüentemente, se esforçam para que os *outputs* difiram minimamente dos *inputs* lexicais. As segundas procuram regular a boa formação de estruturas segmentais ou prosódicas e, por isso, implicam na escolha de *outputs* não-marcados.

As restrições de marcação compreendem as estruturas não marcadas da língua, tais como as condições apresentadas na seção anterior: a) sílabas têm tendência de não apresentarem coda (NO-CODA); b) sílabas devem ter ataque (ONSET); c) sílabas não devem apresentar *onsets* complexos (\*COMPLEX) e d) tepes são proibidos na primeira

sílaba. Ao contrário, as restrições de fidelidade exigem perfeita semelhança entre *input* e *output*, tais como: a) todos os segmentos do *input* devem estar presentes no *output*; b) a ordem linear dos constituintes do *input* deve ser a mesma do *output*; c) os traços de segmentos do *input* devem se manifestar no *output*.

Para efeitos de conveniência, as restrições de FIDELIDADE, dadas por Prince e Smolensky (1993) na Otimalidade Clássica, são definidas a seguir:

- (19) MAX-IO: cada elemento do *input* deve ter um correspondente no *output*;  
DEP-IO: cada elemento do *output* deve ter um correspondente no *input*;

Caso MAX sofra violação, ocorrerá perda de um elemento no *input*. Entretanto, uma violação de DEP incorrerá na inserção de um segmento no *output* (ex. epêntese do português: /a. ki.ne/).

Na análise dos Hipocorísticos, concluir-se-á que o candidato escolhido como ótimo não precisa ser completamente fiel ao *input*, mas deve constituir formas não-marcadas na língua, porque as restrições estruturais (de Marcação) estão ranqueadas mais alto na hierarquia, sendo, portanto não dominadas (MARCAÇÃO >> FIDELIDADE).

Os Hipocorísticos, assim como as operações morfológicas, implicam em modificações no conteúdo material, podendo gerar acréscimos, alterações ou apagamentos nas formas de superfície. Desse modo, torna-se comum violações de FIDELIDADE, uma vez que as formas resultantes preservam os padrões estruturais da língua, tais como padrões silábicos e acentuais.

As operações não-concatenativas constituem, como bem observou Gonçalves, “Morfologia Diferente” porque, ao mesmo tempo em que acessam informações prosódicas e se submetem às pressões fonotáticas da língua, também apresentam um conteúdo e, em

decorrência disso, os produtos de processos morfológicos nunca são idênticos às formas de base.

A Teoria da Correspondência é mais adequada do que a Otimalidade Clássica no tratamento de fenômenos morfológicos porque nesta a identidade se restringe apenas à verificação do grau de semelhança entre o *input* e os vários candidatos a *output* gerados por GEN, enquanto que naquela as restrições de fidelidade atuam em vários domínios das representações lingüísticas, tais como *input* e *output*, *output* e *output*.

A noção de correspondência (McCarthy e Prince, 1995:262) é expressa novamente a seguir<sup>10</sup>:

- (20) Se tivermos duas camadas, S1 e S2, a correspondência é a relação R dos elementos de S1 para S2. Elementos com  $\alpha$  pertencente a S1 e  $\beta$  pertencente a S2 são correspondentes um do outro sempre que  $\alpha R \beta$ .

As relações de correspondência exigem que haja um número de restrições que têm por função estabelecer identidade entre duas camadas. Como as operações morfológicas não-concatenativas não só inserem ou apagam segmentos, mas também podem alterar a especificação de um traço ou possuir segmentos ambimorfêmicos, chegou-se à conclusão de que as restrições MAX e DEP eram insuficientes para expressarem as relações de correspondência. Em consequência disso, a Teoria da Correspondência formula outras restrições de identidade:

(21)

IDENTidade de Traços: Segmentos correspondentes têm o mesmo valor para o traço F. Não pode haver troca de traços de S1 para S2.

---

<sup>10</sup> A fim de facilitar a leitura, as relações de correspondência serão novamente descritas quando necessário.

LINearidade: A seqüência linear dos elementos de S2 deve ser a mesma de seus correspondentes em S1. Não pode ocorrer permuta de segmentos de S1 para S2.

ANCORagem à Direita ou à Esquerda: Os elementos da periferia direita (ou esquerda) de S1 têm um correspondente na periferia direita (ou esquerda) de S2. O alinhamento de S2 deve ser o mesmo de S1.

INTEGRidade: Nenhum elemento de S1 pode ter mais de um correspondente em S2.

UNIFORMidade: Nenhum elemento de S2 pode ter mais de um correspondente em S1.

Enquanto que MAX milita contra a perda de segmentos, DEP milita contra a inserção de segmentos. IDENT-T requer completa identidade de traços entre segmentos. ANCOR exige coincidência absoluta entre as margens das formas relacionadas. UNIFORM e INTEGR exigem mapeamento de um-para-um entre os níveis de representação, sendo, portanto interpretadas como restrições que requerem espelhamento entre os elementos. MAX e DEP podem ser compreendidos como restritores quantitativos porque impõem o mesmo número de segmentos entre base e produto, ao contrário dos outros restritores, que avaliam qualitativamente a identidade entre segmentos na dimensão prosódica.

Benua (1995) amplia a noção de correspondência, pois a pesquisadora mostra que as relações entre base e produto de uma operação morfológica apresentam relações de correspondência particulares. Sendo assim, uma exigência de formação presente num fenômeno (p.ex. *portmanteau*) pode não acontecer em outro (p.ex. hipocorização).

Ainda, segundo Benua, as diferenças entre representações profunda e superficial podem acontecer numa dimensão *Output-Output*, de modo geral, e nas dimensões específicas de cada processo (Base-Portmanteau e Base - Hipocorístico, p.ex).

Nos Hipocorísticos cuja margem esquerda está ancorada com a margem esquerda da sílaba que contém o acento principal da forma de base, bloqueia-se qualquer forma

gerada que exceda mais do que duas sílabas e que não contenha um pé bimoraico. Por essa razão, fica estabelecida, de imediato, uma restrição de palavra-prosódica:

(22) FT Bin: pés são binários numa análise mórica ou silábica (bimoraicos e dissílabos).

Segundo McCarthy & Prince (1993), além das sílabas pertencerem obrigatoriamente a pés, há uma outra restrição de alinhamento cujos pés devem ser avaliados em relação à distância da margem direita da palavra prosódica:

(23) ALL-FT-Right: Todo pé fica alinhado com a borda direita da palavra prosódica.<sup>11</sup>

Os exemplos seguintes demonstram que as formas ótimas não podem conter mais de duas sílabas e, para que isso aconteça, restrições de palavra-prosódica devem ser respeitadas.

---

<sup>11</sup> Entretanto, é viável adiantar aqui que não existe apenas um único ancoramento no português. Na verdade, há dois tipos de ancoramento: o primeiro deles, ANCHOR(H)-HEAD-L(PWD), que foi citado acima e está relacionado com o acento da palavra-matriz, enquanto que o segundo, ANCHOR-L, que será discutido adiante em detalhe, está relacionado com o início da palavra-matriz.

## (24) FT-BIN, PARSE-SYLL, ALL-FT-R

SF: $\sigma\sigma\sigma$	FT-BIN	PARSE-SYLL	ALL-FT-R
a. $[(\underline{\sigma})F2(\underline{\sigma})F1]P\text{WD}$	*!		F2: $\sigma\sigma$
b. $[(\underline{\sigma}\sigma)F2(\underline{\sigma})F1]P\text{WD}$	*!		F2: $\sigma$
c. $[(\underline{\sigma})F1\sigma]P\text{WD}$		*!	F1: $\sigma$
d. $[\sigma(\underline{\sigma}\sigma)F1]P\text{WD}$		*!	
e. $\textcircled{\sigma} [(\underline{\sigma}\sigma)F1]P\text{WD}$			

Observa-se que os candidatos cujos pés sejam monomoraicos ou trissilábicos são descartados, já que Ft Bin obriga pés binários. Além disso, deixam de alinhar um de seus pés à margem direita da palavra prosódica. O candidato *a* é escolhido porque viola apenas All-Ft-Right (R), restrição ranqueada mais abaixo na hierarquia. Esta tendência de reduzir a forma de base é proveniente da atuação da restrição MAX(SF-TF), que impede o apagamento. Abaixo do ranqueamento FT-BIN, PARSE-SYLL, ALL-FT-R >> MAX (SF-TF), a identidade entre a forma de base e o Hipocorístico precisa ser frequentemente sacrificada nesta ordem para obter a PWD não marcada.

Os Hipocorísticos analisados são sensíveis ao acento da forma de base, já que a sílaba tônica deste é preservada, logo demonstram dependência em relação ao *input*. Em razão disso, considera-se viável postular outra restrição que diz respeito à dependência dos Hipocorísticos em relação à cabeça da palavra prosódica:

(25) ANCHOR(H)-HEAD-L(SF): A margem esquerda do Hipocorístico (H) deve estar alinhada com a margem esquerda da cabeça do pé da base. (SF).

A seguir, tem-se um tableau cujas restrições apresentadas até agora estão inseridas. Neste tableau vê-se que ANCHOR (H)-HEAD-L(SF) é a restrição mais importante na formação de Hipocorísticos sensíveis ao acento primário da base, porque é ela que motiva a propriedade dos Hipocorísticos de preservarem os segmentos que estão contidos na cabeça da palavra prosódica da forma de base. ANCHOR (H)-HEAD-L(SF) é, portanto uma consequência da propriedade dos Hipocorísticos que exige a fidelidade à cabeça do pé principal da forma de base, se levar em conta o fato do Hipocorístico sempre coincidir com a sílaba tônica do prenome.

Os dados dos Hipocorísticos ancorados à direita demonstram que há uma forte propensão para se preservar os segmentos que estão contidos nos limites da cabeça da palavra prosódica. Mas tal característica não deve se fazer obrigação, pois existe uma tendência à simplificação silábica. Assim, nos Hipocorísticos sensíveis ao acento da forma de base, ocorre a ancoragem e, posteriormente, as restrições silábicas se responsabilizam por reduzirem a forma de base a uma forma dissilábica com pé trocaico. Portanto, ANCHOR(H)-HEAD-L(SF) tem o papel de promover a fidelidade do Hipocorístico em relação à base, manifestando sensibilidade à cabeça da palavra-prosódica, uma vez que a sílaba tônica da base coincide com a sílaba tônica do hipocorístico.

O tableau seguinte mostra que as restrições ANCHOR(H)-HEAD-L(SF), IDENT-BH(stress), FT-BIN, ANCHOR (H-SF)R serão sempre restrições dominantes, porque não existe nenhum Hipocorístico com corte à esquerda na língua que deixe de obedecer à alguma delas. Já ANALISE- $\sigma$  e MAX(SF-H) são restrições dominadas, porque todo Hipocorístico da língua será formado pela supressão de segmentos presentes na forma de base, além de ser possível a manifestação de Hipocorísticos trissilábicos (cf. Maneco, Samuca, Carola), em que uma das sílabas não está incorporada ao pé.



(26)

Candidatos	ANCHOR(H)- HEAD-L(SF)	IDENT- BH(stress)	FT- BIN	ANCHOR(H)- SF)R	ANAL- $\sigma$	MAX(SF- H)
a.(mu)(rí.lo)			*!			
b. mu(rí.lo)			*!		*	
c. (rí.lo)☺						**
d. (mu.rí)	*!			*		**
e. (ri.ló)		*!				**
f. (rí)			*!	*		****

Percebe-se que, no *tableau* acima, a hierarquia proposta estabelece a otimização de do candidato *c*, uma vez que a única violação que comete é em relação a MAX, restrição ranqueada mais abaixo na hierarquia. Os maiores competidores de *c* são os candidatos *d* e *e*, porque ambos infringem MAX o mesmo número de vezes, mas são descartados porque violam restrições postuladas mais acima na hierarquia, como é o caso de ANCHOR(H)-HEAD-L(SF) e FT-BIN. Em *d* tem-se a infração da exigência do pé troqueu, pois tal candidato forma pé iambo, além disso, não possui a margem esquerda do Hipocorístico ancorada com a margem esquerda do pé principal da forma de base. Em *e* vê-se que tal candidato cumpre a condição de ancoragem à esquerda, mas falha na restrição que diz respeito à forma do pé. No entanto, a forma escolhida ainda não é a apropriada porque, em português, a ocorrência de tepe na primeira sílaba da palavra prosódica é proibida.

Nos dados pesquisados para o presente trabalho, o Hipocorístico proveniente do prenome ‘Murilo’ deve ser (lílo) e não (rílo). Isso ocorre porque, em português, deve haver sempre satisfação de \*[ r ]Pwd, formalizada a seguir:

(28) \* [ r ]Pwd: tepe não pode ocorrer na primeira sílaba da palavra prosódica ( Pwd )

Em ( 29 ) é apresentado um novo *tableau* que permitirá escolher o candidato ótimo com o acréscimo da restrição \*[ r ]Pwd no lugar mais alto da hierarquia, já que, em português, essa restrição de marcação não é dominada. Nos Hipocorísticos cuja margem esquerda deve estar ancorada com a margem esquerda da cabeça do pé da base, a restrição ANALISE- $\sigma$  domina MAX(SF-H) porque nestes casos não é permitida a formação de candidatos que excedam um pé binário. Assim, todas as sílabas devem estar obrigatoriamente incorporadas ao pé, mesmo que isso sacrifique MAX(SF-H) um maior número de vezes.

( 29 )

Candidatos	*[r]Pwd	ANCHOR(H)- HEAD-L(SF)	IDENT- BH(stress)	FT- BIN	ANCHOR(H)- SF)R	ANAL- $\sigma$	MAX(SF- H)
a.(mu)(rílo)		*!		*			
b.mu(rílo)				*		*	
c.(rílo)	*!						**
d.(ríló)	*!	*	*				**
e.(lílo)☺							**
f. (rí)	*!			*	*		****

A escolha do candidato ‘Lilo’ ao invés de ‘Rilo’ evidencia a proibição de tepe em início de palavra, caso típico de restrição fonotática do português, que induz a manifestação de uma estratégia de reparo para substituir o segmento indevido e preencher

essa posição com a cópia do *onset* da sílaba seguinte, de modo a não sacrificar ainda mais a identidade entre o Hipocorístico e sua respectiva forma de base.

Pode-se observar que se não fosse a atuação da restrição \*[r]Pwɔ, os candidatos *c* e *e* não seriam desempatados. Entretanto, a inserção de \*[r]Pwɔ na hierarquia provoca uma violação de IDENTIDADE, o que torna um pouco mais opaca a relação de correspondência entre a base e o Hipocorístico porque implica na alteração de traço (  $r \neq l$  ), conforme o *tableau* seguinte:

(30)

candidatos	*[r]Pwɔ	ANCHOR(H)- HEAD-L(SF)	IDENT- BH(stress)	FT- BIN	ANCHOR(H)- SF)R	IDENT(H)- SF)	ANALISE $\sigma$	MAX(SF- H)
a. (rílo)	*!							**
b. (lílo)						* $r \neq l$		**

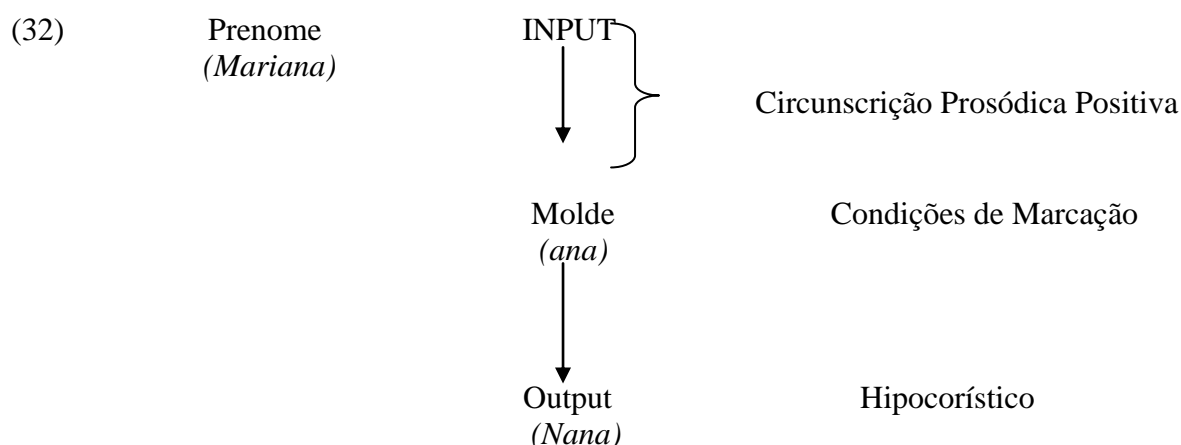
O Hipocorístico ‘Lilo’ pode ser compreendido como uma evidência de correspondência *output-output*, pois depende de uma base no *output* (rílo).

Outra estratégia de reparo é utilizada em Hipocorísticos cuja primeira sílaba se inicia por vogal, caso em que uma das formas de *output* não dispunha de consoante na sílaba inicial ( cf. Eduardo → Dádo ). É necessário, então, postular uma nova restrição de marcação que diz respeito à posição de ataque:

( 31 ) ONSET : Todas as sílabas precisam ter ataque. Essa restrição é violada se o candidato não apresentar um segmento nessa posição.

Casos como *Dado* < *Eduardo* e *Lilo* < *Murilo* encontram sustentação formal na *Simpatia* (McCarthy, 1998), porque neles não há coincidência entre a representação de

superfície e a representação subjacente, já que há efeitos de opacidade na escolha de candidatos possíveis. Desse modo, em termos derivacionais, há duas etapas de formação dos Hipocorísticos, como propõe Gonçalves (2004): a) delimitação de um molde, através da circunscrição positiva, que mapeia um troqueu moraico da direita para a esquerda do prenome e b) a atuação de restritores de marcação sobre o molde, conduzindo à emergência de estruturas não marcadas no *output* final. Sendo assim, condições que regulam o tamanho do Hipocorístico fazem com que esse fenômeno tenha um formato prosódico definido. Seguindo as descrições de Gonçalves, devido a essas duas etapas de formação, condições de marcação atuam sobre o molde e não na base. Portanto, diferenças entre o conteúdo selecionado via circunscrição e o que efetivamente aparece nos Hipocorísticos podem ser compreendidas como provenientes do papel desempenhado pelas condições de boa formação sobre o molde projetado pela base. Em casos como *Dado* < *Eduardo*, *Nana* < *Mariana*, a identidade entre a base e o Hipocorístico é ainda mais sacrificada pelas condições de marcação que atuam no material copiado via circunscrição positiva, como mostrado a seguir:



(esquema adaptado de Gonçalves 2004:13)

O esquema acima evidencia a necessidade de uma abordagem serialista por ter um estágio intermediário de representação transderivacional. Uma forma como ‘ana’ não pode ser tratada sob a ótica paralelista porque tal forma além de não constituir palavra independente no *input*, também não está plenamente manifestada no *output*. Contudo, ainda assim motiva uma cópia, influenciando na escolha do candidato vencedor.

Acatando a idéia de Gonçalves (2005), para quem o molde “é uma instância de opacidade”, uma vez que “é o pivô de uma série de modificações fonológicas”, toma-se a Simpatia como abordagem teórica que dê conta dos efeitos de opacidade que integram a formação de fenômenos não encadeados morfologicamente.

Como o Hipocorístico é fiel ao *input* no que diz respeito à posição da cabeça da palavra prosódica, a cópia de um *onset* da sílaba seguinte deve envolver DEP, pois mesmo que haja a cópia no caso de Nana < Mariana ou substituição de tepe por *l* em início de palavra, como em Lilo < Murilo, a identidade entre a forma de base e o output é garantida, ainda que minimamente.

Para Gonçalves (2005), a análise dos Hipocorísticos “Lilo < Murilo” e “Nana < Mariana” sob uma perspectiva serialista é mais elegante e econômica do que uma análise puramente paralelista, porque descarta a utilização de restrições como  $[ONSET_{\sigma 1} = ONSET_{\sigma 2}]P_{WD}$ , uma vez que essa restrição não apresenta motivação aparente que a justifique na análise. Sob a perspectiva serialista, o preenchimento do primeiro ataque não é arbitrário, já que é condicionado pelo ataque da sílaba posterior. Desse modo, o *output* aceito como ótimo (‘Nana’) não deixa de ser fiel ao molde se levarmos em consideração que é descartado qualquer *onset* diferente daquele que se acha na constituição da forma rastreada pela circunscrição positiva. Assim, candidatos como “*Mana*”, “*Lana*” e “*Pana*” são tidos como agramaticais, sendo satisfatoriamente descartados.

O ranqueamento completo para a formação dos Hipocorísticos com corte à esquerda é apresentado a seguir (cf. 33, 34, 35, 36) e se caracteriza pelo domínio das restrições de MARCAÇÃO sobre FIDELIDADE, já que a formação dos Hipocorísticos exige que seja isolada uma porção delimitada da forma de base, com isso condições sobre a palavra prosódica (PwD) devem ser respeitadas. A cópia do *onset* da segunda sílaba prejudica a correspondência de traços entre segmentos, pois leva à violação de IDENTIDADE, mas é a única alternativa encontrada para sanar os problemas da presença de tepe em início de sílaba e ausência de ataque. IDENTIDADE deve ser dominada por \*[r]PwD e por ONSET a fim de que formas como ‘Dado > Eduardo’ e ‘Nana’ > Mariana manifestem-se como candidatos ótimos.

( 33 )

Candidatos	ANCHOR(H)- HEAD-L(SF)	IDENT- BH(stress)	FT- BIN	ANCHOR(H- SF)R	NO- CODA	ONSET	IDENT(H- SF)	MAX(SF- H)
a. (árdo)					*!	*		***
b. (dárdo)					*!		*	***
c.(dádó)☺							*	***
d.(dadó)		*!					*	***
e. (dá)			*!	*			*	*****

Um ranqueamento completo é apresentado a seguir. Restrições de estrutura silábica como \*[r]PwD e ONSET devem dominar IDENT, porque a cópia do *onset* que compõe a segunda sílaba causa a violação da identidade existente entre a forma de base e o Hipocorístico. MAX (SF-TF) ocupa a posição mais baixa na hierarquia porque, na formação dos Hipocorísticos, ela é sempre violada. A dominância de ANCHOR-HEAD-L,

IDENT-BH(stress), FT-BIN, ANCHOR(SF-H) sobre IDENT(H-SF) >> MAX (SF-H) ocorre porque aquelas são restrições dominantes e todos Hipocorísticos sensíveis à pauta acentual da base devem cumprir as exigências impostas por elas sem cometer nenhuma infração. NO-CODA >> IDENT(H-SF) >> MAX(SF-H) são restrições dominadas, pois mesmo que haja violações a elas, o candidato ainda poderá ser escolhido como ótimo. NO-CODA está acima de IDENT(H-SF), porque mesmo que um candidato preserve a mesma especificação de segmentos do *output* para o *input*, se tiver coda não poderá ser o candidato ótimo. No mais, IDENT(H-SF) está acima de MAX(SF-H) na hierarquia porque podem haver candidatos sensíveis ao acento da base cujos segmentos correspondentes têm o mesmo valor, ou seja, a especificação dos segmentos do *output* preserva fielmente a estabelecida no *input* (cf. Lena < Marilena, Mena < Filomena), mas violam MAX (SF-H), uma vez que todo Hipocorístico, sem exceção, implica na perda de segmentos do *input* para o *output*.

ANCHOR(H)-HEAD-L(SF), IDENT-BH(stress), FT-BIN, ANCHOR(SF-H)R, NO CODA >>IDENT(H-SF) >> ANALI- $\sigma$  >> MAX(SF-H)

( 34 )

Candidatos	ANCHOR(H)- HEAD-L(SF)	IDENT- BH(stress)	FT- BIN	ANCHOR(H- SF)R	NO CODA	IDENT(H- SF)	ANALI- $\sigma$	MAX(SF- H)
a.ro(bérto)					*!		*	
b.(bérto)					*!			**
c.(béto)☺						*		***
d.robér(to)	*!		*!		*			

(35)

Candidatos	ANCHOR(H)- HEAD-L(SF)	IDENT- BH(stress)	FT- BIN	ANCHOR(H- SF)R	ONSET	IDENT(H- SF)	MAX(SF- H)
a.(ána)					*!		****
b.(lána)						*	****
c.(nána) ☺						*	****
d.(mári)	*!	*		*			***

(36)

Candidato	ANCHOR(H)- HEAD-L(SF)	IDENTB T(stress)	FT- BIN	ANCHOR( H-SF)R	*[r]PWD	IDENT(H-SF)	MAX(H-B)
a.(rílo)					*!		**
b.(riló)		*!			*		**
c.(murílo)	*!		*				
d.(lílo) ☺						*	**

Nos *tableaus* anteriores, podem ser constatados que há Hipocorísticos que não estabelecem relação direta do *input* com o *output*, mas relações entre *outputs*, pois tudo indica que há dependência de uma base no *output*, ou seja, para se ter a forma ‘Lilo’, foi preciso que tal forma dependesse da base ‘rilo’, assim como a forma ‘Nana’ depende de uma base anterior ‘ana’.

Devido à relação das restrições de fidelidade entre *outputs*, a análise dos Hipocorísticos somente pela Otimalidade Clássica seria insuficiente, justificando, portanto a aplicação de uma abordagem paralelista e também serialista.



Por fim, pode-se afirmar que Hipocorísticos à direita ranqueiam marcação sobre fidelidade, fazendo superficializar formas menos complexas do ponto-de-vista prosódico, como sílabas CV e pés dissilábicos. Pode ser afirmado também que Hipocorísticos ancorados à direita são sensíveis à estrutura do pé acentuado principal da forma de base e se caracterizam por serem menos tolerantes às sílabas marcadas (cf. Bíla < Fabíola, Biça < Fabrícia, Guto < Augusto), o que faz com que a contigüidade entre os segmentos seja dominada por restrições de boa formação silábica.

Em contrapartida, na seção seguinte, será visto que Hipocorísticos ancorados à esquerda são sensíveis à estrutura silábica da palavra-base e, por isso são mais tolerantes às sílabas marcadas da língua. Dessa forma, esse tipo de Hipocorístico tende a manter a complexidade silábica da forma de base (cf. Cris < Cristina, Adri < Adriana, Auxi < Auxiliadora) principalmente quando a complexidade inside na primeira sílaba à esquerda. Nesses casos, a estrutura silábica marcada dificilmente será simplificada e, quando isso acontece, a simplificação se manifesta com mais frequência na segunda sílaba da esquerda para a direita (cf. Pati < Patrícia, Gabi < Gabriela). Assim, a contigüidade entre os segmentos tende a não ser interrompida e, por essa razão, restrições de boa formação silábica são dominadas.

Nos Hipocorísticos sensíveis à estrutura silábica, o padrão não será necessariamente a forma canônica do português, encontrando-se, portanto estruturas CCVC ('Fran'), VCV ('Alê') e CCVV ('Cléo').

## 4.2 Hipocorísticos Ancorados à Esquerda

Além dos Hipocorísticos do tipo “Lilo”, cuja margem esquerda coincide com a margem esquerda da sílaba que contém o acento principal da forma de base, existe um outro tipo de Hipocorístico que possui ancoramento à esquerda (ANCHOR-L) e está relacionado com o início da forma de base, conforme os seguintes exemplos:

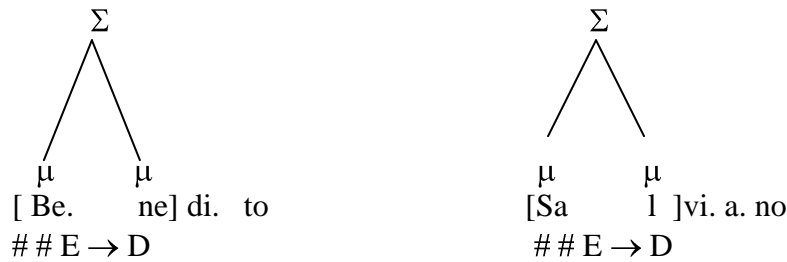
(37)	A	B
	Rafael >> Rafa	Alessandra >> Alê
	Mauela >> Manu	Itamar >> Ita
	Filomena >> Filó	Adelaide >> Adê
	Gabriela >> Gabi	
	Mariana >> Mari	
	C	D
	Catielen >> Cati	Cristina >> Cris
	Natalia >> Nati	Francine >> Fran
	Edvanildo >> Edi	Cleonice >> Cléo
	Peterson >> Peti	Fernanda >> Fer

Pode-se notar que nesses exemplos o acento primário da palavra-matriz não é preservado, diferentemente dos casos explorados na seção anterior. Pelos dados percebe-se que os Hipocorísticos não apresentam mais do que duas sílabas. Em A, destacam-se Hipocorísticos com padrão CVCV. Em B, nota-se a existência de formas que para garantirem maior fidelidade *input-output*, não apresentam *onset* silábico. Em C, para evitar que a posição de coda seja ocupada por consoantes oclusivas, ocorre inserção do [i], que é a vogal epentética por excelência do português, o que garantirá a formação da estrutura CVCV. Por fim, em D, aparece a estrutura CCVC, visto a necessidade de respeitar o ancoramento fiel entre as margens da base e do Hipocorístico.

Outro comportamento observado para o caso dos Hipocorísticos ancorados à esquerda é que a restrição NO-CODA costuma ser violada no caso dos oxítonos ‘Val’, ‘Sal’, ‘Mel’, ‘Cris’, ‘Del’.

Pode-se confirmar também que nos Hipocorísticos ancorados à esquerda a noção de bimoracidade é sempre respeitada (cf. figura seguinte):

(38)



Tendo em vista as observações expostas anteriormente, é proposta a seguinte hierarquia para os Hipocorísticos ancorados à esquerda:

(39)

ANCHOR-L (H-B), FT-BIN, IAMBO >> MAX(H-B) ou ANCHOR-L(H-B), FT-BIN, TROQUEU SILÁBICO >> MAX(H-B)

(40)

Candidatos	ANCHOR(H-B)-L	FT-BIN	IAMBO	MAX(H-B)
a.be(nedíto) $\Sigma$ 1	*!	*	*	
b.(díto) $\Sigma$ 1	*!		*	****
c. (bené) $\Sigma$ 1 ☺				****
d. (be) $\Sigma$ 1		*!	*	*****

(41)

Candidatos	ANCHOR(H-B)-L	FT-BIN	TROQUEU SILÁBICO	*COMPLEX SYL	MAX(H-B)
a.pa.tí(cia)Σ1		*!	*		
b. (páti)Σ1 ☺					***
c. (patrí)Σ1			*!	*	***

Para resolver o impasse entre candidatos ‘Pati’ vs. ‘Patri’, a solução que encontrada foi inserir \*COMPLEX SYL no ranqueamento, mas encontrar-se-á um problema se essa mesma restrição for postulada para o caso de ‘Clodô’ vs. ‘Codô’. A forma ótima ‘Clodô’ infringe \*COMPLEX SYL, mas mesmo assim é tida como ótima. Não foi encontrada uma solução para tal problema, entretanto tem-se a seguinte hipótese: será que o fato da sílaba ‘ti’ estar em posição fraca, ou seja, depois da sílaba forte ( ‘pá’ ) e a sílaba ‘clo’ se encontrar antes da sílaba forte ( ‘do’ ) é um fator determinante? Falando de um modo mais simples, será que é a sílaba forte à direita que impediria a simplificação da sílaba ‘clo’? <sup>7</sup>

Entretanto, o ranqueamento apresentado acima oferece um empecilho no caso do Hipocorístico proveniente de “Melissa” ( ‘Mel’ ) porque se NO CODA e MAX entram em jogo, o candidato correto na tabela seguinte é “Meli”, que não é a forma desejada.

A solução para tal impasse se encontra no que Meyers (1994:4) chama de “*Exhaustive Syllabification*”, que postula a incorporação de todos os segmentos dentro da estrutura silábica.

---

<sup>7</sup> Para que esse questionamento se faça uma afirmação, é necessário haver mais dados com a finalidade ser realizada uma comparação satisfatória entre hipocorísticos ancorados à esquerda. Em razão disso, a resposta a tal pergunta deverá ser trazida em trabalho futuro.

Para Meyers, as representações de *input* não são silabificadas. Entretanto, essas representações são submetidas a GEN, o qual gerará para cada *input outputs* com silabificação possível. Esses *outputs* são avaliados pelas restrições de estrutura silábica, como por exemplo, ONSET (cada sílaba deve ter material precedendo a primeira mora) e por um conjunto de restrições de fidelidade formalizadas a seguir:

(42)

- a. PARSE (Root): todo nó da estrutura precisa estar associado com uma mora ou sílaba;
- b. \*STRUCTURE (Root): postula-se uma violação para cada nó da estrutura;

Myers (1994: 7) demonstra, utilizando um caso do Yawelmani, a atuação de tais restrições com o acréscimo de \*COMPLEX e PARSE ( $\mu$ ) no ranqueamento.

(43)

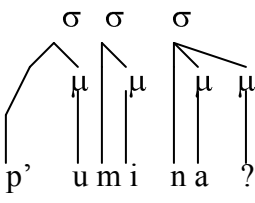
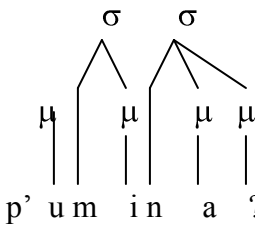
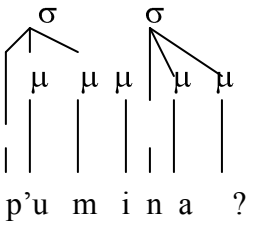
- c. \*COMPLEX: Apenas um elemento pode estar na posição de *onset* ou na posição de coda;
- d. PARSE  $\mu$ : toda mora deve estar escandida no interior da sílaba.

Os candidatos a *output* são avaliados a seguir, obedecendo-se o ranqueamento

\*COMPLEX, PARSE (Root) >> \*STRUCT ( $\sigma$ ) >> PARSE ( $\mu$ ):

(44)

p'um' na?

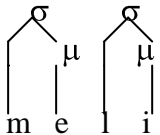
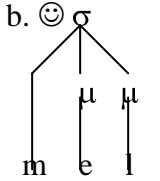
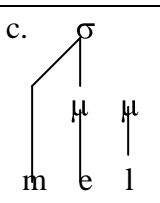
candidate	*COMPLEX	PARSE(Root)	STRUCT ( $\sigma$ )	PARSE ( $\mu$ )
a. 			***!	
b. 		*!	**	*
c. ☺ 			**	*

O candidato a, apesar de ser totalmente escandido dentro da estrutura prosódica é menos ótimo do que o candidato c porque tem três sílabas ao invés de duas. O candidato b também tem apenas duas sílabas, mas fatalmente viola PARSE (Root). O *output* ótimo é o que tem a mora média (i) não escandida, já que estamos diante de um caso de síncope.

Observa-se, portanto, que no caso de ‘Mel’ vs. ‘Meli’, analisados no *tableau* seguinte, a solução ideal é postular uma restrição de estrutura silábica, ou seja, \*STRUCTURE ( $\sigma$ ). A ocorrência de mais de uma violação de \*STRUCT ( $\sigma$ ) impede a violação de NO CODA, ao passo que uma única violação de \*STRUCT ( $\sigma$ ) implica

automaticamente numa violação de NO CODA. Toda vez que ocorrer uma infração \*STRUCT ocorrerá infração de NO CODA.

(45)

Candidatos	ANCHOR(H-B)-L	*STRUCT( $\sigma$ )	NO CODA	MAX(H-B)
a. 		**		**
b. ☺ 		*	*	***
c. 		*	*	***

O candidato a é totalmente escandido dentro da estrutura prosódica, entretanto, é menos ótimo do que b porque tem duas sílabas ao invés de uma. O candidato c tem também uma única sílaba, mas fatalmente viola PARSE ( $\mu$ ). O candidato ótimo, b, é o que viola \*STRUCT ( $\sigma$ ) uma vez e não viola PARSE ( $\mu$ ).

O candidato b é escolhido como ótimo por duas razões: não viola PARSE ( $\mu$ ) uma única vez e porque é constituído de uma sílaba ao invés de duas.

Somente com a inserção de \*STRUCT ( $\sigma$ ) na hierarquia é possível desempatar candidatos como ‘Meli’ vs. ‘Mel’.

Para finalizar esta seção, será apresentada a seguir uma forma mais regular, isto é, um hipocorístico que se caracteriza pelo padrão mais geral: constituído pela estrutura CVCV, como em “Gabi” (< Gabriela). Em seguida, será verificado um caso com inserção de vogal epentética [i] para garantir a formação da estrutura CVCV, como em ‘Nat[i]’ (< Natália)

(46)

‘Gabi’

Input: Gabriela	ANCHOR(H- B)L	FT- BIN	IAMBO	ONSET	*COMPLEX	MAX	DEP
a. Brielá	*!	*!		*	*	**	
b. Gabrí					*	***	
c. Éla	*!		*	*		*****	
d. Léla	*!		*			*****	*
e. Gabí☺						****	

Dentre os candidatos, o primeiro a ser eliminado da disputa é *a* porque extrapola o tamanho máximo permitido na formação dos hipocorísticos. Os candidatos *c* e *d* são eliminados pela restrição de ancoragem, ANCHOR(H-B)L, já que seus segmentos à esquerda não equivalem aos mesmos que estão à esquerda da base. O próximo candidato a *output* a ser descartado é *b*, que não respeita a restrição \*COMPLEX, uma vez que apresenta *onset* constituído de dois segmentos. O candidato *e* apresenta uma consoante oclusiva como coda e, dessa forma, infringe a restrição que controla essa posição na estrutura silábica. Assim, o *output* ótimo, isto é, o que se realiza na língua, é o candidato *e* que infringe somente a restrição de fidelidade MAX, restritor sempre violado na formação de Hipocorísticos.



A seguir será analisado o caso de formação do Hipocorístico “Nati”, que se destaca pela inserção de uma vogal epentética na margem direita do *output*.

(47) ‘Nati’

Input: Natália	ANCHOR(H- B)L	FT- BIN	TROQUEU SILÁBICO	ONSET	*COMPLEX	CODA- CON	MAX	DEP
a. Lia	*!				*		****	
b. Nalí	*!		*!				***	
c. Nat						*!	****	
d. Nátí☺							****	*
e. Tália	*!	*		*			**	

O primeiro candidato a ser eliminado da disputa é *e*, que excede a quantidade de sílabas permitida. Posteriormente, os candidatos *a* e *b* são eliminados pela restrição ANCHOR(H-B)L, visto que os segmentos à esquerda do hipocorístico não correspondem aos do antropônimo. Por fim, o candidato *c* também será descartado porque a posição de coda é ocupada por consoante oclusiva. Dessa forma, o candidato vencedor é *d*, pois infringe apenas as restrições de fidelidade, inclusive DEP, para garantir formação de sílabas com padrão CV.

Pode-se concluir, então, que as restrições de ancoragem e tamanho são as mais altas da hierarquia de formação dos Hipocorísticos ancorados à esquerda, seguidas pelas restrições de estrutura silábica e, por fim, de fidelidade.

Diante de toda análise apresentada, observou-se que os Hipocorísticos cuja margem esquerda coincide com a margem esquerda da sílaba que contém o acento principal na forma de base e os Hipocorísticos cuja margem esquerda coincide com a margem esquerda da forma de base não podem ser nunca maiores do que um pé binário. Se a base excede

esse limite deverá obrigatoriamente ocorrer perda de segmentos, ou seja, apenas uma parte da palavra-matriz é preservada. A presença de estruturas não marcadas resulta da demarcação de um pé bimoraico sobre a base e das condições de boa formação silábica que levam a um grau menor de identidade entre derivante e derivado.

Constata-se que na Hipocorização do português brasileiro as condições de marcação dominam fidelidade (MARCACÃO >> FIDELIDADE), implicando na superficialização de formas menos complexas do ponto de vista prosódico, como as sílabas CV e pés dissilábicos.

No capítulo seguinte, serão apresentadas as descrições e análises dos Hipocorísticos em língua espanhola a fim de averiguar as semelhanças e diferenças em relação a esses mesmos processos no português do Brasil.

## CAPÍTULO 5

### HIPOCORÍSTICOS EM LÍNGUA ESPANHOLA

De acordo com Piñeros (1998) há dois tipos de hipocorísticos no Espanhol: hipocorísticos do Tipo A, que preservam o material segmental das sílabas iniciais da forma de base (FB); e por outro lado, hipocorísticos do Tipo B, que preservam sílabas finais da forma de base.

(48) <i>Forma de Base</i>	<i>Tipo-A</i>	<i>Tipo-B</i>
xe.sús	xé.su(s)	čučo Jesús
el.bí.ra	él.bi	bí.la Elvira
xo.sé.fa	xó.se	čé.pa Josefa
le.o.ká.dja	lé.o	ká.ya. Leocadia

Devido à preservação de diferentes partes das formas de base, esses processos também diferem em grau de fidelidade entre as formas de base e suas formas truncadas correspondentes. Os segmentos da forma de base que são preservados nos hipocorísticos do Tipo A sempre têm correspondência idêntica (cf. 49a); já os segmentos da forma de base que são preservados nos hipocorísticos do Tipo B não têm correspondência tão fiel quanto os hipocorísticos do Tipo A (cf. 49b).

(49) a. [ x o . s é . f a ]	b. [ x o . s é . f a ] <i>FB</i>
[ x ó . s e ]	[ č é . p a ] <i>H</i>
<i>Jose</i> < <i>Josefa</i>	<i>Chepa</i> < <i>Josefa</i>

Para Pineros (1999), esses dois processos representam dois diferentes graus de Emergência do Não-Marcado (cf. McCarthy e Prince, 1994). Os hipocorísticos do Tipo A são não marcados no nível prosódico, formando uma palavra mínima. Por outro lado, hipocorísticos do Tipo B são não marcados no nível segmental (cf. mostra a otimização

do onset, descrita mais adiante). Hipocorísticos no Espanhol são equivalentes a palavras mínimas porque contêm sempre duas sílabas. Como resultado, quando a forma de base excede esse limite, algum material segmental não pode ser preservado. Hipocorísticos do Tipo B têm a tendência de favorecerem sílabas CV como picos e margens ótimas. Esses produzem a seleção de candidatos com segmentos de baixa sonoridade para ocuparem a posição de onset na sílaba e segmentos de sonoridade alta para ocuparem a posição de núcleo. A substituição dos sons exibidos pelos hipocorísticos do Tipo B é um caminho para que eles possam otimizar a sílaba pelo parseamento mais harmônico dos onsets. Formas prosódicas e segmentalmente não-marcadas exibidas pelos hipocorísticos emergem porque algumas das restrições de fidelidade que demandam da identidade entre forma de base e forma resultante são reguladas pelas restrições de marcação, havendo, portanto a dominância de Marcação sobre Fidelidade.

### **5.1 Não-Marcação Prosódica na Morfologia do Hipocorístico**

Seguindo Benua (1995), Piñeros assume que o hipocorístico reduz uma forma de base a uma palavra mínima não marcada, a qual encontra todas as exigências impostas pelas restrições de acento.

#### **(50) Restritores de Acento**

PARSE-SYLL: Todas as sílabas são escandidas em pés.

FT-BIN: Pés são binários numa análise silábica ou moraica.

ALL-FT-R: Todo Pé à Direita.

Cada pé estende-se na posição final da PWd.

Em adição aos Restritores de Acento, os hipocorísticos do espanhol também são assuntos para uma restrição que requer cabeça à esquerda dentro do pé.

FT-FORM (Trocaico). Alinha-se a margem esquerda de um pé com a margem esquerda da cabeça (uma sílaba acentuada)

Em estrito cumprimento com todas essas restrições de pauta acentual que formam uma palavra-mínima, os hipocorísticos do espanhol são sempre constituídos por uma palavra-mínima de duas sílabas, formando um pé trocaico (cf.  $[(\underline{\sigma})]$ ). Portanto, os candidatos que preservam mais do que duas sílabas, ou menos do que duas sílabas, são descartados.

(51) FT-BIN, PARSE-SYLL, ALL-FT-R, FT-FORM (Trochaic)

SF: $\sigma\sigma$	FT-BIN	PARSE-SYLL	ALL-FT-R	FtFORM(Trochaic)	MAX(SF-TF)
a. $[(\underline{\sigma})_{F2}(\underline{\sigma\sigma})_{F1}]_{PWd}$	*!		F2 : $\sigma\sigma$		
b. $[(\underline{\sigma\sigma})_{F2}(\underline{\sigma})_{F1}]_{PWd}$	*!		F2: $\sigma$		
c. $[(\underline{\sigma\sigma})_{F1}\sigma]_{PWd}$		*!	F1: $\sigma$		
d. $[\sigma(\underline{\sigma\sigma})_{F1}]_{PWd}$		*!			
e. ☺ $[(\underline{\sigma\sigma})_{F1}]_{PWd}$					$\sigma$
f. $[(\underline{\sigma\sigma})_{F1}]_{PWd}$				*!	$\sigma$

Esta tendência de reduzir a forma de base a uma palavra mínima é proveniente da atuação da restrição MAX(FB-H) , que impede o apagamento. Abaixo do ranqueamento FT-BIN, PARSE-SYLL, ALL-FT-R  $\gg$  MAX (SF-TF), a identidade entre a forma de base e o hipocorístico precisa ser freqüentemente sacrificada nesta ordem para obter a PWd não marcada. Somente quando a forma de base não excede um pé binário, a forma resultante pode prover um correspondente para cada elemento da forma de base (cf. 52a).

(52) FT-BIN, PARSE-SYLL, ALL-FT-R, Ft-FORM(Troc)  $\gg$  MAX(SF-TF)

SF: $[(r\acute{o}.sa)]$	FT-BIN	PARSE-SYLL	ALL-FT-R	Ft-FORM(troc)	MAX(SF-TF)
a. ☺ $[(r\acute{o}.sa)]$					
b. $[(r\acute{o}).sa]$	*!	*	*	*	
c. $[ro.(s\acute{a})]$	*!	*		*	

Mas sempre que a forma de base exceder esse limite é impossível para a forma resultante prover um correspondente para cada elemento na forma de base, dado que

isso causa a violação de restrições de Palavra-Prosódica (cf. 53a, 54a). Com base nessas circunstâncias, algum material segmental na forma de base precisa ser sacrificado. O hipocorístico é, portanto, o preço pago para não se obter a marcação prosódica.

(53) FT-BIN, PARSE-SYLL, ALL-FT-R, FT-FORM (Troc) >> MAX (SF-TF)

FB:[el.(βí.ra)]	FT-BIN	PARSE-SYLL	ALL-FT-R	Ft FORM(Troc)	MAX(SF-TF)
a. [el.(βí.la)]		*!			
b. ☺[(él.βi)]					ra

(54) FT-BIN, PARSE-SYLL, ALL-FT-R, FT-FORM (Troc) >> MAX (SF-TF)

FB: [el.(βí.ra)]	FT-BIN	PARSE-SYLL	ALL-FT-R	Ft FORM(Troc)	MAX(SF-TF)
a. [el.(βí.la)]		*!			
b. ☺[(bí.la)]					el

Nos hipocorísticos do Tipo-A, a margem direita da forma de base é sacrificada para preservar as duas primeiras sílabas da forma de base (cf. 53b). Entretanto, nos hipocorísticos do Tipo-B, a preferência é dada para aqueles segmentos escandidos pelo pé acentuado principal da forma de base (cf. 54b). De acordo com isso, ainda que ambos os tipos de hipocorísticos compartilhem o mesmo ranqueamento parcial estabelecido acima, eles diferem em relação a outras restrições.

## 5.2 A Análise de Piñeros (1998) e suas Problemáticas

Conforme citado anteriormente, na análise de Piñeros (1998), para os casos de hipocorísticos do espanhol, o pesquisador faz uma análise desses fenômenos dividindo-os em hipocorísticos do Tipo-A, que preservam o material segmental das sílabas iniciais da forma de base e hipocorísticos do Tipo-B, que preservam as sílabas finais da forma de base. Segundo ele, hipocorísticos do Tipo-A sempre tem correspondência idêntica

com a respectiva forma de base, enquanto que a correspondência entre hipocorísticos do Tipo-B e suas respectivas formas de base não é tão fiel.

Piñeros (1998) admite a palavra-mínima para os hipocorísticos do espanhol e argumenta que, nos hipocorísticos do Tipo-A, os segmentos preservados são as duas primeiras sílabas da forma de base. Esse estado de identidade é garantido, segundo o pesquisador, através da atuação de duas restrições, ANCHOR-L e I-CONTIGUITY, ranqueadas mais altamente na hierarquia. No entanto, para ele, a forma truncada ótima não é perfeitamente idêntica à forma de base porque restritores de Palavra-Prosódica dominam MAX. Dessa maneira, para efeito de exemplificação, Piñeros estabelece o seguinte ranqueamento:

(55)

FB[mar(cé.la)]	ANCHOR(SF-TF)L	I-CONTIGUITY	PWR	MAX(SF-TF)
a. ☺[(már.ce)]				la
b. [mar.(cé.la)]			*!	
c. [(már.la)]		*!		ce
d. [(cé.la)]	*!			mar

Entretanto, afirma o autor que há casos de hipocorísticos do Tipo-A que não são completamente idênticos às primeiras duas sílabas da forma de base. Esses casos podem ser observados quando a segunda sílaba é travada pelas consoantes [r, l, n, s], que nesses casos podem ser opcionalmente preservadas (cf. Rika ~ Rikar < Ricardo; Rodo ~ Rodol < Rodolfo). Para exemplificar essa ocorrência, o autor propõe a atualização de restrições de marcação, que regulam a estrutura silábica e que servem para barrar segmentos marcados na margem direita da sílaba, tais como NO-CODA e CODA-COND. Em seguida, Piñeros propõe o seguinte ranqueamento para explicar a interação de restrições de estrutura silábica com a restrição de fidelidade MAX:

(56)

NO-CODA >> MAX(FB-H), CODA-COND

FB: [ri.(kár.do)]	NO-CODA	MAX(SF-TF)	CODA-COND
a. [(rí.kar)]	*!	do	
b. ☺[(rí.ka)]		rdo	

CODA-COND >> MAX(SF-TF), NO-CODA

FB: [ri.(kár.do)]	CODA-COND	MAX(SF-TF)	NO-CODA
a. ☺ [(rí.kar)]		do	*
b. [(rí.ka)]		r!do	

Nos hipocorísticos do Tipo-A, o autor faz menção ainda àqueles casos em que ocorre ditongação na segunda sílaba. Segundo ele, como \*COMPLEX domina MAX, um dos segmentos do ditongo precisa ser descartado. Essa decisão de quais membros do ditongo precisa ser preservado depende da interação de \*COMPLEX com a restrição de fidelidade CONTIGUITY, restrição esta que garante que o primeiro membro do ditongo seja sempre preservado em detrimento do segundo membro, já que o apagamento do segundo membro não acarreta a quebra da contigüidade interna dos segmentos:

(57)

FB: [da.(njél)]	I-CONTIGUITY	*COMPLEX	MAX(SF-TF)
a. [(dá.nje)]		*!	l
b. ☺ [(dá.ni)]			el
c. [(dá.ne)]	*!		j l

Após fazer referência à proibição da complexidade da segunda sílaba dos hipocorísticos, Piñeros menciona que a primeira sílaba dos hipocorísticos do Tipo-A pode ser complexa e alega que a hierarquia de restrições proposta no tableau anterior funciona perfeitamente para esses casos, além disso, Piñeros passa a utilizar a restrição SYLL-WELL para abreviar NO-CODA, CODA-COND e \*COMPLEX, assim:



(58)

I-CONTIGUITY >> SYLL-WELL >> MAX(SF-TF)

SF: [fran.(cís.ko)]	I-CONTIGUITY	SYLL-WELL	MAX(SF-TF)
a. ☺[(frán.cis)]		*	ko
b. [(fán.cis)]	*!		r ko
SF: [djo.(ní.sjo)]			
a. [(djó.ni)]		*	sjo

No entanto, o pesquisador alega que quando a segunda sílaba da forma de base contiver uma estrutura silábica marcada, é possível dispor os segmentos de modo contíguo, assim:

(59)

I-CONT >> SYLL-WELL >> MAX(FB-H)

FB: [ga.(brjél)]	I-CONTIGUITY	SYLL-WELL	MAX(SF-TF)
a. [(gá.brjel)]		*!*	
b. [(gá.brje)]		*!*	l
c. ☺[(gá.bri)]			el
d. [(gá.bre)]	*!	*	j l
e. [(gá.brel)]	*!	*	j

No tableau anterior, todos os candidatos que contenham uma sílaba mais marcada ou que sofrem perda de contigüidade interna na disposição dos segmentos provocam violações de SYLL-WELL.

Nos hipocorísticos do Tipo-B, Piñeros afirma que há uma tendência de se preservarem os elementos que estão contidos na cabeça da palavra-prosódica. Em razão disso, estabelece para a análise desse tipo de hipocorístico a restrição HEAD-MAX, que define para cada segmento contido na cabeça da palavra-prosódica da base um correspondente no respectivo hipocorístico. No entanto, Piñeros admite que essa restrição não é perfeitamente obedecida, já que alguns segmentos contidos na cabeça principal da base falham na correspondência com a forma resultante, justificando para tanto a dominância de SYLL-WELL sobre HEAD-MAX (SYLL-WELL >> HEAD-

MAX) a fim de justificar a simplificação de onsets e núcleos silábicos. Segundo o pesquisador, o fato de SYLL-WELL vencer HEAD-MAX ocasiona uma das maiores diferenças entre hipocorísticos do Tipo-B e hipocorísticos do Tipo-A, porque permite que hipocorísticos do Tipo-B violem contigüidade, fato esses não permitido na análise de hipocorísticos do Tipo-A.

(60)

FB: [(bráw.ljo)]	SYLL-WELL	HEAD(PWd)MAX	I-CONTIGUITY
a. [(bráw.ljo)]	*!***		
b. [(bráw.lo)]	*!*	j	*
c. [(brá.lo)]	*!	w j	**
d. ☺ [(bá.lo)]		r w j	***

No entanto, a proposta de Piñeros (1998) para os hipocorísticos do espanhol é um tanto problemática. Em seguida, serão pontuados alguns desses problemas, procurando diferenciar a proposta desta tese em relação a de Piñeros (1998) no que diz respeito aos hipocorísticos de língua espanhola

O primeiro desses problemas é que ao contrário do que Piñeros (1998) alega, os hipocorísticos do Tipo-A nem sempre têm correspondência idêntica com a forma de base. Um exemplo de que tal afirmação não pode ser categórica é o fato de codas da segunda sílaba de formas de base paroxítonas, por questões de ordem dialetal, não terem obrigatoriamente correspondência na forma de output. Com isso, formas como “rika” < Ricardo, “rodo” < Rodolfo deixam de preservar a correspondência total com a segunda sílaba da forma de base.

Outra problemática na análise de Piñeros é o fato de restrições de estrutura silábica (NO-CODA, CODA-COND, \*COMPLEX) serem compactadas em uma única restrição SYLL-WELL. Essa proposta de Piñeros é paradoxal para a análise porque não é possível juntar numa única restrição NO-CODA, CODA-COND e \*COMPLEX, uma vez que a restrição MAX ora domina NO-CODA, ora é dominada por ela.

O pesquisador também coloca o fato de SYLL-WELL vencer CONTIGUITY como uma das maiores diferenças entre hipocorísticos do Tipo-B e de hipocorísticos do Tipo-A. Enquanto que nos hipocorísticos do Tipo-B SYLL-WELL domina CONTIGUITY, nos hipocorísticos do Tipo-A CONTIGUITY é que domina SYLL-WELL. Essa abordagem também é um tanto problemática porque coloca CONTIGUITY como fator determinante na diferença de hipocorísticos do Tipo-A e do Tipo-B, de modo que a ancoragem assume papel secundário nessa distinção.

Contudo, a proposta de análise aqui apresentada para os casos de hipocorísticos do espanhol tem a vantagem de colocar a ancoragem como fator decisivo para o tratamento dos hipocorísticos do Tipo-A e hipocorísticos do Tipo-B. No mais, também não junta em uma única restrição as restrições de estrutura silábica como NO-CODA, CODA-COND e \*COMPLEX, já que existem casos em que NO-CODA ora domina MAX, ora é dominada por ela (cf. Ríka, ríkar < Ricárdo; Jésu, Jesús < Jesús).

### 5.3 Hipocorísticos do Tipo-A

Nos hipocorísticos do Tipo-A, os segmentos que são preservados na palavra mínima constituem um cópia contínua das duas primeiras sílabas da forma de base (cf. [(djó.ni)] < [djo.(ní.sjo)] ‘Dionísio’). Essa identidade parcial entre forma de base e hipocorístico é assegurado pelas restrições ANCHOR-L e CONTIGUITY (McCarthy e Prince, 1995), que estão no topo da hierarquia.

(61) ANCHOR(SF-TF)L: *Ancoramento à Esquerda da Forma de Base*

Qualquer elemento da periferia esquerda da forma de base tem um correspondente na periferia esquerda do hipocorístico.

(62) I-CONTIGUITY: *Input Contiguity*

Os segmentos do hipocorístico devem estar dispostos de modo contínuo com os segmentos da forma de base.

Na análise dos dados seguintes veremos que MAX(SF-TF), ANCHOR(SF-TF)L e I-CONTIGUITY são restrições de fidelidade que forçam a identidade entre forma de base e hipocorístico, desse modo, a forma resultante ótima, que efetivamente constituirá o hipocorístico é raramente idêntica à forma de base, porque o conjunto de restritores de Palavra Prosódica (PWd) domina MAX(SF-TF). Apesar disso, a forma resultante ideal precisa ainda tolerar certo grau de similaridade com respeito à forma de base, porque ANCHOR(SF-TF) e I-CONTIGUITY superam os restritores de PWd. Com base nesse ranqueamento, a forma resultante ótima precisa ser uma palavra mínima formada com os correspondentes das duas sílabas que estão mais à esquerda (cf. 163a).

(63) ANCHOR(SF-TF)L, PWR >> I-CONTIGUITY >> MAX(SF-TF)

FB:[mar.(cé.la)]	ANCHOR(SF-TF)L	PWR	I-CONTIGUITY	MAX(SF-TF)
a. ☺[(már.ɛe)]				la
b. [(mar.ɛé.la)]		*!		
c. [(már.la)]			*!	ce
d. [(ɛé.la)]	*!			mar

FB:[djo.(ní.sjo)]	ANCHOR(SF-TF)L	PWR	I-CONTIGUITY	MAX(SF-TF)
a. ☺[(djó.ni)]				sjo
b. [(djo.ní.sjo)]		*!		
c. [(djó.sjo)]			*!	ni
d. [(ní.sjo)]	*!			djo

Há alguns casos, entretanto, em que a forma resultante não é completamente idêntica às primeiras duas sílabas da forma de base. Quando a segunda sílaba é travada pelas consoantes [r, l, n, s], esses segmentos podem ser opcionalmente preservados (cf. 64a). Se for uma consoante diferente de [r, l, n, s], ela definitivamente não se manifestará na forma resultante ótima (cf. 64b). Finalmente, sempre que a segunda

sílaba mais à esquerda da forma de base contiver um ditongo, todos os segmentos depois do primeiro membro do ditongo serão excluídos (cf. 64c).

(64)

a. [ri.(kár.do)] → [(rí.ka)] ~ [(rí.kar)] Ricardo  
[ro.(dól.fo)] → [(ró.do)] ~ [(ró.dol)] Rodolfo  
[ar.(mán.do)] → [(ár.ma)] ~ [(ár.man)] Armando  
[Xe.(sús)] → [(Xé.su)] ~ [(Xé.sus)] Jesus

b [kon.cep.(cjón)] → [(kón.ɾe)] Concepción  
[da.(bíd)] → [(dá.bi)] David

c. [da.(njél)] → [(dá.ni)] Daniel  
[Xa.(bjér)] → [(Xá.bi)] Javier  
[(Xú.lja)] → [(Xú.li)] Julia  
[ma.(nwél)] → [(má.nu)] Manuel (Piñeros, 1998)

Vê-se que no espanhol existem dois tipos de exigência de coda. Há dialetos que segundo Colina (1996) preservam codas terminadas em [r, l, s, n], enquanto que há outros dialetos que dispensam a presença da coda. Esses são os efeitos das restrições de Marcação, que regulam a estrutura silábica.

As restrições NO-CODA e CODA-COND (Prince e Smolensky, 1993) têm o efeito de barrar segmentos marcados na margem direita da sílaba. \*COMPLEX, por outro lado, proíbe sílabas travadas, tanto por consoantes quanto por vogais.

#### (65) *Restrições de Boa-Formação Silábica*

NO-CODA: Sílabas não podem ter coda.

CODA-COND: Somente coronais e /s/ podem ocupar a posição de coda.

\*COMPLEX: Nós silábicos não podem ser ramificados, ou seja, não podem ter sílabas complexas (ou travadas).

A alternância mostrada em (64a) depende da gramática em realizar a restrição NO-CODA ou estar mais relacionada à CODA-COND para filtrar ou marcar segmentos da margem silábica mais à direita. Para dialetos que não preservam a coda da segunda

sílaba da forma de base, a restrição de Marcação NO-CODA precisa estar ranqueada acima de MAX(FB-H), dado que um segmento de coda perde a sonoridade.

(66) NO-CODA >> MAX(FB-H)

FB: [ri.(kár.do)]	NO-CODA	MAX(SF-TF)
a. [(rí.kar)]	*!	do
b. ☺[(rí.ka)]		rdo
FB: [Xe.(sús)]		
a. [(Xé.sus)]	*!	
b. ☺[(Xé.su)]		s

Para os dialetos que permitem consoantes [r, l, n, s] como codas da segunda sílaba dos hipocorísticos, MAX (FB-H) deve dominar NO-CODA, dado que a preservação de segmentos de coda trabalha para beneficiar Identity(FB-H). Esse fato é ilustrado no tableau (67).

(67) MAX(SF-TF) >> NO-CODA

FB: [ri.(kár.do)]	MAX(SF-TF)	NO-CODA
a. ☺ [(rí.kar)]	do	*
b. [(rí.ka)]	r!do	
FB: [Xe.(sús)]		
a. ☺ [(Xé.sus)]		*
b. [(Xé.su)]	s!	

O mesmo ranqueamento apresentam os dados de (64b), nesses casos, com exceção de /s/, todas as obstruintes têm também pouca sonoridade para ocupar posição de coda. O tableau (68) ilustra esse caso.

(68) CODA-COND >> MAX(SF-TF), NO-CODA

FB: [kon.cep.(cjón)]	CODA-COND	MAX(SF-TF)	NO-CODA
a. [(kón.cep)]	*!	cjon	*
b. ☺ [(kón.ce)]		pcjon	
FB: [da.(bíd)]			
a. [(dá.bid)]	*!		*
b. ☺ [(dá.bi)]		d	

Os candidatos (68b) evidenciam casos de emergência do não-marcado, os quais são formados pela atuação de uma restrição de Fidelidade MAX(SF-TF) sobre uma restrição de Marcação NO-CODA.

Assim como os hipocorísticos em (64b) fazem exigência quanto às condições de coda, os hipocorísticos em (64c) não admitem núcleos complexos. A restrição \*COMPLEX é responsável pela simplificação dos núcleos dos exemplos em (64c). Dado que \*COMPLEX domina MAX(FB-H), um dos membros do ditongo precisa ser descartado. A decisão de quais dos dois membros do ditongo deve ser preservado depende da interação de \*COMPLEX com a restrição de fidelidade I-CONTIGUITY. Interessantemente, o candidato vencedor não é a vocóide de sonoridade mais alta, assim como era esperado, mas invariavelmente o primeiro membro do ditongo (cf. [(má.nu)] < [ma. (nwél)] ‘Manuel’). A razão para isso é que o apagamento do segundo membro do ditongo não acarreta a quebra da contigüidade interna dos segmentos (cf. 69b). De acordo com isso, as restrições ANCHOR(SF-TF)L, PWR, I-CONTIGUITY dominam \*COMPLEX.

(69) ANCHOR(SF-TF), PWR, I-CONTIGUITY >> \*COMPLEX >> MAX(SF-TF)

FB: [da.(njél)]	ANCHOR(SF-TF)L	PWR	I-CONTIGUITY	*COMPLEX	MAX(SF-TF)
a. [(dá.nje)]				*!	l
b. ☺[(dá.ni)]					el
c. [(dá.ne)]			*!		j l
FB:[ma.(nwél)]					
a. [(má.nwe)]				*!	l
b. ☺[(má.nu)]					el
c. [(má.ne)]			*!		w l

O fato da estrutura silábica marcada no início da forma de base nunca ser simplificada corrobora para esta resistência à infração de segmentos internos. Se a sílaba inicial da forma de base contiver um onset complexo (cf. [(frán.cis)] < [fran.(cís.co)] ‘Francisco’ ou um núcleo ramificado (cf. [(djó.ni)] < [djo. (ní.sjo)]

‘Dionísio’); todos os segmentos escandidos pela sílaba inicial da forma de base sempre terão um correspondente no hipocorístico. De acordo com essa observação, as restrições de Marcação NO-CODA e \*COMPLEX, precisam ser dominadas por restrições de Fidelidade.

(70) ANCHOR(SF-TF)-L >> PWR >> MAX(SF-TF) >> NO-CODA

SF: [fran.(cí.s.ko)]	ANCHOR(SF-TF)-L	PWR	I-CONTIGUITY	NO-CODA	MAX(SF-TF)
a. ☉ [(fran.cis)]				*	ko
b. [(fán.cis)]			*!	*	r ko

ANCHOR(SF-TF)-L >> PWR >> MAX(SF-TF) >> \*COMPLEX

SF: [djo.(ní.sjo)]	ANCHOR(SF-TF)-L	PWR	I-CONTIGUITY	*COMPLEX	MAX(SF-TF)
a. ☉ [(djó.ni)]				*	sjo
b. [(dó.ni)]			*!		j sjo

Os tableaux apresentados em (70) mostram que todas as vezes que a sílaba inicial de uma forma de base contiver uma estrutura marcada, nada pode ser feito para reduzir essa marcação. Devido ao fato de MAX(SF-TF) dominar restrições de boa formação silábica, a preservação de um segmento é melhor do que a não manutenção dessa estrutura (cf. 70a).

No entanto, quando a segunda sílaba da forma de base contiver uma estrutura silábica marcada, é possível dispor segmentos de forma contígua. No tableau seguinte, o candidato (71b) é o vencedor, porque simplifica a estrutura silábica marcada sem destruir a contigüidade do segmento melódico. Todos os outros candidatos que contiverem uma sílaba mais marcada (71a) ou que sofram uma violação de contigüidade na disposição interna dos segmentos provocam violações de boa formação silábica (71c e 71d).



(71) ANCHOR-L, FT-FORM(Troc) >>I-CONTIGUTY >> NO-CODA >>  
\*COMPLEX >> MAX(SF-TF)

FB:[ga.(brjél)]	ANCHOR-L	FT-Troc	I-CONTIGUTY	NOCODA	*COMPLEX	MAX(SF-TF)
a. [(gá.brjel)]		*!		*	*	
b. © [(gá.bri)]					*	el
c. [(gá.bre)]			*!		*	j l
d. [(gá.brel)]			*!	*	*	j

Este tableau completa a análise dos hipocorísticos do Tipo-A, cuja restrição mais importante é ANCHOR(SF-TF)L. Na próxima seção, retorna-se à análise dos hipocorísticos do Tipo-B, que evidenciam fortes casos de Emergência do Não-Marcado, cujas restrições de Marcação dominam restrições de Fidelidade.

#### 5.4 Hipocorísticos do Tipo-B

Uma nítida característica dos hipocorísticos do Tipo-B é que a sílaba tônica da base coincide com a sílaba tônica do hipocorístico. Dependendo do padrão acentual, a forma resultante preserva os últimos segmentos da forma de base, geralmente as duas últimas ou duas antepenúltimas sílabas da forma de base. Em seguida, têm-se alguns exemplos:

(72)

a) Última Sílaba Acentuada da Forma de Base

[be.a.(trís)]PWd ⇒ [(ti.ča)]PWd Beatriz  
[en.kar.na.(sjón)]PWd ⇒ [(čó.na)]PWd Encarnación  
[se.bas.(tján)]PWd ⇒ [(čá.no)]PWd Sebastián

b) Penúltima Sílaba Acentuada da Forma de Base

[a.(lí.sja)]PWd ⇒ [(lí.ča)]PWd Alicia  
[ar.(mán.do)]PWd ⇒ [(mán.do)]PWd Armando  
[kar.(ló.ta)]PWd ⇒ [(ló.ta)]PWd Carlota

c) Antepenúltima Sílaba Acentuada da Forma de Base

[fe.(lí.si).to]PWd ⇒ [(li.čo)]PWd Felícito

[i.(pó.li).to]<sub>PWD</sub> ⇒ [(pó.lo)]<sub>PWD</sub> Hipólito  
[(mé.li).da]<sub>PWD</sub> ⇒ [(mé.la)]<sub>PWD</sub> Mélida (Piñeros, 1998)

No caso dos hipocorísticos do Tipo-B, a Fidelidade manifesta-se na sensibilidade à cabeça da palavra prosódica (PWD), uma vez que a sílaba tônica da base coincide com a sílaba tônica do hipocorístico.

Essa sensibilidade dos hipocorísticos do Tipo-B em relação à estrutura prosódica da forma de base, especificamente em relação à cabeça da PWD, é responsável pela tendência obrigatória que esses hipocorísticos têm de alinhar as suas margens esquerdas à margem esquerda da cabeça da PWD. Os exemplos seguintes demonstram esse fato:

(73)

a. [xo. a. (kín)]<sub>PWD</sub> ‘Joaquín’  
    | | |  
    | | |  
    [( kín o )] Hipocorístico

b. [bi. (sén te)]<sub>PWD</sub> ‘Vicente’  
    | | | | |  
    | | | | |  
    [( sén. te)] Hipocorístico

c. [a. ris. (tó. bu). lo]<sub>PWD</sub> ‘Aristóbulo’  
    | | | | |  
    | | | | |  
    [( t ó bo)] Hipocorístico

Nos exemplos acima, vê-se que apenas a margem direita do hipocorístico ‘kíno’ está desalinhada da margem direita da PWD. No entanto, a margem esquerda, crucial para a formação dos hipocorísticos do tipo-B, permanece alinhada à margem esquerda

do hipocorístico. Já nos hipocorísticos *b* e *c*, tanto a margem direita quanto a margem esquerda estão em perfeito alinhamento com ambas as margens dos hipocorísticos.

Como se pode perceber, nos hipocorísticos do Tipo-B, o perfeito alinhamento com a margem direita do pé da base não se faz necessário para a sua formação, mas o alinhamento do hipocorístico com a margem esquerda da cabeça da base é sempre obrigatório. Para captar esse fato, propõe-se a seguinte restrição:

(74) ANCHOR(H)-HEAD-L(Ft): A margem esquerda do Hipocorístico (H) deve estar alinhada com a margem esquerda da cabeça do pé da base (Ft).

Além da exigência de ALINH, nos hipocorísticos do tipo-B há a tendência de se preservar os segmentos que estão contidos na cabeça da PWD da forma de base. ANCHOR(H)-HEAD-L(FT) é, portanto, uma consequência da restrição que exige a fidelidade à sensibilidade à cabeça do pé principal da forma de base, uma vez que o hipocorístico sempre coincide com a sílaba tônica da palavra-matriz.

Os dados propostos para os hipocorísticos do Tipo-B mostram uma forte tendência de se preservar os elementos que estão escandidos nos limites da cabeça da palavra prosódica. Mas essa característica dos hipocorísticos do Tipo-B não deve constituir uma obrigação, já que nos hipocorísticos do Tipo-B em espanhol existe, por exemplo, uma propensão à simplificação silábica. Desse modo, nos hipocorísticos do Tipo-B, ocorre a ancoragem e, posteriormente, as restrições silábicas incumbem-se de reduzir a forma de base a uma palavra-mínima.

A maximização prosódica é realizada quando segmentos de output (S2) têm um correspondente para cada segmento contido na forma de input (S1). A restrição MAX é definida a seguir:

(75) MAX(SF-TF): Maximização de segmentos

Cada segmento contido no hipocorístico deve ter um correspondente para cada segmento na forma de base.

No entanto, MAX(SF-TF) não é perfeitamente obedecida nas formas do Tipo-B. Alguns dos segmentos do pé acentuado principal na forma de base falham na correspondência com o hipocorístico. Especificamente, o segundo elemento de um onset complexo é apagado (cf. [(tán.co)] << [trán.(si.to)] ) ‘Transito’ ), a vocóide alta de um ditongo é perdida (cf. [(tén.ča)] << [or. (tén. sja)] ‘Hortensia’) e, exceto as nasais, nenhuma outra consoante pode ser escandida como coda (cf. [(bé.to)] << [al.(bér.to)] ‘Alberto’). A perda desses segmentos, que serve para simplificar a estrutura silábica em favor de sílabas não marcadas, é assunto para restrições de formação silábica descritas a seguir:

(76) Restrições de Boa-Formação Silábica

S-CODA-COND: Condição de Coda Estrita

Não pode haver nenhum traço na posição de coda.

\*COMPLEX

Nós silábicos não podem ser ramificados.

A razão pela qual nem todo segmento no pé principal acentuado da forma de base precisa ser preservado na forma resultante é porque S-CODA-COND e \*COMPLEX vencem MAX(SF-TF). Com base nesse ranqueamento, S-CODA-COND barra todas as consoantes especificadas no lugar de coda, e \*COMPLEX força a simplificação de onsets e de núcleos (cf. 77d). Além disso, como sílabas com estruturas marcadas são simplificadas no apagamento de segmentos internos, as restrições de marcação também dominam I-CONTIGUITY. O tableau (77) a seguir ilustra os efeitos desse ranqueamento.

(77)

FB: [(fáws.ta)]	ANCHOR(TF)- HEAS-L(SF)	PWR	NO- CODA	*COMPLEX	MAX(SF- TF)	I- CONTIGUITY
a. [(fáws.ta)]			*!	*!		
b. [(fás.ta)]			*!		w	*
c. [(fáw.ta)]				*!	s	*
d.☺ [(fá.ta)]					ws	**
FB:[(bráw.ljo)]						
a. [(bráw.ljo)]			*!	*!*		
b. [(bráw.lo)]			*!	*!	j	*
c. [(brá.lo)]				*!	w j	**
d.☺ [(bá.lo)]					r w j	***

É necessário explicar porque sempre o primeiro membro de um onset é preservado e a vocóide mais alta do ditongo é sempre perdida. A resposta para essa questão tem a ver com a disposição de o segmento ser parseado como margem silábica e pico de sílaba. Prince e Smolensky (1993) propõem a Hierarquia Universal de Pico Silábico, que afirma que elementos de sonoridade mais baixa são mais propensos a serem parseados como margem, e o segmento de sonoridade mais alta tem mais chances de ser parseado como pico. ( $t$  = um segmento de sonoridade mínima;  $a$  = um segmento de sonoridade máxima).

(78) Hierarquia Universal de Margem

\*M/a >> \*M/i >> ... >> \*M/t

Restrições anti-associativas do tipo \*M/a >> \*M/α militam contra o parseamento de segmentos como margens silábicas, enquanto que restrições anti-associativas do tipo \*P/α penaliza o parseamento de segmentos como pés. De acordo com a Hierarquia de Margem Universal, o parseamento de um segmento de sonoridade mais baixa como margem silábica é melhor do que o parseamento de um segmento de sonoridade mais alta nesta posição porque tal associação acarreta a violação de uma restrição anti-margem, ranqueada mais abaixo. Entretanto, a Hierarquia de Pico Universal assegura

que o parseamento de um segmento de sonoridade mais baixa como pico silábico é pior do que o parsing de um segmento de sonoridade mais alta nesta posição, porque tal associação acarreta a violação de uma restrição anti-pico, ranqueada mais acima. Dado que a maximização da cabeça de uma PWD requer o parseamento de certos segmentos como margens silábicas, as restrições de anti-margem  $*M/\alpha$  precisam ser dominadas por MAX(SF-TF).

(79) ANCHOR(H)-HEAD-L(Ft) >> PWR >> NO-CODA >> \*COMPLEX >> MAX(SF-TF) >>  $*M/\alpha$

FB:[a.le.xan.(drí.na)]	ANCHOR(H)-HEAD-L(Ft)	PWR	NO-CODA	*COMPLEX	MAX(SF-TF)	*M/r	*M/n	*M/d
a. [(drí.na)]				*!		*	*	*
b. ☉ [(dí.na)]					r		*	*
c. [(rí.na)]					d	*!	*	

Sob pressão de \*COMPLEX, uma das restrições de boa-formação silábica, o candidato ótimo precisa evitar a ramificação de um onset incluído no pé acentuado da forma de base. O candidato (79a) é o primeiro deles a ser descartado porque não faz esforço para cumprir essa condição. Os candidatos (79b) e (79c) ilustram dois caminhos diferentes para satisfazerem \*COMPLEX, mas somente o candidato (79b) é ideal devido às exigências de sonoridade impostas por  $*M/\alpha$ . Esse fato otimiza a margem da primeira sílaba pela seleção do segmento de sonoridade mais baixa.

Dado que os hipocorísticos do Tipo-B também maximizam o pé acentuado da forma de base para que outros segmentos sejam parseados como picos, é necessário que HEAD(PWD)MAX também vença as restrições anti-pico  $*P/\alpha$ . As restrições de boa-formação silábica, ranqueadas mais acima, forçam a simplificação de um núcleo complexo e  $*P/\alpha$  favorece a preservação da vocóide de sonoridade mais alta (cf.80b).

(80) ANCHOR(H)-HEAD-L(FT) >> PWR >> NO-CODA >> \*COMPLEX >> MAX(SF-TF) >> \*P/α

FB:[a.de.(láj.da)]	ANCHOR(H)-HEAD-L(FT)	PWR	NO-CODA	*COMPLEX	MAX(SF-TF)	*P/i	*P/a
a. [(láj.la)]				*!		*	**
b. ☹ [(lá.la)]					j		**
c. [(lí.la)]					a	*!	*

O hipocorístico ótimo é uma palavra mínima, que é fiel ao pé acentuado principal da forma de base. Quando o pé acentuado principal da forma de base contém ramificação de constituintes silábicos, a forma resultante não pode prover um correspondente para cada dois segmentos abaixo do nó ramificado. Com isso, uma seleção é feita de acordo com os princípios universais de marcação, que favorece o parsing de segmentos de sonoridade mais alta como picos silábicos.

Gnanadesikan (1995) reporta a um fenômeno similar na fonologia da criança. Em um estágio intermediário de aquisição, a criança tende a produzir sílabas não-marcadas, que são ótimas não só em relação ao número de segmentos, mas também na qualidade desses segmentos. A sílaba ótima é uma das que tem uma única consoante de sonoridade baixa, localizada na margem esquerda, sendo que esse segmento é seguido por uma única vogal. Quando o input da criança, que é o output do adulto, contém uma sílaba com mais do que uma consoante de onset, a criança seleciona o segmento que contribui para formar a sílaba ótima de acordo com a hierarquia universal de margem.

Em suma, a o candidato ótimo do Tipo-B precisa ser um candidato reduzido a uma palavra mínima, identificando-se assim com os hipocorísticos do Tipo-A, porque as restrições de PWD dominam MAX(SF-TF). Entretanto, nos hipocorísticos do Tipo-B, o ANCHOR à esquerda não é cumprido e a maximização da cabeça é instantaneamente favorecida (cf. [(li.na)] < [pau.(li.na)] ‘Paulina’). Devido ANCHOR(H)-HEAD-L(FT) dominar MAX(SF-TF), os segmentos parseados dentro da

palavra mínima precisam ter correspondência com os segmentos contidos na cabeça do pé da forma de base. No entanto, dado que as restrições de marcação dominam MAX(SF-TF), a o candidato ótimo pode nem sempre ter um correspondente para cada segmento contido no pé acentuado da forma de base. Os efeitos desse ranqueamento são ilustrados a seguir:

(81) ANCHOR(H)-HEAD-L(FT) >> PWD >> NO-CODA >> MAX(SF-TF) >> I-CONTIGUITY

FB:[ber.(nár.da)]	ANCHOR(H)- HEAD-L(FT)	PWD	NO- CODA	MAX(SF- TF)	I-CONTIG
a. [(bér.nár)]	*!		*!*	**	
b. [(bér.na)]	*!		*!	***	
c. [ber.(nár.da)]	*!		*!*		
d. [(nár.da)]			*!	***	
e. ☺ [(ná.da)]				****	*

Os candidatos (81a-d) são descartados pela restrição de boa-formação silábica porque todos eles contêm o segmento [r] parseado como uma coda da sílaba. Embora o [r] carregue o traço coronal (cf. [coronal]), cada um desses candidatos falha na violação da restrição NO-CODA. A forma ótima precisa deixar de fazer a correspondência com o segmento da forma de base parseado como coda na sílaba mais à esquerda (81e). Isso faz com que haja um “filtro” que descarta todas as estruturas silábicas marcadas, enquanto que forma uma palavra mínima que proporciona uma correspondência para a maior parte dos segmentos contidos dentro da cabeça da palavra prosódica de uma forma de base.

Embora haja discrepâncias óbvias no nível segmental, hipocorísticos do Tipo-B realizam a mesma estrutura prosódica não marcada dos hipocorísticos do Tipo-A: ambos os tipos de hipocorísticos exibem uma PWD não marcada, na qual todas as sílabas são parseadas por um pé binário e perfeitamente alinhadas com ambas as margens da PWD (cf. [(σσ)]PWD). Suas discrepâncias segmentais residem no fato de



que nos hipocorísticos do Tipo-A a fidelidade ocorre na periferia esquerda da forma de base, enquanto que os hipocorísticos do Tipo-B são fiéis à cabeça da palavra prosódica. Enquanto que hipocorísticos do Tipo-B toleram um certo grau de violações de contigüidade para evitar estrutura silábica marcada, nos hipocorísticos do Tipo-A os segmentos internos podem, sob algumas circunstâncias, não sofrerem violações de contigüidade.

Esta análise mostra que, na morfologia dos hipocorísticos, certas restrições de fidelidade são vencidas por restrições de marcação . Embora o hipocorístico opere dentro de uma dimensão de correspondência diferente, essa tendência de ranquear MARCAÇÃO acima de FIDELIDADE já é alguma semelhança com a fonologia infantil. Sob esse ponto de vista, não é surpresa que o léxico infantil do espanhol exiba o mesmo tipo de marcação que caracteriza os hipocorísticos (cf.82).

(82)

[(té.te)] <sub>PWd</sub>	[(ká.ka)] <sub>PWd</sub>
[(tá.ta)] <sub>PWd</sub>	[(pí.pi)] <sub>PWd</sub>
[(má.ma)] <sub>PWd</sub>	[(kó.ko)] <sub>PWd</sub>

### 5.5 Otimização do Onset

Além da fidelidade da cabeça prosódica, outra propriedade distintiva dos hipocorísticos do Tipo-B é sua tendência de substituir certas consoantes da forma de base por outras consoantes de baixa sonoridade (cf. [p] < [f], [k] < [x], [l] < [r]. Lipski (1995) considera que essas substituições sonoras surgem da aplicação de regras fonéticas de nível mais baixo. Entretanto, nenhum esforço tem sido feito para formular essas regras ou, o que é mais importante, para relatar essas mudanças segmentais, cuja tendência geral é evitar marcação. Píneros argumenta que essas substituições sonoras levam à otimização dos onsets silábicos, os quais permitem que as sílabas do hipocorístico resultante tornem-se menos marcadas. Boyd-Bowman (1995) apresenta o

corpus mais extensivo de dados de hipocorísticos do Tipo-B. Os dados seguintes são representativos da maior parte das substituições regulares apontadas pelo autor.

(83) a. s → č

[ar.te.(mí.sa)]PWd → [(miča)]PWd Artemisa  
[al.(fón.so)]PWd → [(pónčo)]PWd Alfonso  
[se.(sí.lia)]PWd → [(čí.la)]PWd Cecilia  
[(sój.la)]PWd → [(čó.la)]PWd Soila

b. f → p

[al.(fón.so)]PWd → [(pónčo)]PWd Alfonso  
[bo.ni.(fá.sjo)]PWd → [(páčo)]PWd Bonifacio  
[del.(fí.na)]PWd → [(pí.na)]PWd Delfina  
[ew.(frá.sja)]PWd → [(pá.ça)]PWd Eufrásia

c. x → k

[ew.(xé.nja)]PWd → [(ké.ña)]PWd Eugenia  
[(xór.xe)]PWd → [(kó.ke)]PWd Jorge  
[re.(fú.xjo)]PWd → [(kú.ko)]PWd Refugio  
[bir.(xí.njo)]PWd → [(kí.ño)]PWd Virginio

d. r → l

[aw.(ré.ljo)]PWd → [(lé.lo)]PWd Aurelio  
[aw.(ró.ra)]PWd → [(ló.la)]PWd Aurora  
[el.(bí.ra)]PWd → [(bí.la)]PWd Elvira  
[si.(rí.lo)]PWd → [(lí.lo)]PWd Cirilo

Esses exemplos revelam que os segmentos /s, f, x, r/ são fortemente desfavorecidos. As fricativas /s, f, x/ passam a obstruintes /č, p, k/, respectivamente (83 a-c), e a vibrante /r/ passa a lateral /l/ (83d). De acordo com a escala de sonoridade universal, todas essas mudanças representam decréscimos nos valores de sonoridade.

(84) Escala de Sonoridade

Consoantes oclusivas não vozeadas (1) < Consoantes oclusivas vozeadas (2) <  
Fricativas não vozeadas (3) < Fricativas Vozeadas (4) < Nasais (5) < Laterais (6) <  
Vibrantes (7)

(Prince e Smolensky, 1993)

(85) Decréscimo da Sonoridade

f → p      Sonoridade 3 → Sonoridade 1  
x → k

r → l      Sonoridade 7 → Sonoridade 6

Devido a essa tendência de /f, x, r/ ter menos correspondentes sonoros na forma resultante, propõe-se a Hierarquia de Margem Silábica Universal (Prince e Smolensky, 1993).

(86) Hierarquia de Margem Silábica

\*M/vogais >> \*M/vibrantes >> \*M/laterais >> \*M/nasais >> \*M/fricativas >>  
\*M/Obstruintes

É importante pontuar que segmentos de sonoridade baixa formam melhores margens silábicas, muitos desses segmentos de onset na forma de base não têm correspondentes menos sonoros na forma resultante. Quando outros segmentos além de /s, f, x, r/ estão envolvidos, a forma resultante tende a prover correspondentes idênticos (cf. [lína] < [[kata.(lína) “Catalina”]). IDENT é a restrição de fidelidade que promove a identidade de traços entre elementos correspondentes (McCarthy e Prince, 1995).

(87) IDENT(SF-TF)\_ Identidade de Traços entre Correspondentes da FB e H.

Segmentos correspondentes têm o mesmo valor para o traço F. Não pode haver permuta de traços de S1 para S2.

IDENT(FB-H) é a restrição que melhor “protege” os traços fonológicos. Desse modo, IDENT(soante) e IDENT (nasal) são versões específicas de IDENT(SF-TF). Dado que a substituição de segmentos /s, f, x/ por /c, p. k/ só envolve o traço [contínuo] e [lugar], é preciso então separar IDENT(contínua) e IDENT (lugar) do restante das restrições de IDENT(FB-H). O ranqueamento IDENT(SF-TF) >> IDENT(continuant, place) >> \*M/α promove a otimização de onsets silábicos de modo que nenhum traço é afetado além do traço [contínuo] e [lugar]. O tableau (88) ilustra o porquê que [p] é selecionado como correspondente ótimo de [f]. Os candidatos (88b-d) otimizam o onset da primeira sílaba pelo parsing de um segmento de sonoridade baixa como correspondente de /f/. O candidato (88d) também otimiza o onset da segunda sílaba, mas é imediatamente descartado pela IDENT(SF-TF), porque torna-se infiel aos traços [soante] e [nasal]. Como IDENT (contínuo) e IDENT (lugar) são as únicas restrições de IDENT(SF-TF) que são dominadas, então /s, f, x/ são os únicos segmentos de onset que podem ser otimizados. O candidato (88b) é também excluído da competição pela IDENT(SF-TF) porque substitui /f/ por um segmento com traço [estridente]. O candidato (108c) é o único que otimiza os onsets, porque viola as restrições mais baixas da hierarquia, \*M/p, t, k, č/ e IDENT(cont, pl).

(88)

FB:[del.(fi.na)]	*Fricative	IDENT(cont, place)	*M/m, n, ñ	*M/x, f, s	*M/b,d,g	*M/p, t, k, č
a. [(fina)]			*	*		
b. [(čina)]	[strident]!	[cont, place]	*			*
c. ☉ [(pi.na)]		[cont, place]	*			*
d. [pi.da]	[sonorant]! ![nasal]	[cont, place]			*	*

## 5.6 Hipocorísticos Advindos de Bases Oxítonas

Ainda, além dos hipocorísticos do Tipo-B provenientes de bases paroxítonas e proparoxítonas, há hipocorísticos, também do Tipo-B, que são resultados da correspondência com bases oxítonas.

(89)

### Última Sílabla Acentuada

[xo. a. (kín)]PWD	[(kí.no)]PWD Joaquin
[ba.len.(tín)]PWD	[(tí.no)]PWD Valentín
[i. sa. (bél)]PWD	[(bé. la)] PWD Isabél
[i. (nés)]PWD	[(né. Ča)]PWD Inês
[be. a. (trís)]PWD	[(tí. Ča)]PWD Beatriz
[en. kar. na. (sjón)]PWD	[(čó. na)]PWD Encarnación
[se. bas.(tján)]PWD	[(ča. no)]PWD Sebastián

Assim como nos casos dos hipocorísticos do Tipo-B advindos de bases proparoxítonas e paroxítonas, nos hipocorísticos do Tipo-B provenientes de bases oxítonas os segmentos que estão ao lado esquerdo da sílaba acentuada principal da forma de base são descartados na formação dos hipocorísticos. Desse modo, os segmentos que constarão na formação dos hipocorísticos são aqueles que se localizam da esquerda para a direita a partir da sílaba acentuada principal (cf. [(kín)] < [xo. a. (kín)], [(bél)] < [i. sa. (bél)], [(trís)] < [be. a (tríz)]). Entretanto, formas como ‘kín’, ‘bél’ e ‘trís’ não constituem palavra-mínima no espanhol, já que possuem apenas uma única sílaba.

Para cumprir a exigência da palavra-mínima, a língua espanhola insere uma vogal epentética na margem direita do hipocorístico (cf. [(bé. la)], [(kí.no)] e [(ti.ča)]

quando esse hipocorístico é formado a partir de uma base oxítone. Com isso, a coda passa a ser onset da sílaba seguinte, fator este crucial na constituição desse tipo de hipocorístico.

A inserção da vogal epentética desfavorece, portanto, o ancoramento do hipocorístico com a margem direita da forma de base, já que há um segmento do hipocorístico, no caso a epêntese, que não tem correspondência na forma de base. Desse modo, a restrição ANCHOR- R(SF-TF) deve ser dominada por uma restrição DEP-V de estrutura silábica no espanhol. É necessário salientar também que a vogal epentética surge devido à atuação de DEP-V, que milita contra a inserção de uma vogal, uma vez que a mesma não teria correspondente na forma de base.

(90)

SF:[i.sa.(bé)]	ANCHOR-L(FT-B,H-L)	PWR	DEP-V	ANCHOR-R(SF-TF)	MAX	CONT
a. [(i.sa.bé)]	*!	*!				
b. [(bé)]		*!			isa	
c. [(bé.la)]☺			*	*	isa	

O candidato a é descartado primeiramente porque sua margem esquerda não está ancorada com a margem esquerda da base que contém a sílaba acentuada principal e, além disso, viola a condição de palavra-mínima no espanhol. A disputa entre os candidatos b e c evidencia que o candidato b ainda não é o escolhido por ser constituído de apenas uma única sílaba. O candidato c é o vencedor porque mesmo ocasionando uma violação de DEP-V, forma efetivamente uma palavra-mínima no espanhol.

## 5.7 Hipocorísticos Formados a partir de Bases Proparoxítonas

Além dos hipocorísticos do Tipo-B formados a partir de formas de bases paroxítonas, existem em língua espanhola hipocorísticos também do Tipo-B formados a partir de bases proparoxítonas (cf. a.ris.(tó.bu).lo > [(tó.bo)], [(lá.sa).ro] > [(lá.čo)], [(kri.(sós.to).mo] > [(čo.to)]. A semelhança entre oxítonos e paroxítonos é que, em ambos, a margem direita da base sempre coincide com a margem direita do hipocorístico e que a margem esquerda do hipocorístico também deve estar ancorada com a sílaba que contém o acento principal na forma de base. Portanto, tanto a ancoragem à direita quanto a esquerda são válidas para os dois casos.

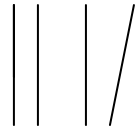
A diferença entre hipocorísticos do Tipo-B advindos de palavras-base paroxítonas em detrimento dos hipocorísticos, também do Tipo-B, provenientes de bases proparoxítonas é que na formação destes a ancoragem direita tem papel decisivo. Os exemplos dados a seguir mostram que além da margem esquerda do hipocorístico estar ancorada com a sílaba que contém o acento principal da forma-de-base, é necessário que o segmento mais à direita da forma-de-base também coincida com o segmento mais à direita do hipocorístico.

(91)

a. k á n. di. da Forma de Base  
| | | | /  
k á n.da Hipocorístico

b. < aris.> t ó. bu. l o Forma de Base  
| | | /  
t ó b o Hipocorístico

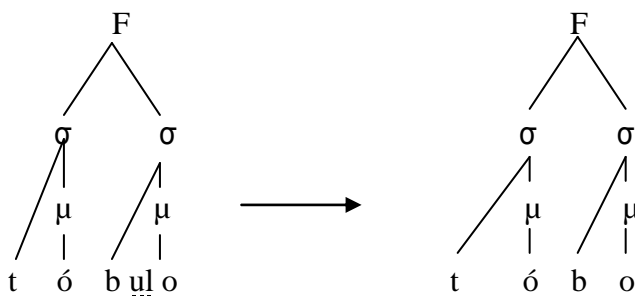
c. <es.ko>l á s. ti.k o Forma de Base



l á čo Hipocorístico

Os hipocorísticos advindos de bases proparoxítonas são formados primeiramente pelo apagamento dos segmentos que estão do lado esquerdo da sílaba que contém o acento principal da forma de base. Desse modo, segmentos como <aris> de ‘Aristóbulo’ e <esko> de ‘Escolástico’ são “resíduos” na constituição dos hipocorísticos. Os segmentos que realmente formarão os hipocorísticos estão localizados da esquerda para a direita a partir da sílaba que contém o acento principal da forma-de-base (cf. ‘lás.ti.ko’ e ‘tó.bu.lo’). No entanto, formas como ‘lás.ti.ko’ e ‘tó.bu.lo’ não devem ainda ser consideradas hipocorísticos porque possuem mais do que duas sílabas e, dessa forma, não satisfaz a palavra-mínima do espanhol. Sendo assim, verifica-se que a contigüidade dos segmentos da forma de base pode ser rompida (cf. exemplo abaixo).

(92)





O que acontece é que só são selecionados na formação dos hipocorísticos advindos de proparoxítonas a sílaba que contém o acento principal da forma-de-base e o onset da sílaba seguinte juntamente com a vogal mais à direita da forma de base. Há, portanto, uma dependência do hipocorístico em relação ao segmento localizado na periferia mais à direita da forma-de-base. Isso sugere que ANCHOR(SF-TF)R é ativa e que precisa dominar MAX e CONTIGUITY, já que é melhor preservar o segmento mais à direita da forma-de-base do que o segmento mais à direita do pé acentuado principal quando esses segmentos são diferentes.

Outro fator determinante na formação dos hipocorísticos advindos de bases proparoxítonas é a obrigação que eles têm de preservar o maior número possível de segmentos que estão escandidos nos limites da cabeça da forma de base. A maximização da cabeça prosódica é realizada quando segmentos do hipocorístico têm um correspondente para cada segmento contido na cabeça prosódica da forma de base. A restrição HEAD-MAX é assim definida:

HEAD(PWD)-MAX: Maximização da Cabeça da PWD

Cada elemento contido na cabeça da PWD (ou seja, no pé acentuado principal) de uma forma de base precisa ter um correspondente no hipocorístico.

Os tableaus seguintes demonstram os efeitos da exigência de ANCHOR(SF-TF) e seu efeito perante CONTIGUITY, bem como a sua dominação por restrições de estrutura silábica.

(93)

SF:[a.ris.(tó.bu)lo]	ANCHOR-L(FT-B,H-L)	PWR	NO-CODA	ANCHOR(SF-TF)R	HEAD(PWD)MAX	CONT
a. [(tó.bu.lo)]		*!				
b. [(tó.bu)]				*!		
c. [(tó.bo)] ©					o	**
d. [(tó.lo)]					bu	**

No tableau anterior, o candidato *a*, proveniente da base [a.ris.(tó.bu)lo], é o primeiro a ser descartado da competição porque possui três sílabas, ou seja, viola a condição de formação da PWD, que está ranqueada acima de ANCHOR(SF-TF)R. O candidato *b* mesmo obedecendo à PWD comete uma violação crucial na restrição ANCHOR(SF-TF)R, já que o segmento mais à direita não corresponde ao segmento mais à direita da forma-de-base, neste caso, CONTIGUITY é preservada, mas tal restrição é dominada na hierarquia. A disputa mais acirrada é entre os candidatos *c* e *d*, porque ambos respeitam a condição de ancoragem à direita e a condição de palavra-mínima no espanhol, além disso, ambos cometem o mesmo número de violações de contigüidade. O que vem realmente desempatar os dois é o fato do candidato *c* preservar o maior número de segmentos contidos na cabeça principal da forma de base. Enquanto *c* viola HEAD(PWD)MAX apenas uma única vez, o candidato *d* infringe HEAD(PWD)MAX duas vezes. Como HEAD(PWD)MAX domina CONTIGUITY, o candidato *c* é o vencedor.

A seguir será iniciado um próximo capítulo que diz respeito à relação formal entre Hipocorísticos e Truncamentos. Nele será visto que esses processos não constituem fenômenos distintos, mas que Truncamentos podem ser compreendidos como subgrupo dos Hipocorísticos.

## CAPÍTULO 6

### O TRUNCAMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO ESPANHOL

O presente capítulo trata especificamente sobre o fenômeno lingüístico do Truncamento e busca determinar os princípios e as características envolvidas na constituição do mesmo tanto em língua portuguesa quanto em língua espanhola.

Há algum tempo, certos autores já voltaram suas atenções para o fenômeno do Truncamento (cf. Basílio: 1987, Sandmann: 1991 e Monteiro: 2002), entretanto, deram ao fenômeno uma abordagem apenas descritivista e pouco aprofundada, já que tais autores entendem o Truncamento como um fenômeno puramente morfológico. Além disso, esses autores fazem uso de diferentes terminologias para o mesmo fenômeno, empregando termos como *Redução Vocabular* (Basílio, 1987), *Abreviação* (Sandmann, 1991), *Braquissemia* (Monteiro, 2002) e *Truncação* (Alves, 1994).

Ao contrário das abordagens mencionadas anteriormente, abordagens mais recentes como as de Araújo (2002), Gonçalves (2004a, 2005b), Vilela, Godoy e Silva (2006) concebem o truncamento como processo que envolve a interface morfofonológica, e por isso compreendem o Truncamento como fenômeno cuja formação envolve a identidade entre duas camadas. Desses autores, Araújo (2002) e Gonçalves (2004a, 2005b) conseguiram demonstrar que cada um dos fenômenos morfológicos não-concatenativos possuem relações de correspondências próprias e específicas se levar em consideração que um padrão de formação presente em um processo pode não se manifestar em outro processo. Por exemplo, na Hipocorização é lícito ocorrer a Reduplicação parcial de uma única sílaba (cf. ‘Dedé’ de André e ‘Cacá’ de Carlos) a fim de se manter a binariedade do pé na forma de *output*. Contudo, no Truncamento, mesmo ocorrendo a perda de material segmental assim como acontece nos Hipocorísticos, não há possibilidade de reduplicar total ou parcialmente quaisquer segmento da forma de base para que se cumpra alguma exigência de formação gramatical. Além do mais, foi Gonçalves (2004a) quem afirmou primeiramente que a perda segmental sofrida pela forma de base não consiste apenas em uma simples perda, mas é responsável pela expressão de um conteúdo discursivo (cf. Basílio, 1987).

Além das contribuições de cunho formal trazidas por Araújo (2002), Gonçalves (2004a, 2005b), Vilela, Godoy e Silva (2006), todos eles chegam a um consenso no que diz respeito à nomenclatura do fenômeno, tratando-o sempre como Truncamento. Talvez esse consenso entre tais pesquisadores advinha da possibilidade de se interpretar a designação *Abreviação* como abreviatura de grafia (cf. prof<sup>a</sup> < professora, org. < organizador), recurso este interpretado apenas como simples convenção da NGB e que nada tem de lingüístico e também da possibilidade de se confundir o termo *Redução* não com o fenômeno do *Truncamento* em si, mas com a *Sigla*gem (cf. Banespa < Banco do Estado de São Paulo, SBT < Sistema Brasileiro de Televisão).

A meta principal do presente capítulo é sistematizar possíveis regularidades que integram a constituição de formas truncadas do português brasileiro sob a perspectiva da Teoria da Otimalidade. Para que o fenômeno do Truncamento seja satisfatoriamente compreendido, é preciso proceder à descrição formal da organização interna deste fenômeno.

Na seguinte seção será feita uma descrição do Truncamento com base em trabalhos já desenvolvidos por outros pesquisadores, procurando mencionar as características desse fenômeno e destacando, principalmente, a contribuição de cada um desses pesquisadores para a compreensão adequada dos fatores lingüísticos que envolvem o processo de formação do mesmo.

## 6.1 ABORDAGENS SOBRE O TRUNCAMENTO EM PORTUGUÊS

### 6.1.1 ABORDAGENS ESTRITAMENTE MORFOLÓGICAS

Há algum tempo vários pesquisadores do português brasileiro têm mencionado a manifestação de formas truncadas no léxico da língua. Entretanto, as considerações realizadas por esses autores são pouco aprofundadas, pois não buscam a sistematização adequada do fenômeno. Essa perspectiva de abordagem é um tanto restrita porque tais descrições ficaram limitadas apenas a aspectos puramente morfológicos, fato este que impedia uma abordagem mais elaborada e abrangente do fenômeno.

Autores como Basílio (1987), Monteiro (2002), Alves (1994), Sandmann (1991) e Rocha (1998) deram pouca atenção aos processos não-concatenativos de formação de palavras, incluindo-se aí o Truncamento, possivelmente porque tais fenômenos fazem parte de um discurso mais informal e por isso tenham sido considerados equivocadamente como menos produtivos e idiossincráticos.

Basílio (1987) não postula regularidades para o Truncamento e descreve o fenômeno como um processo de formação de palavras que se caracteriza pela supressão de alguma parte do item derivante. A pesquisadora menciona que pode haver formas truncadas advindas de palavras simples como “portuga < português, boteco < botequim, delega < delegado, afirmando que em casos como esses a parte a ser suprimida é, em muitos casos, imprevisível. Entretanto, Basílio enxerga nos Truncamentos provenientes de bases compostas alguma possibilidade do estabelecimento de regularidade, conforme citação abaixo:

“... formas compostas, onde uma das partes da composição passa a ser usada pelo todo, sem prejuízo ou mudança da significação global: míni por minissaia, micro por microcomputador, vídeo por vídeo-cassete, análise por psicanálise, etc... Neste último caso, a redução se faz pelos constituintes da composição, enquanto no primeiro caso, ela é assistemática. (Basílio 1987:37)

Sandmann (1991) traz novas considerações sobre o fenômeno do truncamento, postulando considerações semântico-discursivas para caracterizá-los, como por exemplo, em *portuga*, no qual o pesquisador ressalta o caráter depreciativo da forma resultante. Além desse caráter semântico-discursivo, o autor tece um comentário de cunho gramatical, pois alega que há permanência de traço gramatical de gênero em formas como *micro*, Truncamento de formas plenas como *microcomputador* e *microempresa*. No mais, Sandmann destaca também outra característica de cunho gramatical, que é a possibilidade de realizar flexão de número nas formas reduzidas, como *micros* e *os micros*. Apesar dessas considerações, o pesquisador ainda afirma que formas truncadas têm caráter idiossincrático.

Manuais de morfologia não trazem inovações no que diz respeito às formas truncadas do português, pois se limitam a uma mera veiculação da abordagem tradicional mencionada pelas Gramáticas Normativas. Esses manuais reduzem a explicação das formas truncadas à lei do menor esforço, pois são compreendidos como fenômenos marginais de formação de palavras, assim como outros processos como a Siglagem, os *Blends* e os Hipocorísticos, inserindo-os em seções finais dos manuais, geralmente com rótulos de “Outros Processos” ou “Processos Menos Produtivos”. Sob a mesma perspectiva das Gramáticas Tradicionais, os Manuais de Morfologia tecem longas listas de palavras truncadas, mas não chegam a mencionar qualquer consideração formal sobre a constituição de cada um deles.

Alves (1994) insere as formas truncadas em sua obra intitulada “Neologismos” e as trata como uma forma de abreviação em que uma parte da palavra-base, geralmente a final, é eliminada. Em seguida, a pesquisadora elenca as principais formas de Truncamento.

Não apenas Alves (1994), mas também Sandmann (1991) admitem ser o Truncamento uma forma de Abreviação, dividindo o processo em vários tipos, como por exemplo, Abreviação do tipo “cérvá” e Abreviação do tipo “máxi”. No mais, chega a considerar também a Siglagem como fenômeno de mesma natureza do Truncamento.

## 6.1.2 ABORDAGENS INOVADORAS: A INTERAÇÃO MORFOLOGIA E FONOLOGIA NA COMPREENSÃO DO TRUNCAMENTO

### 6.1.2.1 Gonçalves (2004a)

Em seu trabalho intitulado “Processos Morfológicos Não-Concatenativos: formato prosódico e latitude funcional”, Gonçalves demonstra que as formas truncadas são um tipo de operação que não deve ser compreendida como morfologia “pura”, mas como morfologia que acessa informações de natureza prosódica.

Primeiramente, o pesquisador faz uma descrição das estratégias não-concatenativas usadas na língua com função expressiva. Em seguida, explica como as formas truncadas se manifestam no português brasileiro, descrevendo formalmente os dispositivos morfo-prosódicos ativados por este fenômeno.

Gonçalves afirma que as formas truncadas são recursos morfológicos de natureza expressiva e revelam a apreciação do falante sobre determinado fato ou pessoa do discurso. O pesquisador descarta para essas formas a função lexical, pois o significado da palavra-matriz em relação à forma resultante permanece o mesmo. Formas truncadas, segundo ele, não têm por função rotular novos seres ou estados de coisas, elas são apenas responsáveis pela expressão da pejoratividade.

Do ponto de vista gramatical, o autor admite que possa haver no Truncamento o acréscimo de um sufixo *-a* e, por isso tal processo deva ser compreendido como não-concatenativo e aglutinativo.

Posteriormente, Gonçalves tece três comentários importantes sobre as formas truncadas, alegando que a circunscrição de tais formas é negativa, já que se aproveita o conteúdo segmental que está fora do domínio da circunscrição. No mais, afirma que o Truncamento se diferencia dos hipocorísticos pelo fato de não serem sensíveis ao acento primário da palavra-matriz e por formarem sempre proparoxítonas,

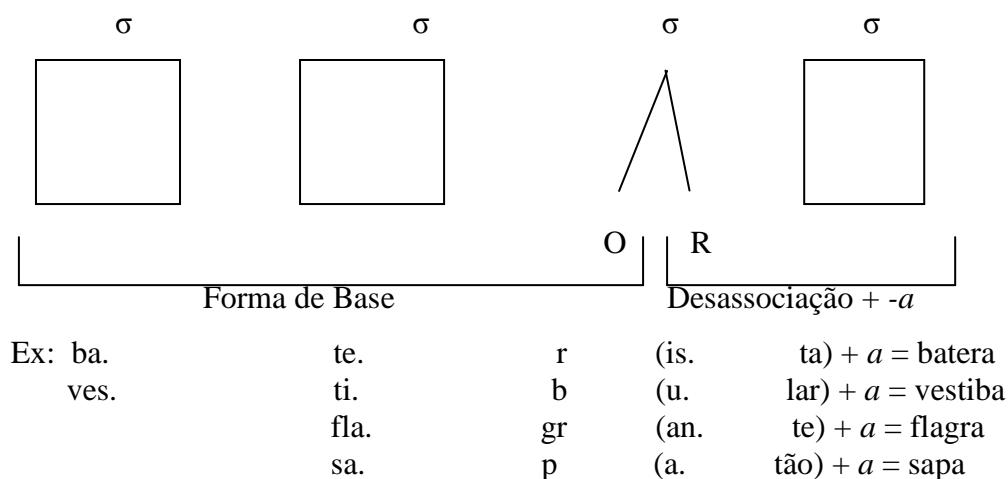
independente do acento da forma de base. Entretanto, esta afirmação do pesquisador tem ressalva, porque nos dados podem ser atestadas formas truncadas sensíveis ao acento principal da palavra-matriz (cf. Mengo < Flamengo, Nense < Fluminense).

Sob o ponto de vista prosódico, Gonçalves defende que formas truncadas devam ser compreendidas como representações subespecificadas, porque se preserva o material fônico da esquerda para a direita até o *onset* mais à direita da palavra-matriz, incluindo ele. O pesquisador garante que esse padrão só será violado quando a penúltima sílaba da forma de base não apresentar *onset* (cf. *confa* < *confiança*)

(1)

← circunscrição negativa

- parâmetro do pé: forme um pé binário([ σσ ])
- parâmetro da direcionalidade: E ← D ##
- parâmetro do alinhamento: alinhe -a à direita da forma de base, após desassociação



(esquema retirado de Gonçalves 2004)

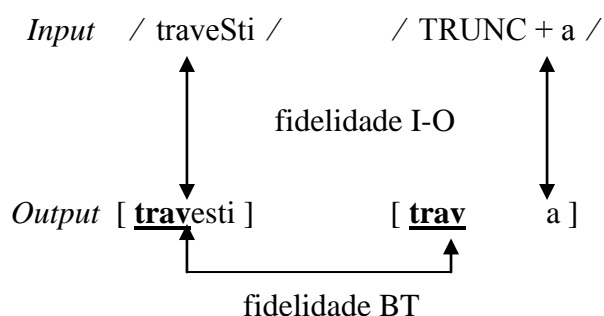
Gonçalves interpreta a representação subjacente do Truncamento como uma seqüência de sílabas vazias em que a última sílaba é plenamente desassociada e a penúltima tem a coda descartada. Vê-se, portanto que a proposta do presente pesquisador se enquadra bem dentro da abordagem de De Lacy (1999), segundo a qual as formas não-concatenativas são totalmente desprovidas de conteúdo subjacente e as formas de *output* são produtos de delimitações de um domínio sobre as bases.

### 6.1.2.2 Gonçalves (2005b)

Em seu trabalho “Relações de Identidade em Modelos Paralelistas: morfologia e fonologia”, no que diz respeito às formas truncadas, Gonçalves argumenta que o Truncamento é formado por restrições de identidade entre duas formas de *output* (*Output-Output*). O pesquisador argumenta que o sufixo *-a* é o único segmento especificado no *input*, sendo TRUNC um morfema vazio, cujo conteúdo segmental é regido por restrição de identidade MAX-BT, que exige que todos os elementos da forma de base apareçam no Truncamento. Desse modo, ele afirma que MAX-IO só será violada quando o sufixo *-a* estiver ausente no *output*.

Para justificar o Truncamento como processo não-concatenativo de encurtamento, que pode ser explicado pelo ranqueamento MARCAÇÃO (Truncamento) >> FIDELIDADE >> MARCAÇÃO, o autor faz a demonstração seguinte:

(2)



(esquema retirado de Gonçalves 2005)

Gonçalves faz com essa demonstração uma comparação de cunho formalista entre Truncamento e Hipocorísticos, pois nas formas truncadas a restrição MAX-IO é dominante, já que o sufixo *-a* está presente no *input*. Alega-se, portanto que candidatos que não têm a marca morfológica de sufixo infringem gravemente fidelidade e, por essa razão precisam ser descartados. Sob essa perspectiva, formas sem sufixo não devem ser compreendidas como truncadas pelo fato do morfema de Truncamento (TRUNC) alinhar-se à esquerda do sufixo *-a*. Ao contrário do Truncamento, na Hipocorização MAX-IO é uma restrição sempre violada, ocupando um lugar inferior na hierarquia. Segundo Gonçalves, essa diferença acontece porque não há qualquer tipo de especificação segmental no *input*, ou seja, não há marca morfológica associada ao morfema de Hipocorização.



Além das considerações formais sobre o estabelecimento da relação entre *Input-Output* e *Output-Output*, Gonçalves faz em seu texto considerações acerca dos restritores de palavra-prosódica. Segundo ele, formas truncadas não podem ter mais de três sílabas, então TODO PÉ(D) exige que palavras braquissemizadas não sejam constituídas por mais de um pé. Em razão disso, especificamente em palavras polissilábicas, a restrição ANALISE- $\sigma$ , que obriga que todas as sílabas estejam integradas a pés, é frequentemente violada. Por causa desse comportamento, o autor conclui que o Truncamento não forma palavra-mínima na língua, ao contrário, segundo ele, da Hipocorização. Porém, contrariando a idéia de Gonçalves, sabe-se que tanto o Truncamento quanto a Hipocorização não constituem assunto para a palavra mínima, porque podem ser atestados, como vimos nos capítulos anteriores, hipocorísticos menores ou maiores do que duas sílabas.

Baseado numa proposta de ranqueamento MAX-IO >> TODO-PÉ(D) >> MAX-BT >> ANALISE- $\sigma$ , é afirmado ainda que formas truncadas são obrigatoriamente dissilábicas ou trissilábicas. Observa-se então que na abordagem de Gonçalves, restritores de acento têm papel primordial na seleção da forma ótima.

#### 6.1.2.3 Araújo (2002)

Em seu artigo, Araújo (2002) procura mostrar que o processo de Truncamento no português brasileiro é regular e previsível. Para isso, ele demonstra como funcionam os mecanismos ativados neste processo e defende que as formas truncadas tendem a ser dissilábicas e que o acento secundário desempenha papel crucial na manifestação desse fenômeno.

Araújo (2002) define o truncamento como fenômeno que se caracteriza pela redução de uma palavra-matriz sem perda do valor semântico. Afirma ainda que o Truncamento envolve perda de material silábico sempre no limite direito da palavra-matriz e que essa palavra-matriz deve ser constituída de no mínimo três sílabas.

Há, segundo o estudioso, uma tendência de se formarem Truncamentos dissilábicos, embora admita que haja Truncamentos trissilábicos.

O pesquisador garante que a forma truncada e a palavra-matriz são semântica e pragmaticamente intercambiáveis. Por essa razão, Araújo (2002) alega que existem palavras que são tratadas por muitos autores como Truncamentos, mas que formalmente não têm características de tal fenômeno, conforme exemplos seguintes dados por ele:

(3)

deprê → depressão?, deprimido?, depressivo?

A deprê de João contagiou os colegas na empresa.

A depressão de João contagiou os colegas na empresa.

\* A deprimida do João contagiou os colegas na empresa.

Joana está muito deprê depois da eliminação da filha do torneio.

Joana está muito deprimida depois da eliminação da filha do torneio.

\*Joana está muito de depressão depois da eliminação da filha do torneio.

No caso acima, Araújo alega que a palavra *deprê* permite que mais de uma palavra-matriz seja tida como base e, por isso não possa ser considerada Truncamento.

Além de pseudotruncamentos como *deprê*, existem pseudotruncamentos advindos de afixos cultos de origem greco-latina ou de palavras com estrutura parecida com a composição por afixos, em que um dos elementos constitutivos é, segundo o autor, usado metonicamente (cf. eletro < eletrocardiograma, gastro < gastrologia e foto < fotografia).

Araújo (2002) estabelece que há dois tipos de Truncamentos no português brasileiro. Nos de primeiro tipo, estão as palavras truncadas a partir de palavras-matrizes com três sílabas e acento principal na primeira sílaba, o que faz com que a palavra-matriz não possua acento secundário. Neste caso, o pesquisador defende que são formados Truncamentos com duas sílabas e acento primário na penúltima sílaba (cf. *cérva* < *cerveja*, *flágra* < *flagrante*). Nos de segundo tipo, estão os Truncamentos provenientes de palavras-matrizes com três ou mais sílabas e acento secundário. Nestes casos, o acento principal da palavra truncada deve ser atribuído à sílaba que portava o acento secundário na palavra-matriz (cf. *refrí* < *refrigerante*, *prófi* < *professor*). Vê-se, portanto que a diferença entre os Truncamentos de primeiro tipo e os Truncamentos de segundo tipo inclui a terminação.

Um terceiro tipo de truncamento abrange as formas trissilábicas como *delega* ← *delegado*, *respónsa* ← *responsabilidade*, *portúga* ← *português*. O autor alega que a necessidade de manter a especificação lexical força a manifestação de formas truncadas trissilábicas com acento na penúltima sílaba, caso contrário, o rastreamento lexical da palavra-matriz estaria comprometido. Além disso, o autor afirma que a vogal epentética inserida nesse tipo de Truncamento é sempre *-a*. De modo geral, o pesquisador defende que Truncamentos com sílabas finais terminadas em codas R, S, L ou N sofrem

apagamento da coda final (cf. *retardado* → *rêta*, *pervertida* → *pérva*), caracterizando a evidência de Troqueu silábico.

Por fim, Araújo destaca a tendência do Truncamento em favor de sílabas abertas e pés binários dissilábicos.

#### 6.1.2.4 Vilela, Godoy e Silva (2006)

No trabalho “Truncamento no Português Brasileiro: para uma melhor compreensão do fenômeno”, é feita uma discussão acerca dos tratamentos que vêm sendo dados na literatura para os casos de Truncamento no português do Brasil.

As autoras definem Truncamento como um fenômeno de encurtamento de palavras que gera formas de até no máximo três sílabas. O texto é formado, do ponto de vista teórico, por uma revisão crítica sobre as informações categóricas que outros autores já mencionaram a respeito do assunto no português brasileiro. Fazem-se considerações desde afirmações de cunho tradicional como as trazidas pelas gramáticas tradicionais e manuais de morfologia, até aquelas defendidas em abordagens mais sistemáticas, como é o caso dos trabalhos de Gonçalves (1999) e Araújo (2002).

Para que as autoras pudessem fazer críticas bem elaboradas aos outros trabalhos já consagrados na literatura lingüística, elas fizeram uma recolha exaustiva de dados do Truncamento e os submeteram a um teste de competência lexical com 59 alunos da Faculdade de Letras da UFMG, no qual os participantes tinham que sugerir formas truncadas para uma lista de palavras do português com indicação do acento tônico. Contatou-se que nas sugestões dos informantes a manifestação de formas truncadas dissilábicas oxítonas era mais recorrente, embora tenha sido alta a incidência de formas trissilábicas paroxítonas.

Dentre as diversas revisões trazidas por Vilela, Godoy e Silva, estão afirmações referentes à vogal temática, local do corte, número de sílabas, rastreamento e acréscimo semântico. As pesquisadoras atestam que além da vogal temática –*a* dos Truncamentos trissilábicos, há também inserção vocálica em Truncamentos dissilábicos (cf. *cruza* < *cruzeiro*, *burga* < *burguês*). Essa inserção vocálica não é vista pelas pesquisadoras como uma obrigação nos truncamentos trissilábicos assim como afirma Gonçalves (1999), mas é compreendida como tendência.

Araújo (2002) afirmou que nas palavras matrizes o corte para a ocorrência do Truncamento é feito sempre no limite direito, entretanto, as autoras identificam casos de

corde no limite esquerdo da palavra-matriz (cf. paranóia > nóia, cachaça > chaça). Nesses casos, elas observam que o acento da palavra-matriz é sempre preservado na forma resultante, portanto, baseadas nessa afirmação, alegam que a mudança de acento na passagem da palavra-matriz para a palavra truncada é apenas um caso típico, mas não obrigatório. Casos de Truncamentos como esses seguem o mesmo padrão de formação dos Hipocorísticos ancorados à direita já descritos no capítulo anterior.

Outra novidade verificada no trabalho é quanto à observação feita sobre a alegação de Araújo (2002) de que Truncamentos são predominantemente dissilábicos e, em alguns casos, trissilábicos. Para as pesquisadoras, essa afirmação de Araújo descarta a possibilidade de manifestação das formas truncadas monossilábicas (cf. Ju < Juliana, Cris < Cristiane, Flá < Flamengo, Flu < Fluminense), que segundo elas parecem se manifestar apenas para nomes próprios.

Outra argumentação muito forte de Vilela, Godoy e Silva sobre a afirmação de Araújo (2002) diz respeito à hipótese do pesquisador de que a palavra-matriz deve ser sempre rastreável. Em virtude disso, ele desconsidera *deprê* como sendo forma truncada, já que tal forma pode ser proveniente de *depressão*, *deprimida* ou *depressiva*. As autoras não vêem problema, diferentemente de Araújo, em considerar a forma *deprê* como Truncamento verdadeiro, pois elas entendem que não é o Truncamento que apresenta duas palavras-matriz e sim palavras-matriz diferentes que têm Truncamentos homônimos, mas que são sempre rastreáveis pelo contexto semântico-pragmático.

Mesmo atendo-se a considerações estruturais, as autoras chamam a atenção quanto ao fato dos Truncamentos não expressarem apenas o tom pejorativo, como também o tom de afetividade e o da familiaridade.

Seguidamente é feita uma reanálise das generalizações de Araújo (2002) quanto a aspectos estruturais das formas truncadas e propõem-se três modificações interessantes sobre a proposta do pesquisador. Na primeira delas, que fala sobre os Truncamentos advindos de palavras-matriz sem acento secundário, as autoras admitem que a palavra-matriz pode ser dissílaba ou trissílaba, e há tendência de se formarem Truncamentos paroxítonos. Na segunda generalização, que diz respeito às formas truncadas provenientes de palavras-matriz com acento secundário, Godoy, Vilela e Silva afirmam que o Truncamento, se dissílabo, é preferencialmente oxítono e que nem sempre o acento da nova palavra corresponde ao acento secundário da palavra-matriz, como foi garantido por Araújo (2002). Finalmente, sobre a última generalização, as pesquisadoras afirmam que o Truncamento trissílabo é sempre paroxítono e a vogal final é preferencialmente *-a*,

contrariando portanto a afirmação de Araújo (2002) para quem a vogal final das formas truncadas trissilábicas é sempre *-a*.

As autoras concluem, portanto que as afirmações postuladas até então sobre os Truncamentos devam ser entendidas como tendências e não como regras categóricas.

## 6.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ABORDAGENS DE GONÇALVES E ARAÚJO

Na presente seção serão feitas considerações a respeito das propostas de análise trazidas pelos pesquisadores anteriormente mencionados nas resenhas. Procurar-se-á argumentar sobre o porquê que tais propostas não são inteiramente satisfatórias para serem estendidas a todos os Truncamentos que integram o português do Brasil. Apesar das ressalvas que serão apresentadas, deixa-se claro aqui que a produção de Araújo e Gonçalves tem um mérito extremamente valioso para a compreensão do fenômeno estudado, porque ambos foram os primeiros lingüistas do Brasil que se tem notícia a tratar o Truncamento sob uma vertente formal, desprezando-se a abordagem veiculada nas gramáticas tradicionais e em manuais de morfologia. Após feitas essas considerações sobre o trabalho dos autores, será apresentada ao leitor a minha proposta para a análise dos Truncamentos, onde procurarei focalizar as vantagens de minha abordagem em relação às propostas por Araújo e Gonçalves.

Araújo, ao iniciar o tratamento das formas truncadas, oferece uma definição para o fenômeno, caracterizando-o como um processo que envolve a redução de segmentos sempre do lado direito da palavra-matriz e que esta deve ser no mínimo trissilábica. Contudo, observou-se nos dados que essa afirmação do autor não pode ser aplicada a todos os Truncamentos do português, porque podem ser atestadas palavras truncadas a partir do corte feito no limite esquerdo da palavra-matriz (cf. *mor* < *amor*, *ném* < *neném*, *Zero* < *Cruzeiro*, *nóia* < *paranóia*). Quanto ao número de sílabas contido na palavra-matriz, é perfeitamente aceitável na língua a produção de Truncamentos a partir de palavras-matrizes dissilábicas (cf. *china* < *chinês*, *burga* < *burguês*, *tusto* < *tostão*, *Brasa* < *Brasil*), ainda que essas ocorrências sejam em menor número.

Araújo justifica em seu trabalho que irá se restringir à formação estrutural dos Truncamentos, deixando de lado o aspecto de natureza semântica. Entretanto, ele acaba fazendo observação acerca do significado quando afirma que a forma truncada e a palavra-matriz devem ser semântica e pragmaticamente intercambiáveis, de modo que a troca de uma pela outra não implica em perda de sentido. Sabe-se, porém, que a identidade de

significados não é, para uma análise Semântica, uma questão simplista como pode parecer. A própria Cançado (2005:43) alega que entender a sinonímia como identidade de significados não é suficiente, pois é uma afirmação muito ampla e que exige certo refinamento.

Se compararmos duas palavras isoladas como “professor” e “prófi”, nota-se que ambas têm o mesmo sentido, mas se elas forem empregadas em um contexto de uso existem ressalvas, conforme (4):

(4)

- a. O professor sairá com os alunos da sala para fazer uma pesquisa na biblioteca.
- b. O prófi sairá com os alunos da sala para fazer uma pesquisa na biblioteca.

Ante as duas sentenças, há professores que podem não gostar de serem chamados de “prófi” por considerarem que tal emprego é desrespeitoso e que podem comprometer a imagem profissional. O que se pode dizer é que a palavra-matriz e a palavra truncada são intercambiáveis apenas semanticamente, ou seja, dentro de uma sentença essas palavras são apenas sinônimas de conteúdo, conforme definição de Chierchia e Ginet (1990), pois a sentença *a* acarreta a sentença *b* e a sentença *b* acarreta a sentença *a*, já que o sentido de uma sentença está contido no sentido da outra.

Como o acarretamento é compreendido como uma noção de cunho Semântico, e por isso se relaciona apenas com o que está contido na sentença em si, independentemente do uso da mesma, pode-se dizer que palavra-matriz e Truncamento são intercambiáveis apenas semanticamente e não pragmaticamente como colocou Araújo. “Professor” e “prófi” mesmo sendo sinônimas, sempre sofrem algum tipo de especialização quando colocadas em uso.

Outro problema encontrado na proposta de Araújo diz respeito ao que o autor chama de *pseudotruncamentos*, que segundo ele, são formas que não podem ser intercambiáveis com suas respectivas palavras-matrizes, porque há perda de sentido (cf. “deprê”), já que podem ser constatadas sentenças do tipo “*Joana está muito deprê depois da eliminação da filha do torneio*”, “*Joana está muito deprimida depois da eliminação da filha do torneio*”, “*Joana está muito depressiva depois da eliminação da filha do torneio.*”, mas é impossível ser gramatical uma sentença como “*Joana está muito depressão depois da eliminação da filha do torneio*”. Entretanto, essa hipótese de Araújo não procede porque a forma “deprê” segue o mesmo padrão estrutural de uma porção de

Truncamentos que preservam as duas primeiras sílabas da forma de base e que são insensíveis ao acento primário desta mesma forma de base (cf. profí < profissional, expô < exposição, bijú < bijuteria). Além disso, é perfeitamente possível rastrear a palavra-matriz de “deprê” pelo contexto de uso, e por isso ela pode ser considerada normalmente como forma truncada, sendo dispensado a ela qualquer tipo de exclusão dentro dos dados apresentados. Isso quer dizer que “deprê” não possui várias bases possíveis, mas apenas uma única, que pode ser rastreada pelo contexto.

Outro aspecto problemático no trabalho de Araújo é o fato do autor considerar formas derivadas de afixos cultos de origem greco-latina (cf. eletro < eletrocardiograma, míni < minissaia) como *pseudotruncamentos*. Mesmo considerando-as como falsos truncamentos, tais formas não são apropriadas para serem mencionadas no trabalho porque o leitor pode entendê-las como um grupo especial de Truncamentos, fato esse que não procede, porque essas palavras podem ser entendidas como fenômenos puramente morfológicos que, por sua vez, dispensam tratamento de cunho formal.

Do ponto de vista estrutural, Araújo menciona que as palavras truncadas são constituídas de duas a três sílabas. Contudo, tal afirmação não pode ser aplicada a todos os Truncamentos da língua, pois são perfeitamente aceitáveis Truncamentos monossilábicos (cf. Flá < Flamengo, Flu < Fluminense, cel < celular, su < sucesso).

O pesquisador estabelece três padrões de formação para o Truncamento, contudo, essas três generalizações não podem ser extensivamente aplicadas a todas as manifestações de Truncamentos do português brasileiro.

A padronização oferecida por Araújo baseia-se na atuação que o acento secundário tem sobre a palavra-matriz. Na análise de Araújo, a posição do acento secundário é vista como fator crucial para a compreensão do fenômeno. Segundo o pesquisador, quando a palavra-matriz é trissilábica, paroxítona e sem acento secundário, formam-se invariavelmente Truncamentos com duas sílabas e acento na penúltima sílaba (cf. cérva < cerveja, nêura < neurose, flagra < flagrante). Porém, esse padrão oferecido pelo autor não pode ser compreendido como unânime por todos os Truncamentos advindos de palavras-matrizes trissilábicas com acento paroxítono, porque nesse tipo de forma de base é perfeitamente aceitável a projeção de formas truncadas oxítonas (cf. belê < beleza, churrás < churrasco).

A segunda generalização proposta por Araújo é a de que o acento primário da palavra truncada deve ser atribuído à sílaba que guardava o acento secundário na palavra-matriz, quando a palavra-matriz for trissilábica ou polissilábica e possuir acento secundário

(cf. prófe < professor, profí < profissional, refrí < refrigerante). Contudo, essa importância que o autor dá ao acento secundário não indica um critério categórico para qualquer análise, pois é comum a manifestação na língua de formas truncadas advindas de bases trissilábicas ou polissilábicas, cujo acento não recai necessariamente na sílaba que portava o acento secundário na palavra-matriz. Esses exemplos podem ser confirmados em Truncamentos como *motô* < *mòtorísta*, *deprê* < *dèpressão*, *dirê* < *dìretór*, *cafú* < *càfuné*, *prejú* < *prejuízo*, *bicí* < *bicicleta*, *facúl* < *fâculdáde*. Portanto, esses dados demonstram que a importância dada por Araújo ao acento secundário é meramente casual e não pode ser entendida como padrão categórico.

Por fim, Araújo faz algumas observações sobre Truncamentos trissilábicos com inserção final de uma vogal. Ele afirma que esse tipo de Truncamento possui regularmente acento paroxítono e tendência a preservar a raiz da palavra-matriz, além disso, o autor afirma que a vogal final é sempre *-a*. Realmente o padrão acentual para esse tipo de Truncamento é sempre paroxítono, mas o autor falha em garantir que o segmento final inserido seja sempre *-a*, pois existem formas como “milico” < militar, “motoca” < motoqueiro, “brasuca” < brasileiro, bandeco < bandeirão, traveco < travesti, gasosa < gasolina, cujo elemento inserido não é necessariamente uma vogal *-a*, mas uma sílaba com núcleo *-a* ou *-o*. Além disso, o autor não explica o porquê da inserção de um elemento final que não estava contido na palavra-matriz.

Em relação às afirmações de Gonçalves, também serão feitas algumas ressalvas quanto ao padrão de formação dos Truncamentos, mostrando que a padronização oferecida por ele não pode ser aplicada de forma geral a todos os Truncamentos do português brasileiro e que, ao contrário da sugestão dele, Truncamentos e Hipocorísticos não podem ser compreendidos como processos formalmente distintos.

Segundo Gonçalves, o Truncamento é formado a partir de uma circunscrição negativa, já que o conteúdo segmental fora do domínio é o que será aproveitado na forma truncada. Além disso, afirma ainda que o Truncamento não leva em conta o acento lexical da palavra-matriz e sempre forma paroxítonas. Sabe-se, porém, que esta regularidade não é constatada como um todo, pois há Truncamentos com corte à esquerda que são sensíveis ao acento da palavra-matriz, além de serem perfeitamente aceitáveis formas truncadas oxítonas, ainda que em menor número.

Gonçalves apresenta um esquema, novamente representado a seguir para fins de investigação, no qual defende que em todos os casos de Truncamentos forma-se um pé binário, da esquerda para a direita, do qual será aproveitado somente o primeiro *onset* que,

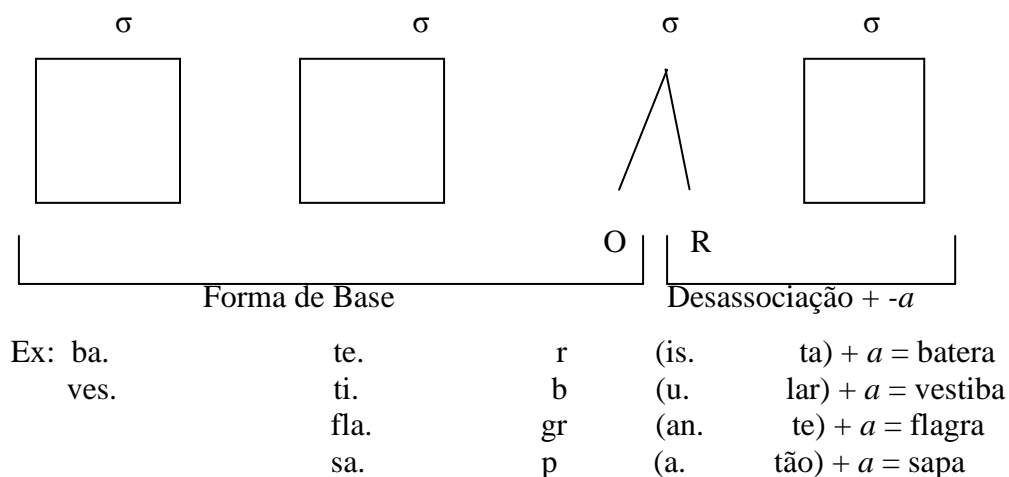


alinhado à vogal *-a*, constituirá a última sílaba do Truncamento, conforme ilustrado a seguir:

(5)

← circunscrição negativa

- parâmetro do pé: forme um pé binário([ σ'σ ])
- parâmetro da direcionalidade: E ← D ##
- parâmetro do alinhamento: alinhe *-a* à direita da forma de base, após desassociação



Analisar o Truncamento como fenômeno que se forma a partir de uma circunscrição negativa é um fato bastante problemático porque o esquema dado pelo autor abrange apenas formas truncadas trissilábicas com inserção de vogal *-a*, sendo por isso bastante restrito. Como aplicar o esquema acima para aqueles Truncamentos dissilábicos, cuja margem direita da base coincide com a margem direita da circunscrição prosódica e, conseqüentemente com a margem direita do molde para a formação do Truncamento? Porque, ao que tudo indica, formas desse tipo são circunscritas positivamente, e não negativamente como afirma o autor, já que tanto nos Truncamentos com corte à esquerda quanto nos Truncamentos com corte à direita o material aproveitado é aquele que está no limite da circunscrição prosódica e não fora dela.

Pode ser constatado no esquema que o parâmetro do pé postulado também é problemático, porque se Gonçalves alega que irá ser formado um pé binário ([ σ'σ ]) da direita para a esquerda, como explicar o fato da primeira sílaba não incluir *onset*?

Além do mais, o esquema acima permite somente um único padrão de direcionalidade na formação dos Truncamentos (E ← D), contudo, sabe-se que isso não

procede, pois há a atuação de dois parâmetros de direcionalidade nos Truncamentos, ou seja, tanto da esquerda para a direita quanto da direita para a esquerda se levarmos em consideração que Truncamentos são circunscritos positivamente.

Outro problema encontrado nas afirmações de Gonçalves pode ser constatado quando ele afirma que, ao contrário da Hipocorização, no Truncamento MAX-IO constitui restrição dominante, uma vez que o sufixo *-a* já estava presente no *input*. Entretanto, se MAX-IO dominar MAX-BT, conforme propõe o autor, o fenômeno do Truncamento não se manifesta, pois assim não irá haver redução da palavra-matriz. Com isso, considero impropriedade a hierarquia de restrições proposta por Gonçalves (MAX-IO >> TODO-PÉ (D) >> MAX-BT >> ANALISE  $\sigma$ ), já que esta não reflete satisfatoriamente o processo de formação dos Truncamentos.

Outro argumento do pesquisador que não condiz com o que de fato acontece se dá quando ele garante que os Truncamentos não são assunto para a palavra mínima, mas que Hipocorísticos os são. Segundo ele, como todos os Truncamentos são paroxítonos e não podem apresentar mais de três sílabas, TODO-PÉ (D) exerce pressão para que as formas reduzidas não apresentem mais de um pé. No entanto, segundo o pesquisador, ANALISE- $\sigma$  tende a ser violada, pois nos casos de Truncamentos trissilábicos há uma sílaba desintegrada do pé. Então, Gonçalves acaba por afirmar que o Truncamento não constitui processo de formação de palavra-mínima, como ocorre na Hipocorização. Porém, essa afirmação também não é pertinente, porque há Hipocorísticos trissilábicos como *Carola* < *Carolina*, *Samuca* < *Samuel*, *Maneco* < *Manuel*, que seguem o mesmo padrão dos Truncamentos trissilábicos, tendo também uma sílaba desintegrada do pé. Assim, não só os Truncamentos não constituem assunto para a formação de palavra mínima, como também os Hipocorísticos não formam palavras mínimas na língua. Desse modo, confirma-se mais uma vez que Hipocorísticos e Truncamentos constituem o mesmo fenômeno, pois em ambos há a inserção de um material morfológico, não necessariamente *-a*, na margem direita de cada um deles.

Ainda quanto à diferenciação postulada por Gonçalves em relação aos Hipocorísticos e Truncamentos, estou de acordo com o pesquisador quando ele afirma que Truncamentos são bem mais fiéis à base do que os Hipocorísticos, porque nas formas truncadas não há impedimento quanto à manifestação de *onsets* complexos e codas não são obrigatoriamente banidas (cf. *burga* < *burguês*, *tusto* < *tostão*, *facul* < *faculdade*, *flagra* < *flagrante*, *refri* < *refrigerante*). Portanto, nesse aspecto, estou de

acordo com a observação de Gonçalves quando ele contesta Araújo, para quem o Truncamento é um processo morfológico em que emergem estruturas não-marcadas.

### 6.3. NOVAS PERSPECTIVAS PARA A ANÁLISE DO TRUNCAMENTO

Assim como Araújo e Gonçalves realizaram trabalhos nos quais apresentam os padrões do Truncamento sob uma perspectiva morfofonológica, também farei uma proposta formal desse fenômeno levando em consideração a interação de primitivos prosódicos com primitivos morfológicos e darei uma definição para o fenômeno. Porém, procurarei focalizar em quais aspectos minha análise difere da abordagem proposta por cada um dos dois autores mencionados.

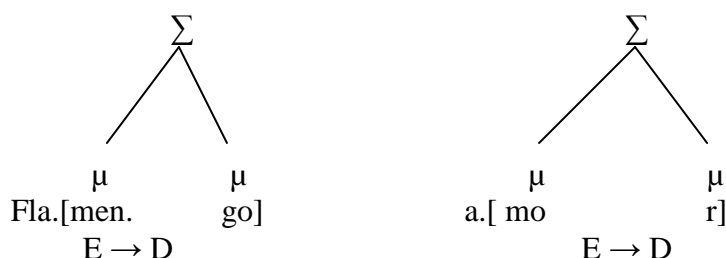
Entende-se por Truncamento um processo de encurtamento que se estrutura a partir do mapeamento melódico de uma forma de base, de modo que uma seqüência da palavra-matriz é copiada e passa a funcionar como unidade lexical autônoma. Contudo, tal fenômeno não apresenta função lexical, uma vez que não é empregado com a intenção de nomear uma nova entidade. Ao contrário, é usado em geral para expressar a marca do falante sobre o enunciado (cf. *mordô* < *mordomia*, *bijú* < *bijuteria*) ou como forma de expressão do pejorativo (cf. *jápa* < *japonês*, *tranca* < *tranqueira*).

Diferentemente do que foi proposto por Gonçalves, Truncamentos e Hipocorísticos constituem o mesmo fenômeno no português do Brasil, assim como propõem Colina (1993) e Piñeros (2000) para o espanhol. Sob minha perspectiva, tanto o Truncamento quanto a Hipocorização não formam palavras-mínimas na língua, ambos os fenômenos podem ou não levar em conta o acento primário da palavra-matriz a depender da ancoragem em relação à forma de base. Assim como os Hipocorísticos descritos no capítulo anterior, se a forma truncada estiver ancorada à esquerda da palavra-matriz, o Truncamento será insensível ao acento principal da forma de base; entretanto, se a forma truncada estiver ancorada à direita da palavra-matriz, o Truncamento será sensível ao acento principal da forma de base.

Ao contrário de Gonçalves, considerarei que nem sempre os Truncamentos são paroxítonos, mas que assim como os Hipocorísticos, formas oxítonas são facilmente atestadas em Truncamentos dissilábicos. Ao que indicam os dados, apenas Truncamentos trissilábicos caracterizam-se por serem estritamente paroxítonos, do contrário, formas truncadas dissilábicas terão ora padrão oxítono, ora padrão paroxítono.

Ainda, diferentemente de Gonçalves, defendo que na manifestação do Truncamento a circunscrição é positiva, porque mapeia uma seqüência segmental da base que será projetada na forma resultante. Desse modo, o conteúdo segmental aproveitado na formação do Truncamento será aquele que está dentro do domínio da projeção, e não fora dela. A circunscrição negativa proposta por Gonçalves não dá conta de explicar a formação dos Truncamentos cuja margem direita da base coincide com a margem direita da circunscrição prosódica e, conseqüentemente, com a margem direita do molde para a formação do Truncamento, conforme exemplos seguintes:

(6)



Vê-se nesses exemplos que o material silábico restante, que constitui a circunscrição negativa, não será aproveitado ( a sílaba *Fla* de ‘Flamengo’ e a sílaba *a* de ‘amor’ ).

Aplicando-se o esquema de circunscrição negativa dado por Gonçalves e já descrito anteriormente em (1) para Truncamentos sensíveis ao acento primário da palavra-matriz, ver-se-á que ele não é aceitável porque o material descartado pela circunscrição negativa, numa direcionalidade da direita para a esquerda, é exatamente aquele que não compõe o Truncamento. Além disso, quanto ao parâmetro do pé circunscrito negativamente, vê-se que o postulado por Gonçalves (formação de um pé binário silábico ([ $\sigma\sigma$ ]) não se aplica às formas truncadas sensíveis ao acento da palavra-matriz, porque o material descartado pode não ser composto necessariamente de duas sílabas como propõe o autor, pois há casos de Truncamentos com corte à esquerda cujo material desprezado é formado de apenas uma única sílaba (cf. ‘ca’ < *cachaça*, ‘ne’ < *neném*, ‘Fla’ < *Flamengo*, ‘Cru’ < *Cruzeiro*). O autor exemplifica o parâmetro de circunscrição negativa apenas para Truncamentos trissilábicos, mas mesmo nesses casos a circunscrição negativa é problemática, porque o parâmetro de formação do pé não é necessariamente binário ([ $\sigma'\sigma$ ])

como garante o Gonçalves, uma vez que o material circunscrito negativamente não inclui o *onset* da primeira sílaba.

Além dos Truncamentos trissilábicos e dos Truncamentos com corte à esquerda sensíveis ao acento da palavra-matriz, a circunscrição negativa dada por Gonçalves não se aplica aos Truncamentos ancorados à esquerda e insensíveis ao acento da palavra-matriz, porque nesses casos a circunscrição negativa, dada por Gonçalves da direita para a esquerda, não seleciona necessariamente como material a ser descartado um pé binário ([σσ]), já que existem formas que excluem apenas uma única sílaba (cf. *ja* < cerveja, *ssor* < prófe), duas sílabas (cf. *jeste* < cafajeste, *nete* < quitinete) ou mais do que duas sílabas (cf. *gerante* < refrigerante, *monhangaba* < Pindamonhangaba, *ficado* < falsificado).

Em relação à diferenciação da minha proposta de análise com relação à análise de Araújo, não considerarei o acento secundário como fator determinante na formação do Truncamento, porque atestei em muitos casos que nas formas truncadas dissilábicas o acento primário não deve ser atribuído obrigatoriamente à sílaba que guardava o acento secundário na palavra-matriz (cf. *motô* < *mòtorista*, *facúl* < *faculdade*, *dirê* < *diretor*, *promô* < *promoção*). A relação entre acento secundário e formação do Truncamento dissilábico não é um fator categórico, mas casual.

Ao contrário de Araújo, defende-se aqui que a direcionalidade envolvida na formação dos Truncamentos não se dá somente da esquerda para a direita como propõe o autor, mas que o padrão da direita para a esquerda também se manifesta.

Diferentemente de Araújo, a palavra-matriz do Truncamento não é, sob meu ponto-de-vista, necessariamente trissilábica ou polissilábica, mas é perfeitamente possível a manifestação de formas truncadas advindas de bases dissilábicas (cf. *china* < chinês, *burga* < burguês, *tusto* < tostão, *bi* < bilhão).

Também, com relação à análise dos Truncamentos provenientes de bases trissilábicas sem acento secundário, mostro em minha análise, diferentemente de Araújo, que nem sempre o Truncamento é dissílabo e paroxítono. Nesse caso, admito a possibilidade de formas oxítonas (cf. *belê* < beleza).

Contrariando Araújo, considerarei como Truncamento aquelas palavras cuja rastreabilidade conduz a duas bases possíveis (cf. *deprê* < depressão, *deprimido*, *depressivo*). Acredito que a forma de base pode ser facilmente recuperada pelo contexto e, por isso não há motivo para considerá-las falsos truncamentos.

Ainda, de acordo com Araújo, nas formações com bases simples sufixadas, há sempre eliminação de um conteúdo segmental que compreende um sufixo (cf. *ista* <

comunista, *ês* < português, *ose* < neurose). Contudo, contrariando Araújo, isso nem sempre acontece, pois há casos em que o sufixo é extraído junto com outra sequência fônica que não veicula qualquer tipo de informação morfológica (cf. *onês* < japonês), nesse caso, a porção excluída não coincide integralmente com o sufixo que expressa nacionalidade e, por isso a proposta de Araújo não é de todo satisfatória.

Uma análise mais depurada mostrará que, independentemente da exclusão de um sufixo, verdadeiro ou não, nos Truncamentos ancorados à esquerda, pode-se ter: a cópia da primeira sílaba apenas, a cópia da primeira sílaba e do *onset* da segunda com o acréscimo de uma vogal por sufixação, a cópia da primeira e segunda sílabas e do *onset* da terceira com o acréscimo de uma vogal por sufixação ou a cópia integral das duas sílabas mais à esquerda sem o acréscimo de qualquer sufixo. Além desses quatro padrões, é viável também o acréscimo de mais um padrão que consiste nos Truncamentos com ancoragem à direita com corte à esquerda, cuja margem esquerda da forma truncada coincide com a margem esquerda da cabeça do pé principal da forma de base. Uma das vantagens dessa padronização é que ela abrange formações com ou sem sufixos ou falsos sufixos.

Com base nas críticas aos trabalhos de Gonçalves e Araújo e nas minhas considerações sobre as formas truncadas do português feitas anteriormente, proponho então o seguinte padrão para a análise dos Truncamentos:

- a) No primeiro padrão preserva-se apenas a sílaba mais à esquerda da forma de base.

bi < bilhão

Fla < Flamengo

Flu < Fluminense

Constatou-se aqui que a língua portuguesa é passível de apresentar Truncamentos monossilábicos, mesmo que esses sejam em número reduzido, como por exemplo, *Flu* < *Fluminense*, *Flá* < *Flamengo*, *bi* < *bilhão*, *su* < *sucesso*. Esse comportamento é igual e bastante freqüente nos Hipocorísticos, como por exemplo, *Ju* < *Juliana*, *Cris* < *Cristiane* e *Jô* < *Joana*. Assim como nos Hipocorísticos, nas formas truncadas monossilábicas ancoradas à esquerda a estrutura prosódica não é tão importante, ao contrário do que acontece com os Truncamentos dissilábicos e trissilábicos. No caso dos Truncamentos monossilábicos, a relevância deve ser atribuída à estrutura silábica selecionada na forma de base para formar o Truncamento. As sílabas selecionadas para a manifestação dos Truncamentos monossilábicos ancorados à esquerda são as sílabas

iniciais da forma de base que possuem *onset*, assim como ocorre também nos Hipocorísticos monossilábicos. Desse modo, aqueles Truncamentos cujas sílabas iniciais da palavra-matriz correspondente estejam sem *onset* não formarão Truncamentos monossilábicos. Vê-se, portanto que nem os Truncamentos e nem mesmo os Hipocorísticos do português brasileiro podem ser assunto para a palavra mínima.

- b) No segundo padrão preserva-se o pé principal da forma de base. O corte, nestes casos, ocorre à esquerda da forma de base.

mor < amor  
Mengo < Flamengo  
Zero < Cruzeiro  
Nense < Fluminense

A característica principal das formas truncadas em “B” é a manutenção do acento primário das palavras-matrizes.

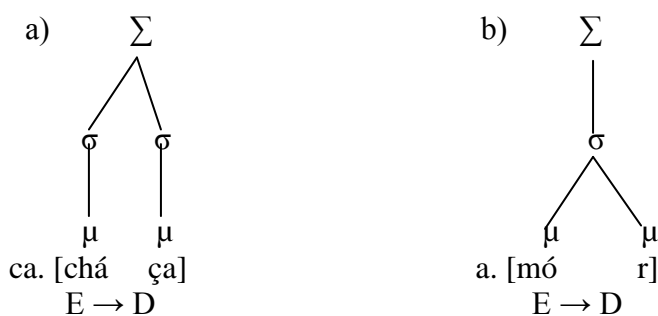
Os Truncamentos com preservação do acento primário da forma de base têm comportamento idêntico aos Hipocorísticos do tipo-A descritos por Gonçalves em seu trabalho “Hipocorísticos no Português Brasileiro: condições de minimalidade no molde prosódico”. Com o intuito de comprovar essa afirmação, tomarei as mesmas palavras de Gonçalves, nos próximos dois parágrafos, entre aspas, para descrever esse tipo de Truncamento e com isso mostrar que as relações entre Truncamentos e Hipocorísticos são mais tênues do que estanques.

O processo de formação dos Truncamentos em B “inicia-se com a definição de um domínio sobre a palavra-matriz. Desse modo, a circunscrição prosódica delimita a porção da palavra-matriz sobre a qual a operação atuará. Este tipo de Truncamento envolve a chamada delimitação positiva (cf. McCarthy e Prince, 1990), nas quais estão envolvidos dois parâmetros específicos que integram a circunscrição, que são a direcionalidade e o pé. Todo o material remanescente constitui circunscrição negativa e será desassociada por não estar licenciado prosodicamente. A circunscrição positiva atua no sentido de isolar da esquerda para a direita o pé principal da palavra-matriz”, cujo acento poderá recair sobre a última sílaba (cf. *ssór* < professor), favorecendo formas oxítonas, ou sobre a penúltima sílaba (cf. *Méngo* < Flamengo, *cháça* < cachaça), favorecendo formas paroxítonas.

Assim como nos Hipocorísticos sensíveis ao acento da palavra-matriz, nos Truncamentos com corte à esquerda “o material que se manifesta no *output* é justamente

aquele rastreado pela circunscrição prosódica, que atua no sentido de isolar da direita para a esquerda um troqueu moraic ([  $\mu\mu$  ]) da palavra-matriz para o molde”, conforme projeções em (7):

(7)



Tanto em ‘chaça’ quanto em ‘mor’, a margem direita da base coincide com a margem direita da circunscrição prosódica e, em decorrência disso, com a margem direita do molde para a formação do Truncamento. Da mesma forma que os Hipocorísticos sensíveis ao acento da base, nos Truncamentos sensíveis ao acento da palavra-matriz, forma-se da esquerda para a direita (  $E \rightarrow D$  ) um pé binário que escaneia a seqüência da base a ser empregada pelo fenômeno. A circunscrição positiva dos Truncamentos sensíveis ao acento principal da palavra-matriz pode ser constituída de duas moras, seja ela dissilábica (cf. 7 a) ou monossilábica (cf. 7 b). Contudo, essa estrutura prosódica não é utilizada por todas as formas truncadas com corte à esquerda do português brasileiro, porque neste grupo há casos de Truncamentos formados por três moras, como pode ser atestado em ‘Mengo’ < *Flamengo* e ‘Nense’ < *Fluminense*, e pés bissilábicos.

Vê-se, portanto, que uma nítida característica das formas truncadas em “B” é que a sílaba tônica da palavra-matriz coincide com a sílaba tônica da palavra truncada. A forma resultante geralmente preserva as duas últimas sílabas da palavra-matriz, as únicas exceções encontradas nos dados são as formas truncadas *mor* e *ssor*, que preservam apenas a última sílaba da forma de base, mas mantêm duas moras em suas estruturas. Logo, o que é regular nos Truncamentos com corte à esquerda não é a recorrência de duas sílabas, mas sim a recorrência de duas moras, sendo o troqueu moraic mais apropriado na análise desse tipo de Truncamento.

Pode ser generalizado que os Truncamentos com corte à esquerda têm a mesma estrutura prosódica dos Hipocorísticos sensíveis ao acento da base: a vogal tônica do pé



mais à direita irá compor a primeira mora do troqueu. Se houver coda na última sílaba, o troqueu será monossilábico (cf. *mor* < *amor*). Porém, quando o núcleo ou a rima não sofre ramificação da sílaba final, o troqueu será dissilábico, como ‘*chaça*’ < *cacheça* e ‘*Mengo*’ < *Flamengo*. É justificável, portanto afirmar que formas truncadas com corte à esquerda e sensíveis ao acento da forma de base têm comportamento idêntico aos Hipocorísticos ancorados à direita e sensíveis ao acento do prenome no que se refere à estrutura prosódica projetada pela circunscrição. Observa-se que nas formas truncadas do Tipo-B com corte à esquerda o padrão acentual troqueu moraico aplica-se satisfatoriamente, ao contrário dos Truncamentos do tipo C e E descritos a seguir, nos quais o padrão troqueu silábico é o mais apropriado. Fato idêntico acontece com os Hipocorísticos, nos quais o troqueu moraico se faz presente nos Hipocorísticos ancorados à direita e sensíveis ao acento primário do prenome, enquanto que o troqueu silábico se manifesta nos Hipocorísticos ancorados à direita e insensíveis ao acento do prenome. Por isso que tomar os Hipocorísticos e os Truncamentos para evidenciar que o pé básico do português brasileiro seja o troqueu moraico constitui uma afirmação um tanto arriscada.

- c) Formam-se Truncamentos com a cópia integral das duas primeiras sílabas da palavra-matriz e acento paroxítono, conforme se vê nos seguintes dados:

Bóta < Botafogo	
pálha < palhaço	trânsa < transação
démo < demônio	sápa < sapatão
bísa < bisavó	Cópa < Copacabana <sup>1</sup>
cáfa < cafajeste	
cárna < carnaval	
flágra < flagrante	
prófe < professor	
Pínda < Pindamonhangaba	
cóca < cocaína	
quíti < quitinete	

Em *c* as bases são, em sua maioria, polissilábicas e suas respectivas formas truncadas são dissílabas paroxítonas. Geralmente há uma cópia na íntegra das duas

---

<sup>1</sup> Truncamentos como *Copa* < *Copacabana*, *Bota* < *Botafogo* e *cáfa* < *cafajeste* podem ser compreendidos como Truncamentos do tipo *c* ou *e* porque a vogal final tem a possibilidade de ser interpretada como um segmento já existente na palavra-matriz, configurando-se como Truncamento do tipo *c*, ou como uma vogal acrescentada por sufixação que não constava na palavra-matriz, configurando-se como Truncamento do tipo *e*. Neste trabalho tais palavras serão interpretadas como Truncamentos cuja vogal final já estava presente na palavra-matriz.

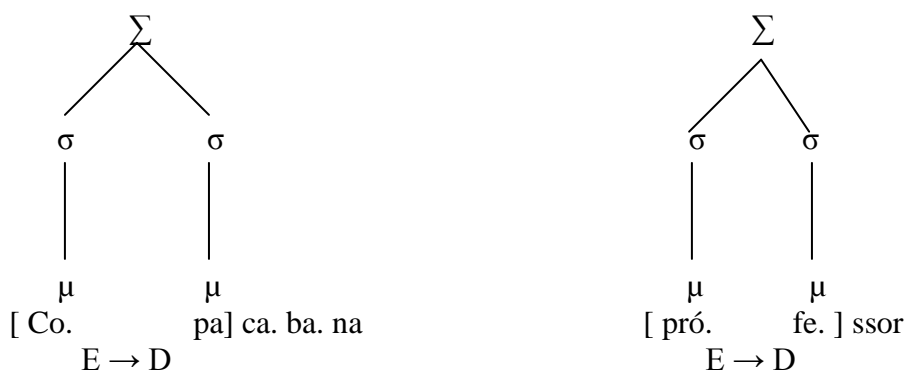
primeiras sílabas da forma de base. Contudo, existe um caso que foge a esse padrão, porque há o apagamento da coda final (flagra < flagrante).

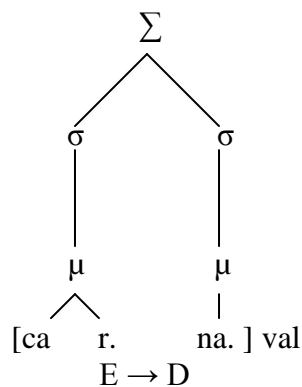
Diferentemente dos Truncamentos do tipo “cháça” e “mor”, cuja margem esquerda coincide com a margem esquerda da sílaba que contém o acento primário da forma de base, os Truncamentos do grupo C possuem ancoramento à esquerda e estão relacionados com o início da palavra-matriz.

Nota-se que nestes exemplos o acento primário da forma de base deixa de ser preservado, diferentemente dos casos de Truncamentos com corte à esquerda. Percebe-se que essas formas truncadas sempre apresentam duas sílabas e que tendem a manter a complexidade silábica da forma de base (cf. *prófe* < professor, *transa* < transação) e a manutenção da coda existente na respectiva palavra-matriz (cf. *cárna* < carnaval, *Pínda* < Pindamonhangaba, *transa* < transação). Afirma-se, portanto que a estrutura silábica é mais complexa, posto que para esse conjunto de Truncamentos seja mais importante o respeito à margem esquerda que as estruturas silábicas complexas. Pelos dados percebe-se que se destacam Truncamentos com padrão silábico CV.CV, CVC.CV, CCV.CV. Desse modo, a restrição NO-CODA, que proíbe a presença de coda em qualquer local da palavra, costuma ser violada no caso de ‘*carna*’, ‘*transa*’, ‘*Pínda*’ bem como a restrição NO-COMPLEX, que proíbe a presença de sílabas complexas, como por exemplo, ‘*prófe*’, ‘*transa*’.

Confirma-se também que nos Truncamentos do tipo-C com ancoragem à esquerda a noção de binariedade dos pés é sempre respeitada, conforme circunscrição dada a seguir:

(8)





Nos Truncamentos do tipo-C, o *parsing* é feito da esquerda para a direita (E → D). Nesta direcionalidade os Truncamentos são insensíveis ao acento da forma de base e a circunscrição positiva isola sempre um troqueu silábico a partir da margem esquerda da forma de base.

Vê-se, portanto que no conjunto das formas truncadas do tipo-C, composto por Truncamentos insensíveis ao acento da palavra-matriz, atuam circunscrições de pés troqueus silábicos, havendo o favorecimento de paroxítonas cuja proeminência acentual recai à esquerda.

A vogal do pé mais à esquerda constitui a primeira mora do troqueu que neste caso será sempre dissilábico. Nos Truncamentos do tipo-C não há modificação na rima da sílaba final, porém, essa característica só pode ser atestada na primeira sílaba da forma resultante.

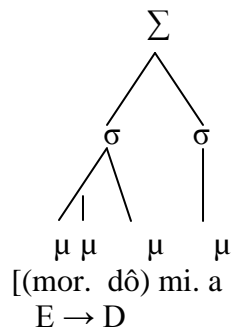
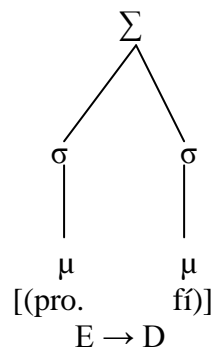
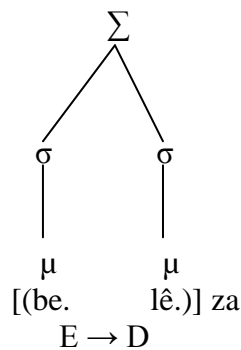
- d) Formam-se Truncamentos com a cópia integral das duas primeiras sílabas mais à esquerda da palavra-matriz e acento oxítono, conforme dados posteriores:

belê < beleza  
 expô < exposição  
 motô < motorista  
 cupú < cupuaçu  
 refrí < refrigerante  
 dirê < diretora  
 telê < televisão  
 preju < prejuízo  
 melô < melodia  
 rodô < rodoviária

Belô < Belo Horizonte  
 dispô < disposição  
 profí < profissional  
 falsí < falsificado  
 mordô < mordomia

Nos Truncamentos do tipo-D, insensíveis ao acento da palavra-matriz, constata-se circunscrições com a manifestação de pés iambos. Neste caso, exige-se o posicionamento da cabeça do pé à direita, conforme as próximas ilustrações.

(9)



Formas truncadas do tipo-D são bastante parecidas com as formas truncadas do tipo-C, porque ambas estão ancoradas à esquerda e copiam as duas primeiras sílabas da forma de base, obedecendo à mesma estrutura silábica, entretanto, apresentam pauta acentual distintas: os primeiros são paroxítonos, enquanto que os segundos são oxítonos. Em D forma-se um pé iambo pela margem esquerda da forma de base. Vê-se nele que o padrão de formação é parecido com os Truncamentos do tipo-C e que, por isso as restrições empregadas bem como a disposição hierárquica entre elas é bastante semelhante, com exceção da restrição IAMBO, que exige a preservação de formas oxítonas, ao

contrário do que acontecia nas formas truncadas do tipo-B, cuja exigência era a formação de Truncamentos paroxítonos.

- e) No último tipo preserva-se parte da palavra-matriz, geralmente as duas ou três primeiras sílabas, e acrescenta-se por sufixação uma vogal *o/a* ou uma sílaba:

sarja < sargento	sanduba < sanduíche
trava < travesti	motoca < motoqueiro
vagaba < vagabunda	milico < militar
loto < loteria	boteco < botequim
reaça < reacionário	bandeco < bandejão
motora < motorista	brasuca < brasileiro
nêura < neurose	Samuca < Samuel
japa < japonês	Maneco < Manuel
comuna < comunista	Carola < Carolina
vestiba < vestibular	traveco < travesti
Carola < Carolina	gasosa < gasolina

Dos grupos elencados anteriormente, pode-se afirmar que em todas as formas truncadas ocorre a cópia da primeira sílaba e do *onset* da segunda ou cópia da primeira e segunda sílabas, podendo neste caso copiar também o *onset* da terceira. Ademais, é freqüente o acréscimo das vogais *a*, *o* ou de uma sílaba final.

Santos (2004) defende que as vogais *-a* e *-o* de Truncamento bem como as sílabas finais que foram inseridas e não constavam na palavra-matriz (cf. 20b) têm papel morfopragmático, já que essas vogais e sílabas só se manifestam em formações truncadas, nas quais o enunciador tem como objetivo a função expressiva de pejoratividade. *Boteco*, por exemplo, implica desvalorização do estabelecimento comercial. *Milico* é uma forma tradicionalmente utilizada para fazer referência negativa à classe castrense. Porém, acredito que os Truncamentos não se caracterizam apenas com marca expressiva de pejoratividade, mas o falante pode ter como intenção atribuir um tom irreverente ao truncar uma dada palavra como, por exemplo, “cerva”, cuja intenção do falante é dar um tom de descontração ao discurso quando profere tal vocábulo e não exatamente desmerecer a bebida. Sob a mesma perspectiva, tem-se a palavra truncada “belê”, que longe de expressar pejoratividade, representa uma maneira jocosa, descontraída de cumprimentar alguém. Da mesma forma tem-se a forma truncada “Pínda” que expressa uma familiaridade e carinho

em relação à cidade de “Pindamonhangaba”. Portanto, ao contrário do que afirmou Santos, o Truncamento não é lugar apenas para o pejorativo, mas pode também manifestar irreverência, jocosidade, diversão ou afetividade.

#### 6.4 DIFERENÇAS ENTRE OS PROCESSOS DE DERIVAÇÃO E TRUNCAMENTO: O LIMITE ENTRE FENÔMENOS MORFOLÓGICOS E MORFOFONOLÓGICOS

Basílio (2000) ressalta que a mudança de classe gramatical não é fator relevante para atestar-se a produtividade de um item lexical, porque podem ser observados sufixos de alta produtividade formando palavras a partir de outras palavras da mesma classe (cf. o prefixo negativo *dês-* ou o sufixo *-ista*). Contudo, segundo Basílio (2000), há sufixos como *-udo* que embora apresentem mudança de classe gramatical, pois formam adjetivos a partir de substantivos, têm produtividade restrita.

Vê-se, portanto que aos olhos de Basílio (2000), a produtividade dos sufixos não é necessariamente a mudança de categoria gramatical, mas a generalidade das noções envolvidas na função do processo de formação.

Os processos derivacionais que mais se manifestam no Português do Brasil são: a) derivação prefixal (*re-*(pref.) + *pôr*), b) derivação sufixal (*feliz* + *mente* (suf.)), c) derivação prefixal e sufixal (*in* + *feliz* + *mente*) e d) derivação parassintética (*refrescar*). Nesses processos os afixos estão seqüencialmente dispostos no radical.

Além dos casos citados anteriormente, o léxico do português faz uso de um processo derivacional conhecido como Redução Vocabular, que envolve a eliminação de uma terminação do vocábulo derivante. Em virtude dessa característica de supressão, é comum haver confusão entre Redução Vocabular e o Truncamento.

##### 6.4.1 REDUÇÃO VOCABULAR E TRUNCAMENTO

Um outro tipo de vocábulo que costuma ser tratado como Truncamento é o fenômeno de Redução Vocabular, que na literatura também recebe diferentes denominações como *Abreviação* (Kehdi 2001, Basílio 2000), *Falsos Truncamentos* (Araújo 2002) e *Truncamento com Preservação do Morfema à Esquerda* (Belchor 2006).

Pela verificação de diferentes denominações, percebe-se que os tratamentos dados aos vocábulos como *vídeo*, *cine*, *odonto eletro* e *psico* são um tanto divergentes. Belchor (2006) as considera formas truncadas que se estruturam com a preservação, quase sempre

integral, do morfema situado à esquerda de suas respectivas formas de base. A pesquisadora garante que no tipo de Truncamento tratado em seu trabalho, ou seja, naquelas formas com preservação do morfema à esquerda, não há expressão de pejoratividade ou da marca do locutor sobre o enunciado, e sim há apenas uma função meramente rotulativa. Ela defende que esse tipo de vocábulo é formado a partir de bases polissilábicas, com a preservação integral do morfema situado à esquerda da base. A única exceção que foge a esse padrão é a forma “encéfa” proveniente de *encefalograma*, que não segue o padrão usual (\*encéfalo) e acaba por suprimir a sílaba *lo* devido à acentuação, já que ela defende o troqueu moraicó como pé básico do português, o que favorece formas paroxítonas e evita formas proparoxítonas. Além dessa explicação, a autora propõe outra, agora de cunho semântico: a forma “encéfalo” já existe na língua, designando a parte do cérebro humano, enquanto que na forma dita truncada deveria rotular o aparelho médico que detecta os processos radiográficos do cérebro.

Aos olhos de uma abordagem otimalista, Belchor (2006) propõe a seguinte hierarquia de restrições para tratar das manifestações encurtadas com preservação do morfema à esquerda: MORPH  $\approx$  PWD, TD-PÉ(D)  $\gg$  ROOTING  $\gg$  ALINH  $\gg$  TOQUEU  $\gg$  ANALI- $\sigma$   $\gg$  MAX-BT.

A restrição mais importante da hierarquia é MORPH  $\approx$  PWD, que é uma restrição morfoprosódica, cuja função é estabelecer a correspondência entre uma palavra prosódica e um, e somente um, morfema. Essa restrição tem motivação na restrição LX  $\approx$  PR (uma palavra lexical equivale a uma palavra prosódica), cuja exigência é que membros da categoria morfológica MWd estejam vinculados à categoria prosódica PWd, de modo que toda MWd deva ser licenciada por uma PWd.

MORPH-DIS exige que haja coincidência estrita entre uma palavra prosódica e um único morfema.

Outra restrição trazida por Belchor (2006) é ROOTING, que é uma restrição acentual que garante a presença de ao menos um acento em toda palavra de conteúdo semântico, e não somente gramatical. Há violação quando o candidato não tiver acento tônico, assim como pode ser atestado nos prefixos átonos, por exemplo, *in-* e *re-*.

A seguir é apresentado um tableau com a intenção de caracterizar a interação das restrições envolvidas na formação dos Truncamentos com preservação do morfema à esquerda:

(10)

Base: Odontologia	MORPH≈ PWD	TODO PÉ (D)	ROOTING	ALINH	TROQ	ANAL-σ	MAX-BT
Input: /TRUNC/							
a) [o.(dôn.to)] <sup>⊙</sup>						*	*****
b) [o.dô]	*!				*		*****
c) [o.(don.)(tô.lo)]	*!	*				*	***
d) [don.(tô.lo)]	*!			*		*	****
e) [don.(to.lo).(gí.a)]	*!	*		*		*	*
f) [(dón)]	*!			*			*****

(tableau retirado de Belchor 2006)

Os candidatos *b*, *c*, *d*, *e* e *f* são descartados da disputa pela violação de MORPH ≈ PWD, pois são formas que não coincidem com um único morfema da língua portuguesa. Quanto as demais restrições, os candidatos *c* e *e* violam também TD-PÉ (D), uma vez que possuem mais de três sílabas, formando-se assim um segundo pé alinhado à esquerda da palavra. ALINH é infringida pelos candidatos *d*, *e* e *f*, pois suas margens esquerdas não coincidem com a margem esquerda da forma de base. Os candidatos *a*, *c*, *d* e *e* violam igualmente a restrição de licenciamento prosódico ANAL-σ, porque em todos os quatro há sílabas que não estão integradas a pés. Por fim, a restrição MAX é infringida por todos os candidatos porque, em todos eles, há perda de conteúdo segmental.

Ainda segundo Belchor (2006), um prefixo pode ser tomado como Truncamento possível, conforme exemplo seguinte:

(11)

Base:ex- namorado	MORPH≈PWD	TODO PÉ (D)	ROOTING	ALINH	TROQ	ANAL- σ	MAX-BT
Input: /TRUNC/							
a) [(ex)]							*****
b) [(ex.na)]	*!						*****
c) [ex.(na.mô)]	*!				*	*	****
d) [(ex.ná)]	*!				*		*****
e) [(ex.na).(mô.ra)]	*!	*					**

(tableau retirado de Belchor 2006)



Os candidatos *b*, *c*, *d* e *e* são descartados porque membros da categoria morfológica MWd estão desvinculados da categoria prosódica. Além da infração a MORPH  $\approx$  PWD, esses candidatos violam outras restrições que estão ranqueadas mais abaixo na hierarquia. O candidato *e* viola TODO PÉ (D) porque possui um pé á esquerda. Os candidatos *c* e *d* violam troqueu, porque formam uma oxítone e, além disso, *c* não possui uma sílaba desgarrada do pé. Mesmo que o primeiro candidato incorra em um maior número de restrições de MAX-BT, ele é o vencedor porque é o único candidato cuja categoria morfológica está licenciada por uma categoria prosódica.

Na proposta de Belchor, formas encurtadas com preservação do morfema à esquerda devem ser analisadas sob uma interface morfoprosódica. Todavia, nem sempre esse fenômeno é compreendido como morfoprosódico e sim sob uma perspectiva puramente morfológica, tanto que outros autores denominam o Truncamento como um fenômeno de Redução Vocabular (cf. Vilela, Godoy e Silva 2006) ou Pseudo-Truncamentos (cf. Araújo 2002). A restrição MORPH  $\approx$  PWD não estará presente no processo de formação dos Truncamentos da seção de Análise descrita posteriormente neste capítulo, porque ela é apropriada somente àqueles processos cuja união entre duas palavras se dá no limite morfológico de ambas. Portanto, ao contrário de Belchor (2006), não considero como formas truncadas palavras do tipo *odonto*, *ex*, *gastro*. Por ser o Truncamento um fenômeno puramente morfológico, não há necessidade de dar a ele um tratamento formal.

Segundo Vilela, Godoy e Silva (2006) a Redução Vocabular também envolve a supressão de segmentos e, por isso pode ser confundida com o Truncamento. Entretanto, segundo elas, o local onde se dá o corte na palavra que sofre redução é um limite morfológico. As autoras observaram que as palavras-matriz das Reduções Vocabulares são palavras compostas, sendo que é exatamente no limite dessa composição que a redução acontece. Geralmente, preserva-se na forma reduzida a palavra morfológica à esquerda da palavra-matriz (cf. *psico* < *psicologia*, *retro* < *retro-projetor*, *lipo* < *lipoaspeiração*), em poucos casos, preserva-se a palavra mais à direita (cf. *análise* < *psicanálise*). Os Truncamentos, ao contrário, não são formados, de modo geral, a partir de bases compostas e mesmo que o sejam, o corte não é propriamente um corte morfológico.

Outra diferença encontrada por Vilela, Godoy e Silva (2006) entre Truncamento e Redução Vocabular está centrada no aspecto semântico-pragmático. Desse modo, o Truncamento é usado majoritariamente para expressar uma carga emotiva do falante a

respeito daquilo que ele expressa, no entanto, isso não costuma acontecer com os casos de Redução Vocabular, que têm propriedades semânticas mais neutras.

Araújo (2002) considera as Reduções Vocabulares como pseudotruncamentos. Neste grupo, ele abrange palavras derivadas de formativos eruditos de origem greco-latina ou germânica e palavras com estrutura de afixo, cuja forma resultante é usada metonimicamente, como *foto* em “fotografia”, *gastro* em “gastroenterologia”. A rastreabilidade da palavra-matriz dos pseudotruncamentos é feita pelo contexto. Sobre tais formas Santos (2002) afirma que “num jogo metonímico, o prefixo é capaz de manifestar o significado expresso pela forma derivante, tornando possível o apagamento da porção morfológica que veicula o significado lexical”. (Santos 2002:58).

Assim como atestou Vigário (2000) para as formas compostas do português europeu, Araújo (2002) também admite que no caso das palavras formadas por composição morfológica, através da concatenação de radicais, estão envolvidos dois componentes fonológicos distintos, assim: podem não se distinguir fonologicamente das palavras-simples (cf. 12a) ou podem apresentar propriedades fonológicas indiciadoras de que cada unidade contendo um radical corresponde a uma palavra-prosódica (cf. 12b).

(12)

- a. *telégrafo*, *fotografia*, *biólogo*
- b. *minissaia*, *minidicionário míni*  
*microcomputador*, *microscópio micro*  
*fotocondutor*, *fotocélula foto*  
*gastroenterologia*, *gastrocentro gastro*  
*eletrocardiograma*, *eletrodoméstico eletro*

Embora admita como verdadeiras as afirmações de Araújo (2002), Santos (2002) continua a considerar as formas anteriores como Truncamentos verdadeiros, denominando-os como Truncamentos de Bases Complexas, que se caracterizam pela seleção do primeiro ou segundo elemento da palavra-matriz, sendo que o mais comum é a ocorrência do primeiro elemento como produto do Truncamento, mas, quando o elemento especificador não tiver livre curso na língua, não for de fácil compreensão ou for muito genérico, o Truncamento pode ocorrer com o segundo elemento.

## 6.5 O TRUNCAMENTO E OUTROS FENÔMENOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Nesta seção ver-se-á que os processos de formação de palavras do português podem se diferenciar uns dos outros tanto do ponto de vista funcional quanto formal. Pretende-se, pois, fazer uma comparação entre Truncamento e os demais processos não-concatenativos de formação de palavras, procurando focalizar os aspectos formais e funcionais que os diferenciam.

Será feita primeiramente uma comparação do Truncamento com processos concatenativos de formação de palavras para, em seguida, ser feita a comparação com os fenômenos não-concatenativos.

### 6.5.1 TRUNCAMENTO E PROCESSOS CONCATENATIVOS

Basílio (1987) defende que palavras formadas por sufixação podem apresentar função de adequação sintática, pois podem provocar mudança de classe gramatical (cf. trabalhar (V) > trabalhador (Adj.), feliz (Adj.) > felizmente (Adv.) ). Do mesmo modo, palavras formadas pela Derivação Regressiva também sofrem mudança de classe gramatical, porque este tipo de formação se manifesta na língua quando se exprime um conceito do mesmo campo semântico da palavra derivante, entretanto, com adequação sintática diferente. Entretanto, no Truncamento essa mudança de categoria gramatical não acontece, já que a forma reduzida possui o mesmo significado da palavra-matriz, ou seja, mesmo que o falante, ao empregar uma forma truncada, tenha implícita certas intenções comunicativas com finalidades expressivas de avaliação, a referência permanece a mesma do item derivante.

Fenômenos de Truncamento e Derivação Regressiva assemelham-se porque ambos envolvem a perda de segmentos a partir de uma palavra-base. Contudo, Santos (2002) afirma que na Derivação Regressiva há uma espécie de exercício de decomposição morfológica, porque a “quebra” ocorre justamente no ponto em que há fronteira de formativos (cf. vend-er → vend-a), enquanto que nas formas truncadas propriamente ditas isso não necessariamente ocorre. A escolha dos segmentos a serem suprimidos nem sempre é compreendida pelo falante como um afixo. Por exemplo, em palavras como *cerva* < *cerveja*, *Sampa* < *São Paulo*, *tranca* < *tranqueira*, *japa* < *japonês* e *cupu* < *cupuaçu* o material segmental a ser suprimido não constitui afixo.

No caso de *cerva* e *Sampa*, a vogal final *-a* tem, segundo Santos, um status morfopragmático, pois pode expressar pejoratividade (cf. *japa*, *tranca*) ou afetividade (cf. *Sampa*, *Floripa*, *cerva*). A função expressiva nem sempre é atribuída à vogal final *-a*, mas pode também ser atribuída a uma vogal *-o* final, como por exemplo nas formas truncadas *milico* < *militar*, *boteco* < *botequim*, *motô* < *motorista*, *traveco* < *travesti*). Ao contrário das formas truncadas, as vogais temáticas dos fenômenos concatenativos de formação de palavras não têm essa propriedade expressiva.

Sobre essa propriedade de veicular conteúdo expressivo, Santos (2002:36) afirma:

“... a vogal final do Truncamento, diferentemente do processo de Derivação Regressiva, torna inoperante a especificação de traço de gênero do produto de todas as formações truncadas obtidas a partir de bases sufixadas, cuja forma derivante a tinha especificada. Além disso, essa vogal tem status morfológico diferente das vogais finais de formas como *casa*, *branco* e *morte*, entre outras, uma vez que não parecem ter função meramente classificatória, como os índices temáticos, apresentando feição mais próxima a dos sufixos derivacionais.”

Gonçalves (1999) também chamou atenção para o caso de palavras truncadas terminadas em vogal *-a*. Para este autor, o acréscimo da vogal final nem sempre existente na palavra-matriz funciona como um afixo no Truncamento e, por isso tal fenômeno pode ser considerado como simultaneamente concatenativo e não-concatenativo. Gonçalves alega que o Truncamento tem característica do primeiro grupo porque neste fenômeno há o acréscimo linear da vogal final *-a*, que não estava contida na forma de base, dando evidência de uma espécie de aglutinação, enquanto que também justifica a inserção do Truncamento no segundo grupo porque neste fenômeno está envolvida a cópia de uma palavra-matriz.

Outra diferença entre Truncamento e Morfema Zero diz respeito ao significado. No caso dos Truncamentos, o item derivado pode ser intercambiado com o item derivante, ou seja, se for feita a substituição de um item pelo outro em um mesmo contexto, o referente permanece o mesmo. Entretanto, nos casos de Morfema Zero assim como nos outros processos derivacionais, a sinonímia não necessariamente ocorre. No Morfema Zero, o item derivado e o item derivante pertencem ao mesmo campo semântico, mas não são semanticamente intercambiáveis para o mesmo contexto de uso. Desse modo, a palavra *trabalhar*, por exemplo, pertence ao mesmo campo semântico de *trabalhador*, mas não podem ser permutadas no mesmo contexto porque a primeira indica uma ação, enquanto que a segunda indica o agente dessa ação. O mesmo ocorre com outros processos

derivacionais, cujo elemento derivado e o elemento derivante podem ter, muitas vezes, significados completamente diversos, tais como:

(13)

cinza – cinzeiro  
caixa – caixão  
cruz – cruzeiro  
vela -veleiro

Ao contrário dos processos derivacionais, os Truncamentos e suas respectivas formas de base são sinônimas de conteúdo, mas são, na maioria das vezes, pragmaticamente distintas, pois as formas reduzidas podem veicular o ponto de vista do falante a respeito de dado referente, conforme exemplificações abaixo:

(14) a) Os japoneses são inteligentes.  
Os japas são inteligentes.

b) Florianópolis é a melhor cidade que visitei.  
Floripa é a melhor cidade que visitei.

Em *a* está implícita uma forma pejorativa ou até mesmo preconceituosa com relação aos japoneses, ao contrário do que acontece em *a'*. O mesmo ocorre em *b''*, no qual *Floripa* não tem um tom pejorativo, mas sim um tom jocoso, descontraído, que exprime uma familiaridade com a cidade de Florianópolis.

Outra diferença de cunho formal entre Truncamento e Morfema Zero diz respeito à nasalidade da sílaba tônica. Esta diferença foi atestada pela primeira vez na literatura por Santos (2002). Segundo esse pesquisador, no Truncamento a nasalidade contida na sílaba tônica da base simples desaparece sistematicamente no produto, o que não acontece nos casos de Morfema Zero, na qual a nasalidade da base, tônica ou não, sempre se mantém.

(15) Morfema Zero

caminhar	caminha
comprar	compra
encaixar	encaixa
distanciar	distância
argumentar	argumento

Nos casos acima, vê-se que a nasalidade é sempre preservada. Pelo contrário, no Truncamento Santos (2002: 38) afirma que a nasalidade da tônica é sempre perdida, mesmo que o “corte” ocorra antes ou depois dela, conforme exemplos a seguir:

(16)

sargento	sarja
flagrante	flagra
capitão	capita
praticante	pratica
Maracanã	Maracá

Santos chama a atenção para a preservação da nasalidade na forma Truncada toda vez que a nasalidade da palavra-matriz estiver em posição pretônica, conforme (17 a). Contudo, no final da palavra truncada a coda não se mantém, conforme (17 b).

(17) a)

Estrangeiro	estranja
Grã-fino	granfa
São Paulo	Sampa

b)

churrasco	churra
flagrante	flagra

Em seguida serão abordadas as relações entre o Truncamento e outros processos não-concatenativos de formação de palavras, procurando-se destacar as semelhanças e diferenças entre eles, especificamente sob uma perspectiva formal.

## 6.5.2 O TRUNCAMENTO E OUTROS FENÔMENOS NÃO-CONCATENATIVOS

Além dos fenômenos derivacionais, há outros fenômenos não-concatenativos assim como o Truncamento, que envolvem uma cópia do item derivante projetada no item derivado. Esses fenômenos compreendem a Reduplicação, a Siglagem, a Hipocorização e a Mesclagem Lexical.

Se comparado o Truncamento com a Siglagem, ver-se-á que em ambos está envolvida uma espécie de redução da forma de base, manifestando-se apenas uma quantidade mínima de cópia para garantir fidelidade para com a palavra-matriz. O Truncamento comporta-se, como bem atestou Gonçalves (2002), como processo não-concatenativo e também aglutinativo, pois como foi visto pode envolver o acréscimo de

uma vogal final, que não estava presente na palavra-matriz. No entanto, esse acréscimo jamais acontece nas siglas, que sempre são processos não-concatenativos.

No Truncamento a projeção para o molde nunca é menor do que uma sílaba. Na Siglagem, ao contrário, a base é um substantivo composto e próprio e o produto, um lexema simples e próprio, formado pelas sílabas iniciais do lexema composto que constitui a base (cf. SUDENE < Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) ou pelos segmentos iniciais desses lexemas (cf. FGTS < Fundo de Garantia por Tempo de Serviço). Outra distinção entre Truncamento e Siglagem é que esta manifesta-se em uma entidade maior que a palavra, ou seja, o sintagma, enquanto que naquela o mecanismo lingüístico não ultrapassa o limite da palavra.

No que tange às diferenças entre Truncamento e Siglagem pode-se destacar ainda o fato dos falantes desconhecerem muitas vezes o vocábulo composto de onde provém a forma siglada. De acordo com Rocha (2003), muitos falantes do português ignoram a “decomposição” de determinados vocábulos siglados, apesar de serem utilizados com bastante frequência (cf. CEP, PIS, PASEP). Esse fato não ocorre com as formas truncadas, cuja palavra-matriz é facilmente rastreável pelo contexto de uso.

Outra diferença que se faz notável entre Truncamento e Siglagem é que este mecanismo lingüístico não se dá a partir de adjetivos e verbos, ao contrário do que acontece com os Truncamentos em que são possíveis manifestações de derivados provenientes não de verbos, mas sim de adjetivos (cf. paquera < paquerador, japa < japonês, salafrã < salafrário, vagaba < vagabunda).

Rocha (2003) afirma que se formam siglas na língua, por uma questão de economia lingüística. Segundo o autor, há uma redução considerável de fonemas, se, em vez de dizermos Universidade Federal de Minas Gerais, pronunciarmos apenas UFMG. Ou seja, em vez de catorze sílabas, pronuncia-se apenas quatro. Caso houvesse a necessidade de repetir a base composta, o discurso ficaria repetitivo e cansativo. Desse modo, Rocha (2003) afirma que uma das funções das siglas é a questão da economia fonética, lexical e discursiva. Contudo, no Truncamento a função principal não parece ser a economia lingüística, mas sim a exposição do ponto de vista do falante no momento do discurso. A função principal do encurtamento das formas de base é, pois a expressividade de avaliação do falante.

No que diz respeito ao Truncamento e ao fenômeno da Reduplicação, vê-se que as diferenças se sobressaem, não havendo entre eles qualquer semelhança quanto ao mecanismo de formação.

Formas reduplicadas advindas de verbos (cf. *esconde-esconde*, *corre-corre*) se manifestam a partir de uma forma verbal de 3ª pessoa do singular e, nestes casos, o redobro se dá integralmente. Com isso, produz-se um novo item lexical na língua. Entretanto, nas formas truncadas, a cópia a partir da palavra-matriz nunca se dá integralmente.

No fenômeno da Reduplicação, o redobro pode ocorrer a partir de sílabas que não tenham sozinhas status de palavras, já que isoladas não possuem significado (cf. *tititi* < \**ti*, *blábláblá* < \**blá*). O Truncamento, pelo contrário, sempre se dá a partir de uma palavra-matriz existente no léxico da língua.

Outra diferença significativa entre Reduplicação e Truncamento é que a Reduplicação configura-se meramente como um processo concatenativo de formação de palavras, enquanto que o Truncamento tem características concatenativas e não-concatenativas. Na Reduplicação o redobro se dá numa disposição linear, já no Truncamento a cópia ocorre numa perspectiva não-linear, ou seja, a correspondência entre base e produto acontece de maneira vertical.

Outro processo que envolve cópia é a Hipocorização, que assim como o Truncamento, envolve a correspondência não-concatenativa entre base e produto. Além disso, ambos os fenômenos envolvem o encurtamento de uma palavra-matriz, por essa razão alguns autores chegam a considerar os Hipocorísticos como um tipo de Truncamento. Contrariando essa perspectiva, ver-se-á que Hipocorísticos e Truncamentos são processos formalmente distintos.

Para diferenciar esses dois processos, Santos (2002) garante que na Hipocorização a sílaba tônica sempre é preservada, seja pelo seu transporte do antropônimo para o produto (cf. *Miguel* > *Guél*), seja pelo seu redobro (cf. *José* > *Zeze*). No Truncamento as sílabas tônicas podem ser aproveitadas ou não, o que leva a afirmar que esse processo não é sensível à pauta acentual da base. Mas essa afirmação de Santos (2002) não é tão categórica para diferenciar os dois processos porque nem sempre a sílaba tônica do prenome é preservada, como é o caso dos Hipocorísticos alinhados à esquerda da forma de base (cf. *Ráfa* < *Rafaél*, *Fabí* < *Fabiána*, *Alê* < *Alessáandra*).

A pauta acentual não é fator determinante na diferenciação dos dois processos, pois assim como na Hipocorização há formas ancoradas à direita e à esquerda da palavra-matriz, no Truncamento também há formas ancoradas à esquerda e à direita da forma de base. Vilela, Godoy e Silva (2006) oferecem alguns dados de Truncamentos ancorados à direita e alegam que, mesmo em menor número, eles podem se manifestar como formas truncadas (cf. *mor* < *amor*, *chaça* < *cachaça*, *ssor* < *professor*).



Santos (2002) faz uma escala para medir a similaridade dos processos não-concatenativos com suas bases. Nessa escala há processos que se assemelham mais entre si do que outros.

Para Santos (2002), a escala mostra que a cópia perfeita ou total impede o Truncamento, assim como a ausência de cópia, não ocorrendo o fenômeno nos limites máximo e mínimo. Desse modo, o Truncamento ocorre entre os limites mínimo e máximo. Todavia, quando ocorre grau máximo de similaridade, tem-se o fenômeno da Reduplicação, pois há cópia total da base, enquanto que na Siglagem há um grau mínimo de similaridade entre a base e o produto.

Além da gradualidade entre Truncamento, Reduplicação e Siglagem, Santos (2002) estabelece a relação entre Truncamento, Siglagem e Hipocorização. No Truncamento e na Hipocorização, a unidade envolvida é sempre a sílaba, nunca o segmento. O segmento constitui comumente unidade na formação de siglas. Diferentemente do Truncamento e da Siglagem, o autor afirma que a Hipocorização se caracteriza pela manutenção da unidade silábica, não permitindo separação dos elementos *onset* e *coda*, o que aproxima, em termos de estrutura silábica, este fenômeno à Reduplicação, que também opera com constituintes silábicos. Sobre essa última afirmação de Santos (2002), tem-se algumas ressalvas quanto a manutenção do *onset* e da *coda* Hipocorização, já que é comum encontrarmos Hipocorísticos sem a *coda* de suas respectivas formas de base (cf. Beto < Roberto, Chico < Francisco) ou mudanças no *onset* da sílaba inicial (cf. Lilo < rílo < Murilo), pode ocorrer ainda casos de inserção de *onset* em sílaba que estava na forma de base sem *onset* (cf. Nana < ana < Mariana, Dado < ardo < Eduardo). Verifica-se, portanto que nem sempre há manutenção da mesma estrutura silábica da base no Hipocorístico.

## 6.6 ANÁLISE DOS TRUNCAMENTOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL

A análise aqui proposta leva em conta a divisão feita na seção anterior para buscar uma sistematização a respeito dos padrões morfofonológicos ativados na produção de uma forma truncada.

Com a pretensão de estabelecer uma sistematização para o fenômeno do Truncamento, dividem-se os dados pesquisados em cinco padrões fundamentais. Tais padrões já foram referendados anteriormente, mas serão novamente apresentados em seguida para fins de maior inteligibilidade com a leitura:

(18)

a) No primeiro padrão preserva-se apenas a sílaba mais à esquerda da forma de base.

bi < bilhão

Fla < Flamengo

Flu < Fluminense

b) No primeiro padrão preserva-se o pé principal da forma de base. O corte, nestes casos, ocorre à esquerda da forma de base.

mor < amor

Mengo < Flamengo

Zero < Cruzeiro

Nense < Fluminense

c) Formam-se Truncamentos com a cópia integral das duas primeiras sílabas da palavra-matriz e acento paroxítono, conforme se vê nos seguintes dados:

pálha < palhaço

démo < demônio

bísa < bisavó

cáfa < cafajeste

cárna < carnaval

flágra < flagrante

prófe < professor

Pínda < Pindamonhangaba

cóca < cocaína

quíti < quitinete

d) Formam-se Truncamentos com a cópia integral das duas primeiras sílabas da palavra-matriz e acento oxítono, conforme dados posteriores:

belê < beleza

expô < exposição

motô < motorista

cupú < cupuaçu

refrí < refrigerante

dirê < diretora

telê < televisão

prejú < prejuízo

melô < melodia

rodô < rodoviária

Belô < Belo Horizonte

dispô < disposição  
profí < profissional  
falsí < falsificado  
mordô < mordomia

e) No segundo tipo preserva-se parte da palavra-matriz, geralmente as duas ou três primeiras sílabas, e acrescenta-se por sufixação uma vogal *o/a* ou uma sílaba:

sarja < sargento	sanduba < sanduíche
trava < travesti	motoca < motoqueiro
vagaba < vagabunda	milico < militar
loto < loteria	boteco < botequim
reaça < reacionário	bandeco < bandejão
motora < motorista	brasuca < brasileiro
nêura < neurose	Samuca < Samuel
japa < japonês	Maneco < Manuel
comuna < comunista	Coringão < Corinthians
vestiba < vestibular	traveco < travesti
Carola < Carolina	gasosa < gasolina

Do ponto de vista formal, ver-se-á que o fenômeno do Truncamento tem bastantes similaridades com os Hipocorísticos no que diz respeito aos mecanismos que integram o processo de formação. Assim como os Hipocorísticos podem ou não ser sensíveis ao acento principal da forma de base, as formas truncadas também se comportam da mesma maneira quanto a este aspecto.

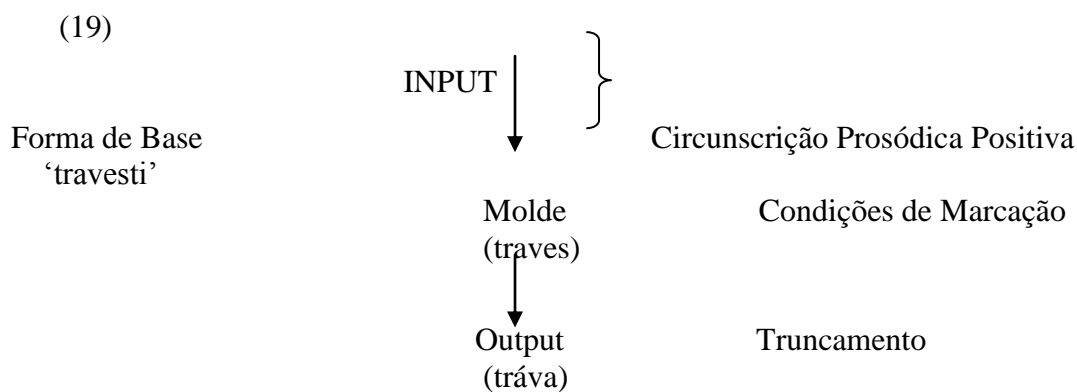
Nesta seção será apresentada uma análise formal para o fenômeno do Truncamento no português do Brasil. Defende-se aqui, ao contrário do que afirmou Gonçalves (2004), que os Truncamentos devam ser compreendidos como um subgrupo dos Hipocorísticos e que, do ponto de vista formal, ambos não devem ser tomados como processos distintos. Por conta desse fato, as restrições utilizadas na análise precedente a este capítulo, especificamente sobre Hipocorísticos, serão empregadas e para facilitar a leitura da presente seção, poderão ter suas funções novamente descritas.

Procurar-se-á estabelecer as semelhanças que existem entre Truncamentos e Hipocorísticos e que as diferenças entre eles não são suficientes para deixar de tratá-los

como um único fenômeno. Essas diferenças seriam suficientes apenas para entendê-los como um subgrupo dos Hipocorísticos.

Para Gonçalves (2004), Hipocorização e Truncamento são processos distintos tanto em forma quanto em função. Segundo ele, a Hipocorização forma palavras-mínimas, leva em conta o acento lexical da base e não faz uso de qualquer afixo. Na opinião dele, o Truncamento tem comportamento diferente porque não constitui palavras mínimas e é indiferente ao acento da palavra-matriz. Contudo, esse ponto de vista do pesquisador não foi atestado nesta análise, porque se constatou aqui que a língua portuguesa é passível de apresentar Truncamentos monossilábicos, mesmo que esses sejam em número reduzido, como por exemplo, *Flu* < *Fluminense*, *Flá* < *Flamengo*, *bi* < *bilhão*. Esse comportamento é igual e bastante freqüente nos Hipocorísticos, como por exemplo, *Ju* < *Juliana*, *Cris* < *Cristiane* e *Jô* < *Joana*. Assim como nos Hipocorísticos, nas formas truncadas monossilábicas ancoradas à esquerda a estrutura prosódica não é tão importante, ao contrário do que acontece com os Truncamentos dissilábicos e trissilábicos. No caso dos Truncamentos monossilábicos, a relevância deve ser atribuída à estrutura silábica selecionada na forma de base para formar o Truncamento. As sílabas selecionadas para a manifestação dos Truncamentos monossilábicos ancorados à esquerda são as sílabas iniciais da forma de base que possuem *onset*, assim como ocorre também nos Hipocorísticos monossilábicos. Desse modo, aqueles Truncamentos cujas sílabas iniciais da palavra-matriz correspondente estejam sem *onset* não formarão Truncamentos monossilábicos. Vê-se, portanto que nem os Truncamentos e nem mesmo os Hipocorísticos do português brasileiro podem ser assunto para a palavra mínima.

O esquema em (19) é extraído de Gonçalves (2004), quando o autor relata sobre o caso dos níveis de representação dos Hipocorísticos e pode ser adaptado perfeitamente para os casos de Truncamentos. Com base nessa adaptação, observa-se que assim como os Hipocorísticos, os Truncamentos também acessam informações prosódicas e obedecem às pressões fonotáticas da língua portuguesa. O comportamento da identidade entre a palavra-matriz e o Truncamento deve ser analisado sob a mesma perspectiva dos Hipocorísticos, ou seja, observando-se a relação de correspondência entre uma forma de *input* e outra de *output*, como também a relação de correspondência entre duas formas de *output*, conforme ilustra a figura em (19).



(esquema adaptado de Gonçalves 2004:13)

Assim como acontece nos Hipocorísticos, nos Truncamentos também há duas etapas de formação, de modo que as condições de marcação exerçam o seu papel no molde e não diretamente sobre a forma de base. No caso expresso acima, a identidade entre a forma de base e o Truncamento é sacrificada pelo apagamento dos dois segmentos posteriores ao *onset* da terceira sílaba e acréscimo de um sufixo *-a*. Há neste caso uma circunscrição positiva que delimita um molde com as duas primeiras sílabas da forma de base sobre o qual restritores de marcação atuarão como, por exemplo, NO-CODA (\*traves), levando à emergência de estruturas não marcadas no *output* final. A língua portuguesa “prefere” inserir um sufixo final por alomorfia ao invés de manter estruturas silábicas mais marcadas. Sendo assim, Truncamentos se assemelham aos Hipocorísticos, já que neles também não há coincidência entre a representação subjacente e a representação de superfície.

O fato do Hipocorístico não fazer uso de qualquer afixo para sua formação, assim como ocorre nos Truncamentos, não é argumento suficiente para sustentar esses dois fenômenos como processos distintos. A inserção do sufixo no final da palavra nada mais é do que um recurso utilizado pelos falantes a manutenção de estruturas menos marcadas. O fato dos Hipocorísticos utilizarem outros recursos de marcação que não sejam necessariamente os mesmos empregados nos Truncamentos não os tornam processos distintos, já que ambos envolvem as mesmas etapas de formação com correspondência *Input-Input* e *Output-Output*.

Tanto nos Truncamentos quanto nos Hipocorísticos existe um nível intermediário de representação entre o *input* e o *output*. Conforme bem observou Gonçalves (2004), esse nível constitui o molde, que também deve ser compreendido como uma forma de *output*

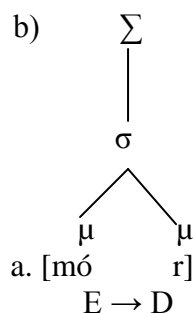
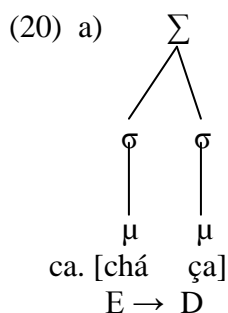
sobre a qual atuarão condições de marcação silábica. Quando essas condições forem devidamente cumpridas, chegar-se-á ao *output* final, que é o Truncamento propriamente dito. Desse modo, em ambos os fenômenos necessita-se de um nível intermediário entre a palavra-matriz e o *output* final, justificando, portanto os Truncamentos como fenômenos transderivacionais, assim como os Hipocorísticos.

A partir de agora, os cinco tipos de Truncamentos elencados no início desta seção de análise terão suas respectivas estruturas prosódicas descritas uma a uma. Procurar-se-á estabelecer as semelhanças entre cada tipo de Truncamentos e os Hipocorísticos já tratados no capítulo anterior.

A característica principal das formas truncadas em “B” é a manutenção do acento primário das palavras-matrizes, porque a porção escaneada é exatamente aquela que contém a sílaba proeminente.

Assim como os Hipocorísticos ancorados à direita, o processo de formação dos Truncamentos em “B” inicia-se com a definição de um domínio sobre a palavra-matriz. Desse modo, a circunscrição prosódica delimita a porção da palavra-matriz sobre a qual a operação atuará. Assim como observou Gonçalves (2004) para os casos dos Hipocorísticos sensíveis ao acento da forma de base, esse tipo de Truncamento também envolve a chamada delimitação positiva (cf. McCarthy e Prince, 1990), nas quais estão envolvidos dois parâmetros específicos que integram a circunscrição, que são a direcionalidade e o pé. Todo o material remanescente constitui circunscrição negativa e será desassociada por não estar licenciado prosodicamente. A circunscrição positiva atua no sentido de isolar da esquerda para a direita o pé principal da palavra-matriz, cujo acento poderá recair sobre a última sílaba (cf. *ssór* < professor), favorecendo formas oxítonas, ou sobre a penúltima sílaba (cf. *Méngo* < Flamengo, *cháça* < cachaça), favorecendo formas paroxítonas.

Assim como nos Hipocorísticos sensíveis ao acento da palavra-matriz, nos Truncamentos com corte à esquerda o material que se manifesta no *output* é justamente aquele rastreado pela circunscrição prosódica, que atua no sentido de isolar da esquerda para a direita um pé troqueu moraico ( [μ´μ] ), conforme ilustração 20 a e 20 b:



Tanto em ‘chaça’ quanto em ‘mor’, a margem direita da base coincide com a margem direita da circunscrição prosódica e, em decorrência disso, com a margem direita do molde para a formação do Truncamento. Da mesma forma que os Hipocorísticos sensíveis ao acento da base, nos Truncamentos sensíveis ao acento da palavra-matriz, forma-se da esquerda para a direita um pé binário que escaneia a seqüência da base a ser empregada pelo fenômeno. A circunscrição positiva dos Truncamentos sensíveis ao acento principal da palavra-matriz pode ser constituída de duas moras, seja ela dissilábica (cf. 20a) ou monossilábica (cf. 20b). Contudo, essa estrutura prosódica não é utilizada por todas as formas truncadas com corte à esquerda do português brasileiro, porque neste grupo há casos de Truncamentos formados por três moras, como pode ser atestado em ‘Mengo’ < *Flamengo* e ‘Nense’ < *Fluminense*. Ambas as formas obedecem à obrigação da binariedade de pés (bimoraicos ou dissílabos), pois assim como os Hipocorísticos ‘Nando’ < *Fernando*, ‘Valdo’ < *Edvaldo* há nas formas truncadas “Nense” e “Mengo” a atuação de *Weight By Position*, que requer a relevância do peso silábico apenas no final da palavra.

Vê-se, portanto, que uma nítida característica das formas truncadas em “B” é que a sílaba tônica da palavra-matriz coincide com a sílaba tônica da palavra truncada.

Pode ser generalizado que os Truncamentos com corte à esquerda têm a mesma estrutura prosódica dos Hipocorísticos sensíveis ao acento do prenome: a vogal tônica do pé mais à direita irá compor a primeira mora do troqueu. Caso haja coda na última sílaba, o troqueu será monossilábico (cf. *mor* < *amor*). Porém, quando o núcleo ou a rima não sofre ramificação da sílaba final, o troqueu será dissilábico, como ‘chaça’ < *catchaça* e ‘Mengo’ < *Flamengo*. É justificável, portanto afirmar que formas truncadas com corte à esquerda e sensíveis ao acento da forma de base tem comportamento idêntico aos Hipocorísticos ancorados à direita e sensíveis ao acento do prenome no que se refere à estrutura prosódica projetada pela circunscrição. A estrutura prosódica dos Truncamentos com corte à esquerda satisfaz a restrição que diz respeito à binariedade dos pés (FT-BIN).

FT-BIN: Pés são binários em uma análise mórica ou silábica.

A circunscrição positiva desse tipo de Truncamento fica então definida da seguinte forma:

Parâmetro do Pé: Troqueu Moraico ( [ μ´μ ] )

Direcionalidade: E → D

“Forma-se um troqueu moraico pela margem direita da forma de base.”

Nos Truncamentos cuja margem esquerda está ancorada com a margem esquerda da sílaba que contém o acento primário da forma de base, serão bloqueados quaisquer candidatos que ultrapassem mais do que duas sílabas e que não contenham um pé binário.

Outra característica notória dos Truncamentos e presente também nos Hipocorísticos é o apagamento de segmentos da forma de base para o *output* final. Formas truncadas com corte à esquerda não sofrem qualquer tipo de segmentos ausentes no *input*, já que tal processo se caracteriza apenas pela supressão de alguma parte do item derivante. Por essa razão, justifica-se a inserção na hierarquia a ser proposta da restrição de fidelidade que diz respeito à perda de segmentos:

MAX-BT: cada elemento na forma de base deve ter um correspondente na forma truncada.

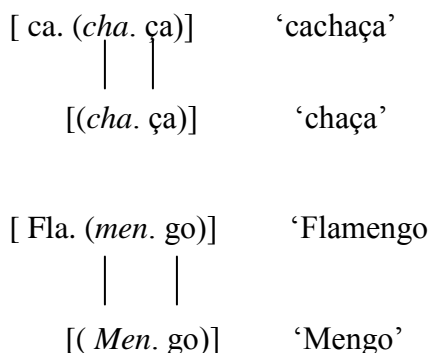
Formas truncadas sempre implicarão em violações a MAX-BT, porque sempre ocorrerá a perda de segmentos no *input*. A identidade entre a forma de base e o Truncamento é sacrificada com frequência para se obter um *output* não marcado. Logo, os Truncamentos implicam em modificações no conteúdo material da forma de base, assim como acontece nos Hipocorísticos. Sendo assim, violações à fidelidade sempre irão ocorrer nas formas truncadas, levando em consideração que as formas de *output* resultantes mantêm as exigências estruturais da língua no que diz respeito aos padrões silábicos e quanto à pauta acentual.

Nas formas truncadas do tipo “B” existe, assim como nos Hipocorísticos ancorados à direita, uma fidelidade manifestada na sensibilidade à cabeça da palavra prosódica, uma vez que a sílaba tônica da base coincide com a sílaba tônica do Truncamento. Essa sensibilidade das formas truncadas contidas em “B” em relação à estrutura prosódica da forma de base, especificamente em relação à cabeça da palavra-prosódica, é responsável pela tendência obrigatória que esses Truncamentos têm de ancorar suas margens esquerdas



à margem esquerda da cabeça do pé da forma de base. Os exemplos seguintes demonstram essa relação:

(21)



Assim como nos Hipocorísticos ancorados à direita e sensíveis ao acento principal da forma de base, nos Truncamentos descritos em “B” há obrigatoriedade perfeita do ancoramento do Truncamento com a margem esquerda da cabeça da base, o que motiva a manifestação da restrição ANCHOR(TF)-HEAD-L(SF).

ANCHOR(TF)-HEAD-L(SF): A margem esquerda da Forma Truncada (TF) deve estar ancorada com a margem esquerda da cabeça do pé da Forma de Base (SF).

Além da exigência da restrição ANCHOR(TF)-HEAD-L(SF), nas formas truncadas em B, assim como nos Hipocorísticos ancorados à direita, há a tendência de serem preservados os segmentos que integram a cabeça da palavra prosódica da forma de base. ANCHOR(TF)-HEAD-L(SF) é, com isso, uma consequência da restrição que exige a fidelidade à sensibilidade à cabeça do pé principal da forma de base, uma vez que os Truncamentos com corte à esquerda sempre coincidem com a sílaba tônica da palavra-matriz. A fidelidade à pauta acentual da base também deve ser expressa por meio de uma restrição, que obrigue a preservação do acento primário da forma de base na forma truncada, conforme definição dada a seguir:

IDENT-BT(stress): Deve haver identidade de acento entre a forma de base e a forma truncada.

Segmentos da forma de base que não fazem parte do domínio do pé mais à direita poderão ser descartados sem prejuízo grave para a manifestação da forma resultante ótima,

em razão disso, a restrição MAX-BT que milita contra o apagamento de segmentos do *input* para o *output* deve ser dominada por ANCHOR (T) -HEAD-L (SF). Esta restrição é, portanto uma consequência do mecanismo ativado pelos Truncamentos com corte à esquerda que obriga fidelidade total à cabeça do pé principal da forma de base, se for levada em consideração a propriedade desse tipo de Truncamento em manter o acento primário da palavra-matriz na forma resultante.

Assim como nos Hipocorísticos do tipo “Bel”, “Nando” e “Tina”, nos Truncamentos do tipo “mor”, “Mengo” e “Zero” a fidelidade é manifestada pela fidelidade à cabeça da palavra prosódica, uma vez que a sílaba tônica da base coincide com a sílaba tônica da forma truncada. Essa sensibilidade dos Truncamentos do tipo-B em relação à estrutura prosódica da base, propriamente em relação à cabeça da palavra prosódica, é responsável pela característica obrigatória que esses Truncamentos têm de ancorar as suas margens esquerdas à margem esquerda da cabeça da palavra prosódica. Dessa maneira, a margem esquerda é fundamental para a formação dos Truncamentos do tipo-B. Porém, nessas formas truncadas, não apenas a margem esquerda deve estar ancorada com a margem esquerda da cabeça do pé da base, mas também a margem direita do Truncamento obrigatoriamente deverá permanecer ancorada com a margem direita da palavra derivante. Sendo assim, a ancoragem deve se dar margem a margem nos Truncamentos com corte à esquerda e, em razão disso, a restrição ANCHOR-Right se faz justificável para explicar esse tipo de Truncamento.

ANCHOR-Right (R): A margem direita do Truncamento deve estar ancorada com a margem direita da forma de base.

Um tableau dado em (22) ilustra o mecanismo de formação do Truncamento do tipo “B”, no qual estão ranqueadas todas essas restrições há pouco mencionadas que caracterizam os Truncamentos do tipo-B.

De acordo com a hierarquia proposta para esta análise em relação aos Truncamentos do Tipo-B, as restrições ANCHOR(T)-HEAD-L(FT), IDENT-BT(stress), FT-BIN e ANCHOR(SF-TF)R são não-dominadas, porque nenhum candidato ótimo pode deixar de obedecer à elas. Ao contrário, ANALISE- $\sigma$  e MAX-BT serão sempre restrições dominadas, porque todo candidato ótimo sempre sofrerá perda de material segmental da base para a forma resultante, o que implicará em violações constantes a MAX-BT. Além da restrição que diz respeito à perda de segmentos, justifica-se ANALISE- $\sigma$  como restrição

também dominada porque é possível ser atestadas formas truncadas trissilábicas que terão sempre uma sílaba mais à esquerda desintegrada do pé (cf. delega < delegado, Maraca < Maracanã). Desse modo, ANALISE- $\sigma$  não pode ser restrição dominante, pois pode ser violada na formação de um candidato tido como ótimo.

A restrição ANCHOR(T)-HEAD-L(FT) deve ficar no topo da hierarquia porque ela é restrição mais importante e, ao contrário de MAX-BT, nunca pode ser violada. Portanto, mesmo que um possível candidato mantenha o acento principal da forma de base, forme um pé binário e tenha o segmento mais à direita ancorado com o segmento mais à direita da forma de base, se não tiver sua margem esquerda ancorada com a margem esquerda do pé principal da forma de base, não poderá ser um candidato ótimo, pois desobedece a restrição mais alta da hierarquia. Além disso, se outro possível candidato obedecer ANCHOR(T)-HEAD-L(FT), formar pé binário e também não cometer infrações a ANCHOR(SF-TF)R, não poderá ser candidato ótimo caso o seu acento principal não estiver incidindo na mesma sílaba em que se localizava na forma de base. Isso ocorre porque, nos Truncamentos do tipo-B, IDENT-BT(stress) também é restrição não-dominada e, por conta disso, não pode haver candidato ótimo que a desobedeça. Do mesmo modo, se o possível candidato obedecer tanto a ANCHOR(T)-HEAD-L(FT) quanto a IDENT-BT(stress), mas não formar pé binário, não poderá ser candidato ótimo, porque FT-BIN é também restrição não-dominada e, por essa razão não poderá haver candidatos ótimos do tipo-B menores ou maiores do que duas sílabas.

Quando outro possível candidato deixa de cometer infrações às restrições mais altamente ranqueadas, mas não tem o seu segmento mais à direita ancorado com o segmento mais à direita da forma de base, também não é o candidato ótimo em virtude de a margem direita ser igualmente relevante na formação dos Truncamentos do tipo-B, o que caracteriza ANCHOR(SF-TF)R como restrição não-dominada.

(22)

SF: cachaça	ANCHOR(T)- HEAD-L(FT)	IDENT- BT(stress)	FT- BIN	ANCHOR (SF-TF)R	ANAL- $\sigma$	MAX- BT
a.[ca.(chá.ça)]					*!	
b. [(cácha)]	*!	*		*		**
c. [(cháça)] <sup>☺</sup>						**
d. [(chá)]			*!	*		*!***
e. [(chaçá)]		*!				**

O candidato *b* é o primeiro a ser eliminado porque viola as quatro restrições mais importantes da hierarquia, já que a sua margem esquerda não está ancorada com a margem esquerda da cabeça do pé da forma de base e nem mesmo o segmento mais à direita do Truncamento está ancorado com o segmento mais à direita da forma de base. Além dessas duas violações referentes ao ancoramento, o candidato *b* também não cumpre a exigência de outra restrição considerada crucial, que é IDENT-BT(stress), porque o acento do candidato *b* não corresponde ao acento da forma de base. MAX-BT é violada pelo candidato *b* que apaga dois segmentos presentes na forma de base, mas tal restrição é dominada na hierarquia e, por isso infrações cometidas apenas a ela não impedem de escolher um determinado candidato como ótimo. Mas isso não acontece com o candidato *b*, pois ele viola outras restrições tidas como cruciais para a sua formação. Em seguida, o candidato *a* é eliminado da disputa porque possui três sílabas e, dessa maneira, uma delas fica desgarrada do pé. Posteriormente, descarta-se o candidato *e*, pois este não preserva a pauta acentual da forma de base, embora respeite restrições mais altamente ranqueadas. Por último, restam apenas dois candidatos, *c* e *d*, no entanto, *d* é eliminado porque mesmo não infringindo nenhuma das restrições crucialmente ranqueadas, apaga dois segmentos a mais do que o candidato *c*, que é o vencedor.

Em (23) será mostrada a formação de um Truncamento com corte à esquerda, mas que ao contrário de ‘cháça’ é monossilábico e possui coda final.

Candidatos que formam um pé troqueu moraico também obedecem à mesma hierarquia de restrições postulada anteriormente em (22). As restrições ANCHOR(TF)-HEAD-L(SF), IDENT-BT(stress), FT-BIN e ANCHOR(SF-TF)R são cruciais para a formação de candidatos constituídos por um único pé troqueu moraico porque para ser gerado um candidato ótimo desse tipo, nenhuma delas poderá sofrer violação, mesmo que minimamente. Pelo contrário, ANALISE- $\sigma$  e MAX-BT são restrições dominadas na hierarquia, visto que qualquer infração cometida a elas não implica necessariamente na não escolha de um suposto candidato como ótimo. Por essa razão, ANALISE- $\sigma$  e MAX-BT estão dispostas na parte inferior da hierarquia.

Na escolha do candidato ótimo, existe um ranking de prioridades a ser obedecido. Tal ranking é estabelecido com base nas relações existentes entre essas prioridades. ANCHOR(TF)-HEAD-L(SF) está no topo da hierarquia porque mesmo que um candidato obedeça às exigências de outras restrições também cruciais como IDENT-BT(stress), FT-BIN ou ANCHOR(SF-TF)R, se não tiver sua margem esquerda ancorada com a margem esquerda da cabeça do pé da base, não poderá ser escolhido como ótimo, conforme

ocorrerá com o candidato *a* a seguir. Entretanto, se um candidato cumprir o postulado por ANCHOR(TF)-HEAD-L(SF), mas não tiver seu segmento mais à direita ancorado com o segmento mais à direita da base, ele é descartado da disputa. Isso mostra que nas formas truncadas constituídas por um pé troquei moraicó ambas as margens, esquerda e direita, são importantes e, em razão disso, ANCHOR(SF-TF)R também deve ser disposta no ranking como restrição crucial. A importância dessa restrição é atestada pelo candidato *d* a seguir, que mesmo obedecendo ao ancoramento à esquerda, deixa de ser escolhido, pois desobedece ao ancoramento à direita.

IDENT-BT(stress) está disposta abaixo de ANCHOR(TF)-HEAD-L(SF) porque mesmo que um candidato possua a margem esquerda ancorada com a margem esquerda da cabeça do pé da base, se não preservar a pauta acentual da base, não poderá ser o candidato escolhido como ótimo, uma vez que IDENT-BT(stress) garante a identidade de acento primário entre elemento derivado e elemento derivante.

O candidato cuja margem esquerda está em perfeita correspondência com a margem esquerda da cabeça do pé da base e ainda possui identidade de acento com a forma de base, mas não forma pé binário é também excluído, já que FT-BIN constitui restrição crucial para a formação de um candidato ótimo, sendo assim, qualquer infração a ela implica na exclusão desses suposto candidato.

(23)

SF: amor	ANCHOR(TF)- HEAD-L(SF)	IDENT- BT (stress)	FT-BIN	ANCHOR (SF-TF)R	ANAL-σ	MAX-BT
a. [a.(mór)]	*!				*	
b. [(á.mo)]	*!	*		*		*
c. [(mór)] ☉						*
d. [(mó)]			*!	*		**

Os candidatos *a* e *b* são os primeiros a serem descartados porque ambos desobedecem à restrição ranqueada mais altamente na hierarquia, já que a margem esquerda de cada um deles está desancorada da margem esquerda da cabeça do pé da base. O candidato *b* comete ainda uma violação crucial a mais do que o candidato *a* porque não há identidade de acento principal entre a forma de base e o Truncamento. O próximo candidato descartado é *d* porque apesar de ter sua margem esquerda ancorada com a margem esquerda da cabeça do pé da base e manter a identidade de acento com a forma de

base, não constitui pé binário. O candidato vencedor é então *c*, já que implica somente em uma única violação a MAX-BT, restrição esta não crucial na seleção do candidato ótimo.

Para reforçar a alegação de que Hipocorísticos sensíveis ao acento da palavra-matriz obedecem ao mesmo padrão de formação dos Truncamentos com corte à esquerda, serão apresentados a seguir dois tableaux para se estabelecer a seleção de Hipocorísticos ótimos. No tableau (24) será apresentado um caso de Hipocorístico com padrão dissilábico e no tableau (31) será selecionado um Hipocorístico com padrão monossilábico.

(24)

SF: Albertina	ANCHOR(TF)- HEAD-L(SF)	IDENT- BT(stress)	FT- BIN	ANCHOR(SF- TF)R	ANAL- $\sigma$	MAX- BT
a.[al.(ber.tí)]	*!			*	*	**
b.[(ál.ber)]	*!	*	*	*		****
c.[ber.(tí.na)]	*!				*	**
d.[(tí.na)] ☺						*****
e.[(ti)]			*!	*		*****

Os candidatos *a*, *b* e *c* são os primeiros a serem descartados porque violam crucialmente a restrição mais alta da hierarquia, já que nenhum deles tem a margem esquerda ancorada com a margem esquerda da cabeça do pé da base. Além do mais, o candidato *b* viola mais duas restrições cruciais para a hierarquia porque não há identidade entre o acento da forma de base e o acento da forma resultante e ainda deixa de cumprir a exigência de FT-BIN, pois excede a quantidade de moras permitidas em um pé. O outro candidato a ser eliminado é *e* porque não constitui pé binário. Tem-se, portanto como vencedor o candidato *d*, pois ele viola apenas a restrição mais baixa da hierarquia e violada por qualquer forma truncada existente na língua.

Formação semelhante ao Truncamento “mor” ocorre com o Hipocorístico monossilábico “Bél” < Isabél.

(25)

SF: Isabel	ANCHOR(TF)- HEAD-L(SF)	IDENT- BT(stress)	FT- BIN	ANCHOR(SF- TF)R	ANAL- $\sigma$	MAX- BT
a.[i.(sa.bél)]	*!		*		*	
b. [(í.sa)]	*!	*		*		***
c. [(sa.bél)]	*!		*			*
d. [(bél)] ☺						***

Assim como ocorre na seleção da forma truncada em (23), no tableau (25) é selecionado como ótimo aquele candidato que preserva apenas os segmentos que estão escandidos no pé principal da forma de base. Desse modo, apresenta a sua margem esquerda ancorada com a margem esquerda da cabeça do pé da forma de base. Conseqüentemente, o candidato *d* preserva o acento principal da forma de base e é constituído de um único pé formado de duas moras. Os primeiros candidatos a serem descartados são *a*, *b* e *c* porque a margem esquerda de cada um deles está desancorada da margem esquerda do pé principal da forma de base. Além disso, o candidato *a* possui três moras no pé, violando, portanto FT-BIN e tem uma sílaba desintegrada do pé, implicando em uma violação a ANALISE- $\sigma$ .

Pela ilustração dos tableaux (22), (23), (24) e (25) vê-se que as formas escolhidas como ótimas obedecem às mesmas restrições e a mesma hierarquia entre elas, sendo, portanto possível garantir que ao contrário do que afirmou Gonçalves, Truncamentos com corte à esquerda compreendem do ponto de vista formal o mesmo fenômeno dos Hipocorísticos sensíveis ao acento principal do prenome.

Diferentemente dos Truncamentos do tipo “cháça” e “mor”, cuja margem esquerda coincide com a margem esquerda da sílaba que contém o acento primário da forma de base, existe outro tipo de Truncamento que possui ancoramento à esquerda ANCHOR (SF-TF) L e está relacionado com o início da base, pois para essa restrição, o segmento mais à esquerda da forma truncada deve estar ancorado com o segmento mais à esquerda da forma de base, de acordo com os seguintes dados:

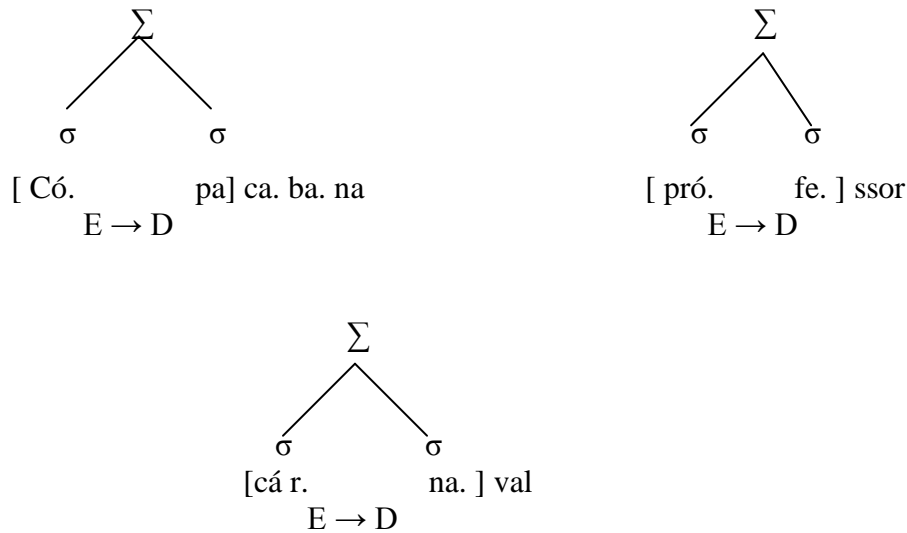
(26)

dêmo < demônio  
Pálha < palhaço  
Bísa < bisavó  
Cáfa < cafajeste  
Cárna < carnaval  
Prófe < professor  
Pínda < Pindamonhangaba  
Quíti < quitinete  
Cóca < cocaína  
Bóta < Botafogo  
Tránsa < transação  
Sápa < sapatão  
Cópa < Copacabana

Nota-se que nestes exemplos, chamados nesta análise de Truncamentos do tipo-C, o acento primário da forma de base deixa de ser preservado, diferentemente dos casos de Truncamentos com corte à esquerda. Percebe-se que essas formas truncadas sempre apresentam duas sílabas e que tendem a manter a complexidade silábica da forma de base (cf. *prófe* < professor, *transa* < transação) e a manutenção da coda existente na respectiva palavra-matriz (cf. *cárna* < carnaval, *Pínda* < Pindamonhangaba, *transa* < transação). Afirma-se, portanto que a estrutura silábica é mais complexa, posto que para esse conjunto de Truncamentos seja mais importante o respeito à margem esquerda que as estruturas silábicas complexas. Pelos dados percebe-se que se destacam Truncamentos com padrão silábico CV.CV, CVC.CV, CCV.CV. Desse modo, a restrição NO-CODA que proíbe a presença de coda em qualquer local da palavra costuma ser violada no caso de '*carna*', '*transa*', '*Pínda*' bem como a restrição NO-COMPLEX, que proíbe a presença de sílabas complexas, como por exemplo, '*prófe*', '*transa*'.

Confirma-se também que nos Truncamentos do tipo-C com ancoragem à esquerda a noção de binariedade dos pés é sempre respeitada, conforme circunscrição dada a seguir:

(27)



Nos Truncamentos do tipo-C, o *parsing* é feito da esquerda para a direita (E → D). Nesta direcionalidade, os Truncamentos são insensíveis ao acento da forma de base e a circunscrição positiva isola sempre um troqueu silábico a partir da margem esquerda da forma de base. O *parsing* pode ser descrito então da seguinte maneira:



Parâmetro do Pé: Troqueu silábico [ (σ'σ) ]

Direcionalidade: E → D

“Forma-se um troqueu silábico pela margem esquerda da forma de base.”

Vê-se, portanto que no conjunto das formas truncadas do tipo-C, composto por Truncamentos insensíveis ao acento da palavra-matriz, atuam circunscrições de pés troqueus, havendo o favorecimento de paroxítonas cuja proeminência acentual recai à esquerda.

A vogal do pé mais à esquerda constitui a primeira mora do troqueu que neste caso será sempre dissilábico. Nos Truncamentos do tipo-C não há modificação na rima da sílaba final, porém, essa característica só pode ser atestada na primeira sílaba da forma resultante.

É possível afirmar que as formas truncadas do tipo-C circunscritas a partir da margem esquerda da palavra-matriz obedecem à restrição ANCHOR(SF-TF)-L, porque estão relacionadas ao início da palavra-matriz, ou seja, a margem esquerda do Truncamento está ancorada com a margem esquerda da forma de base. Outra restrição obedecida pelas formas truncadas do tipo-C é FT-BIN, já que tais formas são constituídas por um pé binário de duas sílabas, com formação de um troqueu silábico [ (σ'σ) ].

A seguir serão mostrados dois tableaus a fim de se descrever uma possível sistematização para a formação de Truncamentos dissilábicos com preservação da cabeça do pé à esquerda. Em ambos os tableaus, o candidato ótimo escolhido será aquele com cópia integral das duas primeiras sílabas da palavra-matriz e acento paroxítono. Por essa razão, nas formas truncadas do tipo-C mantém-se o ranqueamento com a presença de TROQUEU SILÁBICO, já que esta restrição garantirá o posicionamento da cabeça do pé à esquerda, favorecendo formas paroxítonas, cuja proeminência acentual localiza-se à esquerda.

Nos Truncamentos do tipo-C, o pé à direita do output deve estar ancorado à margem direita da base, ou seja, todo candidato que tiver um pé ancorado à margem esquerda da base será crucialmente agramatical (cf. \*[(pin.da).(monha)]. Todas as sílabas que compõem as formas truncadas do Tipo-C devem estar obrigatoriamente integradas ao pé, não podendo haver sílabas desgarradas.

A seguir será apresentado um tableau a fim de descrever uma possível sistematização para a formação de Truncamentos dissilábicos com preservação da cabeça do pé à esquerda. Neste tableau ANCHOR-L, FT-BIN e TROQUEU SILÁBICO são restrições não violáveis, porque qualquer violação a uma delas já exclui a possibilidade de

escolha do candidato em questão como ótimo. Tem-se, então que essas restrições são cruciais para a hierarquia e devem estar sobrepostas a ANÁLISE- $\sigma$  e MAX-BT, que podem sofrer alguma violação sem que isso exclua a possibilidade desse candidato ser escolhido como ótimo. Mesmo que um candidato infrinja MAX-BT um grande número de vezes, se obedecer a todas as restrições mais altamente ranqueadas e tidas como cruciais, terá grandes possibilidades de ser escolhido como ótimo. Ao contrário, se um candidato violar MAX-BT minimamente, mas não tiver sua margem esquerda ancorada com a margem esquerda da forma de base, não poderá ser o candidato ótimo em virtude de MAX-BT ser restrição disposta mais abaixo na hierarquia e, dessa forma, ser dominada por ANCHOR-L. Qualquer candidato que obedeça às exigências das restrições dispostas mais abaixo na hierarquia, mas se não tiver a margem esquerda ancorada com a margem esquerda da forma de base, não poderá ser candidato ótimo.

Nos Truncamentos do tipo-C, somente a margem esquerda é importante, pois na escolha do candidato ótimo a margem direita não é primordial como era para os Truncamentos do tipo-B. Nas formas truncadas em C, o candidato ótimo não terá necessariamente a sua margem direita ancorada com a margem direita da forma de base, em razão disso, a restrição ANCHOR(SF-TF)R não integra o grupo de restrições na escolha de candidatos do tipo-C. Outra restrição presente na escolha de candidatos do tipo-B, mas que não atua no conjunto de restrições para a formação de candidatos do tipo-C é IDENT-BT(stress), porque candidatos do tipo-C não preservam a pauta acentual da base.

Integram a hierarquia como restrições não-dominadas ANCHOR-L, FT-BIN e TROQUEU SILÁBICO, sendo ANÁLISE- $\sigma$  e MAX-BT restrições dominadas. Desse modo, se um possível candidato obedecer a ANÁLISE- $\sigma$  e cometer algumas infrações a MAX-BT, mas não respeitar alguma das restrições não-dominadas, será excluído de ser tido como ótimo. Assim, caso o candidato cumpra as exigências de ANÁLISE- $\sigma$  e viole minimamente MAX-BT, se não formar um troqueu silábico será descartado. Contudo, se o candidato obedecer a FT-BIN e TROQUEU SILÁBICO, mas não possuir a sua margem esquerda em perfeita correspondência com a margem esquerda da forma de base será eliminado, já que a restrição ANCHOR-L é crucial na formação de Truncamentos do tipo-C e é tida como restrição mais importante da hierarquia.

(28)

Base: Pindamonhangaba Input: /TRUNC/	ANCHOR- L	FT-BIN	TROQUEU SILÁBICO	ANAL- $\sigma$	MAX-BT
a. [(pín.da)] <sup>☺</sup>					*****
b. [pin.dá]			*!		*****
c. [pin.(da.mó)]			*!	*	*****
d. [(pín)]		*!	*		*****
e. [(gá.ba)]	*!				*****

O candidato *e* é o primeiro a ser descartado porque não se encontra ancorado com a esquerda da forma de base. Em seguida há o descarte do candidato *d* porque numa análise silábica este candidato não forma pé binário. O próximo candidato desconsiderado é *c*, porque viola uma restrição de licenciamento prosódico, já que possui uma sílaba desintegrada da categoria pé, que lhe é superior. Posteriormente, dá-se o descarte de *b* e *d* pelo fato de infringirem a restrição acentual. Frente à eliminação de todos esses candidatos, resta o candidato *a*, tido como ótimo. A única infração cometida por *a* é em relação a MAX-BT, no entanto, esta infração não é grave, pois todo Truncamento envolve violação de MAX-BT, uma vez que o encurtamento base é característica inerente do processo de Truncamento. Em termos de prioridades, o candidato *a* é o escolhido porque infringe uma restrição em detrimento de outras que estão em posição mais alta na hierarquia de prioridades.

A seguir tem-se um tableau que, ao contrário de “Pínda”, não apresenta modificação alguma das duas sílabas envolvidas e que mesmo assim obedece à mesma hierarquia de restrições postulada para as formas truncadas com ramificação na primeira sílaba à esquerda.

(29)

Base: bisavó	ANCHOR-L	FT-BIN	TROQUEU SILÁBICO	ANAL- $\sigma$	MAX-BT
a. [(bi.sa).(vó)]		*!	*	*	
b. [(vó)]	*!	*	*		****
c. [(bís)]		*!	*		***
d. [(bí.sa)] <sup>☺</sup>					**

O primeiro candidato a ser eliminado é *b* porque tem a margem esquerda desancorada da margem esquerda da forma de base, além de não formar pé binário com

troqueu silábico. Os próximos candidatos descartados são *a*, *b* e *c* porque mesmo tendo suas margens esquerdas ancoradas com as margens esquerdas das respectivas palavras-matrizes, nem todos os pés são binários, assim como também todos eles desobedecem à exigência postulada pela restrição que impõe troqueu silábico. Tem-se como candidato vencedor *d*, porque ele obedece a todas as restrições tidas como cruciais na hierarquia e viola somente a restrição ranqueada mais abaixo, MAX-BT, que é sempre violada por qualquer tipo de Truncamento.

As formas truncadas em C são bastante semelhantes aos Hipocorísticos ancorados à esquerda (cf. Júva < Juvanete, Ráfa < Rafael, Lúdi < Ludmila) porque sempre se formam palavras derivadas dissilábicas, cujo acento principal da palavra-matriz migra para uma outra sílaba na forma truncada, de modo que haja uma insensibilidade ao acento tônico da palavra-matriz. Ademais, são descartadas como candidatos ótimos as formas que excedam ou que sejam menores do que duas sílabas.

Formas truncadas do tipo-C têm bastantes similaridades com hipocorísticos ancorados à esquerda, pois nestes o *parsing* também é feito da esquerda para a direita (E → D). Assim como nos Truncamentos do tipo-C, os Hipocorísticos ancorados à esquerda são insensíveis ao acento do prenome e é possível que a circunscrição positiva isole um troqueu silábico (cf. Ráfa, Páti), ou seja, o parâmetro do pé e a direcionalidade dos Truncamentos do tipo-C podem ser assim definidos:

Parâmetro do Pé: Troqueu silábico ( [ σ'σ ] )

Direcionalidade: E → D

“Forma-se um troqueu silábico pela margem esquerda da forma de base.”

É notório que a formação dos Truncamentos do tipo-C envolve as mesmas restrições e a mesma hierarquia entre elas que os Hipocorísticos insensíveis ao acento do prenome e constituídos por um pé troqueu silábico. O tableau seguinte representa a semelhança que o Hipocorístico tem com o Truncamento do tipo-C, mostrando que ambos obedecem ao mesmo processo de formação, respeitando-se idêntica hierarquia de restrições.

(30)

Base: Rafael	ANCHOR-L	FT-BIN	TROQUEU SILÁBICO	ANAL- $\sigma$	MAX-BT
a. [ra. (fa.él)]			*!	*	
b. [(fa.él)]	*!		*		**
c. [(él)]	*!	*	*		****
d. [(ra.fá)]			*		**
e. [(rá.fá)] ☺					**

Os primeiros candidatos eliminados são *b* e *c* porque não possuem as respectivas margens esquerdas ancoradas com a margem esquerda da palavra-matriz. Em seguida, o próximo candidato a ser eliminado é *a* porque mesmo obedecendo à restrição mais alta de ancoragem, tem a sílaba mais à esquerda desintegrada do pé. A disputa dá-se entre os candidatos *d* e *e*, mas *d* infringe uma restrição a mais do que *e* porque forma pé iambo e não troqueu silábico, conforme requerido por este tipo de Hipocorístico. Com isso, o candidato vencedor é *e*, que obedece a todas as restrições dispostas mais altamente na hierarquia, além de formar um troqueu moraico. Conclui-se, portanto que Hipocorísticos sensíveis ao acento da palavra-matriz e constituído de pé troqueu silábico assemelham-se aos Truncamentos do tipo-C.

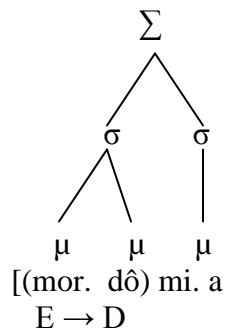
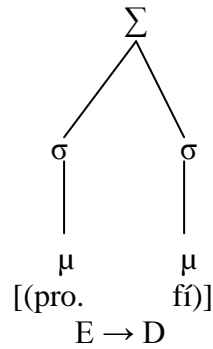
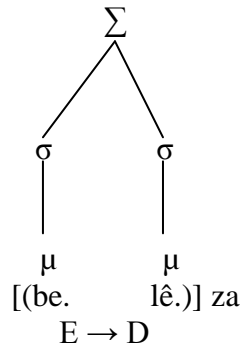
Além dos Truncamentos do tipo-C, manifestam-se na língua Truncamentos do tipo-D, que também possuem ancoramento à esquerda, e cópia quase sempre integral das duas primeiras sílabas da palavra-matriz e acento oxítono, conforme dados seguintes:

(31)

belê < beleza  
expô < exposição  
cupú < cupuaçu  
mordô < mordomia  
profí < profissional

Nos Truncamentos do tipo-D, insensíveis ao acento da palavra-matriz, constata-se circunscrições com a manifestação de pés iampos. Neste caso, exige-se o posicionamento da cabeça do pé à direita, conforme as próximas ilustrações.

(32)



O parâmetro do pé e a direcionalidade dos Truncamentos do tipo-D ficam assim definidos:

Parâmetro do Pé: Iambo [  $(\sigma\sigma\acute{\sigma})$  ]

Direcionalidade: E → D

“Forma-se um pé iambo pela margem esquerda da forma de base.”

Formas truncadas do tipo-D são bastante parecidas com as formas truncadas do tipo-C, porque ambas estão ancoradas à esquerda e copiam as duas primeiras sílabas da forma de base, obedecendo a mesma estrutura silábica, entretanto, apresentam pauta acentual distintas: os primeiros são paroxítonos, enquanto que os segundos são oxítonos. A seguir é apresentado um tableau que expressa a criação de uma forma truncada do tipo-D. Vê-se nele que o padrão de formação é parecido com os Truncamentos do tipo-C e que, por isso as restrições empregadas bem como a disposição hierárquica entre elas é bastante semelhante, com exceção da restrição IAMBO, que exige a preservação de formas oxítonas, ao contrário do que acontecia nas formas truncadas do tipo-C, cuja exigência era a formação de Truncamentos paroxítonos.

(33)

Base: beleza	ANCHOR-L	FT-BIN	IAMBO	ANAL- $\sigma$	MAX-BT
a. [be.(lê.za)]			*!	*	
b. [(lê.za)]	*!		*		**
c. [(le.zá)]	*!				**
d. [(bé.le)]			*!		**
e. [(belê)] ☺					**
f. [(bê)]		*!	*		****

Os candidatos a serem primeiramente eliminados são *b* e *c* porque os dois desobedecem à restrição mais alta da hierarquia, ou seja, eles não têm suas margens esquerdas ancoradas com as respectivas margens esquerdas das formas de base. O candidato *a* apesar de obedecer ANCHOR-L, FT-BIN e não ter apagado nenhum de seus segmentos, tem a sílaba mais à esquerda desgarrada do pé, além de não cumprir a exigência de formar oxítonas. O candidato *b* também não forma pé iambo, contudo, o candidato *c* apesar de formar pé iambo, possui a sua margem esquerda ancorada com a margem esquerda da cabeça do pé principal da forma de base. O próximo candidato a ser eliminado é *f* porque apesar de ter sua margem esquerda ancorada com a margem esquerda da palavra-matriz, não forma pé binário e viola IAMBO. Portanto, o candidato vencedor é *e*, que obedece a todas as restrições cruciais, implicando apenas em duas violações segmentais de MAX-BT, restrição esta ranqueada mais abaixo na hierarquia.

Ranqueamento idêntico ao de ‘belê’ acontece com a formação de ‘mordô’ < mordomia, que possui coda na primeira sílaba.

(34)

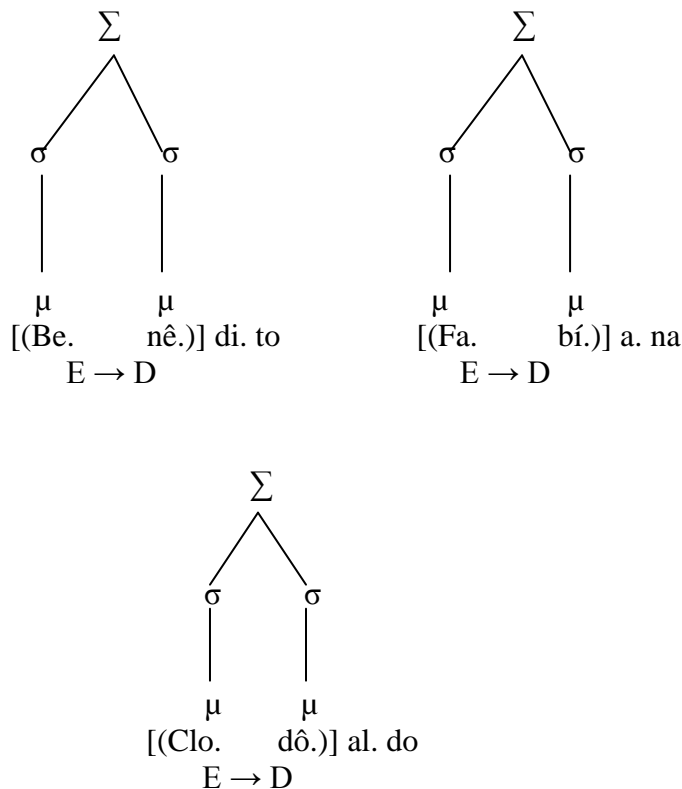
Base: mordomia	ANCHOR-L	FT-BIN	IAMBO	ANAL- $\sigma$	MAX-BT
a. [mor.(do.mí.a)]		*!	*	*	
b. [(do.mí.a)]	*!	*	*		***
c. [(mór)]			*!		*****
d. [(mór.do)]			*!		***
e. [(mor.dó)] ☺					***

O candidato *b* é o primeiro a ser eliminado da disputa porque não cumpre a exigência imposta pela restrição mais altamente ranqueada, ou seja, sua margem esquerda não está ancorada com a margem esquerda da forma de base. Os próximos candidatos a serem eliminados são *a* e *c* porque ambos desobedecem à restrição que exige a binariedade do pé, que está hierarquizada logo após a ANCHOR-L. Além disso, o candidato *a* apresenta uma sílaba desintegrada do pé e não forma iambo. O candidato *c* também não

constitui pé binário e nem forma pé iambo, apagando mais segmentos ainda que os demais candidatos. Restam, portanto os candidatos *d* e *e*, mas *d* não é escolhido porque constitui um pé troqueu silábico, não formando iambo. O candidato ótimo é *e* porque viola somente a restrição mais baixa da hierarquia MAX-BT, respeitando as restrições mais altamente ranqueadas.

Truncamentos do tipo-D seguem o mesmo padrão estrutural dos Hipocorísticos ancorados à esquerda, pois nesses casos também é comum a manifestação de formas insensíveis ao acento do prenome com a constituição de um pé iambo pela margem esquerda da forma de base (cf. Benê, Fabí, Clodô).

(35)



Assim como nas formas truncadas do tipo-D, é fato na língua a presença de Hipocorísticos com formação de um pé iambo pela margem esquerda da forma de base. Desse modo, há também como nos Truncamentos do tipo-D o favorecimento de oxítonas, na qual exigem o posicionamento da cabeça do pé à direita.

A manifestação de pés iâmbicos e troqueus silábicos tanto nos Hipocorísticos quanto nos Truncamentos do tipo-C e tipo-D reforça a hipótese de que a pauta acentual do pé não é fator determinante na constituição de Hipocorísticos e Truncamentos, o que conta é realmente a estrutura silábica e dá ainda mais respaldo à afirmação feita no capítulo



anterior de que tomar o pé troqueu moraico como pé básico do português é um argumento um tanto que insustentável.

Hipocorísticos insensíveis ao acento do prenome (cf. Benê < Benedito, Fabí < Fabiana, Clodô < Clodoaldo) obedecem às mesmas restrições e a mesma hierarquia entre elas que os Truncamentos do tipo-D, revelando que ambos os fenômenos não são processos distintos, mas obedecem a idêntico padrão de formação, conforme é demonstrado no tableau abaixo.

(36)

Base: Benedito	ANCHOR-L	FT-BIN	IAMBO	ANAL- $\sigma$	MAX-BT
a. [be.(ne.dí.to)]		*!	*	*	
b. [(dí.to)]	*!		*		****
c. [(di.tó)]	*!				****
d. [(bé.ne)]			*!		****
e. [(be.né)] ☺					****

Os candidatos *b* e *c* são os primeiros a serem eliminados porque ambos violam a restrição mais alta da hierarquia, ou seja, a margem esquerda de cada um deles está ancorada com a margem esquerda da cabeça do pé principal da forma de base. Além dessa infração crucial, o candidato *b* não constitui pé iambo. O próximo candidato a ser descartado é *a* porque mesmo tendo a sua margem esquerda ancorada com a margem esquerda da palavra-matriz, o pé constituído por ele não forma pé binário, além de ter uma sílaba não integrada ao pé. A disputa é entre os candidatos *d* e *e*, mas o primeiro é eliminado porque apesar de obedecer às exigências ranqueadas mais altamente na hierarquia, constitui pé troqueu silábico e não iambo. O candidato vencedor é *e* porque todas as restrições cruciais são respeitadas, com exceção de MAX-BT, que não é restrição crucial. Logo, o candidato selecionado tem a mesma estrutura prosódica que uma forma truncada do tipo ‘belê’ < beleza, o que reforça a hipótese de que Hipocorísticos e Truncamentos são o mesmo processo do ponto de vista formal.

Nos Truncamentos do Tipo-E, constatam-se que as formas truncadas não só reproduzem parte da base como também se manifestam pela inserção de uma vogal final ou sílaba com padrão CV que não estava presente na forma de base. O material inserido tem comportamento de sufixo e, por essa razão, Truncamentos do Tipo-E podem ser considerados fenômenos simultaneamente não-concatenativos e concatenativos. Na formação desse tipo de truncamento, promove-se a queda de todo o segmento após o *onset*

da segunda ou terceira sílaba e a adjunção do material via sufixação. Da mesma forma, também é possível ocorrer a queda de todo conteúdo segmental posterior ao núcleo da segunda sílaba (cf. *gasosa* < *gasolina*, *bandeco* < *bandejão*, *traveco* < *travesti*, *milico* < *militar*).

A porção a ser suprimida da palavra-matriz pode ou não veicular informação morfológica. Em “japonês”, por exemplo, a parte suprimida *-onês* não coincide integralmente com o sufixo que expressa nacionalidade. A porção extraída vai além do afixo que se poderia depreender da palavra.

A quantidade de sílabas copiadas no *output* depende da similaridade semântica para com a forma de base. Copia-se do derivante uma quantidade de sílabas que seja suficiente para que o falante identifique e consiga rastrear semanticamente a palavra-matriz. Por exemplo, na palavra “salafrário” caso o corte incidisse logo após a segunda sílaba, ter-se-ia a forma ‘sala’, que não reteria ao mesmo significado veiculado na palavra-matriz. O mesmo aconteceria com a palavra “comunista” se o corte incidisse logo após a segunda sílaba. Nesse caso, ter-se-ia a forma ‘comu’, o que dificultaria para o falante a rastreabilidade da palavra-matriz que lhe deu origem.

Se a palavra-matriz for dissilábica, o Truncamento do tipo-B produzido será dissilábico (cf. *chinês* → *china*, *burguês* → *burga*, *mulher* → *mulha*). Se a palavra-matriz for trissilábica, o Truncamento do tipo-B produzido será dissilábico (cf. *japonês* → *japa*, *flagrante* → *flagra*). Entretanto, se a palavra-matriz for polissilábica, o Truncamento do tipo-B produzido será trissilábico (cf. *baterista* → *batera*, *vagabunda* → *vagaba*, *traficante* → *trafica*, *telefone* → *telefa*, *comunista* → *comuna*).

A quantidade de sílabas copiadas no *output* depende da similaridade para com a forma de base. Copia-se do derivante uma quantidade de sílabas que seja suficiente para que o falante identifique e consiga rastrear semanticamente a palavra-matriz. Por exemplo, na palavra “salafrário” caso o corte incidisse logo após a segunda sílaba, ter-se-ia a forma ‘sala’, que não reteria ao mesmo significado veiculado na palavra-matriz. O mesmo aconteceria com a palavra “comunista” se o corte incidisse logo após a segunda sílaba. Nesse caso, ter-se-ia a forma ‘comu’, o que dificultaria para o falante a rastreabilidade da palavra-matriz que lhe deu origem.

Vê-se, portanto que a grande maioria dos Truncamentos podem se manifestar pela cópia integral da primeira e segunda sílaba da palavra-matriz. Os demais tipos de Truncamentos se dão pela cópia da primeira sílaba da palavra-matriz mais o *onset* da segunda ou pela cópia das primeira e segunda sílabas da palavra-matriz mais o *onset* da

terceira. Nesses casos, há o acréscimo do sufixo *-a* ou *-o*, como rima da última sílaba da forma truncada, eliminando-se qualquer segmento fônico diferente daquela vogal, a partir do *onset* da sílaba truncada.

Se a palavra-matriz for dissilábica, o Truncamento do tipo-B produzido será dissilábico (cf. chinês → china, burguês → burga, mulher → mulha). Se a palavra-matriz for trissilábica, o Truncamento do tipo-B produzido será dissilábico (cf. japonês → japa, flagrante → flagra). Entretanto, se a palavra-matriz for polissilábica, o Truncamento do tipo-B produzido será trissilábico (cf. baterista → batera, vagabunda → vagaba, traficante → trafica, telefone → telefa, comunista → comuna).

Ao que indicam os dados, o fator que determina o número de sílabas da forma truncada é o tamanho da palavra-matriz. Formas derivantes mais curtas tendem a gerar Truncamentos dissilábicos (cf. 37 a), ao passo que formas derivantes mais extensas tendem a formar Truncamentos trissilábicos (cf. 37.b).

(37)

- |                 |                      |
|-----------------|----------------------|
| a.              | b.                   |
| chinês > china  | vagabunda > vagaba   |
| japonês > japa  | vestibular > vestiba |
| neurose > nêura | reacionário > reaça  |

A quantidade de segmentos copiados depende, então, da extensão do derivante. A fim de identificação semântica, copia-se, na forma truncada, uma quantidade maior ou menor de conteúdo segmental.

Truncamentos do Tipo-E não levam em conta a pauta acentual da palavra-matriz e sempre formam paroxítonas, independentemente da pauta acentual da base.

Santos (2002) defendeu que a vogal *-o* do Truncamento tem importante papel pragmático e atende à função expressiva de avaliação ou discursiva, prestando-se sempre à expressão do pejorativo ou depreciativo (cf. milico < militar, boteco < botequim). Para ele, a vogal de Truncamento *-a*, ao contrário de *-o*, não possui o status morfopragmático, já que segundo o autor o produto resulta em uma forma neutra, conforme trecho abaixo:

*“Parece-nos que as demais vogais de Truncamento, de per si, não exercem essa função, mas estão ligadas à similaridade. Uma forma como ‘vagaba’ para ‘vagabunda’, por exemplo, não tem seu teor de pejoratividade determinado pela vogal -a, nem mesmo pelo processo de Truncamento em sua totalidade, mas carrega consigo*

*pejoratividade preexistente na base. Já em ‘manta’ para ‘manteiga’, parece haver uma neutralidade expressiva, sendo motivada apenas pela expressão de um estilo mais informal.” (Santos 2002:70)*

Ao contrário de Santos (2002), não acredito que é exatamente a inserção da vogal –o que causa o efeito de pejoratividade. Se assim fosse, uma forma como ‘japa’, em que ocorre a inserção da vogal –a, seria uma forma funcionalmente neutra no discurso, contudo, não é isso o que realmente acontece. A base preexistente ‘japonês’ não carrega, como garante Santos, pejoratividade. A função expressiva de pejoratividade ocorre na forma truncada acrescida da vogal –a. Além das formas truncadas terminadas com a inserção sufixal de uma vogal –a, formas truncadas nas quais são inseridas uma sílaba final também podem veicular pejoratividade (cf. milico < militar, boteco < botequim). Desse modo, vê-se que a expressão do pejorativo não é propriedade exclusiva da vogal –o como afirmou Santos (2002), mas pode ser veiculada por outros Truncamentos sufixados por vogal –a ou por uma sílaba.

Truncamentos do Tipo-E constituem assunto para a restrição “*Realize Morpheme*” (RM), já descrita anteriormente por Piggot (2000) e Kurisu (2001). Esses autores exploram a natureza da restrição RM e argumentam que ela é restrição chave para dar conta de vários processos morfológicos não-concatenativos e também concatenativos.

RM é descritivamente definida como uma restrição a qual requer que cada morfema subjacente receba algum conteúdo fonológico. Em razão disso, o único caminho explícito e visível de manifestação do morfema é o fonológico, a formalização precisa da restrição RM deve ser indubitavelmente explicada sob uma perspectiva fonológica.

Nos vários trabalhos já realizados, o desenvolvimento da restrição RM tem sido considerado no contexto da geminação morfológica, do morfema aspectual e da reduplicação. A propriedade comum entre esses fenômenos é que neles há sempre algum elemento visível fonologicamente que se manifesta apenas na forma de superfície. Há, neste sentido, similaridade com as formações de palavras afixionadas. Nesses casos, a RM pode ser compreendida como uma restrição cuja função é mapear cada morfema dentro de algum substrato fonológico com o qual está afiliado (cf. Walker 2000).

Entretanto, a definição de Walker (2000) baseada no mapeamento entre um morfema e um conteúdo fonológico visível não é suficiente para explicar operações morfológicas não-concatenativas aqui consideradas. Ao considerar-se a morfologia subtrativa, por exemplo, onde parte da base é apagada para se obter a categoria

morfológica derivada, nenhuma substância fonológica visível existe em tais casos, e então, RM pode ser violada. Nos processos que envolvem morfologia subtrativa, os morfemas são freqüentemente expressos não-concatenativamente sem nenhum material fonológico independente da base, em virtude disso, Kurisu (2001) argumenta que é necessário reexaminar a definição formal da restrição RM.

Para se ter uma definição formal satisfatória de RM, é essencial apontar para o lugar da morfologia. Uma simples, mas não trivial resposta é que a morfologia mantém contraste entre várias funções sintáticas (cf. Bloomfield 1993). Supõe-se que os morfemas são unidades morfológicas atômicas que motivam vários contrastes morfológicos. Dada a definição de RM, de que cada morfema sozinho precisa estar relacionado a algum expoente fonológico evidente e considerando-se os morfemas como unidades primitivas da morfologia, RM só será satisfeita se o resultado de alguma propriedade fonológica (mas não necessariamente substância fonológica) distinguir da forma de base.

Na morfologia concatenativa, a manifestação de um novo morfema é expressa pelos segmentos afixionais, porque o afixo indica uma não-identidade fonológica entre a base e a forma derivada. Por outro lado, na morfologia não-concatenativa, assim como ocorre na morfologia subtrativa e na morfologia da metátese, a ausência de algum elemento subjacente conduz respectivamente à presença de alguma informação morfossintática. Desse modo, o material fonológico independente nem sempre existe como a expressão de uma função morfossintática. Mediante essas considerações, RM é descrita a seguir. Vê-se que nessa descrição  $\beta$  é essencialmente associada a uma categoria morfossintática, mas  $\alpha$  não tem essa correspondência.

(38)

*Realize Morpheme (RM)*

Dado que  $\alpha$  seja uma forma morfológica,  $\beta$  seja uma categoria morfossintática e  $F(\alpha)$  seja a forma fonológica da qual  $F(\alpha + \beta)$  é derivada para expressar uma categoria morfossintática  $\beta$ . Então, RM será satisfeita em relação à  $\beta$  se, e somente se,  $F(\alpha + \beta) \neq F(\alpha)$  fonologicamente.

Primeiramente, antes de explicar a atuação de RM precisamente nas formas truncadas do Tipo-E, será descrita a atuação de tal restrição na formação dos nomes deverbais em islandês por configurar um funcionamento bastante parecido com a formação de Truncamentos do Tipo-E.

Na formação de nomes deverbais em islandês, infinitivos e nomes deverbais constituem respectivamente a  $\alpha$  e  $\beta$ . Desse modo, formas infinitivas servem como base de correspondência para formas nominais deverbais.

(39)

<i>Infinitivo</i>	<i>Nomes deverbais</i>
klifra	klifr
kumra	kumr
grenja	grenj
söötra	söötr
puukra	puukr
kjöökra	kjöökr

(Kurusu 2001:39)

[klifra]inf. e [klifr]DVN são fonologicamente não-idênticas em virtude dos nomes deverbais não possuírem o segmento final [a] contido na forma infinitiva. Isso significa que [klifr]DVN satisfaz RM em relação ao morfema de nome verbal. Pelo contrário, uma forma nominal agramatical verbal \* [klifra]DVN, possível candidato produzido por GEN, viola RM porque sua forma é fonologicamente idêntica a [klifra]INF. Em outras palavras, RM é satisfeita sempre que o candidato não for perfeitamente fiel para com a forma que está sendo comparada, neste caso, a não-identidade fonológica é exatamente o que representa o contraste morfológico.

Uma questão importante despertada pelos dados acima é o que serve como *input* da categoria morfossintática. No caso do islandês, há uma forte evidência de que os nomes deverbais sejam derivados dos infinitivos, mas esta frequência de casos não é suficiente para constituir evidência fonológica. É assumido freqüentemente, sem nenhuma justificativa plausível, que singulares servem como *inputs* de plurais, mas há línguas que apresentam evidências contrárias a essa perspectiva. Por exemplo, em Aka, o traço [vozeado] marca o singular e o plural é expresso pelo prefixo *ma-*. Desse modo, se a consoante inicial da raiz é desvozeada, ela é vozeada na formação do singular (cf. 40a), enquanto que nenhum vozeamento acontece se a consoante da raiz for originalmente vozeada (40b). Essa generalização é confirmada pelo fato das formas de singular (classe 3) não exibirem alternância de vozeamento no início da raiz, além das formas de plural ainda apresentarem prefixo *ma-*. O morfema de plural é manifestado pelo prefixo *ma-*, não há vozeamento envolvido, como pode ser constatado nas formas de plural em (40c).

(40)

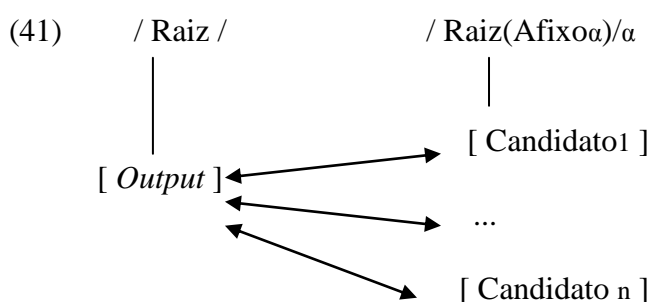
<i>Singular</i> (classe 1)	<i>Plural</i> (classe 2)
a. denge	ma-tenge
d t	ma-t t
gasa	ma-kasa
gini	ma-kini
boki	ma-poki
bapulaka	ma-papulaka
b. g ala	ma-g ala
belele	ma-belele
dʒ amba	ma-dʒ amba
c. <i>Singular</i> (classe 3)	<i>Plural</i> (classe 2)
t ngu	mat ngu
kun̄ga	ma-kun̄ga
kombo	ma-kombo
s p	mas p

(Kurusu 2001: 40-41)

Esses casos evidenciam que o singular não pode ser assumido como representação subjacente que serve de base para a formação do plural. Nos dados em (40a), há a alternância entre consoante inicial vozeada/desvozeada como marca de singular e plural respectivamente, mas não é possível para os dados em (40b), nos quais o vozeamento da consoante inicial permanece inalterado. Os exemplos do Aka evidenciam que as raízes (formas de plural menos o prefixo *ma-*) constituem os *inputs* para as formas de singular e plural. O vozeamento da consoante inicial da raiz caracteriza a presença do morfema de singular, enquanto que a prefixação com *ma-* é marca do morfema de plural. A lição importante do caso do Aka é que tal língua assume uma noção de *input* para a formação de plural que não é a universalmente esperada. Nos casos onde o singular serve como base do plural, não se promove nenhuma discrepância descritiva, são apenas exemplos cujas formas de singular coincidem acidentalmente com a raiz. Desse modo, dados os exemplos do Aka, defende-se que a raiz é desprovida de informação morfossintática. Ela só possui informação fonológica, sintática e semântica.

Dadas as raízes como *inputs* para várias categorias morfossintáticas, Kurisu lança um questionamento essencial: é possível comparar essas raízes com os candidatos a *outputs* para o propósito de avaliações de RM? A resposta é negativa. Em conformidade

com a orientação da teoria no que diz respeito às formas de *output*, a OT mantém a riqueza da base como slogan fundamental, o que garante alguma autonomia para o *input* (Prince e Somolensky 1993). Conseqüentemente, é impossível restringir a representação fonológica do *input* a uma única forma. Isso sugere que os candidatos a *output* não possuem uma única forma fonológica de *input* com a qual são comparados para satisfazer ou violar RM. Somente um *output* tem uma representação fonológica fixada. Esse fato indica que é necessário estabelecer uma estratégia de mapeamento *output-output* para calcular as violações de RM. A proposta de Kurisu (2001) é a de que a gramática avalia a forma ótima da raiz baseada na hierarquia de restrições, independentemente de ser motivada pela fonologia da língua. A raiz é então não necessariamente uma forma de superfície vigente na língua. Os candidatos a *output* portam uma categoria morfossintática e são então comparados com ela, conforme esquema dado em (41):



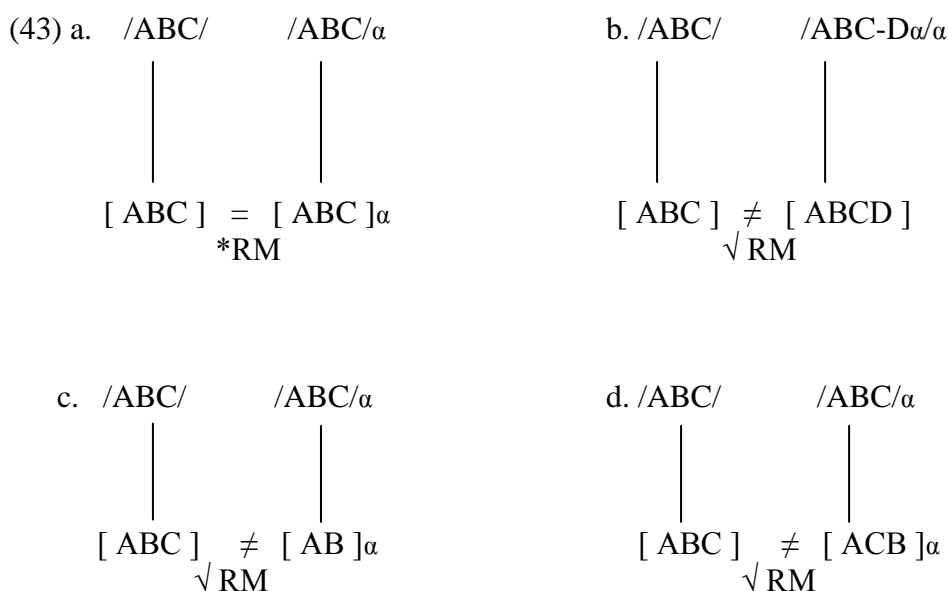
Dado este esquema, RM é satisfeita se o candidato for não idêntico ao *output* da raiz, enquanto que a restrição é violada se ambas as formas compartilham exatamente da mesma representação fonológica, conforme esquematizado em (42). A não-identidade requerida para a satisfação de RM não está limitada por nenhum desvio fonológico específico da base.

(42)

	Raiz ( <i>output</i> )	Candidato	RM	Fenômeno
a.	[ ABC ]	[ ABC ]α	violada	não acontece nenhum fenômeno
b.	[ ABC ]	[ABCD]α	satisfeita	afixação
c.	[ ABC ]	[ AB ]α	satisfeita	apagamento
d.	[ ABC ]	[ ACB ]α	satisfeita	metátese

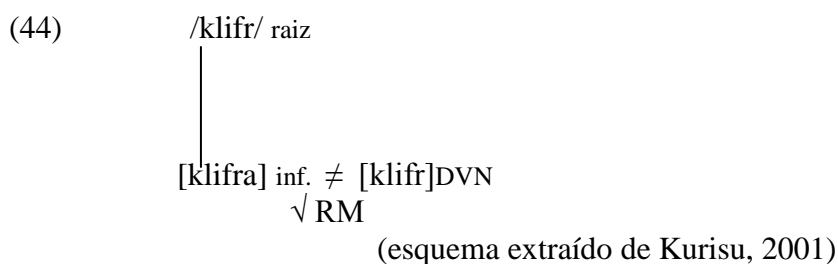


(42 a) representa o caso em que RM é violada. Comparando o *output* da raiz e da forma derivada que possui algum tipo de informação morfossintática expressa por  $\alpha$ , ver-se-á que ambas têm a mesma estrutura ( [ABC] ). Esta identidade significa que o morfema  $\alpha$  vinculado à raiz não recebe nenhum expoente fonológico, resultando em uma violação de RM. Em (42b), está envolvido um caso de morfologia concatenativa, especificamente um caso de sufixação. Aqui o *output* da raiz não contém nenhum afixo, mas o *output* da categoria derivada tem um segmento sufixal D. [ ABC ] e [ ABCD ] $\alpha$  são fonologicamente diferentes, desse modo, RM é satisfeita. Finalmente, em (42c) e (42d), que constituem morfologia subtrativa e metátese morfológica respectivamente, RM é satisfeita pelo apagamento do segmento C (42c) ou pela inversão na ordem de dois segmentos (42d). A demonstração genérica de cada um desses fenômenos em relação a RM é feita a seguir:



(esquema extraído de Kurisu, 2001)

RM compara diretamente o *input* e o *output* quando o *input* já é uma forma de *output* independente. A comparação direta entre *input-output* para propósitos de cálculo de violações de RM só é possível porque compara formas que são formas de *output* independentes, que têm uma única representação fonológica. É importante notar aqui que o *output* da raiz não possui qualquer papel na avaliação das violações de RM em tais casos. Isso ocorre porque as raízes desempenham algum papel somente quando elas servem como *inputs* de uma dada categoria morfossintática, assim como ocorre no islandês:



A noção de raiz como *output* tem uma extensão mais ampla. Itô e Mester (1998) discutem a produtividade do Truncamento no alemão. Como dado em (45) o *output* é uma única sílaba seguida do sufixo *-i* (Itô e Mester 1998:52).

(45)

a. Prenomes

*Formas de Base*

*Formas Truncadas*

Gàbriële

Gábi

Wáldemar

Wáldi

Stéfanie

Stéffi

Úlrich

Úlli

Ótto

Ótti

b. Sobrenomes

*Formas de Base*

*Formas Truncadas*

Górbatschòw

Górbí

Hónecker

Hónni

Schimánsky

Schímimi

Klínsmànn

Klínsi

Schláppner

Schláppi

c. Nomes Comuns

*Formas de Base*

*Formas Truncadas*

Àlkohóliker

Álki

Àmerikáner

Ámi

Schátz

Schátzi

Mütter

Mútti

Pròletarier

Próli

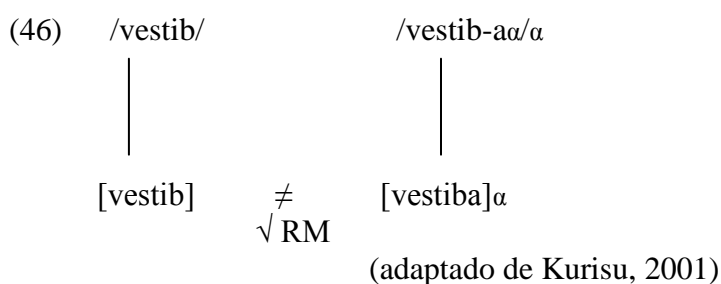
A observação crucial feita aqui por Itô e Mester é que [ gorb ], por exemplo, não é um constituinte de nenhum *input*, tal forma pode ser constituinte de uma forma de base (cf. [ gor.ba.tʃ of]) ou constituinte de uma forma já truncada (cf. [ gor.bi ]). Para todos os efeitos, [ gorb ] não é constituinte de nenhum nível de representação. Eles empregam a

teoria da simpatia (McCarthy 1999) em que é selecionado como candidato simpático aquele que possui número máximo de sílabas e que o constituinte não presente na superfície torna-se visível para a avaliação do *output*.

Ainda, nos casos dados em (45), consideram-se as formas truncadas como raízes possíveis no alemão. Essas raízes truncadas são potencialmente susceptíveis a operações morfológicas. Por exemplo, na formação dos hipocorísticos, dada a elegibilidade de [gorb] como raiz possível no alemão, então, a formação do hipocorístico em (45a e 45b) é feita simplesmente com o acréscimo de um sufixo.

A restrição RM requer que cada morfema tido como *input* receba algum expoente fonológico. A satisfação ou violação de RM é baseada em comparações entre *outputs*. Candidatos a *output* produzidos por GEN são comparados com formas de *output* da raiz quando a raiz serve como *input*, mas RM compara candidatos a *output* com o *input* quando o *input* já for uma forma de *output* que porta alguma informação morfossintática.

Da mesma maneira que o alemão, o português também se utiliza da sufixação em muitas formas truncadas advindas de nomes pessoais (cf. Carola < Carolina, Samuca < Samuel, Maneco < Manuel) e de formas truncadas provenientes de nomes comuns (cf. vestiba < vestibular, milico < militar, japa < japonês). Assim, o português também é assunto para a restrição RM.



Neste caso, além da morfologia não-concatenativa, está envolvida a morfologia concatenativa devido a realização de um sufixo. O *output* da raiz não contém nenhum afixo, mas o *output* da categoria derivada carrega um segmento sufixal *-a*.

Para demonstrar formalmente a constituição dos Truncamentos do Tipo-E, é dado um tableau seguinte em (47). Nele há a atuação de uma nova restrição TF=σσσ que dita sobre a obrigatoriedade da forma truncada ser trissilábica. Essa restrição fica, então formalizada a seguir:

TF= $\sigma\sigma\sigma$  *Forma Truncada Trissilábica*

A Forma Truncada (TF) ótima consiste de três sílabas

O tableau a seguir mostra que a restrição cuja exigência requer a presença de três sílabas deve ser restrição que esteja em uma das posições mais altas da hierarquia, porque é ela quem será responsável pelo desempate entre o candidato *c* ‘*motóra*’ e o candidato *h* ‘*móta*’, já que ambos os candidatos possuem um segmento sufixal *-a*, portanto são os únicos casos em que RM é satisfeita. Então, deve haver uma restrição que domine RM na hierarquia a fim de desempatar candidatos que obedeçam à restrição de ancoragem à esquerda e que recebam algum expoente fonológico não existente no *output*, neste caso o sufixo. Por essa razão, a restrição que obriga a manifestação de candidatos trissilábicos deve estar disposta abaixo de ANCHOR(SF-TF)-L e acima de RM, o que favorecerá a escolha de “*motóra*” ao invés de “*móta*”.

Porém, se um candidato for constituído de três sílabas, mas não receber nenhum expoente fonológico, será eliminado porque a restrição RM embora esteja ranqueada abaixo de TF= $\sigma\sigma\sigma$ , é restrição crucial na formação de Truncamentos do tipo-E. Ou seja, todo candidato que não tiver um segmento acrescido no *output* por sufixação, mesmo obedecendo às outras restrições não-dominadas da hierarquia como ANCHOR-L e TF= $\sigma\sigma\sigma$ , será dispensado da disputa porque RM também integra o grupo de restrições não-dominadas, e por isso jamais poderá ser violada.

TF= $\sigma\sigma\sigma$  e RM são também as principais responsáveis pela não escolha do candidato *g* “*mótor*” como candidato ótimo porque se não fossem ambas as restrições, tal candidato violaria apenas NO-CODA e MAX-BT, restrições essas dominadas na hierarquia. Assim, “*mótor*” poderá ser um candidato possível de se manifestar na língua, uma vez que não ocasionará infrações às restrições tidas como não-dominadas caso não fosse a atuação de TF= $\sigma\sigma\sigma$  e RM.

Outra restrição que desempenha papel na formação de Truncamentos do tipo-E é ANÁLISE- $\sigma$ . Contudo, ao contrário dos Truncamentos do tipo-B, C e D, nas formas truncadas do tipo-E ANÁLISE- $\sigma$  se encontra na posição mais inferior da hierarquia, abaixo de MAX-BT, porque todo candidato ótimo do tipo-E sempre terá uma única sílaba não integrada ao pé. A violação a ANÁLISE- $\sigma$  não impede a escolha do candidato em questão como ótimo, por ser essa restrição dominada na hierarquia.

(47)

Base:[(mo.to).(rís.ta)]	ANCHOR-L	TF=σσσ	RM	TROQUEU SILÁBICO	TODO-PÉ(D)	NO-CODA	MAX-BT	ANAL-σ
a. [(mó.to).(rís.ta)]		*!	*		*	*		
b. [mo(to.rís)]			*!	*		*	**	*
c. [mo(tó.ra)] <sup>⊙</sup>							****	*
d. [(mó.to)]		*!	*				*****	
e. [mo(to.rá)]			*!	*			****	*
f. [(rís.ta)]	*!	*	*			*	****	
g. [(mó.tor)]		*!	*			*	****	
h. [(mó.ta)]		*!						

O primeiro candidato a ser descartado é *f* porque a sua margem esquerda está desancorada da margem esquerda da forma de base. Os candidatos *a*, *b*, *d*, e *g* são eliminados porque em todos esses casos o morfema *-a*, especificado no input, não está presente no output. Além disso, o candidato *b* comete uma infração em uma restrição considerada crucial TROQUEU, que exige que a acentuação do Truncamento seja paroxítona. O candidato *d* mesmo obedecendo a restrição mais altamente ranqueada, ANCHOR-L, comete uma violação de TROQUEU por ser uma forma oxítona, o que não é permitido a nenhum dos dados que integram os Truncamentos do tipo-B. O candidato *f* constitui um troqueu e possui todas as sílabas integradas a pés, além de que não possui coda na última sílaba da palavra prosódica, entretanto, infringe a restrição mais altamente ranqueada, que é portanto crucial. O candidato *g* é eliminado porque mesmo respeitando as restrições mais altamente ranqueadas, causa violação de NO-CODA, já que formas truncadas do Tipo-B não têm sílaba final terminada em coda. O candidato vencedor é *c*, que cumpre todas as exigências impostas pelas restrições cruciais, porque possui sua margem esquerda ancorada com a margem esquerda da forma de base e também porque a marca morfológica *-a* de sufixação, que está presente no input, está também presente no output. Além disso, o candidato *c* obedece a TROQUEU, uma vez que constitui uma forma cujo acento recai sobre a penúltima sílaba.

Vê-se, portanto, que nos Truncamentos trissilábicos ANALISE-σ, que obriga a integração de todas as sílabas a pés, é sempre violada porque uma sílaba irá ficar desgarrada do pé mais à direita. Contudo, a restrição ANALISE-σ está ranqueada mais baixo na hierarquia, não impedindo que formas trissilábicas emergjam como candidatos ótimos no português, mesmo com o custo de ter uma sílaba desgarrada.

O tableau seguinte ilustra a formação de um Truncamento dissilábico com a presença do sufixo *-a*, mas neste a escolha do candidato ótimo tem a ver com ONSET, que exige o ataque silábico para todas as sílabas que integram o Truncamento.

A disputa mais acirrada se dá entre os candidatos “confia” e “confã”, porque tanto um quanto o outro obedecem ao ancoramento à esquerda e são os únicos que não violam RM, já que em ambos há sufixação do segmento *-a*. Por isso, deve haver uma restrição entre ANCHOR(SF-TF)-L e RM que obrigue a manifestação de candidatos com ataque silábico, excluindo qualquer outro candidato cujas sílabas não possuam essa característica, mesmo que esse candidato cumpra o exigido por RM.

(49)

Base:confiança	ANCHOR-L	ONSET	RM	TROQUEU	MAX-BT	ANAL-σ
a) [(cón.fi)]			*!		***	
b) [(cónf)]			*!		*****	
c) [fi.(án.ça)]	*!	*	*		***	*
d) [(cón.fã)] ☺					****	
e) [(con.fá)]			*!	*	*****	
f) [(con.fí.a)]		*!				

O primeiro candidato a ser descartado da disputa é *c* porque não possui a sua margem esquerda ancorada à margem esquerda da forma de base. Em seguida, descartam-se *a*, *b* e *e* porque os três infringem RM, já que nesses casos não há marca morfológica de sufixação associada ao morfema de Truncamento, o que implica em grave infração a fidelidade. A disputa incide, portanto, entre os candidatos *d* e *e*, porque ambos respeitam a exigência imposta pelas restrições mais altamente ranqueada e preservam a mesma quantidade de segmentos, porém, o candidato *e* infringe a exigência de pauta acentual, porque forma um pé iambo e não um troqueu. Por essa razão, o candidato vencedor é *d*, que constitui um troqueu moraico.

Na seção seguinte é apresentada a análise das formas truncadas em língua espanhola para fins de comparação com a análise proposta para os Truncamentos do português brasileiro. Após análise formal dos Truncamentos no português do Brasil, será feita uma comparação entre eles e o padrão de formação desses mesmos fenômenos na língua espanhola, focalizando as semelhanças e diferenças entre esses processos em ambas as línguas.

## 6.7 O TRUNCAMENTO EM LÍNGUA ESPANHOLA

De acordo com Colina (1996) o Truncamento em espanhol consiste na cópia das duas primeiras sílabas da base e movimento do acento primário para a primeira sílaba da forma truncada. Se as duas primeiras sílabas da base forem ambas leves, elas serão copiadas inteiramente (cf. 50). Similarmente, se a primeira sílaba é pesada e a segunda é leve, ambas também são inteiramente copiadas (cf. 51):

(50)

bóli < bolígrafo  
móto < motocicleta  
póli < policía  
téle < televisión

(51) disco < discoteca

cómpa < compañero

Em espanhol a forma truncada ótima consiste de um troqueu dissilábico. Velarde (1984) garante que o Truncamento é o produto de uma redução de um adjetivo ou nome polissilábico para uma forma dissilábica. Em razão disso, nessa língua, formas truncadas são formalmente compreendidas como Hipocorísticos, já que ambas possuem a mesma estrutura. Velarde (1984) oferece-nos mais alguns exemplos de palavras truncadas:

(52)

ámpli < amplificador  
dépre < depresión  
máni < manifestación  
próte < protección  
zoo < zoológico

Numa análise baseada em restrições, Pineros (2002) garante que a forma truncada ótima em espanhol é uma palavra-mínima que preenche acima de tudo restrições de ancoragem à esquerda ANCHOR (SF-TF) L e CONTIGUITY.

## (53) ANCH (SF-TF)L, I-CONTIGUITY &gt;&gt; ANCH(SF-TF)R &gt;&gt; MAX(SF-TF)

SF: [po.li.(cí.a)]	ANC(SF-TF)L	I-CONT	ANC(SF-TF)R	MAX(SF-TF)
a. [(cí.a)]	*!			po li
b. [li.(cí.a)]	*!			po
c. [(pó.li)] <sup>⊙</sup>			*	ci a
d. [(pó.a)]		l!si		li si
e. [(lí.ci)]	*!		*	po a

O candidato *c* é selecionado como ótimo porque reproduz fielmente as duas sílabas mais à esquerda da forma de base, em conformidade com as restrições que se encontram no topo da hierarquia, ANCHOR (SF-TF) e I-CONTIGUITY. Entretanto, a forma truncada ótima pode não ser perfeitamente idêntica às duas sílabas mais à esquerda da forma de base quando a sílaba inicial da palavra-matriz for marcada. Esse fato implica efeitos de boa formação para restrições como NO-CODA e CODA COND, as quais dominam MAX (SF-TF) e podem emergir em um contexto no qual I-CONTIGUITY não seja relevante.

## (54) I-CONTIGUITY &gt;&gt; NO CODA &gt;&gt; MAX(SF-TF, seg)

SF: [pro.tec.(sión)]	I-CONTIGUITY	NO CODA	MAX(SF-TF, seg)
a. [(pró.tec)]		*!	sion
b. [(pró.te)] <sup>⊙</sup>			c sion

Sílabas marcadas só podem ser aceitas quando I-CONTIGUITY não for afetada, de modo que as formas truncadas não sejam sempre livres de estruturas marcadas. Desse modo, sílabas complexas nunca são simplificadas na forma truncada, implicando na violação da restrição que proíbe *onsets* complexos, \*COMPLEX O(nset). Isso se dá porque se uma sílaba complexa aparecer na forma de base desprovida de algum segmento, resultar-se-ia na violação de I-CONTIGUITY (cf. 55 *c* e *d*).

## (55) ANCHOR(SF-TF)L, I-CONTIGUITY &gt;&gt; NO-CODA, \*COMPLEX O &gt;&gt; MAX(SF-TF)

SF:[de.pre.(sión)]	ANC(SF-TF)L	I-CONT	NO CODA	*COMPLEX O	MAX(SF-TF)
a. [(dé.pres)]			*!	*	ion
b. [(dé.pre)] <sup>⊙</sup>				*	sion
c. [(dé.pe)]		r!			r sion
d. [(dé.re)]		p!			p sion
SF:[pro.tec.(sión)]					
a'. [(pró.tec)]			*!	*	sion
b'. [(pró.te)] <sup>⊙</sup>				*	csion
c'. [(pó.te)]		*!			r csion
d'. [(ro.te)]	*!				p csion



Por outro lado, se uma consoante complexa aparecer na sílaba inicial da forma de base e a opção for a de dispensar o segmento consonantal inicial, a satisfação da restrição ANCHOR (SF-TF) L, que está no topo do ranqueamento, é prejudicada (cf. 55 d'). A alternativa de apagamento do segundo segmento da sílaba complexa resulta na não-contigüidade desse segmento (cf. 55 c'). Em outras palavras, a restrição \*COMPLEX ONSET é neutralizada por ANCHOR (SF-TF) e I-CONTIGUITY em todos os contextos.

## 6.8 COMPARAÇÃO ENTRE AS FORMAS TRUNCADAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO COM AS FORMAS TRUNCADAS EM LÍNGUA ESPANHOLA

Em conformidade com os dados de Truncamentos trazidos por Velarde (1984), Colina (1996) e Pineros (2002) existem algumas semelhanças e diferenças em relação a este mesmo fenômeno no português do Brasil.

Assim como o português brasileiro, em língua espanhola o Truncamento também é resultado de uma redução do adjetivo ou nome. Entretanto, ao contrário do português no qual são permitidas formas truncadas monossilábicas e trissilábicas, em espanhol só são atestadas formas truncadas advindas de adjetivo ou nome polissilábico para uma forma resultante dissilábica.

Truncamentos do espanhol têm uma estrutura idêntica aos Truncamentos do tipo-C no português brasileiro, já que em ambos os casos há uma cópia integral das duas primeiras sílabas da palavra-matriz e deslocamento do acento principal para a primeira sílaba da forma resultante. Do mesmo modo, no português, Truncamentos do tipo-C são formados pela cópia integral das duas primeiras sílabas da palavra-matriz e acento paroxítono. Da mesma forma que os Truncamentos do espanhol, nos Truncamentos do tipo-C em português se as duas primeiras sílabas da base forem leves, elas serão copiadas inteiramente. Igualmente ao português, no espanhol, se a primeira sílaba é pesada e a segunda é leve, ambas serão copiadas integralmente. Ou seja, assim como no português, em espanhol, formas truncadas não possuem a tendência de serem simplificadas silabicamente, codas e sílabas complexas são atestadas com frequência (cf. *dísco, cómpa, próte e ámpli*).

Assim como Truncamentos do tipo-C em português, as formas truncadas do espanhol possuem ancoramento à esquerda e estão relacionadas ao início da palavra-matriz. Em ambas as formas, o *parsing* é feito da esquerda para a direita (E → D), há uma

insensibilidade ao acento da forma de base e a circunscrição positiva isola sempre um troqueu silábico, ou seja, em espanhol o parâmetro do pé e a direcionalidade dos Truncamentos podem ser definidos do seguinte modo:

Parâmetro do Pé: Troqueu silábico ( [ σ'σ ] )

Direcionalidade: E → D

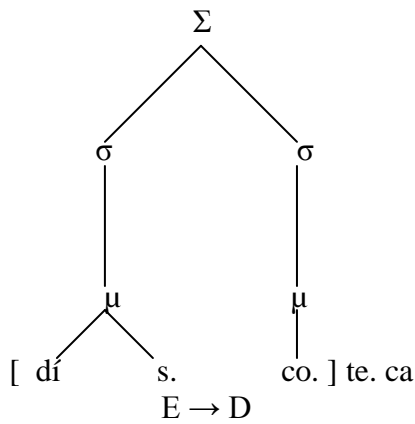
“Forma-se um troqueu silábico pela margem esquerda da forma de base.”

Desse modo, formas truncadas do espanhol são semelhantes aos Truncamentos do tipo-C em português, porque sempre são formadas palavras derivadas dissilábicas, cujo acento principal da forma de base desloca-se para uma outra sílaba na forma truncada, de modo que ocorre uma insensibilidade ao acento primário da palavra-matriz. Em espanhol não se manifestam, portanto formas que ultrapassam ou que sejam menores do que duas sílabas. Assim, a forma truncada ótima constitui um troqueu dissilábico. Por essa razão, no espanhol, formas truncadas são compreendidas formalmente como Hipocorísticos, ou seja, nessa língua os Truncamentos também podem ser considerados um subgrupo dos Hipocorísticos do mesmo modo que o português o é. Contudo, em língua espanhola, pode-se afirmar que Truncamentos também são assunto para a formação da palavra-mínima, ao contrário do que acontece no português do Brasil.

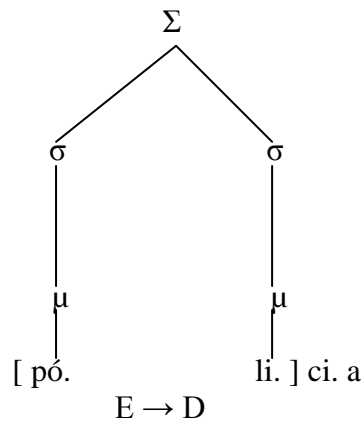
Atesta-se, portanto que as circunscrições dos Truncamentos em espanhol são idênticas aos Truncamentos do tipo-C no português brasileiro, pois são insensíveis ao acento da palavra-matriz, atuam circunscrições de pés troqueus silábicos, havendo o favorecimento de formas paroxítonas com proeminência acentual à esquerda, conforme circunscrições dadas a seguir:

(56)

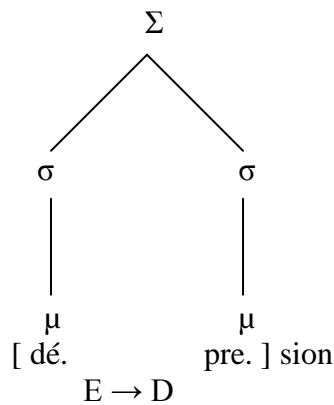
*discoteca*



*policía*



*depresión*



A vogal do pé mais à esquerda compõe a primeira mora do troqueu dissilábico. Nestes casos, não se dá modificação na rima da sílaba final, porém, tal característica só pode ser verificada na primeira sílaba da forma resultante.

Em seguida será apresentado um tableau para um Truncamento do espanhol cujas restrições empregadas, bem como a hierarquia disposta entre elas, são as mesmas postuladas para a formação dos Truncamentos do tipo-C no português do Brasil, já descrita anteriormente em (28).

(57)

Base:depresión	ANCHOR-L	FT-BIN	TROQUEU SILÁBICO	ANAL-σ	MAX-BT
a. [(dé.pre)] ☹					****
b. [(de.pré)]			*!		****
c. [de.(pre.sión)]			*!	*	
d. [(pré)]	*!	*	*		*****

O candidato *d* é o primeiro a ser descartado porque não se encontra ancorado com a margem esquerda da forma de base. O próximo candidato a ser eliminado é *c*, porque apesar de obedecer às duas restrições mais altamente ranqueadas, ou seja, possui a margem esquerda ancorada com a margem esquerda da forma de base e ser constituído por um pé binário, possui uma sílaba desintegrada do pé. A seguir, o outro candidato a ser eliminado é *b*, pois forma pé iambo e não troqueu como requer a restrição de boa formação. O candidato vencedor é *a*, pois o *parsing* é feito da esquerda para a direita, sendo insensível ao acento da forma de base, e isola um troqueu silábico.

O tableau acima serviu para mostrar que, formalmente, os Truncamentos do espanhol envolvem as mesmas restrições e a mesma hierarquia entre elas que as formas truncadas do tipo-C no português do Brasil, insensíveis ao acento da base e constituídos por um pé troqueu silábico.

## 6.9 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A ANÁLISE

A análise aqui proposta deu conta de mostrar que fenômenos que fazem parte de um discurso mais informal também podem ser considerados produtivos e regulares, ao contrário do que afirmaram autores como Basílio (1987), Monteiro (1990), Sandmann (1997) e Rocha (1998). Entende-se aqui que Truncamentos e Hipocorísticos não devem ser compreendidos simplesmente pela supressão de alguma parte do derivante, mas sim como fenômenos que acessam informações prosódicas e obedecem às pressões fonotáticas da língua para se constituírem. A identidade entre a forma de base e o Truncamento, bem como a identidade entre a forma de base e o respectivo Hipocorístico, foram checadas numa relação de correspondência entre *input* e *output*, como também numa relação de correspondência entre duas formas de *output*, mostrando que há pelo menos duas etapas na formação de tais fenômenos e que condições de marcação da língua atuarão diretamente sobre o molde.

A análise dos Truncamentos apresentada neste trabalho é mais vantajosa do que outras análises já defendidas por demais pesquisadoras porque ela é bastante econômica no tratamento dos processos de formação dos Truncamentos e Hipocorísticos devido ao fato de considerá-los não como fenômenos distintos, mas como fenômenos que obedecem aos mesmos padrões de formação. Tanto na constituição dos Hipocorísticos quanto na formação dos Truncamentos houve uma unificação no uso das restrições empregadas para demonstrar a maneira como tais fenômenos se manifestam na língua, bem como a

hierarquia entre elas. Ademais, a presente análise se faz inovadora porque ela é a primeira a comparar formalmente a constituição dos Hipocorísticos e Truncamentos no português do Brasil com a formação desses mesmos fenômenos em língua espanhola. Através dessa comparação, foi possível afirmar que em ambas as línguas Hipocorísticos e Truncamentos obedecem à mesma gramática, e corroboram para garantir que são tênues as diferenças gramaticais entre português e espanhol.

Esta análise, diferentemente de análises precedentes, admite haver em língua portuguesa não só Truncamentos dissílabos ou trissílabos, mas também Truncamentos monossílabos e que o padrão acentual desse fenômeno pode ser troqueu (moraico para formas em B e silábico para as formas em C e E) ou iâmbico. Outra novidade também foi admitir que Hipocorísticos e Truncamentos não possam ser tratados como palavras-mínimas na língua e que não constituem evidências precisas para garantir com precisão que o troqueu moraico seja o pé básico do português. Nesta análise, desconsidera-se também a importância do acento secundário para a formação dos processos de Truncamento, demonstrando que a relação existente entre acento secundário e forma de base é fator meramente casual restrito a alguns casos particulares.

Outra vantagem da presente análise é que ela não considera como Truncamentos as formas que se estruturam com a manutenção integral do morfema à esquerda da forma de base (cf. *vídeo* < *videocassete*, *odonto* < *odontologia*, *eletro* < *eletrocardiograma*), classificando-os como processos puramente morfológicos que dispensam tratamento de cunho formal.

A presente análise também é inovadora porque se utiliza da restrição RM para explicar satisfatoriamente Truncamentos do tipo E com inserção de uma vogal final por sufixação. Com o uso dessa restrição, exige-se que cada morfema esteja relacionado com algum expoente fonológico. Desse modo, a restrição RM será plenamente satisfeita se o candidato gerado possuir alguma propriedade fonológica distinta da forma de base. Assim, é possível demonstrar formalmente a natureza da vogal final afixada e não considerá-la apenas vogal morfopragmática de Truncamento, conforme foi proposto por Batista (2002).

Estabeleceram-se, neste capítulo, cinco padrões de Truncamento. Procurou-se diferenciá-los em termos de restrições e hierarquia entre ela.

O primeiro padrão faz referência apenas à estrutura silábica, compreendendo formas que preservem a sílaba mais à esquerda da forma de base (cf. *bi* < *bilhão*, *Fla* < *Flamengo*, *Lú* < *Luciana*, *Jê* < *Jeania*).

O segundo padrão designado como Truncamentos do tipo-B, abrange as formas com corte à esquerda, cujas principais características são: a coincidência entre a margem esquerda da forma truncada com a margem esquerda da cabeça do pé da forma de base, a coincidência entre a margem direita da base com a margem direita do molde para a formação do Truncamento, a preservação do acento primário da forma de base e o isolamento, da esquerda para a direita, de um troqueu moraico. Em virtude dessas características, justifica-se o emprego das restrições ANCHOR(T)-HEAD-L(FT) >> IDENT-BT(stress) >> FT-BIN >> ANCHOR(SF-TF)R como restrições dominantes que atuam na formação de Truncamentos do tipo-B. Porém, nas formas truncadas insensíveis ao acento da base, atesta-se que são diferentes as restrições empregadas daquelas propostas para os Truncamentos do tipo-B, porque aquelas não se comportam da mesma maneira que essas no que concerne ao padrão de formação.

Formas insensíveis ao acento da base, designadas neste trabalho como formas truncadas do Tipo-C, se diferenciam das formas truncadas do tipo-B porque nelas a identidade entre a pauta acentual dos Truncamentos não coincide com a pauta acentual da base. Além disso, nas formas truncadas do tipo-C, a coincidência entre margem direita do Truncamento com a margem direita da base deixa de ser importante e, por isso não desempenha efeito nenhum na constituição dos Truncamentos com corte à direita. Nos casos em C, apenas a margem esquerda se faz relevante, pois o segmento mais à esquerda da forma truncada deve estar ancorado com o segmento mais à esquerda da forma de base e não com a margem esquerda da cabeça do pé da base tal como ocorre nos Truncamentos do tipo-B. Ademais, nas formas truncadas do tipo-C, ao contrário das formas truncadas do tipo-B, o *parsing* é feito da esquerda para a direita e a circunscrição prosódica delimita sempre um troqueu silábico a partir da margem esquerda da base, sendo insensível ao acento primário veiculado pela palavra-matriz. Desse modo, justifica-se o emprego da restrição ANCHOR(SF-TF)-L no lugar da restrição ANCHOR(T)-HEAD-L(FT) e a inserção da restrição TROQUEU SILÁBICO como membro da hierarquia, dispensando-se TROQUEU MORAICO quando o assunto for Truncamentos do tipo-C. Além do mais, é justificável a dispensa da restrição IDENT-BT(stress) na hierarquia porque, ao contrário das formas truncadas do tipo-B, os Truncamentos do tipo-C não levam em conta a pauta acentual da base.

As mesmas restrições presentes na formação dos Truncamentos do tipo-C manifestam-se também na formação de Truncamentos do tipo-D, com exceção de TROQUEU SILÁBICO, já que Truncamentos do tipo-D são todos oxítonos, o que

favorecerá a atuação de IAMBO na hierarquia proposta para a análise. Logo, formas truncadas do tipo-D são muito semelhantes às formas truncadas do tipo-C pelo fato de ambas estarem ancoradas à esquerda da base e copiarem sempre as duas primeiras sílabas da forma de base. Contudo, ambas dispõem de pauta acentual distintas: Truncamentos do tipo-C são paroxítonos, enquanto que Truncamentos do tipo-D são oxítonos.

Por fim, analisaram-se Truncamentos do tipo-E, os quais possuem algumas peculiaridades a mais do que os demais. Além de poderem ser trissilábicos ou dissilábicos, todos têm a inserção de uma vogal final ou sílaba CV, com comportamento de sufixo, que não estava presente na forma de base. Em decorrência disso, foi justificada a inserção da restrição RM na hierarquia, com o *status* de restrição dominante. Para que um candidato do tipo-E seja bem formado, RM deve ser plenamente satisfeita porque, em todo candidato do tipo-E, o *output* da raiz não contém nenhum afixo, mas o *output* da categoria derivada carrega um segmento sufixal.

Em termos de restrições, outra diferença entre Truncamentos do tipo-E e demais tipos de Truncamentos é que naqueles a restrição ANALISE- $\sigma$  está ranqueada abaixo de MAX-BT, enquanto que nessas ANALISE- $\sigma$  está ranqueada acima de MAX-BT. Isso se dá porque, nos Truncamentos trissilábicos do tipo-E, ANALISE- $\sigma$  sempre será violada, favorecendo um menor número de violações a MAX-BT. Mesmo que uma sílaba não esteja integrada ao pé, isso faz com que MAX-BT seja mais bem satisfeita. Nos demais Truncamentos, contudo, MAX-BT é dominada por ANALISE- $\sigma$  porque, nesses casos, todas as sílabas devem estar escandidas obrigatoriamente em pés, ainda que isso sacrifique MAX-BT um maior número de vezes.

## Conclusão

A presente conclusão é elaborada com o propósito principal de responder aos questionamentos elencados no início deste trabalho, especificamente colocados na seção “Objetivos do Trabalho”.

Foi verificado que os três fenômenos analisados, através do emprego de relações de correspondência, refletem propriedades derivadas da (s) forma (s) de base. Em todos eles, atestou-se que o fato de suas respectivas formas de base constituírem formas de *output*, faz com que as semelhanças sejam inevitáveis e regidas por uma gramática. Assim, uma das grandes contribuições deste trabalho foi refutar, mais uma vez, a idéia de que fenômenos não-concatenativos devam ser compreendidos como assistemáticos e imprevisíveis.

Após análise, constatou-se que as línguas focalizadas podem ser distribuídas em grupos de afinidades, levando em consideração o comportamento das formas resultantes em relação aos seus aspectos formais. Desse modo, observou-se que na gramática dos Blends do português e do espanhol tanto os tipos de restrições quanto a hierarquia entre elas são exatamente as mesmas. Com base nessa observação, foi possível propor para este fenômeno uma hierarquia de restrições mais universal, ou seja, mais abrangente e que desse conta de tratar tal fenômeno em ambas as línguas. Contrariando, portanto a proposta de Bat-El (1996), a qual estabelece uma hierarquia de restrições particular apenas para os casos do hebraico e que não tem abrangência para os casos do português e espanhol. Viu-se também que na hierarquia de restrições aqui proposta, DEP- $\sigma$  deixa de ser essencial para definir e explicar a gramática dos Blends, contrariando, portanto a idéia de Bat-El (1996) para quem DEP- $\sigma$  é a segunda restrição mais alta da hierarquia. Além disso, é pertinente afirmar também que na formação dos Blends cada uma das formas de base não precisa contribuir necessariamente com um pé na constituição dos mesmos, assim como é obrigatório para a formação desse mesmo fenômeno no hebraico.

Em relação à gramática dos Hipocorísticos, verificou-se que esta tem um comportamento bastante distinto dos Blends, pois as restrições empregadas na constituição dos Hipocorísticos são bastante distintas das utilizadas na formação dos Blends. No entanto, Hipocorísticos do espanhol e do português brasileiro têm entre si diferenças e semelhanças. A diferença mais significativa é que os Hipocorísticos do espanhol fazem referência à palavra mínima, enquanto que Hipocorísticos do português não são assunto para a palavra mínima, já que nessa língua manifestam-se formas resultantes monossilábicas e trissilábicas. Quanto às semelhanças, constatou-se que tanto



Hipocorísticos do português quanto Hipocorísticos do espanhol podem ser explicados por uma hierarquia de restrições bastante parecidas e que condições de ancoragem é fator decisivo para que esse fenômeno seja explicado formalmente. Além disso, verificou-se que em uma mesma língua é possível a existência simultânea de Hipocorísticos que não são sempre idênticos às suas formas de base, ou seja, viu-se que em uma mesma língua restrições de IDENTIDADE podem estar ranqueadas acima de restrições estruturais, enquanto que, outras vezes, restrições de IDENTIDADE são dominadas por restrições estruturais.

Procurou-se responder também qual abordagem é a mais adequada para explicar a formação de Blends e Hipocorísticos. Então, ficou constatado que a hierarquia proposta por Pineros (1998), no caso dos Blends, é a mais apropriada para explicar este fenômeno em outras línguas, tais como o português e o hebraico. Entretanto, no caso dos Hipocorísticos, verificou-se que a proposta de Pineros (1998) não é perfeitamente viável, já que falha ao postular CONTIGUIDADE como fator determinante na diferenciação de Hipocorísticos do Tipo-A e Hipocorísticos do Tipo-B. Na abordagem aqui adotada, CONTIGUIDADE deixa de ser essencial na distinção dos tipos de Hipocorísticos envolvidos. A motivação maior para tal distinção é ANCORAGEM.

Chegou-se à conclusão também de que nem sempre fenômenos não-concatenativos constituem assunto para a palavra mínima, porque não são todas as vezes que a forma de base será reduzida a um tamanho prosódico definido. Foi visto que em nenhuma das línguas estudadas os Blends formam palavra mínima. Contudo, para os casos de Hipocorísticos e Truncamentos, nota-se que a atuação da palavra mínima não se manifesta em ambas as línguas de igual maneira.

Em espanhol, a palavra mínima se faz presente tanto nos Hipocorísticos quanto nos Truncamentos para todos os dados analisados. Em contrapartida, no português brasileiro, a noção de palavra mínima só pode ser aplicada aos casos de Hipocorísticos e Truncamentos ancorados à margem direita da forma de base, cujo elemento derivado preserva a pauta acentual do elemento derivante. Nos casos de Hipocorísticos e Truncamentos ancorados à esquerda, insensíveis à pauta acentual da base, a noção de palavra mínima não se aplica.

Comprovou-se ainda que, no português brasileiro, os Truncamentos podem ser entendidos como um subgrupo dos Hipocorísticos, assim como propôs Colina (1993) para os mesmos fenômenos em língua espanhola. Os Hipocorísticos e Truncamentos do português brasileiro compartilham das mesmas restrições e hierarquia entre elas, assim como se dá também no espanhol.

Do mesmo modo que o Ilokano, Diyari, Lardil e Yidin, pode-se afirmar que os Blends, os Hipocorísticos e os Truncamentos do espanhol e do português brasileiro têm a tendência universal de ocuparem um lugar “especial” na gramática da língua, porque é recorrente o sacrifício de padrões fonológicos regulares para satisfazer as condições de identidade entre a forma de base e sua respectiva forma resultante. Sendo assim, é seguro afirmar que no português brasileiro e no espanhol a identidade entre a forma de base e o elemento derivado é mais importante do que o conformismo regular com os padrões fonológicos.

Constatou-se também que a noção de mora não é fator determinante para que emirjam fenômenos não-concatenativos, pois são atestados Hipocorísticos e Truncamentos ancorados à direita, em ambas as línguas, os quais satisfazem adequadamente o pé troqueu moraico. No entanto, há Hipocorísticos e Truncamentos ancorados à esquerda, cujo pé troqueu silábico ou iâmbico é o mais pertinente para a análise. Evidenciou-se ainda que, no português do Brasil, a noção de bimoracidade não é categórica no que diz respeito aos Hipocorísticos e Truncamentos, uma vez que podem ser encontradas formas resultantes com apenas uma única mora (cf. Li, Jô, Si, Flá, Flu) e formas resultantes com três moras em suas respectivas estruturas (cf. Maneco, Carola, Maracá, bandeco, vestiba).

Ao ser feita a comparação entre espanhol e português brasileiro no que se refere aos Blends, viu-se que as restrições empregadas para explicar a formação de tais fenômenos podem ser estabelecidas de modo geral para cada uma das línguas estudadas neste trabalho; as restrições empregadas bem como a hierarquia estabelecida entre elas são exatamente as mesmas. Do mesmo modo, pode-se afirmar que, em ambas as línguas, Truncamentos podem ser tratados como um subgrupo dos Hipocorísticos por unificarem as mesmas restrições e, em decorrência disso, jamais podem ser considerados processos distintos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, V. An Introduction to Modern English Word-Formation. *English Language Series 7*. London; Longman Group Limited, 1973.
- ALDERETE, John. Faithfulness to prosodic heads. *Rutgers Optimality Archive 94-0000*, 46p.
- ALGEO, John. Blends. A structural and systemic view. *American Speech* 52, 1977.  
\_\_\_\_\_. The taxonomy of word makin. *Word* 29, 1978.
- ALVES, I. M. Neologismo: criação lexical. São Paulo: Ática, 1994.
- ARAÚJO, G. A. Truncamento e Reduplicação no Português Brasileiro. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, 10(1), 2002.
- ARCHANGELI, D. e PULLEYBLANK, D. Grounded Phonology. Cambridge/ London: The MIT Press, 1994.
- AUSTIN, Peter. A Grammar of Diyari, South Austrália. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- BASÍLIO, M. Teoria Lexical. 4 ed. São Paulo: Ática, 1987.  
\_\_\_\_\_. Teoria Lexical. 7 ed. São Paulo: Ática, 2000
- BAUER, L. English Word-Formation. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- BAT-EL, O. Selecting the Best of the Worst: the Grammar of Hebrew Blends. In: *Phonology* 13: 283-328, 1996.
- BATISTA, J. S. Morfopragmática das Formações Truncadas em Português. UFRJ. Dissertação de Mestrado, 2002.
- BELCHOR, A. P. V. O encurtamento de formas com a preservação do morfema à esquerda: uma análise otimalista. *Revista de Estudos da Linguagem\_\_ReVEL*. V. 4, n.7, agosto de 2006.
- BENUA, L. English Word-Formation. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.  
\_\_\_\_\_. Identify Effects in Morphological Truncation. In: BECKMAN, J. *Papers in Optimality Theory*, 18 (1): 77-136, 1995.  
\_\_\_\_\_. Transderivational Identity Phonological Relations Between Words. Dissertation presented for requeriments for the degree of Doctor Philosophy. University of Massachussets Amherst, 1997.
- BERTOLINO, L.C., MARTINS, V.C. MARTINS, A. O. Algumas Considerações sobre o Truncamento no Português do Brasil. In: TENANI, L. E. (org.). *Aponte para a sala de aula*. São Paulo: Unesp, 1999.

- BISOL, L. O Ditongo na Perspectiva da Fonologia Atual. DELTA, 5 (2), p. 185-224, 1989.
- \_\_\_\_\_. O Acento e o Pé Binário. Letras de Hoje. V. 29, nº4, p.25-36, 1994.
- BLOOMFIELD, L. (1933). *Language*. New York: Holt.
- CABRÉ, T. Minimality in Catalan Truncation Process. In: *Catalan Working Papers in Linguistics*, 4(1): 1-21, 1994.
- CLEMENTS, G. The Role of Sonority Cycle in Core Syllabification. In: KINGSTON, J. and BECKMAN, M. (orgs.). *Papers in Laboratory phonology 1*. Cambridge: CUP Press, 283-333, 1990.
- COLINA, S. Spanish Truncation Processes: the Emergency of the Unmarked. In: *Linguistics*, 34(1): 1199-1218, 1996.
- COLLISCHONN, G. A Sílabas em Português. In: BISOL, L. (org.). *Iniciação a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 3 ed., Porto Alegre: EDUEPUCRS, 2001.
- \_\_\_\_\_. Fonologia Lexical e Pós Lexical e TO. Letras de Hoje. V.37, nº1, p.149-162, 2002.
- COUTO, H. H. A Reduplicação em Português. Lusorama, 40 (1): 29-40, 1999.
- CUNHA, C. Gramática da Língua Portuguesa. 12 ed. FAE/MEC: Rio de Janeiro, 1990.
- DE LACY, P. Circumscriptive Morphemes. In: KITTO, C and SWALLWOOD, C. (orgs.). *Proceedings of the Sixty Meeting of the Austronesian Formal Linguistics Association*. Holland: Hollan Academic Graphics, 1999.
- DRESSLER, W. Extragrammatical vs. Marginal Morphology. In: DOLESCHAL, U and THORNTON, A. (eds.), *Extragrammatical Morphology and Marginal Morphology*, 2-10, 2000.
- FUZUKAWA, H. Multiple Input-Output Faithfulness Relations in Japanese. Proceedings of MALC. Missouri: University of Missouri, 1997.
- GNANADESIKAN, A. M. Markedness and faithfulness constraints in child phonology. Rutgers Optimality Archive, 67-0000, 48 p., 1995.
- GOLDSMITH, J. Autosegmental Phonology, New York: Garland, 1976.
- GONÇALVES, C. A. Processos Morfológicos Não-Concatenativos no Português do Brasil: tipos e funções. [Versão revista e ampliada da Comunicação “Processos de Redução Vocabular: tipos e funções”, apresentada na XVII Jornada de Estudos lingüísticos do GELNE, Recife, Instituto de Letras da UFPE, set. 1999.
- \_\_\_\_\_. Processos morfológicos não-concatenativos: formato morfo-prosódico e latitude funcional. Alfa\_ Revista de Lingüística. Araraquara, v. 48, n. 2, p. 30-66, 2004a.

\_\_\_\_\_. A Morfologia Prosódica e o Comportamento Transderivacional da Hipocorização no Português Brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 12, p. 7-38, 2004b.

\_\_\_\_\_. Blends Lexicais em Português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas (UFJF)*, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 16-35, 2005a.

\_\_\_\_\_. Relações de Identidade em Modelos Paralelistas: morfologia e fonologia. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 7-38, 2005b.

HACKEN, P. *Defining Morphology* Zürich: George Olms Verlag, 1994.

HAYES, B. *A Metrical Theory of Stress Rules*. Distributed by Indiana University Linguistics Club, Bloomington, Indiana 1981.

\_\_\_\_\_. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

ITÔ, Junko. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Ph.D. dissertation, University of Massachusetts, Amherst, 1986.

Itô, J. and Mester, A. Sympathy Theory and German Truncations. In: the Phonological Society of Japan (ed.). *Oninkenkyuu [Phonological Studies]*1. Tokyo: Kaitakusha. 51-66, 1998.

JANDA, R. *Overlapping Morphemes*. Berkeley Linguistics Society, 1986.

KAGER, R. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

KEHDI, V. *Morfemas do Português*. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. *Formação de Palavras em Português*. São Paulo: Ática, 1992.

KENSTOWICZ, M. Base-identity and uniform exponence: alternatives to cyclicity. *Rutgers Optimality Archive* 103-0000, 33 p., 1994.

KIPARSKY, P. *The Phonology of Reduplication*. MS, Stanford University, 1986.

KURISU, K. *The Phonology of Morpheme Realization*. A dissertation submitted in partial satisfaction of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in Linguistics, University of California, 2001.

LANG, M. F. *Spanish Word Formation*. New York: Routledge, 1990.

LEE, S. H. *Fonología e Morfología Lexical do Português*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. *Fonologia Lexical do Português*. CEL 23. Campinas: IEL/Unicamp, 1996.

MARANTZ, A. Re reduplication. In: *Linguistic Inquiry* 13(3), 435-482, 1982.

MARTINI, L. D. *Morfologia Não-Concatenativa do Português Brasileiro: uma análise por restrições*. Dissertação de Mestrado. UFMG, 2004.

MASSINI-CAGLIARI, G. Cantigas de Amigo: do Ritmo Poético ao Lingüístico: um Percurso Histórico da Acentuação em Português. Tese de Doutorado em Lingüística. Campinas: UNICAMP.

MCCARTHY, J. A Prosodic Theory of Nonconcatenative Morphology. In: *Linguistic Inquiry*, 12(3): 373-417, 1986.

MCCARTHY, J. and PRINCE, A. Foot and Word in Prosodic Morphology. In: *Natural Language and Linguistic Theory*, 8(1): 209-284, 1990.

\_\_\_\_\_. Prosodic Morphology Constraint Interaction and Satisfaction, University of Massachusetts, Amherst and Rutgers, 1993.

\_\_\_\_\_. The Emergence of Unmarked. *Proceedings of NELS*, 24(1), 333-379, 1994.

\_\_\_\_\_. Faithfulness and Reduplicative Identity. Rutgers: Rutgers University, 1995.

\_\_\_\_\_. Faithfulness and Identity in Prosodic Morphology. In: René Kager, Harry van der Hulst, and Wim Zonneveld (eds.). *The Prosody Morphology Interface*. Cambridge: Cambridge University Press 218-309, 1999.

MESTER, A. Patterns of Truncation Process. Santa Cruz: University of California at Santa Cruz, 1990.

NASH, David. Yidin' stress: a metrical account. *Cunyforum* 7/8, 112-130, 1979.

NESPOR, M. e VOGEL, I. Prosodic Phonology. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

MONTEIRO, J. L. Morfologia portuguesa. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

MYERS, S. OCP Effects in Optimality. *Rutgers Optimality Archive*, 6-1293, 1994.

NESPOR, M., VOGEL, I. Prosodic Phonology. Dordrecht: Foris Publication, 1986.

PHARIES, D. Blending in Spanish Word Formation. In: *Romanistisches Tahrbuch* 38, 1987.

PIGGOTT, G. Against Featural Alignment. *Journal of Linguistics* 36. 85-129, 2000.

PINEROS, C. E. Prosodic Morphology in Spanish: constraint interaction in Word-Formation. PhD Dissertation. The Ohio State University, 1998.

\_\_\_\_\_. The Creation of Portmanteaus in the Extragrammatical Morphology of Spanish. University of Iowa. Disponível em roa.Rutgers.Edu, 1998.

\_\_\_\_\_. Word-Blending as Case of Non-Concatenative Morphology in Spanish. Rutgers: Rutgers University. Disponível em roa.Rutgers.edu, 2000.

\_\_\_\_\_. (no prelo). Foot-Sensitive Word Minimization in Spanish. A sair em *Probus* e disponível em roa.Rutgers.edu.

PRIETO, P. Truncation Processes in Spanish. In: *Studies in the Linguistic Sciences* 22, 143-158, 1992.

PRINCE, A., SMOLENSKY, P. Optimality Theory. Ms. Rutgers University/University of Colorado, 1993.

ROCHA, L.C.A. Estruturas Morfológicas do Português. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

SANDMANN, A. J., Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo. Curitiba: Ícone, 1989.

\_\_\_\_\_. O que é um Composto? Paraná: D.E.L.T.A vol. 6(1): 1-18, 1990.

\_\_\_\_\_. Morfologia Lexical. São Paulo: Contexto, 1991.

SILVEIRA, C. M. da, Cruzamento Vocabular em Português: Acaso ou Processo? Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2002.

SPENCER, A. Morphological Theory. Cambridge: Basil Blackwell, 1991.

VELARDE, M.C. Acortamientos Léxicos en Español Actual, 1984. Disponível em: <http://www.reference-global.com/doi/abs/10.1515/iber.1984.1984.20.1> Data do último acesso: 22/02/2010.

VILELA, A. C. S. ; GODOY, L. ; CRISTOFARO-SILVA, T. . Truncamento no Português Brasileiro: para uma melhor compreensão do fenômeno. Revista de Estudos da Linguagem v. 14, p. 149-174, 2006.

WALKER, R. *Nasalization, Neutralization, and Opacity Effects*. Doctoral dissertation. University of California, Santa Cruz., 1998. [Published from Garland Press, 2000].

\_\_\_\_\_. Nasal Reduplication in Mbe Affixation. *Phonology* 17. 65-115, 2000.

WILBUR, R. “The Phonology of Reduplication”, Doctoral dissertation, University of Illinois, Urbana-Champaign, 1973.

WILLIAMS, E. On the notions ‘lexically’ and ‘head of a word’. *Linguistics* 12. 245-274, 1981.

